UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

# VIVER NA INTERSECÇÃO DE CULTURAS: TRAJETÓRIAS DE FAMÍLIAS IMIGRANTES ITALIANAS EM ANGATUBA – SP (1881-1982)

MARIA APARECIDA MORAIS LISBOA

"(...) e daí à lembrança
que vestiu tais imagens
e é muito mais intensa
do que pôde a linguagem,
e afinal à presença da realidade, prima,
que gerou a lembrança e ainda a gera, ainda,
por fim à realidade,
prima, e tão violenta
que ao tentar apreendê-la
toda imagem rebenta"
(João Cabral de Melo Neto
"uma faca só lâmina [ou: serventia das idéias fixas"]).

Campinas, SP
19 junho 2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

# VIVER NA INTERSECÇÃO DE CULTURAS: TRAJETÓRIAS DE FAMÍLIAS IMIGRANTES ITALIANAS EM ANGATUBA SP – (1881-1982)

MARIA APARECIDA MORAIS LISBOA

CAMPINAS – SP.
19 junho 2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE 32
Nº CHAMADA
T UNICAMP
L51c
V. Ex.
TOMBO BC/ 96202
PROC. 16.839/01
C [ ] D [x]
PREÇO R$ 11,00
DATA 25/10/01
Nº OPO

CM00160469-2

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Dissertação de Mestrado

# VIVER NA INTERSECÇÃO DE CULTURAS:
# TRAJETÓRIAS DE FAMÍLIAS
# IMIGRANTES ITALIANAS EM ANGATUBA
# SP – (1891-1982)

Maria Aparecida Morais Lisboa

Orientadora: Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Maria Aparecida Morais Lisboa e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 19/06/2001

Orientador

COMISSÃO JULGADORA

2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

© by Maria Aparecida Morais Lisboa, 2001.

**Catalogação na Publicação elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

L681v

Lisboa, Maria Aparecida Morais.
Viver na intersecção de culturas: trajetórias de famílias imigrantes italianas em Angatuba (SP) – (1881-1982) / Maria Aparecida Morais Lisboa. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Migração. 2. Cultura. 3. Memória. 4. Família. 5. Capital social. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

01-0113-BFE

# RESUMO

O estudo "Viver na intersecção de culturas: trajetórias de famílias imigrantes italianas em Angatuba (1881-1982)" foi realizado a partir de encadeamentos múltiplos entre Memória, Cultura e História.

Buscamos com este estudo enfocar não só a reconstrução da trajetória sócio-histórico-cultural do Município de Angatuba, na Região de Sorocaba e micro-região de Itapetininga, mas também reconstruir, com clareza e pertinência, a contribuição do contingente de origem italiana nesse processo de formação de uma cidade do interior do Estado de São Paulo.

A utilização do método biográfico, método qualitativo e do depoimento oral como técnicas de pesquisa, associados a múltiplos suportes empíricos (documentos textuais, fotografias históricas e objetos) permitiu perceber como imigrantes italianos setentrionais e meridionais se integraram à sociedade local e, como ambos os contingentes alcançaram rápido sucesso econômico e bom relacionamento com a sociedade luso-brasileira. Constatamos também que o capital cultural e econômico de alguns imigrantes permitiu-lhes superar a condição de estranhamento e construir laços de aliança com a elite local.

O embate político tornou-se objeto de reflexão deste estudo por expressar as relações político-sociais no espaço local e sua evolução até a constituição de dois grupos políticos antagônicos no campo partidário e eleitoral em tempos mais recentes.

Concluímos demonstrando e dando ênfase também ao fato de que a integração na sociedade receptora dos contingentes de imigrantes italianos setentrionais e meridionais se deu respeitando a diversidade cultural dos dois grupos, o que possibilitou inserções diversas, conforme as origens e trajetórias familiares.

Palavras-chaves

Migração – Cultura – Memória – Família – Capital Social.

## Abstract

The study: LIVING BETWEEN CULTURES: THE TRAJECTORIES OF ITALIAN IMMIGRANT FAMILIES OF ANGATUBA/ SP (1881- 1982) was based in three different but complementary fields of research: memory, culture and history

We focused the reconstruction of the social, historical and cultural life course of Angatuba - a city located in the Southwest region of São Paulo state.

Our goal was to appoint the contribution of Italian immigrants and their descendence in the constitutive process of this city.

By the use of biographical qualitative method and oral testimonies in conection with other data (textual documents and historical pictures) was possible to understand how the Northern and Southern Italian immigrans integrated themselves in this society.

Both of them quickly achieved economical sucess and maintained good relationship with the Luzo – Brazilian society.

The cultural and economical capital that some of these immigrants were able to maintain or enlarge allowed themselves to overcome their outsider condition and also to construct political alliances with the local elites.

This possibility conducted the members of the medium generation to penetrate the political arena integrating two antagonic political groups and playing important roles, both in the part san as well as in the electoral disputes.

We conclude that both Northern and Southern Italian immigrants became part of the Brazilian society and that their different family trajectories reflect the cultural diversity of these two groups.



Key-words:

Migration – Culture – Memory – Family – Social Capital.



UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

# DEDICATÓRIA

À memória de Levy e Eulina, meus pais, que me despertaram no gosto pela história dos meus antepassados

Para Antônia Beatriz da Candelária, minha filha, que heroicamente, suportou uma mãe pesquisadora

À minha família, pela credibilidade e confiança neste e todos os meus projetos de vida

Aos imigrantes italianos e seus descendentes: a história de suas vidas, de seus costumes, de suas crenças... a história de cada:
Tazioli, Benedetti, Turelli, Mariosi, Peluso, Schettini, Favali, Biagioni, Orsi, Manfredini, Sardella, Santi, Nanini, Bertholai. ... que não se perderam na multidão dos europeus que aqui chegaram.
Tomamos ciência dos saberes de que eram portadores esses imigrantes e que em Angatuba se materializaram nas marcas que deixaram na Cultura, na Memória, na História.

# HOMENAGENS PÓSTUMAS

Aos meus depoentes:
Diógenes de Albuquerque Rolim
Fernando Batista Nanini e Maria Joaquina Barbosa
Humberto Sardella
Vicente Orsi Neto
Fortunato Favali
João Orsi Jr.

Entre tantas lições aprendidas, ensinaram-me que há um tempo para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu:

(...) tempo de nascer,
tempo de buscar,
tempo de guardar,
tempo de construir,
tempo de rir,
tempo de chorar,
tempo de compartilhar,
tempo de falar,
tempo de calar,
tempo de morrer,
tempo de separar...
Mas também um tempo de não esquecer!

Ao Prof. Dr. José Roberto do Amaral Lapa, pelo impulso aos primeiros passos.

Partes, amigo, do teu antro de águias,
Onde gerava um pensamento enorme,
Tingindo as asas no levante rubro,
Quando nos vales inda a sombra dorme...
Na fronte vasta, como um céu de idéias,
Aonde os astros surgem mais e mais...
Quiseste a luz das boreais auroras...
Deus acompanhe o peregrino audaz (...)"
(Castro Alves - "Espumas Flutuantes")

Às saudosas tias Dina e Lysis Lisboa, que protagonizaram determinadas histórias, adaptando-as cada qual às sensibilidades de seu tempo e espaço.

Ao Prof. Henrique Okawa,
do qual procuro tentar assimilar o entusiasmo pelo trabalho intelectual, a retidão profissional e a crença na escola pública com ensino de boa qualidade.

# AGRADECIMENTOS...

Concluir um projeto, passar pelas dificuldades de organizar as informações, ver o texto crescer, adquirir sentido, apreciar a estrutura de significados, as relações entre as idéias, entre os conceitos, enfim, os melhores procedimentos para alcançar ou revelar a realidade das coisas... é um trabalho que assusta, mas é prazeroso a cada descoberta.

O acesso permitido a essa realidade possibilita que reforcemos o nosso modo de olhar e de agir, sobretudo, quando se está relacionado à própria construção de vida. Para esse trabalho difícil e prazeroso, que, aparentemente, nos parece bastante solitário, mas que na verdade concorreram inúmeras pessoas e organização do tecido social.

Assim, aproveito para agradecer...

Aos depoentes, que se dispuseram a dedicar parte de seu tempo para falar do seu vivido, das suas lembranças, para responder aos meus questionamentos e que, muitas vezes, no seu silêncio souberam dizer muita coisa.

À Profª. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson por ter me aceito como sua orientanda sabendo do desafio de me apresentar a um mundo diferente, de me fazer crescer como cientista social e o desafio maior, o de um estudo envolvendo o meu pertencimento. Pela orientação competente, decisiva nos momentos em que necessitava de objetividade e imparcialidade para que meu trabalho pudesse chegar a bom termo.

À Profª. Dra. Neusa Maria Mendes Gusmão, pela valiosa contribuição na minha formação acadêmica, que durante o mestrado proporcionou as referências teórico-metodológicas orientadoras do trabalho. Como membro da Banca no Exame de Qualificação ao Mestrado e, agora, da Defesa da Tese, registro a gratidão pelas observações críticas. Fiz o possível para incorporá-las ao texto final. As omissões devem-se às minhas próprias limitações.

À Profª. Dra. Maria Christina S. Souza Campos por ter aceito o convite para participar como membro da Banca no Exame de Qualificação ao Mestrado e permanecer na comissão julgadora da Defesa desta dissertação e por ter dado sugestões atentas e valiosas que puderam melhorar o texto final.

À Profª. Dra. Zeila de Brito Demartini também pelas contribuições teórico-metodológicas que fundamentaram a pesquisa.

À presença constante, ao estímulo de minha irmã, Maria Auxiliadora de Moraes Lisboa, ao carinho das sobrinhas Lígia e Elisa, à atenção do meu cunhado Nilo Sérgio Sabbião Rodrigues e ao auxílio do meu irmão, Evandro Antonio Lisboa, nesta etapa da minha vida.

Aos professores doutores: Paulo Miceli (IFCH/UNICAMP) Rui Nunes (FFCL/USP) e às professoras doutoras, Elisa Angotti Kossovitch, Letícia Bicalho Canêdo, Agueda B. Bittencourt e Elizabeth Pompeo de Camargo, da Faculdade de Educação - UNICAMP; Maria Sílvia B. Bazzanezi (NEPO - UNICAMP) e Irene Barbosa (UNESP - Marília), pelas valiosas contribuições.

Meu reconhecimento à Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro, pela leitura e crítica sempre competentes dos meus rascunhos. O carinho, o apoio e a ajuda constantes, estimulando-me em todos os instantes, uma vez que amizade não se agradece mas é sempre sentida, posto que oferece o coração.

Aos colegas: Maurício Roberto da Silva, Renato Hilário dos Reis, Rosângela Novaes Lima, Marina Vinha, Renata Sieiro Fernandes, Elizabeth Nunes Maciel, Maria Regina Clivati Capelo, Sílvia Mascarini, pelo grande estímulo e carinho.

Às colegas do Grupo FOCUS-FE-UNICAMP: Dirce, Raquel, Alejandra e Diva, pela oportunidade de aprendizagem.

À Nadir, Cidinha, Vanda, Gislene e Lídia, funcionárias da pós-graduação da Faculdade de Educação, sempre solícitas quando precisei das regras acadêmicas formais. E à D. Ana, pela manifestação de carinho que sempre me deu ao adentrar as portas da Faculdade.

A todos os amigos, funcionários do Centro de Memória - UNICAMP, pelo acolhimento e calor humano constantes na realização deste trabalho.

Aos meus colegas do Grupo de Imigração do CMU - UNICAMP, que represento nas pessoas de Marilda e Roberto Gonçalves da Silva, Margareth Rogante, Maria Cristina dos Santos Bezerra, agradeço as constantes discussões, fundamentais para a elaboração deste trabalho, principalmente Arlete Assumpção Monteiro e Cláudia Felipe, por terem acompanhado, de perto, a realização deste estudo.

À incansável e atenciosa Maria Helena de Campos tanto contribuiu para que a catalogação das fotografias e digitação do texto estivessem satisfatórias.

À Valquiria Felipe, Sílvia Pondiani Casteleti, Lú e Júlia Cristina Ferreira pela disposição nas primeiras digitações.

Ao Flávio Pires de Camargo pela amabilidade e solicitude constantes em me auxiliar nos caminhos da informática.

À competência de Paulo Roberto Gomes do Amaral Lapa, no toque final, dando a forma ao texto no seu sentido gráfico.

Pela correção final, obra de Maria Cristina dos Santos Bezerra e Luiz Bezerra Neto, que burilaram e eliminaram vícios de linguagem tornando o texto mais claro.

À Cláudia Breviário, pela disponibilidade e cooperação nas intervenções com a língua italiana. Mima Bataglia e Mariateresa Breviário também por suas disposições em algumas traduções.

À Nancy Tazioli, Vezio Nardini do Circolo Toscano Brasile (SP), Virginio Mantesso Neto, Angelo Gentile (Sapri, Itália), pelas pesquisas sobre as famílias imigrantes e cultura italiana.

Aos colegas do Curso de Especialização em Arquivos, CMU-UNICAMP, que represento nas pessoas de Altina Maria Contijo, Sílvia M. Masson, Maria Conceição dos Santos. Alexandra Gomes B. Soares, Lourdes Maria Monteiro e Sandra Edilene de Souza, pelo companheirismo. E a Valquiria M. Augusti (LAHO-CMU), pelo auxílio na documentação.

À Ana Lourdes Gândara e Maria Elisabete Dias, pelo acolhimento no Departamento de Tecnologia da FEA-UNICAMP.

Ao casal Milton e Aurora Levandowski pelo incentivo à minha mudança e estudo nesta cidade grande e Wilson Fusco me facilitando a morada.

Devo especial deferência às Sras. Divanira da S. Assumpção, Luci Aparecida A. P. da França e Kely das Graças A. Pimenta que gentilmente me permitiram a consulta aos seus arquivos no "Serviço de Registro Civil das Pessoas Naturais e de Interdições e Tutelas", da sede da Comarca de Angatuba, popularmente conhecido por "Cartório do Registro Civil". A permanência por muitas décadas nesse patrimônio cultural da municipalidade, possibilitou-me o grande aproveitamento para o estudo da história local e regional.

À Maria Luiza P. de Moura Ribeiro e funcionários do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, pela disponibilidade à pesquisa nas obras raras.

Ao Padre João Carlos Orsi, que contribuiu para que os Livros da Paróquia de Angatuba, arquivados na Cúria Diocesana de Sorocaba, estivessem semanalmente em minhas mãos, favorecendo-me também a pesquisa *in loco*.

À E.E.P.G. "Dr. Fortunato de Camargo", E.E.P.G. "Prof. Orestes Orís de albuquerque, E.E.P.S.G. "Ivens Vieira" de Angatuba e E.E.P.S.G. "Renato da Rocha Miranda" da Campina do Monte Alegre, nos quais sou grata a todos meus colegas e meus alunos; de modo especial ao Prof. Ari Paes de Camargo, pelo exemplo de esforço e de dedicação como Professor de História dando continuidade ao nosso trabalho.

Às amigas Leiri Maria Ventura, Maria de Fátima Rodrigues, Maria José de Moraes Camargo, Abigail de Almeida Lisboa, Lúcia Lemos R. Penatti, Josefina de Meira, Zilda Aparecida dos Santos, Judite Soares Franco, Terezinha Kortz Toledo, Rosáurea Módolo, Cecília Favali, Maria de Lourdes Monteiro Ferreira, Laura Luisa Lopes, Maria Inês de Oliveira Machado, Angela Galvão, Maria Augusta de Proença Vieira e o amigo Lacir de Lima Cafundó; e minhas afilhadas Nayra Maria Miranda e Rafaela Lopes Martins... todos sempre presentes, mesmo estando longe.

Aos primos: Abigail, Lília e Sofia Pereira de Moraes; Maria Antonia Pereira de Moraes e Antonio Carlos da Silva e Hermidinha (irmã Antonieta); às tias Thamar D. Lisboa, Antonia e Maria Mércia Lisboa... obrigada por vocês existirem.

Ao Coral Santa Cecília, pelo clima de alegria na superação de minhas angústias e ansiedades.

À Família Vieira de Moraes, na figura da Sra. Leda Lys Vieira, filha e irmã dos líderes políticos Cel. Antônio Vieira Sobrinho e Ivens Vieira, com reverência e afeto, na certeza de entender o sentido científico deste estudo.

A todos os "Lisboa" e "Pereira de Moraes", com os quais me orgulho de estar ligada pelo sangue e pela afeição.

Finalmente, gostaria de registrar a importância de cada angatubense na conclusão deste trabalho, como se pudesse agora compartilhar, de forma concreta, com uma história que a todos nós pertence.

(...) Se o mundo do futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo do passado é aquele no qual, recorrendo às nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade... Cada vulto, gesto [objeto], palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver (Bobbio, Norberto, 1977).

# SUMÁRIO


| | |
|---|---|
| **RESUMO** | vii |
| **ABSTRACT** | ix |
| **DEDICATÓRIA** | xi |
| **HOMENAGENS PÓSTUMAS** | xiii |
| **AGRADECIMENTOS** | xv |
| **SUMÁRIO** | xxi |
| **LISTA DE ANEXOS** | xxiii |
| **INTRODUÇÃO** | 01 |
| **CAPÍTULO I:** | 25 |
| **ANGATUBA! PRESENTE E PASSADO** | 25 |
| 1.1 - Angatuba presente: a Região de Angatuba | 25 |
| 1.2 - O passado tropeiro | 30 |
| 1.3 - A expansão cafeeira, a imigração e a ferrovia | 47 |
| 1.4 - Angatuba: a primeira organização da vida urbana e a chegada dos imigrantes | 58 |
| **CAPÍTULO II:** | 79 |
| **DE EMIGRANTES A IMIGRANTES** | 79 |
| 2.1 - A Itália no contexto europeu | 79 |
| 2.2 - As regiões da Toscana e da Campania e as famílias originárias | 90 |
| 2.3 - As Famílias Imigrantes Pioneiras – Genealogias | 107 |
| 2.4 - As relações de parentesco espiritual (compadrio ou testemunho de matrimônio) | 134 |
| 2.5 - Demonstração da evolução dos negócios dos empreendedores italianos | 140 |

**CAPÍTULO III:**
**A CONSTITUIÇÃO E REDEFINIÇÃO DA POLÍTICA DE ANGATUBA NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA** 163

3.1 - O universo das relações dos imigrantes italianos no campo político local 163

3.2 - A transmissão de um capital político familiar: ritos e símbolos 187

3.3 - A construção das lideranças sócio-culturais na zona rural 226

**CAPÍTULO IV:**
**TRAÇANDO OS LIMITES DE UM TÊNUE EQUILÍBRIO: A ADOÇÃO DE CULTURAS BRASILEIRAS E A MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO ITALIANA.** 249

4.1 - Os imigrantes italianos setentrionais e sua descendência 249

4.2 - Os imigrantes italianos meridionais e sua descendência 295

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** 319

**BIBLIOGRAFIA** 327

**ANEXOS** 335

# LISTA DE ANEXOS


Roteiro para caderno de campo 337

Programa de documentação oral: ficha técnica da entrevista 338

Programa de documentação oral: ficha de identificação do entrevistado 339

Carta de cessão 340

Programa de documentação oral: catálogo de coleções 341

Documentação fotográfica 342

Informações coletadas de fontes documentais 343

# INTRODUÇÃO

"Sem a minha terra, minha obra
não teria vindo à luz"
(Carl Gustav Jung 1875-1961)[1]

Com o presente estudo "Viver na intersecção de culturas: trajetórias de famílias imigrantes italianas em Angatuba – SP. – 1881-1982", pretende-se explicitar aspectos da história de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, no Alto Vale do Paranapanema, adjunta à quarta divisão de Sorocaba e micro-região de Itapetininga.

Acompanhando a cidade e o município ao longo do tempo, o objetivo central é o de recuperar, salientar e explicar a importância dos imigrantes italianos setentrionais e meridionais na construção da cidade de Angatuba e região circundante, desvendar as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, construídas e reelaboradas pelas famílias italianas setentrionais e meridionais e sua descendência. Especificamente procurar-se-á explicitar suas trajetórias[2] e inserção no país de adoção, abordando relações de poder, ascensão ou descenso social, manifestações culturais. Estabelecer a importância da rede de relações, entendida como rede de trocas e ajuda mútua entre os italianos que ficaram na Terra-Mãe e seus conterrâneos que vieram se fixar em Angatuba, a qual desencadeou e

[1]SOARES, Caio Caramico. "Jung lança olhar suíço à alma". **Folha de São Paulo**, Caderno Turismo, 5 de junho de 2000, p. G4.

[2]Entendemos por trajetória que a representação do mundo social não é um dado, um simples registro, mas é construída através de inúmeras ações do agente social na sua luta individual ou coletiva, espontânea ou organizada, para impor a representação mais adequada a seus interesses. Portanto, a posição social de um indivíduo, em uma dada estrutura e em um determinado momento histórico (que o pesquisador pode visualizar, parcialmente, de um ponto de vista estático /sincrônico), pressupõe uma trajetória social que definirá a posição como uma etapa de um processo de ascensão ou descenso. A trajetória social expressa, portanto, a dimensão diacrônica relativa ao posicionamento dos agentes na estrutura social, possibilitando a ligação da história individual ou grupal com a história mais ampla (Reflexões, 1997, p. 111).

manteve o processo de imigração em cadeia dos italianos setentrionais e meridionais para a região.

No intuito de colaborar para a preservação da memória da cidade e região, objetivou-se, também, montar um acervo de fontes documentais, escritas, orais e iconográficas, pois acredita-se que a complementaridade de fontes ajudará na compreensão e na análise do processo de inserção dos imigrantes italianos na sociedade em estudo.

Em relação à metodologia de pesquisa, conclui-se pela importância de utilizar o método biográfico, que é "a maneira sociológica de pensar a História Oral", segundo VON SIMSON e do depoimento oral como técnica qualitativa de pesquisa, pois: "permite discernir com maior claridade os verdadeiros motivos de uma decisão, dar valor a umas redes tão eficazes como as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis, penetrar no mundo do imaginário e do simbólico, que é tão gerador e criador da história como o mundo do universo racional" (JOUTARD, 1979, p. 151).

Através dos depoimentos orais, buscou-se entender as diferentes versões da saga imigrante junto a descendentes de imigrantes italianos setentrionais e meridionais, no intuito de se obter dados sobre aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais dos mesmos. Procurou-se também, uma busca de compreensão do silêncio e da emoção contida nos tropeços da voz guardados na memória. Sendo a memória uma faculdade inata, mostra-se, no entanto, permeada por variáveis sócio-culturais que parecem determinantes na maneira como os depoentes constroem suas versões do passado (VON SIMSON, 1998, p. 1304). No processo de análise das memórias coletadas procurou-se levar em conta a existência de maneiras diferentes de utilização dessa capacidade, as quais são introduzidas pelas peculiaridades da cultura, que necessariamente se ligam às diferenças de sexo, idade, etnia e classe social.

Levando-se em conta que "o processo de rememorar se faz geralmente motivado por um fato externo" (VON SIMSON, 1991, p. 59) utilizou-se diferentes meios não verbais: pinturas, canções, objetos e a fotografia, para trazer à tona momentos vividos e guardados no refúgio da memória.

A história contada pela memória compartilha de certas características com a obra de arte, pois é um conjunto de representações e conta eventos e estruturas ou padrões de comportamento e como eles são vivenciados e lembrados (THOMPSON, 1992, p. 182).

E "a construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constituem um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo. Nisto, as narrativas são utilizadas, acima de tudo, para caracterizar as comunidades e os indivíduos e para transmitir suas atitudes" (THOMPSON, 1992, p. 185).

O levantamento de material iconográfico e a utlização do mesmo, no processo de coleta de depoimentos orais, têm como pressuposto a idéia de que a imagem pode aproximar o depoente de um passado vivido, pleno de lembranças (VON SIMSON, 1991, p. 59). Vale também ressaltar aqui a colocação de Jerusa Pires Ferreira, quando apresenta a afirmativa do semiólogo Iúri Lotman: "A cultura é a memória longeva de uma comunidade (...) e não é um simples depósito de informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis. Recebe as coisas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as a um outro sistema de signos (...). Somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória" (FERREIRA, 1995, p. 116).

Para Lotman, a memória de um grupo social é constituída através dos signos fornecidos pela cultura, portanto as imagens fotográficas colaboram para o processo de seleção e registro do que deve ser armazenado e se constituem hoje como fator relevante de transmissão da memória para alguns grupos sociais. "Elas indicam também que o registro imagético vem permeando cada vez mais a nossa cultura ocidental contemporânea e se transformando talvez no principal "texto" orientador da constituição das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais" (VON SIMSON, 1995, p. 9).

von Simson também alerta que:

> *É através da análise de imagens fotográficas reunidas junto ao grupo pesquisado ou produzidas no processo de pesquisa do mesmo, imagens essas analisadas não só quanto ao conteúdo que possam indicar, mas também segundo a maneira como são socialmente produzidas e consumidas, tudo isso associado aos relatos orais que as testemunhas-chaves da memória do grupo estudado nos concedem, é que construiremos as pesquisas de caráter sócio-histórico que vimos realizando nas quais o componente da cultura é a mola-mestra na construção do processo de conhecimento* (1995, p. 10).

A fotografia tem sido de grande importância neste estudo e não se restringiu a ser apenas suporte da memória dos depoentes, mas um mecanismo a mais para a compreensão dos depoimentos colhidos. Estes foram referendados pela análise crítica e documental que, por sua vez, proporcionou uma aproximação do passado ao se levar em conta aspectos relevantes da constituição social.

Para este estudo de trajetórias de famílias imigrantes italianas buscou-se no trabalho da Profª. Dra. Maria Christina Siqueira Souza Campos: "A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar" (1992, pp. 97-115), orientação para reconstruir, através dos depoimentos das famílias ítalo-brasileiras e brasileiras de ascendência italiana setentrional e meridional, o acontecimento também em sua apresentação subjetiva, visto pelo prisma perceptivo do narrador. A produção do conhecimento através da análise da fotografia, a associação dos depoimentos a outros objetos, a análise das fotografias, após sua catalogação[3] e a difícil classificação, nos proporcionou confeccionar um álbum na tentativa de valorizar a fotografia na reconstrução histórico-sociológica da memória das famílias imigrantes italianas (anexo à dissertação).

Portanto, a utilização da fonte imagética na pesquisa científica funciona tanto como fonte histórica, quanto como estratégia para a elaboração de uma interpretação sobre o objeto de pesquisa em estudo. Passa ser a representação de um período socialmente vivido, em tempo e espaço específicos, sendo que devem ser desvendadas pelo olhar e interpretação crítica do pesquisador.

É importante salientar a necessidade de aprofundamento teórico e metodológico do pesquisador, o que se tem dado através da pesquisa bibliográfica, levando-se em conta "A ampliação constante de seu leque de conhecimentos, de uma reflexão crítica intensa, tanto com respeito às teorias, quanto no que diz respeito às técnicas e ainda mais, relativamente ao trabalho de pesquisa que se dispôs a efetuar" (QUEIROZ, 1999, p. 22).

Além das fotografias as fontes documentais utilizadas foram:

1. **Acervos Particulares** - Contrariamente ao que se coloca sobre a guarda de documentos (acervo iconográfico, hemeroteca e outros de

[3]Foi elaborada uma ficha catalográfica baseada no modelo utilizado pelo Setor de Documentação Iconográfica do Centro de Memória - Unicamp, cujo código é MALIT. Vide ficha-modelo em Anexos.

propriedades particulares) e a dificuldade de empréstimo dos mesmos para o uso do pesquisador, não se enfrentou maiores problemas nesta pesquisa. Estava em nossas mãos o arquivo da família "Levy Lisboa" (fotografias, jornais, cartas e outros) e de outras. As famílias estudadas cederam, de bom grado, fotografias, certidões, impressos e outros.

2. **Imprensa** - Do arquivo da família "Levy Lisboa" aproveitamos o farto material de imprensa a partir de 1900 até 1994, do Jornal "A cidade de Angatuba", "A Tribuna" e exemplares do Almanak "Sul Paulista" (1912 a 1916), editado em Angatuba, como também exemplares de jornais de Itapetininga, Sorocaba, Tatuí, Botucatu e Itapeva.
A análise desse material permitiu conhecer fatos, estabelecer cronologias e, sobretudo, entendermos a orientação dos jornais em relação ao poder constituído.

3. **Arquivos Eclesiásticos** – Abrangeram os arquivos da Paróquia de Angatuba, depositados nas dioceses de Itapetininga e de Sorocaba, da Cúria Metropolitana de São Paulo, "Dom Duarte Leopoldo e Silva". Os arquivos da Itália respectivamente da Paróquia de Sillico, da Arquidiocese de Lucca e Salerno. As referências sobre o grupo de imigrantes toscanos foram fornecidos pelo "Centro Internazionale Cultura Spiritualitá Fra Benedetto" de Sillico (Luca), através do professor e historiador Fra Benedetto, pároco de Sillico, Eglio e Sassi. Pelo arquivo da Cúria Arcivescovile de Lucca, através do Monsenhor Dr. Mauro Viani. Pelo Circolo Toscano Brasile através do seu presidente senhor Vezio Nardini (SP). Pudemos ordenar os documentos, analisá-los e, pelas certidões de nascimento, batismo, casamento e óbito, entender as relações intra e inter-étnicas através do parentesco, do compadrio e de afinidade. Foi-nos permitido construir uma genealogia da família João Batista Tazioli até a quarta geração, incluindo os registros enviados pelos arquivos eclesiásticos de Sillico, Itália, assim como a genealogia das outras famílias em estudo.

4. **Arquivo da E.E.P.G. "Dr. Fortunado de Camargo"**, de Angatuba. A consulta a esse arquivo através dos Livros de Termos de Exames, dos Livros de chamada, de matrícula, possibilitou fazermos um levantamento dos alunos que eram filhos, netos e bisnetos de imigrantes italianos, no período de 1883 a 1950. Os dados contidos nesses arquivos possibilitaram analisar o processo de integração de João Batista Tazioli e Francisco Turelli, pois o primeiro teve participação, como membro, na sociedade receptora do Conselho Municipal de Instrução para examinar as alunas no final do ano letivo de 1885, juntamente com autoridades locais tais como o Padre Caetano Tedeschi (imigrante italiano - 1876), o Prefeito Municipal, alguns fazendeiros e comerciantes. O segundo, no ano de 1911, na qualidade de Prefeito Municipal, criou o Grupo Escolar,

auxiliado pelo então Presidente do Estado de São Paulo, Dr. Júlio Prestes de Albuquerque[4].

**5. Os Arquivos dos Poderes Legislativo e Executivo** foram de grande valia através dos Livros da Câmara Municipal de Angatuba: Termos de Juramento, Atas, Livros de Eleições, Código de Posturas e outros, para que se pudesse fazer um mapeamento da inserção desses imigrantes no espaço social.

**6. Arquivos Notariais** - Tanto no Cartório de Registro Civil da Comarca de Angatuba, quanto no Primeiro Serviço Notarial "José Cauchioli" de Itapetininga foi possível levantar dados através das procurações, escrituras, certidões de nascimento, casamento e óbitos, testamentos. Com a análise desses documentos, reconstruiu-se as trajetórias desses agentes. Os objetos materiais que também são objetos sociais, citados em inventários e testamentos, definiam-lhes o habitus de classe, a integração nessa "comunidade de destino", na medida em que a estrutura de classe foi sendo recriada.
Os dados obtidos nesses levantamentos possibilitaram criar uma ficha-modelo[5], com a qual pudemos analisar melhor as relações dos imigrantes entre si e com a sociedade mais ampla, como também o peso do capital social desses imigrantes.

**7. Biblioteca** - Através das bibliotecas do Centro de Memória e Central, da Unicamp, do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas, do Instituto Agronômico de Campinas, da "Casa Aluísio de Almeida" de Sorocaba, em seus respectivos setores de obras raras, foram levantados dados sobre o Estado de São Paulo, enfocando a região sudoeste e verificados aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais do final do século XIX até a metade do século XX.

Recorreu-se também à outra fonte de dados construindo os depoimentos orais como técnica para o trabalho com a memória. As lembranças emitidas oralmente foram registradas em depoimentos gravados ou resumidas em cartas enviadas pelos depoentes à pesquisadora. Procedeu-se à reconstrução das trajetórias individuais e grupais mediante a análise da documentação reorganizada em diálogo e a partir dos diferentes suportes empíricos. Fez-se um fichamento seletivo das fitas, anteriormente gravadas, diagnosticando aspectos mais importantes de cada uma e, dessa forma, percebendo os pontos duvidosos ou lacunares para serem explorados em depoimentos mais recentes.

---

[4]Livro das Atas, 1911, p. 99.
[5]Vide anexos, nº 1. A bolsista do LAHO-CMU_UNICAMP, Valquiria Maria Augusti, auxiliou-nos na elaboração da ficha modelo.

**Procedimentos para a escolha dos depoentes:**

Para a reconstrução da memória de famílias imigrantes italianas setentrionais e meridionais recorremos aos depoimentos orais dos informantes abaixo relacionados e identificados:

## Características dos Depoentes - Famílias Setentrionais

| Nome | Idade | Ocupação | Cidade | Moradia | Est. Civil | Origem | Escolar. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Vicente Orsi Neto | 90 | motorista | Angatuba | zona urbana | casado | ítalo-bras[6]. | Primário |
| Fortunato Favali | 85 | coletor federal | Itapetininga | zona urbana | viúvo | ítalo-bras. | 2° grau |
| Hamílcar Turelli | 84 | diretor escolar | São Paulo | zona urbana | casado | ítalo-bras. | 3° grau |
| João Orsi Jr. | 85 | motorista | Angatuba | zona urbana | viúvo | ítalo-bras. | Primário |
| Humberto Sardella | 88 | lavrador | Angatuba | zona rural | casado | ítalo-bras. | Primário incompl. |
| Fernando B. Nanini | 85 | lavrador | Angatuba | zona rural | casado | ítalo-bras. | Primário incompl. |
| José Santi Sobrinhho | 74 | lavrador | Campina do Monte Alegre | zona rural | casado | ítalo-bras. | Primário |
| Itália Julieta Basile | 89 | professora | Angatuba | zona urbana | Casada | ítalo-bras. | 2° grau |
| Ercília Favali Libâneo | 80 | func. pública | Itapetininga | zona urbana | viúva | ítalo-bras. | Primário |

## Características dos Depoentes - Famílias Setentrionais

| Nome | Idade | Ocupação | Cidade | Moradia | Est. Civil | Origem | Escolar. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Alcides Bertholai | 73 | lavrador | Angatuba | zona rural | casado | bras. asc. italiana | Primário incompl. |
| Francisco R. M. Turelli | 53 | engenheiro | São Paulo | zona urbana | casado | bras. asc. italiana | 3° grau |
| José Emílio Carlos Lisboa | 49 | prefeito municipal | Angatuba | zona urbana | Desquitado | bras. asc. italiana | 3° grau |

[6] A pesquisadora nomeia de ítalo-brasileiros, os netos dos imigrantes italianos nascidos no Brasil e de brasileiros de ascendência italiana os bisnetos dos imigrantes italianos.

## Características dos Depoentes - Famílias Setentrionais

| Nome | Idade | Ocupação | Cidade | Moradia | Est. Civil | Origem | Escolar. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Diógenes A. Rolim | 86 | advogado | São Paulo | zona urbana | casado | brasileiro | 3° grau |
| Antonio B. F. Albuquerque | 69 | comerciante | Itapetininga | zona urbana | desquitado | brasileiro | 2° grau |
| Ilídia Floriza M. Manfredini | 82 | comerciante | Angatuba | zona urbana | viúva | brasileira | Primário |
| M. Joaquina Barbosa | 79 | doméstica | Angatuba | zona rural | casada | brasileira | Primário incompl. |
| Tereza Simões A. Moraes | 65 | diretora escolar | Angatuba | zona urbana | casada | brasileira | 3° grau |
| Orandi R. Monteiro | 61 | func. pública | Angatuba | zona urbana | casada | brasileira | Primário |
| Antonieta Correa Lopes | 60 | costureira | Angatuba | zona urbana | casada | brasileira | Primário |

## Características dos Depoentes - Famílias Meridionais[7]

| Nome | Idade | Ocupação | Cidade | Moradia | Est. Civil | Origem | Escolar. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| João Mariosi Filho | 67 | func. público | Paranapanema | zona urbana | solteiro | bras.de asc italiana | 1° grau |
| Gentil Pedroni de Matos | 80 | doméstica | Sorocaba | zona urbana | casada | bras.de asc italiana. | Primário incompleto |
| Teresa Salco | 68 | professora | São Paulo | zona urbana | desquitada | bras. asc. italiana | 2° grau |
| Marly Marley | 58 | empresária teatral | São Paulo | zona urbana | casada | bras. asc. italiana | 3° grau |

[7] Estabelecemos contatos com nossos informantes para obter depoimentos sobre a trajetória das famílias imigrantes italianas meridionais através de telefonemas para membros da família Mariosi de Itapeva, Sorocaba, Paranapanema e São Paulo. Com exceção dos residentes em Itapeva, os das demais cidades resultaram em três encontros para a coleta dos depoimentos. Alguns membros da família Peluso residentes em São Paulo e Santos também foram contactados por telefone e forneceram poucas informações através de cartas. Quanto aos descendentes da família Schettini residentes em Angatuba, não foi possível coletar depoimentos pois apresentam um grande desconhecimento sobre seus antepassados.

Essas pessoas foram, em geral, acessíveis, por serem idosas e, apesar de maioria ser octogenária, apresentavam estado físico adequado para conceder relatos que continham aspectos sofridos e prazerosos reconstituindo os momentos vividos pelas famílias italianas em Angatuba.

Ecléa Bosi, estudando as lembranças dos velhos, chama a atenção para o fato de que "(...) na lembrança de pessoas idosas, é possível verificar uma história social bem desenvolvida, pois estas, tendo já vivido em um determinado tipo de sociedade bem definido, viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis (...)" (BOSI, 1987, p. 22).

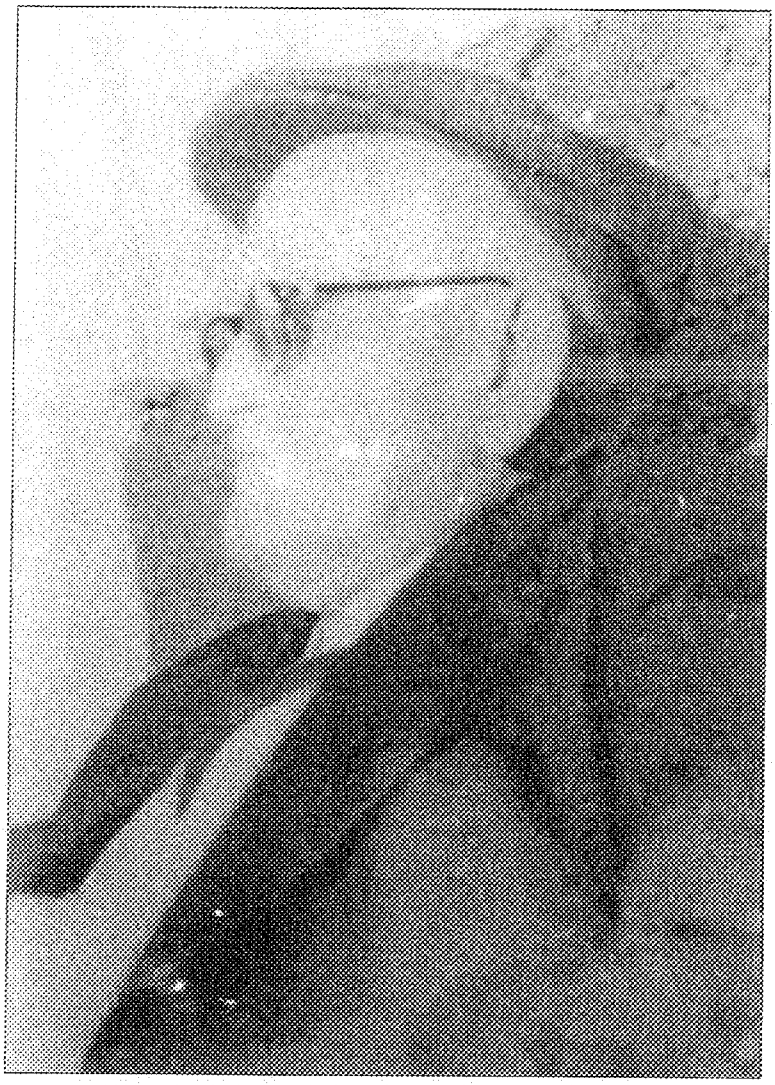
## Critérios para a escolha dos depoentes

Para este estudo, elencamos vinte e três depoentes: treze homens e dez mulheres; cinco depoentes são procedentes da zona rural e dezoito da zona urbana, sendo três deles residentes em Itapetininga, cinco em São Paulo, um em Sorocaba e um em Paranapanema. Dos depoentes da zona rural, quatro são do Bairro do Bom Bom e um do Bairro Barreiro dos Italianos. Os homens, com idade entre 49 e 90 anos e as mulheres, com idade declarada entre 58 e 89 anos.

Estabelecemos os primeiros contatos com nossos informantes[8] para obter depoimentos sobre a trajetória das famílias imigrantes italianas setentrionais, através de cartas ou de relacionamento com parentes e pessoas próximas. Nesses contextos expressamos a finalidade e importância do estudo e o tipo de informações que procurávamos obter, esclarecendo como os dados colhidos seriam posteriormente utilizados e disponibilizados.

O depoente, Dr. Diógenes de Albuquerque Rolim, de família tradicional de Angatuba, os Prestes de Albuquerque, teve em sua origem familiar uma das razões para relatar a história da cidade e da sua família rememorando também passagens dos imigrantes italianos em Angatuba. Seu assunto preferido sempre foi a história local e regional. Concedeu-nos dois depoimentos orais, um em Angatuba, na residência da entrevistadora, e

outro em São Paulo e além dos relatos, suas lembranças foram descritas em cartas, pois mantivemos correspondência durante vários anos.



MALIT-130: Retrato de Diógenes Rolim de Albuquerque, São Paulo, ca. 1980. Arquivo pessoal.

Também nos enviou cartas o depoente missivista Francisco Roldão de Moraes Turelli, neto do imigrante Francisco Turelli. O conteúdo das cartas reproduziu "falas" da sua tia paterna, Dirce Turelli, sobre a família. Essa senhora octogenária era professora aposentada, viúva e residia em São Paulo. Não poderíamos ignorar esses relatos, pois se tratavam dos olhares tanto feminino, quanto o da filha e neta desses imigrantes italianos

[8]Vide Anexos: modelo de ficha do informante - 2.

setentrionais. Foram de grande valia também os conteúdos das cartas referentes às lutas político-partidárias em Angatuba.

Ao abordarmos aspectos concernentes às lideranças políticas, a escolha dos depoentes recaiu sobre antigos líderes, em sua maioria, residentes em Angatuba. O primeiro critério para a escolha dos depoentes foi de que as antigas facções políticas locais, envolvidas no problema a ser investigado, estivessem representadas através de ex-líderes políticos.

Foram entrevistados, da cidade de Angatuba, os senhores: Vicente Orsi Neto; João Orsi Jr. e também José Emílio Carlos Lisboa. Este foi entrevistado pela auxiliar da pesquisa, a doutoranda Maria José Ferreira de Araújo Ribeiro, para se obter maior objetividade no depoimento, por se tratar de informante muito próximo da pesquisadora. Da cidade de Itapetininga foi ouvido Antonio Bernardino Fortes de Albuquerque relatando nos também aspectos da vida sócio-política de Angatuba.

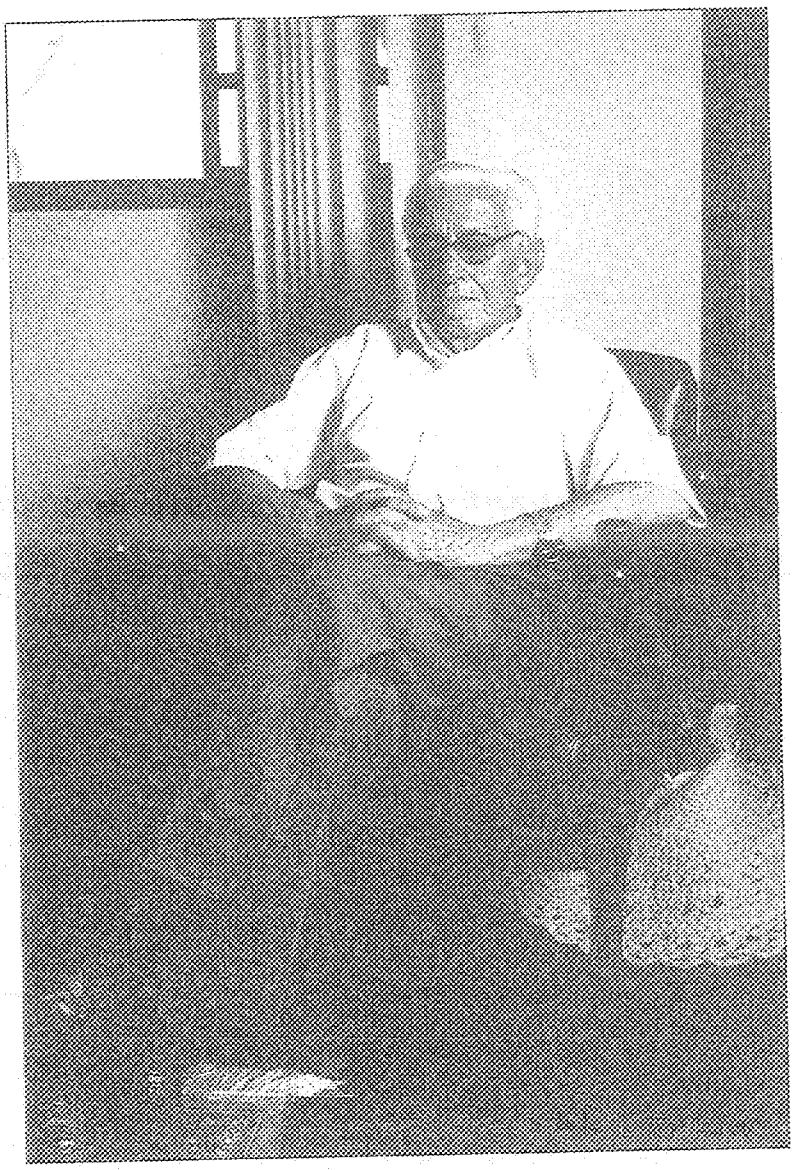


MALIT-93: Retrato de João Orsi Júnior, Angatuba, SP. 1999. Arquivo pessoal.



MALIT-156: Antonio Fortes, Jundiaí, SP. 1979. Arquivo pessoal.

Para a reconstrução da memória familiar dos imigrantes italianos setentrionais buscou-se os seguintes depoentes: Fortunato Favali e Ercília Favali Libâneo, ambos irmãos, residentes em Itapetininga, que lembraram aspectos do cotidiano familiar em Angatuba, no Bairro do Barreiro dos Italianos. O Sr. Fortunato Favali também rememorou sua liderança política em Itaí, município da região de Angatuba.



MALIT-74: Fortunato Favali, Itapetininga, SP. 1998. Arquivo pessoal.

O Dr. Hamílcar Turelli, filho de Francisco Turelli e, portanto, neto do patriarca João Tazioli, foi um informante ideal para a reconstrução da memória familiar, lembrou, dentre outros aspectos relevantes, o da cultura erudita desses italianos e seus descendentes. Os depoimentos foram concedidos em sua residência na Capital. Na primeira entrevista, recusou o uso do gravador, mas acabou aceitando-o na entrevista seguinte, retomando os aspectos lembrados no primeiro encontro, antes de avançar na elaboração do depoimento.

A Sra. Ilídia Floriza Maciel Manfredini foi quem nos relatou a trajetória local da professora e atriz Henedina Lisboa (Dinah), pois, tendo sido sua ex-aluna e amiga,

muito pôde colaborar. Fez-se, também, o uso da auto-biografia elaborada pela própria Dina Lisboa e veiculada pelo jornal "Folha de Angatuba".



MALIT-233: Ilídia Floriza Maciel Manfredini, Angatuba, SP. 2000. Arquivo pessoal.

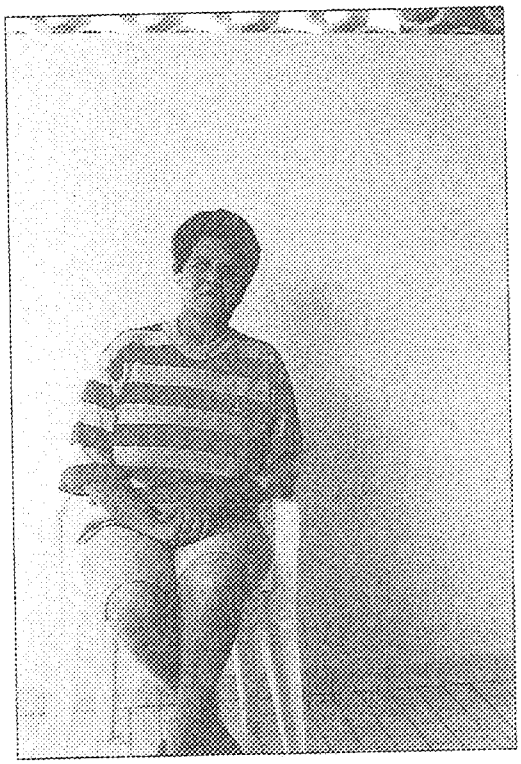
Sobre o exercício de uma liderança na comunidade local como mestra e animadora cultural, versaram os depoimentos da ítalo-brasileira Profª. Itália Julieta Basile. Buscou-se também reconstruir a trajetória dessa personagem octogenária de grande importância na localidade, através das lembranças de suas ex-alunas e participantes dos festivais, a cada final de ano letivo: a Profª. Thereza Simões de Almeida Moraes, ex-organista do Coral Santa Cecília, a Sra. Antonieta Correa Lopes e a Sra. Orandi Ramos Monteiro.



MALIT-54: Itália Julieta Basile, Angatuba, SP., 1998. Arquivo pessoal.



MALIT-231: Tereza Simões de Almeida Moraes, Angatuba, SP., 2000. Arquivo pessoal.



MALIT-232: Orandi Ramos Mongeiro, Angatuba, SP. 2000. Arquivo pessoal.



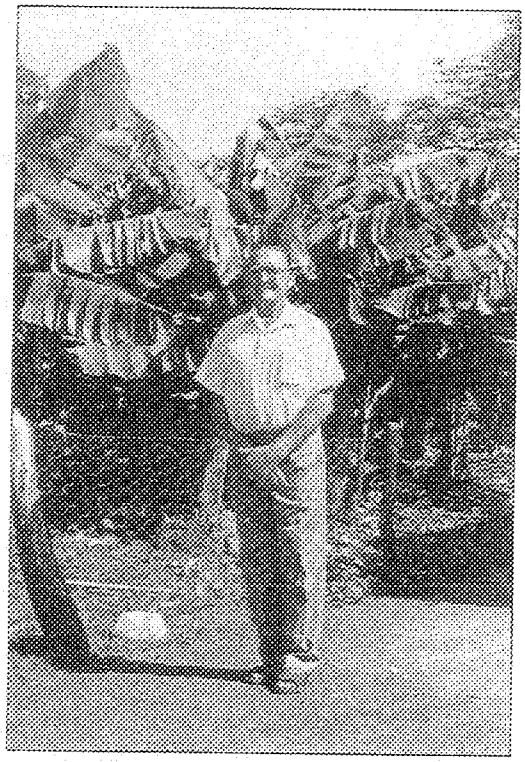
MALIT-234: Antonieta Correa Lopes, Angatuba, SP., 2000. Arquivo pessoal.

Os entrevistados dos bairros rurais do Bom Bom e Barreiro dos Italianos foram contatados através de seus parentes residindo na cidade de Angatuba e de ex-alunos da pesquisadora. Deve-se destacar a disponibilidade do "leiteiro", motorista do caminhão, esse trabalhador que funciona como mediador de comunicação entre a população rural e a citadina, e que é um importante agente de relações sociais.

O depoente Sr. Humberto Sardella rememorou seu envolvimento com a cultura caipira na dança do Fandango, tocando viola, cantando modas caipiras: lembrou também usos e costumes dos pais italianos incorporados à cultura local. O Sr. Alcides Bertholai, em seus depoimentos, lembrou a atuação de sua família italiana na comunidade rural do Bairro do Bom Bom e o seu trabalho junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angatuba, Buri e Região. Foram muito enriquecedoras suas memórias no papel de animador social das comunidades carentes, baseado na Teologia da Libertação buscando a promoção sócio-cultural do povo oprimido.



MALIT-44: Humberto Sardella, Angatuba, SP. 1998. Arquivo pessoal.



MALIT-45: Alcides Bertholai, Angatuba, SP. 1998. Arquivo pessoal.

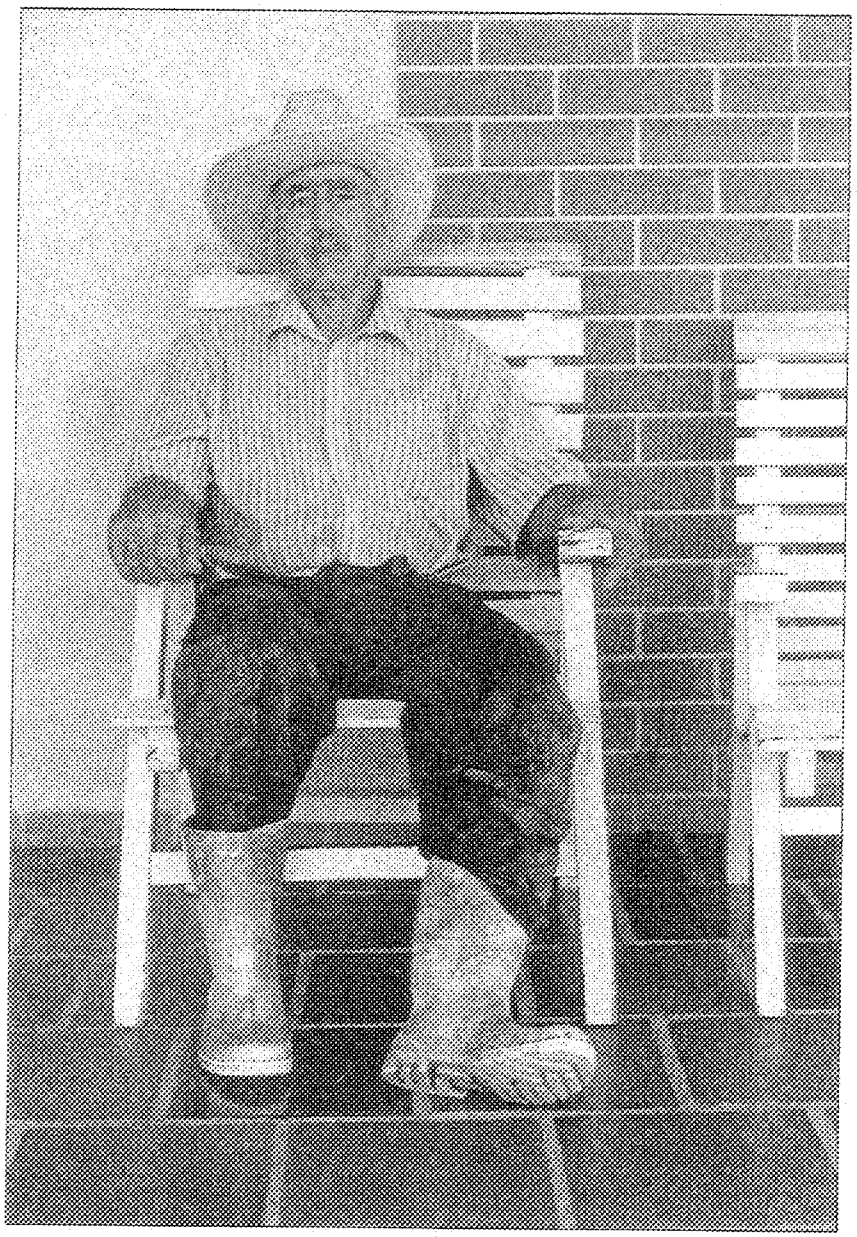
O casal Fernando Batista Nanini e Maria Joaquina Barbosa, embora pertencentes ao Bairro do Bom Bom, estavam residindo na cidade por ocasião das entrevistas. O Sr. Nande Nanini, como era conhecido, possuía uma memória privilegiada. Seus depoimentos foram claros e precisos. Foi o único depoente que acompanhou a família, reemigrando para Itália, após alguns anos de fixação no Brasil, fato este relevante, pois através dessas lembranças, pôde reelaborar as lembranças oriundas da família e a fixação definitiva no Bairro do Bom Bom onde atuou como líder comunitário. A depoente Sra. Maria Joaquina Barbosa reconstruiu aspectos sociais, econômicos e culturais de uma família de agregados e suas relações com os fazendeiros cafelistas[9], escravocratas do município de Angatuba.



MALIT-235: Maria Joaquina Barbosa e Fernando Batista Nanini, Angatuba, SP. 1999. Arquivo pessoal.

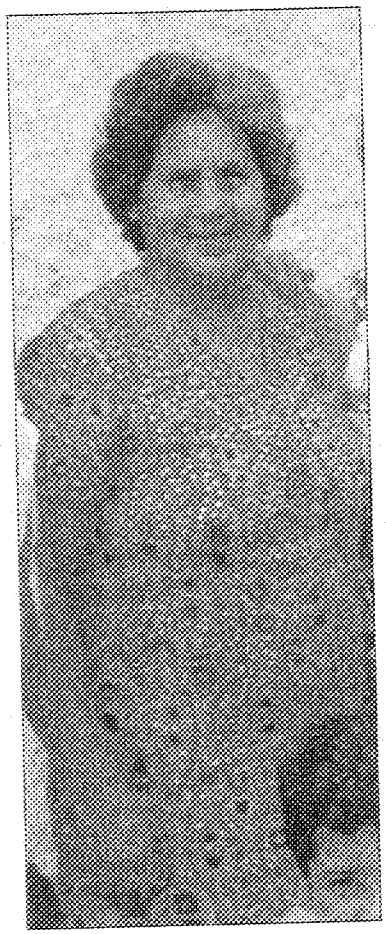
[9] "Cafelista". Termo usado na região para designar proprietário de grandes plantações de café.

A escolha do depoente de ascendência italiana setentrional do bairro Sant' Ana dos Italianos ou Barreiro dos Italianos recaiu sobre o Sr. José Santi Sobrinho, devido sua prodigiosa memória. Sua família, como a do seu irmão Domingos Santi, permanece até hoje no bairro, cultivando a terra dos seus antepassados. Nos seus depoimentos, Sr. José rememorou a saga dos Santi em Angatuba e o seu vínculo secular com a lida rural.



MALIT-74: José Santi Sobrinho, Angatuba, SP. 1999. Arquivo pessoal.

Devido à migração interna os depoentes das famílias imigrantes italianas de origem meridional se restringiram a quatro: um homem e três mulheres; todos residentes fora de Angatuba. São eles: João Mariosi Neto, residente em Paranapanema (SP); Sra. Gentil Pedroni de Matos, de Sorocaba (SP); Profª. Tereza Salco, de São Paulo (Capital), e a senhora Marly Marley constituiu-se como depoente missivista, São Paulo (capital). Esses depoentes pertencem a família do imigrante italiano João Mariosi e rememoraram as manifestações culturais, de origem popular e caipira, "marcas" significativas do processo de integração da Família Mariosi.



MALIT-201: Gentil Pedroni de Matos, Sorocaba, SP. 2000. Arquivo pessoal.

Segundo orientação metodológica, solicitou-se dos nossos depoentes o consentimento para a utilização dos seus relatos como documentos desta pesquisa. As "cartas de cessão"[10] foram concedidas quando da devolução das entrevistas transcritas.

Os dados das entrevistas foram fichados segundo uma seleção temática que já denota uma certa análise: a residência rural ou urbana como espaço de relações sociais, políticas e religiosas; o capital escolar dos filhos, netos e bisnetos de imigrantes; a participação política dos imigrantes italianos setentrionais; os empresários empreendedores, seu capital cultural e político e as relações deles com os outros imigrantes motivando-os a virem para Angatuba; as manifestações culturais tanto na zona urbana, quanto na zona rural, de imigrantes italianos setentrionais e meridionais e seus descendentes.

Os temas foram classificados segundo as respectivas palavras-chave: família, capital político, cultura, memória, identidade obtidas a partir da realidade relatada em diálogo com o referencial teórico-metodológico da pesquisa. Também realizou-se o fichamento técnico e de conteúdo das fotografias do acervo imagético obtido.

Seguiram-se as análises dos relatos orais e a associação desses relatos às fotografias, objetos, notícias de jornais, documentos escolares e notariais.

À medida que as entrevistas se sucederam, fomos reafirmando algumas lições, que, ouvidas em sala de aula ou lidas em textos da bibliografia, se apresentavam como fundamentais e, por isso, foram incorporadas ao diário de campo. A importância de "recuperar o vivido narrado por quem viveu", afirmou-nos a Profª. Yara Khouri, em sala de aula[11].

> *Há perguntas que incomodam, como a de tentar precisar, em uma dimensão linear de tempo, o que é relatado. O tempo da memória não é o tempo linear do ano cristão. Há o tempo da infância, como há o tempo em que em Angatuba não havia luz elétrica, as estrelas brilhavam mais e a lua era cúmplice exclusiva das traquinagens dos depoentes.*
>
> *A ausência de perguntas, propostas pelo pesquisador, não evidenciava falta de interesse, mas deve ser entendida como oportunidade para que os relatos dos depoentes fluissem com naturalidade e entusiasmo.*

[10] Consta em anexos Modelo de carta de cessão e ficha técnica de conteúdo de fotografias.
[11] Durante o Curso de Especialização em Organização de Arquivos - Disciplina História Oral, aula proferida pela Profª. Dra. Yara Khouri, em 25 de junho de 1999, FE-UNICAMP.

> *Os velhos buscam, pelo olhar, sinais de acolhimento ao que estão dizendo. Há momentos que ou o cansaço ou as lembranças mais afetuosas vêm, a voz fica mais baixa, mais lenta, mais difícil, há o silêncio e algumas lágrimas rolam pela face. São momentos em que pedem sutilmente, alguma intervenção para propiciar o descanso ou a descontração.*
>
> *Há momentos de tensão no rememorar e mesmo de dor que pedem alívio, aconchego. O relato dos mais velhos é o relato de perdas, de vida que se acaba, de doenças. Mas é também um balanço do que é significativo na vida, de enfrentamentos corajosos. Mas, não é o indivíduo e sua história o objeto de estudo e sim, as relações nas quais encontra-se imerso, pois o indivíduo é também um fenômeno social, aspectos importantes de sua sociedade e do seu tempo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhadas através de sua história* (VON SIMSON, 1995, p. 40).

Os velhos, anunciado o interesse pelo tema e criada a expectativa pela entrevista, se preparam para fazê-la. Organizam a memória, juntam papéis, livros, fotografias... testemunhas de vida.

São coisas que estimulam a memória e contam histórias. Por exemplo: Dr. Hamílcar Turelli tirou da parede a fotografia enquadrada de suas seis irmãs, datada de 1935, muito emocionado, relatou o capital escolar de todas e a importância da irmã mais velha e da segunda, na formação dos onze irmãos. Afirmou que, certamente, haviam herdado do pai, Francisco Turelli, a inteligência, esta "estava no sangue". Nesse ponto, vale a pena retomar Ecléa Bosi: "A memória das pessoas também depende desse longo e amplo processo, pelo qual sempre "fica" aquilo que significa. E não profundamente alterado... o efeito seria o de esquecer tudo que não fosse "atualmente" significativo para o grupo de convívio pessoal" (BOSI, 1987, p. 27).

Em muitos relatos, em determinados momentos foi muito forte o nosso envolvimento e também choramos, sem tornar menos significativo o que Brioschi e Trigo salientam sobre o método biográfico: "a situação de entrevista é, fundamentalmente, uma situação de interação social, de comunicação onde se defrontam o pesquisador com um projeto definido e o pesquisado que, aceitando a proposta, faz um relato de sua existência em que está contida uma mensagem ao interlocutor" (BRIOSCHI & TRIGO, 1989, p. 38).

A coleta do material foi feita em fita K7 de 60 minutos. Foram sessões de duas horas aproximadamente para cada encontro, em média foram três sessões, por depoente.

A transcrição das fitas foi feita pela pesquisadora, na qual foram mantidas todas as informações constantes da gravação: titubeios, gaguejos, silêncios, emoções que foram colocadas entre parênteses. E o linguajar caipira dos informantes da zona rural foi mantido "ipsis litteris".

## A importância do diário de campo

Seguindo uma tradição da Antropologia, reincorporada pelos pesquisadores que utilizam o método biográfico, também nesta pesquisa este valioso instrumento tem prestado um auxílio inconteste há tempos. É esse fio condutor que permitiu avaliar cada passo de nossas investigações. Incessantemente, registraram-se orientações, falhas e faltas, crescimentos, impasses, cumplicidades, informações dos depoentes, impressões de pesquisa...

Muitos dos depoentes faleceram antes da conclusão este estudo. Senhores: Fernando Batista Nanini (27/11/1991); Humberto Sardella (10/07/1999); Maria Joaquina Barbosa (31/8/1999); Vicente Orsi Neto (30/04/2000); Fortunato Favali (17/10/2000) e, João Orsi Jr. (08/05/2001). Percebeu-se, então, o que afirmou Maria Inês Mancuso ao analisar significativamente seu objeto de estudo: "Que fragilidade a escolha do caminho do meu estudo: entrevistar velhos é estar sempre tateando a possibilidade da morte" (1998, p. 72).

Também Walter Benjamin veio em auxílio da pesquisadora na aceitação destas perdas, pois ao falar da relação entre narrativa e morte, afirmou que na origem da narrativa existe a autoridade da morte:

> *Não apenas o conhecimento ou a sabedoria do indivíduo, mas principalmente a sua vida vivida - a matéria formadora das estórias - assume formas transmissíveis, especialmente notáveis no moribundo. Assim como no fim da vida uma sapiência de imagens se põe em movimento no íntimo da pessoa - composta das suas opiniões acerca dos outros e de si mesmo -, cristaliza-se repentinamente em sua mímica e seus olhos aquilo que lhe é inesquecível, atribuindo a tudo que é do seu interesse aquela autoridade de que todos, mesmo os mais*

> *pobres diabos, dispõem na hora da morte, perante os vivos. Na origem da narrativa existe esta autoridade* (1980, p. 64).

Aos que já partiram e àqueles depoentes que poderão tomar contato com o resultado final desta proveitosa parceria, fica registrado nosso tributo de gratidão e reconhecimento.

# CAPÍTULO I

# ANGATUBA! PRESENTE E PASSADO

## 1.1 - Angatuba Presente: A Região de Angatuba

> *O espaço regional não é um dado a priori, nem tampouco uma fonte neutra ela qual passam os processos históricos. O espaço regional apresenta uma densidade, uma dimensão e um significado histórico diferente quando visualizado como espaço econômico, ou político, ou jurídico, ou geográfico, etc... Esta 'multiformidade' é produto de uma complexa rede de relações entre agentes que se reproduzem e agem com uma dimensão espacial diferente, mas que formam, ao mesmo tempo, parte integrante da região* (BRUIT, 1987, p. 62).

Por que pensar a região? Inexiste no Brasil o hábito de "pensar" a própria realidade em que se vive, porque prevalecem a prática centralizadora das administrações públicas e a falta de consciência participativa da própria população, gerando propostas tecnocráticas nos planos governamentais e políticos, criadas a partir de visões extra-regionais, muitas vezes, desvinculadas das reais necessidades locais.

Entretanto, neste final de milênio, num momento em que o país postula a descentralização, muitos governantes estaduais, municipais e vários segmentos da sociedade civil mostram-se sensíveis às vantagens democráticas de enfatizar o espaço regional. Isso tem permitido que diversas regiões administrativas participem da elaboração do próprio orçamento do estado e, também, do planejamento regional.

A realização de um diagnóstico regional foi o primeiro passo para que esse objetivo fosse alcançado e trabalhado. A promoção do 4º Seminário "Pensando a

Região"[12], foi o embrião de posteriores estudos sobre a região de Sorocaba, especificamente a mesorregião de Itapetininga, que congrega os municípios de São Miguel Arcanjo, Tatuí, Guareí, Cesário Lange, Boituva, Itapetininga, Cerquilho, Capela do Alto Campina do Monte Alegre e Angatuba. Constituiu-se o diagnóstico regional como o primeiro passo para a confecção do Plano de Desenvolvimento da Região de Governo de Itapetininga (PLADERGI), elaborado com a participação efetiva das próprias comunidades.

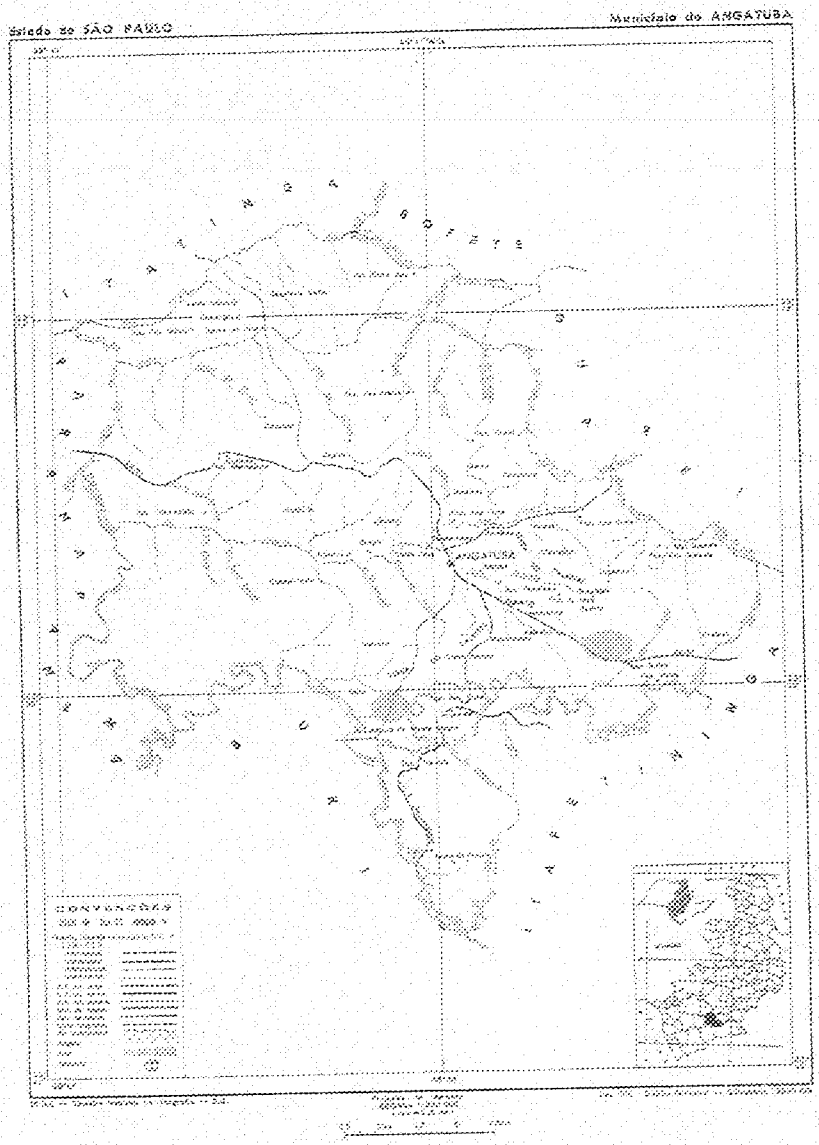



Mapa: Divisão político-administrativa. Estado de São Paulo. Suplemento do Poder Legislativo. Cadernos do Fórum São Paulo século XXI. Caderno 12. Volume 110 – nº 110. São Paulo, 9 de julho de 2000, p.7.

O município de Angatuba, situado a Sudoeste do Estado de São Paulo, na região dos Campos Gerais ou Campos de Itapetininga, a 23G 29' 16" de latitude Sul e 48G

[12]Em 28 de dezembro de 1988, como professora de História da Rede Pública Estadual e pesquisadora, participei do 4º Seminário "Pensando a Região" para se discutir o perfil regional, evento organizado pelos órgãos: Colegiado das Administrações Estaduais (CAE), Colegiado das Administrações Municipais (CAM), sob a Coordenação Geral do Escritório Regional de Planejamento de Itapetininga (ERP) e sob a execução da Prefeitura Municipal de Angatuba, na gestão do Prefeito Prof. José Emílio Carlos Lisboa sendo governador do Estado de São Paulo, Prof. André Franco Montoro. Decorrente dessa participação, firmou-se o propósito da autora da presente dissertação em estudar o município de Angatuba, inserido na divisão regional de Sorocaba.

24' 53" de longitude Oeste, conta com 1.031,10 km², dos quais 14,96 km² de zona urbana e 1.016,14 km² de zona rural. O Trópico de Capricórnio corta o município ao meio, passando cerca de dez quilômetros ao norte da cidade de Angatuba. Limita-se a Oeste com o município de Paranapanema, a Noroeste com Itatinga, ao Norte com Bofete, a Nordeste com Guareí, ao Sudoeste com Itapetininga e ao Sul com Campina do Monte Alegre. A sede do município está a 598 metros de altitude[13].




Mapa do Município de Angatuba. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, XI Volume. Grande Região Sul. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1960, p.117

[13]Todos os dados relativos à geomorfologia, economia, populações, foram transcritos do Plano Diretor do Município de Angatuba, 1996.

Em sua maior parte, o município de Angatuba situa-se na Depressão Periférica, na zona do Alto Paranapanema, apresentando, em cerca de 60% de sua superfície, relevo colinoso, com baixa declividade (inferior a 15%), com amplitudes locais inferiores a 100 metros. Em cerca de 35% da superfície, observa-se o relevo de morrotes alongados e espigões com declividades médias e altas (acima de 15%) e amplitudes locais inferiores a 100 metros.

Possui duas serras: a primeira, Palmital, conhecida também como a Serra do Ribeirão Grande, tem em suas diversas partes os nomes de Italianos, Corvo Branco, Machadinho, Figueira, Boa Vista, Bom Bom, Corujas, Leites e Buenos; a segunda, a Serra da Conquista, compõe-se do Pico da Conquista, Serro, Mineiros e Aterradinho (EGAS, 1925, pp.51/52).

Geograficamente, Angatuba insere-se onde a Serra de Botucatu forma um enorme arco entre os dois tributários do Paraná. Esta foi como que a muralha do sertão, avantajada pelo tamanho e pela distância, posto que de fácil subida. Da Campininha, pouco além da Fazenda do Paiol e em terras da antiga Guareí dos Jesuítas, percebe-se muito bem a serra botucatense e, à direita, como continuação dela, mais além do Rio Tietê, as serras de Itaqueri, São Pedro e Piracicaba. E, no horizonte próximo, os morros em forma de chapéu, o Bofete, a Torre de Pedra, o Morro dos Andradas e a Serra de Angatuba, não só marcando o divisor das águas entre os rios Tietê e Paranapanema mas, aproximando-se da Serra de São Francisco e, por esta, da Serra da Paranapiacaba. A altitude média dessas atalaias do sertão é de 800 metros (ALMEIDA, 1945, p.7).

O clima do município é o tropical de altitude, com temperatura média mensal oscilante em torno de 23 graus Celsius, de outubro a março (primavera e verão), e, em torno de 18 graus Celsius, de abril a setembro (outono e inverno). As menores temperaturas no inverno oscilam em torno de zero grau; as maiores no verão atingem os 38 graus. O vento dominante na região é o Sudeste.

Dois tipos de solo são dominantes na área do município, intimamente relacionados entre si: os latossolos vermelho escuros, na região centro oeste; os solos hidromórficos e litossólicos, fase argilosa, principalmente ao Norte e numa pequena parte do Sul.

As características pedológicas do município indicam elevado potencial para as atividades extrativas de recursos minerais, entre as quais: calcáreo, areia para construção, argila de boa qualidade para a produção de cerâmica, cascalho e rochas adequadas à britagem e utilização como revestimento em construção.

O município possui rede hidrográfica considerável, apresentando rios de grande vazão como o Paranapanema; de média vazão como o Itapetininga e o Guareí; de pequeno porte como o Santo Inácio e o Jacú; além de inúmeros ribeirões, entre eles o Córrego Catanduva que atravessa a sede do município. Tal rede hidrográfica favorece o surgimento de uma agricultura irrigada, bem como o aproveitamento de várzeas, o que, pelo nível tecnológico dos produtos agrícolas, ainda é muito pouco explorada, comparado com o seu potencial. Ao mesmo tempo, proliferam centenas de chácaras de recreio ao longo dos rios de grande e média vazão.

O município de Angatuba divide-se, territorialmente, em cinquenta e dois bairros rurais e um distrito, o do Bom Retiro da Esperança. Segundo o IBGE, o Censo Agropecuário de 1996, apresentou área total de 1.031,10 km², com uma população total de 17.879 habitantes, tendo a área urbana 14,96 km² e uma população de 12.043 habitantes; a área rural com 1.016,14 km² apresentava uma população de 5.836 habitantes.

A área rural é bastante extensa, com predominância de pequenas e médias propriedades agrícolas. As grandes propriedades detêm 50% da área do município, enquanto 1.250 pequenas e médias propriedades ficam com o restante da área rural. A economia do município é essencialmente agropecuária.

As lavouras de café, introduzidas desde a fundação do município de Angatuba, em 1885, e fator de seu progresso, foram sendo gradativamente substituídas pelo algodão nas primeiras décadas do século XX. Este, por sua vez, cedeu lugar à pecuária de corte e leiteira, assim como ao cultivo de citrus. No final da década de 40 do século XX, aí se instalou a Indústria de Laticínios Polenghi (atual BG Brasil Produtos Alimentícios Ltda) e, na década seguinte, o Laticínio Russano. Na década de 70 foi introduzido o cultivo de frutas de clima temperado, tais como maçã, nectarina e pêssego.

Na região periférica do município de Angatuba, ao Norte, instalaram-se, a partir da década de 70, grandes propriedades agrícolas, destinadas ao reflorestamento (eucalipto e pinus), cujas terras mais fracas não se apresentavam apropriadas nem à

agricultura nem à pecuária. Estes empreendimentos atraem, até hoje, uma mão-de-obra não qualificada, empregada sazonalmente no corte da madeira. O cultivo de pinus e eucalipto motivou a instalação da indústria de papel e celulose Igaras Papéis e Embalagens S/A, que recentemente foi adquirida pelo Grupo Klabin.

As principais vias de acesso ao município são a Rodovia Raposo Tavares (SP – 270) e a FEPASA (apenas por tráfego de cargas provenientes do sul) – Estação de Angatuba. A sede municipal dista 210 km da capital São Paulo e 105 km de Sorocaba.

O município de Angatuba, como parte integrante da Região Administrativa de Sorocaba, da Mesorregião de Itapetininga, adquire importância não apenas geograficamente, mas sobretudo como espaço social onde apresenta sua constituição, seu desenvolvimento histórico, suas condições atuais, suas possibilidades futuras, e suas relações com outras regiões, sem perder a identidade regional. "O espaço regional se alonga ou se encurta, adquire importância ou desaparece, de acordo com a dimensão de seus elementos históricos". (BRUIT, 1987, p.64)

Explicitar a dimensão dos elementos históricos é o que se propõe no presente estudo, focalizando-se aspectos do tropeirismo, da constituição da cidade de Angatuba e os processos imigratórios que a expansão cafeeira motivou na região.

## 1.2 -O passado tropeiro

> *Quanta coragem e perseverança a do tropeiro ou criador no devassar dos nossos sertões! (...). Quem se lembra dele? Lidava com animais, e o que é peor, burros...* (ALMEIDA, 1945, pp. 102/103).

Os municípios que compõem a mesorregião de Itapetininga têm sua história vinculada à colonização da região sul do Brasil e à sua anexação ao território da América portuguesa. A região, até o século XVIII, serviu de intermediação entre o gado do sul e a região das Minas. Itapetininga, Sarapuí e Cerquilho surgiram como pouso de tropeiros. Para centralizar as funções administrativas da região, a escolha recaiu sobre Itapetininga, onde se desenvolveram a engorda do gado, a agricultura de subsistência e venda local,

vendas e oficinas ligadas ao atendimento dos tropeiros e mineradores. Estudos realizados por Oracy Nogueira complementam:

> *(...) ainda no primeiro quartel do século XVIII, à margem do Rio Itapetininga, em ponto que este não dá vau, e por isto, conveniente para o estabelecimento de um registro de passagem de animais, origina-se um arraial, ao mesmo tempo em que os sesmeiros e posseiros se vão espalhando pelas vizinhanças (...). Em janeiro de 1765, no ano da restauração da Capitania de São Paulo e poucos anos depois da revogação do Tratado de Madri, pelo rei Carlos III (1761), são expedidas instruções de Portugal, no sentido de se criarem novas vilas naquelas partes da Capitania, que fossem 'mais próprias', cujos moradores, 'vivem em citeos volantes, para morarem em povoações civis, em que lhes pudessem administrar os Sacramentos e estivessem promptos pa. as ocaziões de Seo Real Serviço' (...)* (NOGUEIRA, 1962, pp. 50/51).

Simão Barbosa Franco já residia no bairro de Itapetininga quando a povoação foi elevada à categoria de vila em 8 de outubro de 1770. Em 5 de novembro de 1770 foi elevada à freguesia Nossa Senhora das Dores; em 1° de janeiro de 1771, criou-se o município de Itapetininga, desmembrando do termo da antiga vila de Sorocaba.

Existiam dois núcleos rivais em Itapetininga. Um mais antigo, à margem do Rio Itapetininga, e outro a sete quilômetros daquele curso d'água, um núcleo sob a influência de Domingos José Vieira (português da região de Braga e proveniente de Sorocaba) e esse foi o local escolhido para fundar a nova vila. O prestante paulista Salvador Oliveira Leme (vulgo Sarutaiá), o primeiro Capitão-mor desta localidade, e o alferes Domingos José Vieira são considerados também como fundadores de Itapetininga. A vila foi elevada à cidade pela Lei n° 5, de 13 de maio de 1885. Os primeiros currais de gado de Sorocaba iniciaram com a sua própria fundação:

> *A povoação foi fundada pelos anos de 1600 a 1610, no bairro denominado Itapebussú, hoje Itavuvú, com o nome de viela de São Felipadre Essa povoação decahiu rapidamente, extinguindo-se de todo. Em 1654, o paulista Balthazar Fernandes Mourão e seus genros André da Zunega e Bartholomeu da Zunega, hespanhóes, emigrando de Parnahyba, onde residiam, estabeleceram-se com suas famílias a três léguas do Morro chamado Biraçoyaba, hoje Araçoyaba, elevando-se uma capela dedicada à Senhora da Ponte, com o que deram começo à*

> *nova povoação denominada Sorocaba. Foi elevada à Villa em 3 de março de 1661; e, à cidade por Lei Provincial de 05 de fevereiro de 1842 (...)*[14]

O topônimo Sorocaba, de origem tupi, significa a ruptura do solo, lugar de bossorocas, de rasgões da terra. A ponte sobre o Rio Sorocaba exerceu atrativo sobre os núcleos primitivos de Araçoyaba em 1660, e Itavovu ou São Felipe em 1611, estes arraiais de mineradores que a pecuária venceu, dando início ao fenômeno do tropeirismo.

Um dos mais importantes pesquisadores da história de Sorocaba e região, Aluísio de Almeida, retrata essa evolução:

> *(...) Temos que após o bandeirante, o paulista se divide, ainda como nos primeiros séculos, entre a pecuária e a agricultura, havendo poucos e menos importantes (econômica e socialmente), senhores de engenho e simples sitiantes, e sendo os fazendeiros de criar, donos de vastos latifúndios invernadores de gado de toda espécie que sobe do sul, e também eles negociantes de animais, com razão reunidos em uma designação: Tropeiros* (ALMEIDA, 1971, p. 17).

Na mesma obra assim ilustra:

> *Os castelhanos chamaram 'tropeiro' ao dono e condutor da tropa, usando processo também muito conhecido e legítimo da derivação de palavras. E se dos castelhanos nos veio a tropa por que não o tropeiro?. O tropeiro é pois, uma criação eminentemente americana, o que não é pouca cousa. E como não foi palavra vulgarizada em Portugal, chamam-na de brasileirismo, mas poderiam acrescentar, de origem castelhana. Não haveria tropeiros onde não houvesse tropa. As palavras, assim como as pessoas, prendem-se pelo amor aos lugares onde nasceram. Nas margens de cá do Prata, no Rio Grande do Sul, a palavra reinou soberana; Tropeiro de cavalos xucros, de mulas, de porcos, condutor de animais arriados (...)* (ALMEIDA, 1971, p. 132).

E mais adiante, define com exatidão, ao nomear: Tropeiros negociantes de animais, diferem dos de transporte, porque estes conduzem as cargas, a maiores ou menores distâncias e estão sempre andando. E aqueles, vêm parando pelo caminho, têm um quase domicílio em vários lugares, pontos de obrigatória parada (ALMEIDA, 1971, p. 156).

---

[14]Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo, pela Comissão Geral de Estatística. (São Paulo, 1888, p. 538).



VIII — Tropa em marcha.

Almeida, Aluisio. Vida e Morte do Tropeiro. Livraria Martins Editora, 1971, p.88

O mesmo historiador concebeu tropeirismo como um complexo de fatos geográficos, históricos, sociais, econômicos e até psicológicos, relacionados às tropas de transporte em todo país[15]. Destarte, o tropeiro teve sua significação ampliada ao longo do tempo, abrangendo tanto o universo das atividades associadas à "tropa xucra", quanto à "tropa arreada"[16].

Como ciclo econômico e social de expressiva repercussão cultural, o tropeirismo, posterior ao bandeirantismo, é peculiar ao Centro-sul do País, coexistindo paralela e dependentemente dos ciclos de mineração e do açúcar. Consolidou as fronteiras territoriais nos campos sul riograndenses e subsidiou o capital para a posterior e avantajada

[15]GAGLIARDI JUNIOR, José. O ciclo do Tropeirismo na História de Sorocaba. (Prefeitura Municipal de Sorocaba, 1983, p.3).

[16]"As tropas podem ser divididas em dois grupos: Tropa Xucra ou solta, ou a Tropa Arreada ou cargueira. Tropa Xucra - Os compradores de animais vinham pelo caminho ou estrada do sul trazendo um grande número de animais, soltos, guiados pela égua madrinha (...). Os animais da Tropa Xucra eram, geralmente, domados em viagem, nos pousos ou nos campos à volta da cidade de Sorocaba, enquanto aguardavam a venda. Tropa Arreada ou cargueira - era a verdadeira tropa constituída por animais habituados ao trabalho e que levavam suspensas nas cangalhas, suas canastras com as mercadorias a serem comercializadas por grandes distâncias, e pelo conjunto humano que a cuidava composto do tropeiro e camaradas ou peões. O número de camaradas variava de acordo com a quantidade de lotes da tropa: lotes eram os pequenos grupos de cargueiros em que subdividia-se a tropa para facilitar o trabalho dos homens (...)" (JOB, 1983, p. 7).

economia cafeeira. Foi durante o século XVIII, que o comércio pecuarista, no Estado de São Paulo, gerou mais impostos que a lucrativa produção canavieira.

A base do incipiente regime capitalista brasileiro teve, sem sombra de dúvidas, raízes plantadas em parte com o dinheiro arrecadado pela venda de mulas, cavalos e bois, além das mercadorias por eles transportadas. (PRESTES, 1999, p.8)

Foi através dos castelhanos que os paulistas aprenderam a negociar com animais. A partir de 1641, a pecuária do Rio Grande de São Pedro, iniciada pelos jesuítas quando da fundação dos Sete Povos das Missões, tornou-se responsável pela abundância de inúmeras espécies de gado nos pampas, inclusive de muares, os quais foram utilizados para o transporte da erva mate.

O muar exerceu importante papel na integração do território nacional, contribuindo, outrossim, para a manutenção das nossas fronteiras, varando as tropas em todos os sentidos no vasto território, garantindo os limites anteriormente dilatados pelo boi.

Segundo Alfredo Ellis Junior: Talvez a estrada Rio Grande a São Paulo tenha sido a rota de maior importância do Brasil, pois sem ela não teria havido o ciclo do ouro, não teria havido o do café, e nem a unidade nacional teria sido levada a cabo (ELLIS JÚNIOR, apud Job, 1983, p.6).

Como conseqüência do descobrimento das minas, no final do século XVII e início do século XVIII, em Cataguases, inicia-se o chamado ciclo do tropeirismo, que gerou um expressivo fluxo migratório à capitania das Minas Gerais. Atraídos pela esperança de um rápido enriquecimento que os metais e as pedras preciosas proporcionavam, sérios problemas foram gerados, tendo em vista o sistema de transporte ineficiente, dispendioso, que intermediava as áreas de mineração (irregularmente ocupadas com núcleos densamente povoados, separados por imensas áreas desertas, de topografia acidentada) e o litoral.

Foi esse o momento histórico que impulsionou os habitantes da Vila de Nossa Senhora da Ponte, atual Sorocaba, para a região do novo surto e o sorocabano passou a ser tropeiro, a viajar tropeando animais das campinas do sul a todos os lugares do Brasil.

A abertura do Caminho do Sul, com a viagem de Cristóvão Pereira de Abreu, parece ter sido decisiva na ocupação das terras meridionais, pela expansão de sertanistas de São Paulo e de Laguna (SC), e por iniciativa do próprio governo da América portuguesa,

tentando reforçar as suas fronteiras meridionais e, talvez, consolidar a situação da sua sentinela isolada, que vinha sendo a Colônia do Sacramento.

Os principais trajetos percorridos pelos tropeiros foram inúmeros e Sorocaba estava a meio caminho para as Minas, São Paulo e de lá para o Rio de Janeiro. Dentre as muitas direções, destacaram-se as seguintes:

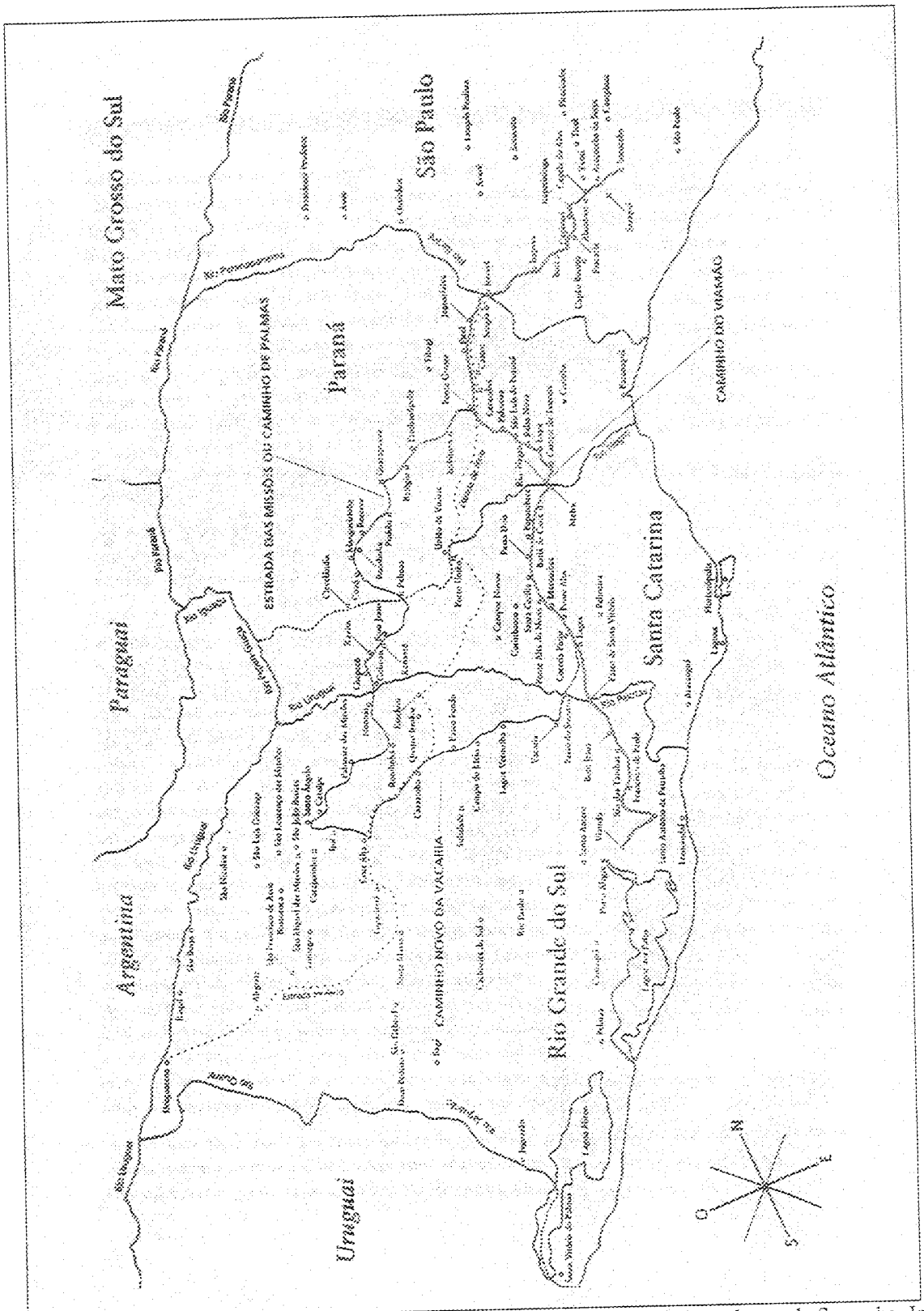
> *De Sorocaba, os habitantes partiam para se abastecer no Rio Grande do Sul e mesmo nas regiões de dominação espanhola: Corrientes, Missões e Banda Oriental, territórios considerados inimigos, onde o gado muar era adquirido mais por ataques guerreiros do que por compra. Os benefícios eram assim consideráveis. A primeira rota regular ligando os campos sulinos às demais regiões do Brasil-Colônia foi aberta, no final do século XVII, entre as Vilas de Sorocaba e Curitiba, pertencentes à Capitania de São Paulo. Dos currais abertos nos campos de Curitiba, sobretudo nos vizinhos Campos Gerais ou Iapó, marcharam as primeiras manadas de gado bovino e cavalar para São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Minas* (PRESTES, 1999, p. 22).

Rosely V. Roderjan, pesquisadora paranaense, refere-se aos trajetos do sul, assim descrevendo a Estrada de Sorocaba:

> *A Estrada de Sorocaba, também chamada de Estrada das Tropas, Estrada do Sertão, Estrada do Sul, Estrada Real ou Estrada do Viamão, era o caminho oficial que ligava o Brasil meridional a São Paulo, cuja existência, possibilitou o desenvolvimento do Tropeirismo Sulino, o povoamento do interior da Região Sul. Por essa estrada, também seguiam rumo ao Continente de São Pedro (RS), as tropas militares que lutavam nas Guerras do Sul ou do Sacramento, no século XVIII. Os caminhos mais antigos que atravessavam os planaltos paranaenses, teriam sido originados do caminho indígena do Peabirú e das suas variantes. Por eles andaram bandeirantes paulistas e os primeiros mineradores que alcançaram os Campos de Curitiba, durante o século XVII. Depois de passar pelo Campo da Faxina (Itapeva) e do Apiaí, em território paulista, antigo ramo do Caminho de Peabirú, ingressava no primeiro planalto paranaense, atingindo o Vale do Açungui. Para essa região, partiam pelo norte de Curitiba, caminhos que, transpondo o Rio Ribeira, seguiam rumo à Apiaí e Itapeva, a fim de alcançarem a Estrada de Sorocaba.Infletindo para noroeste, chegavam à Vila de Castro, atingindo a mesma estrada. Esses caminhos foram sempre usados no transporte de tropas de gado e também de tropas arreadas, assim chamadas as que transportavam cargas (...)* (RODERJAN, apud Prestes, 1999, p. 186).

O longo caminho de São Paulo ao Viamão nasceu graças à expedição chefiada por Souza Faria, em 1730. Foi incorporado ao antigo trecho Sorocaba-Curitiba, verdadeiramente considerada a grande estrada boiadeira do Brasil-Colônia. Durante dois séculos posteriores, serviu como o grande canal de fornecimento de cavalos e bestas muares, transporte mais utilizado no Brasil.

> *O Caminho do Sul, considerado a partir do Rio Grande do Sul, se iniciaria por Viamão, origem da atual cidade de Porto Alegre, Cruz Alta e Passo Fundo, ainda no Estado do Rio Grande do Sul, sendo que partiam de Cruz Alta aqueles que estivessem trazendo os animais da região de Corrientes (Argentina); Lages e Mafra, em Santa Catarina, sendo esta cidade famosa por um tipo de estribo que liberava o pé do cavaleiro, em caso de acidente; Rio Negro, onde havia um Registro de animais; e, Lapa, famosa por suas facas e facões - 'Lapeana' -, São José dos Pinhais e Curitiba, todas no Estado do Paraná; poderia haver algumas variações, onde, a partir de Lapa, encaminhava-se para oeste e passava-se por Guarapuava, cujos famosos cavalos, os 'Guarapuavas', eram bastante estimados, passar por Palmeira, Ponta Grossa, Castro e Jaguariaíva. No Estado de São Paulo passava-se por Itararé, Itapeva, Buri e Pouso da Escaramuça, Itapetininga, Alambari ou Pouso das Pederneiras, afamadas pedras do mesmo nome e usadas nas armas, Campo Largo (atual Araçoiaba da Serra), onde as tropas descansavam antes do início das vendas; e, finalmente, Sorocaba* (JOB, 1983, p.7).




Os vários trajetos seguidos pelos tropeiros, a partir do Rio Grande do Sul, em busca de Sorocaba. In: Revista O Ciclo do Tropeirismo na História de Sorocaba. Prefeitura Municipal de Sorocaba. Secretaria da Educação e Cultura. Divisão de Cultura s/d, p.10

Pelo Caminho do Sul, no espaço compreendido entre Sorocaba e Curitiba, havia barreiras e registros[17], registros de Itapetininga e Sorocaba e a barreira de Itararé, que a partir da ocupação teve o seu povoamento incentivado pelo tropeirismo e, assim, foi se configurando o nosso processo regional.

Aluísio de Almeida batizou essa região com o título geral de Campos de Sorocaba. Em suas palavras:

> *Campos de Sorocaba, o que dessa cidade se estendem até Itararé, tendo à esquerda, a Serra do Mar, e, à direita, o antigo sertão de Botucatu, com os rios Paranapanema e Itararé, e outros menores, a descer para o poente. Há diferenças entre o extremo sul e o extremo norte destes campos, pela maior ou menor abundância dos pinheiros e até pela conformação das lombadas, que de Itapetininga em diante se dilatam em planuras (...). Diferem deles os campos de Guareí e Botucatu, que se sucedem em colinas pequenas, cobertos de serranos (...), num areal branco e com um sub-solo de arenito betuminoso (...). Os campos de Sorocaba e Curitiba, nos fins do século XVII e começo do século XVIII, forneceram sobretudo gado vacum, mas ainda e apenas serviam de engorda às bestas do Rio Grande e Uruguai*[18] (ALMEIDA, 1945, p. 101).

---

[17]O comércio de tropas proporcionou, tanto à administração colonial quanto à provincial, uma outra forma de se cobrar impostos, a qual motivou a criação de barreiras e registros. Os condutores de animais nessas passagens possuíam seus direitos, por meio de fianças, que eram substituídas por letras pagáveis via administração do registro ou na Tesouraria Provincial, sacando-se as letras em dois pagamentos iguais. Estas letras eram passadas a prazos de seis e doze anos e pelo montante das guias dos animais que passassem pelo registro de Sorocaba. Não se admitiram letras de valor menor que 50$000 (cinquenta mil réis). As letras eram sacadas pelos donos das tropas e garantidas por pessoas de "conhecida abonação, sendo grandes sacadores e sacados ao mesmo tempo, bem como o dono da tropa" e quando não fossem pagas no vencimento, seriam protestadas e sujeitas às prescrições da lei.
O registro de Sorocaba, fundado em 1750, motivou o comércio de tropas e o início da primeira feira de muares.
A barreira de Itararé, data de 1720, quando o ouvidor Raphael Pires Pardinho, estando em Curitiba, determinou o rio Itararé como divisa das vilas de Curitiba e Sorocaba, quase equidistantes.
O registro de Itapetininga é de 1721 e foi sempre um registro pobre, apenas se visavam as letras do rio Negro (PR), geralmente pagos em Sorocaba e São Paulo. Mais tarde foi extinto e reaparece como agência. Em 1859, foi criada a agência de Itararé, voltando à barreira no final de 1880. Em 1891, foi taxado o imposto de Pombal para a reedificação de Lisboa. O Império aceitou a herança da Colônia e transmitiu, por sua vez, à República, até que em 1892, extinguiram-se os registros e barreiras (ALMEIDA, 1945, pp.126/161).

[18]O mesmo historiador faz menção aos jesuítas, beneditinos e carmelitas que possuíam extensas sesmarias nos campos de Sorocaba a Curitiba, a maioria das quais e todas as dos Jesuítas, após Pombal, passaram à Fazenda Real. Esta possuía limites incertos, depois passaram à Nacional, que ficava com imensas extensões de terras: eram os campos realengos ou reino, do rei, mais tarde nacionais, depois terras devolutas (ALMEIDA, 1945, p.102).

Simultaneamente, com as atividades voltadas à criação do gado cavalar e vacum, Curitiba, fundada por Baltazar Carrasco dos Reis, "foi começada a povoar em 1654, mas só teve em 1693 o predicamento de Vila" (ALMEIDA, 1945, p. 168).

A partir do século XVII e início do século XVIII, as duas vilas, Sorocaba e Curitiba, puseram-se em comunicação através do caminho nos campos de Curitiba, ocorrendo desde então, o estabelecimento de povoados com muitos ranchos esparsos nessa imensidão: as sesmarias[19]. As sesmarias tornaram-se fazendas que geraram os pousos dos tropeiros e, conseqüentemente, as cidades. De Sorocaba a Itararé, a rumo sudoeste, e de Itararé para Curitiba, a rumo sudeste, todas as atuais cidades foram antigos pousos de tropeiros: Itapetininga, Angatuba, Buri, Itapeva, Itararé, Jaguariaíva, Castro, Ponta Grossa.

As terras que hoje pertencem aos municípios de Angatuba e Campina do Monte Alegre, pertenceram ao município de Itapetininga até 1885, quando se verificou a emancipação do município de Angatuba. Vários bairros rurais de Angatuba eram pouso de tropeiros rotas alternativas: o Patrimônio de São Roque (atual Campina do Monte Alegre), Bom Retiro, Faxinal e outros. O relato oral da Sra. Maria Joaquina Barbosa, vem comprovar a existência do tropeirismo na região:

> *(...) Meu vô era tocado de criação. Até meu pai (Egídio Barbosa) ajudo tropia pro Sinho Soare. Era uma tropa de burrada na frente, cum bruaca, carregava munição, cumprende? Naquele tempo usava muita tropa de burro. Aquelas bruacona dessa artura, feita do mesmo coro do boi. Ali inchia, ali ponhava o coberto, os travessero, a munição pra posa nas estradas, né? Im quarque lugar imbarrancavam, ali ficavam*

---

[19]A discussão em torno das diferentes formas de povoamento explica que as "*Sesmarias, para a formação das cidades tiveram importância na medida em que, para requerer uma delas, alegava-se, entre outros compromissos, pretender ir povoar determinado lugar. O dono mudava-se para ela com sua família. É preciso considerar que, quando se diz família nos primeiros séculos de nossa história, entende-se a 'gens' toda composta de toda parentela e dos administradores*". (BORBA DE MORAES, 1935, P. 79). Da fazenda resultante do cultivo da sesmaria, surgiria mais tarde, o núcleo de povoamento. "*A sesmaria, entretanto tem um valor maior para o povoamento rural, esparso, que para o povoamento concentrado em forma de cidade. A sesmaria produziu a fazenda, a fazenda a capela, ou o patrimônio e esses, as cidades*". (BORBA DE MORAES, 1935, p. 80). O regime sesmarial foi extinto em 1822 com a Independência, mas, enquanto vigorou, a concessão das sesmarias não anulava inteiramente os direitos dos primitivos posseiros. Porém, "*apesar de que os ocupantes originais tivessem conseguido um certo direito às terras que cultivavam, a maioria foi sumariamente expulsa pelos donatários*". (DEAN, 1977, p. 32). Os caboclos eram empurrados sempre mais para o sertão, e desta forma mantinham os índios à distância das fazendas. (MANCUSO, 1998, p. 96).
E como coloca Antônio Cândido: "*A sesmaria foi a maior fonte de propriedade no regime colonial, consistindo, como se sabe, na concessão de terra a quem requeresse legalmente, com a condição de lavrá-la dentro de seis meses*". (CÂNDIDO, 1982, p. 59).

*posando pra discansá as criação. Intão, como o Sinho Soare fornecia pros camarada da fazenda, bastante colono, né, intão pra í busca o fornecimento: querosene, sar, é... tanta coisa, tudo essas munição era cum tropa de burro. Eles ponhava quarenta e cinquenta mula na estrada, tudo cum cangaia. A senhora num conhece cangaia? E, depois, as bruaca de lado, feito de coro de boi, parecia um saco, cumprende? Intão, aquilo ali inchia de mercadoria e custuravam cum agúia e tocava no animar, e o animar vinha co' aquela tropona cheia de munição iguar como carrega um caminhão agora. Tudo no lombo dos burros, era os burro que levava, e eram tudo capiado. Cada um dos burro depois de carregado, eles tinha mais otro, era tudo coro de boi naquele tempo, num é como agora, que tem os prástico, essas coisa... Agora, ponhavam aquele corão de boi im cima, passava a carrera, apertava ali aquela barrigona, pudia chove que num moiava a mercadoria. Pudia carregá sar, que num moiava. Tudo vinha de Sorocaba qu' é lugar mais praticado.*

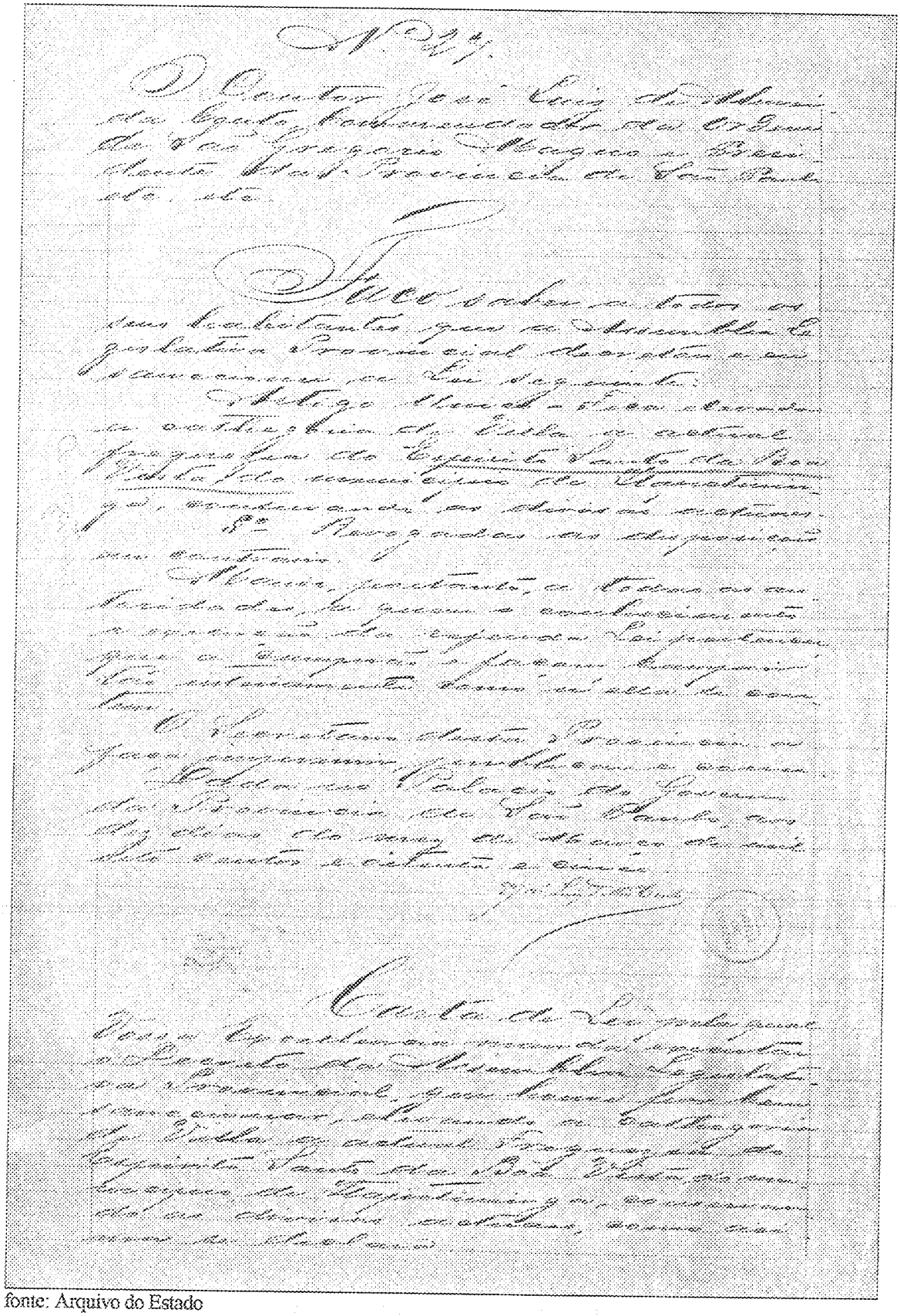
*Naquele tempo, Sorocaba já era cidade já formada, aqui que era o lugar do sertão. Ah! tamém im Tatuí que era cidade véia, Itapetininga tamém que já era começada naquele tempo. Eles trazia muita mercadoria de lá. Ficavam viajano aí semana e mais semana, caminhando pelas estrada. (...) Meu pai e o meu tio Jovêncio Barbosa intão tropeavam, eram cantado cum viola, e fandanguêro de primera. A viola acumpanhava eles im tudo.*

*Mais eu me alembro quando era minina, das tropa que passava no sítio do meu pai, ali no bairro das Pedra. Porque depois que o meu pai saiu da fazenda dos Soare, ele compro esse sítio ali. Daí as tropa passava na casa do meu pai lá, eles tavam viajano pra í im Itapetininga e chegava no ribeirão, prá discansa. Eles fazia fogo lá, bebia água, cozinhava tudo... despois eles ia pra frente otra vez, viajano sempre. Sem contá os sofrimento, até que era bonito... naquele tempo isso era bonito!* [Depoente Maria Joaquina Barbosa, Angatuba, 1990, pp.31/32]

Em 1862, foi fundada a capela do Ribeirão Grande do Palmital, a qual foi elevada à freguesia pela Lei Provincial de 11 de março de 1872 com a denominação de Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista. Foi criado o município do mesmo nome pela Lei Provincial de nº 27 datada de 10 de março de 1885. Este foi elevado à categoria de cidade pela Lei Estadual de nº 1038, de 19 de dezembro de 1906. O município do Espírito Santo

da Boa Vista e, conseqüentemente, o distrito do mesmo nome, passaram a se chamar Angatuba[20], pela Lei Estadual de nº 1150, de 17 de dezembro de 1908.

[20] Angatuba, acoplamento do substativo tupi-guarani Angá com o advérbio tupi Tuba. Angá, quer em tupi, quer em guarani, significa alma, espírito. Tuba, sufixo tupi, indica quantidade, abundância. Angatuba, literalmente falando, nada mais é que "reunião de almas", ou "assembléia dos espíritos", ou melhor ainda, por ser mais poético "mansão das almas". Filia-se, portanto, Angá à idéia do Espírito Santo. Sabe-se que os indígenas da região assim recitavam o sinal da cruz: "*Santa curucé, nhangaba recé*". Angá, seria então abreviatura ou corruptela de nhangaba, tudo de acordo com seu primitivo nome de Espírito Santo da Boa Vista.



fonte: Arquivo do Estado

Tanto os vendedores de animais do Sul quanto os compradores do Norte perceberam a conveniência de se fixar um ponto intermediário para suas negociações e conceberam Sorocaba como o espaço para que essas feiras fossem realizadas.

Segundo Aluísio de Almeida (1971, p. 42), a causa da localização da Feira de Muares em Sorocaba foi a fundação do registro de animais junto ao rio. O rio separava o contribuinte e o governo recebedor. O comprador é que por uma lei econômica natural pagava o imposto. Isso concorreria para o encontro com o vendedor em Sorocaba.

Para Sorocaba convergiam anualmente tropeiros, que saindo do sul, entre os meses de setembro e outubro aproximadamente, registravam suas tropas em Curitiba e, por volta de fevereiro, março, fixavam-se em Araçoiaba da Serra.

Com pequenas variações, entre os meses de fevereiro a junho, iniciavam as feiras, impulsionadas com a venda do primeiro lote de animais que, geralmente, demorava alguns dias.

*"Rebentou a Feira!". "Rebentou a Feira!".* Eram esses os gritos que não só os sorocabanos como as pessoas de todo o país que lá se encontravam ouviam, sendo associados à notícia da realização da primeira transação comercial. A partir de então, três a cinco vendas eram concretizadas diariamente.

O comércio de tropas, durante o período que vai da primeira feira, por ocasião do registro, fundado em 1750, à última feira, em abril de 1897 (quando ocorreu o primeiro surto de febre amarela), concorreu para que toda a vida da cidade se transformasse, identificando-se com esse mercado de compra e venda de animais.

Anualmente, as feiras ganhavam animação, colorido e avantajadas fortunas e capitais se amealhavam e iam sendo empregados no comércio de muares.

A atividade mercantil gerada pela feira passou a aglutinar uma população flutuante, convivendo com variados espetáculos, tornando Sorocaba uma cidade agitada, barulhenta, mais movimentada que muitas capitais de província. O fandango, dançado à noite nas praças, era entremeado por "desafios" ao som de violas tocadas por violeiros de Itapetininga, Guareí, Itapeva, Castro e mesmo de Sorocaba. Os batuques, manifestação afro-brasileira, "eram então uma espécie de mal necessário, um escapar ao cativeiro das mesmas lutas cotidianas". Essas mesmas gentes de Itapetininga e Sorocaba, já nos primórdios do século XVIII, recebiam os avisos e repreensões das autoridades religiosas,

por misturarem estas profanidades às rezas do terço e das ladainhas. Não menos barulhento também era o vai-e-vem dos mascates estrangeiros e nacionais, dos escravos e escravas domésticas ofertando bolinhos de frango, peixes do rio Sorocaba e quitandas feitas pelas matronas sorocabanas (ALMEIDA, 1945, pp.131/146).

Nas suas tendas, os ourives, os folheiros, os joalheiros, os seleiros contribuíram para que suas manufaturas fossem também tributadas no emergente comércio de gado. A indústria de artefatos de couros, auxiliada pelo trabalho dos ourives, especializados também em prata, enriquecia e enfeitava os arreios. A partir de Sorocaba esses profissionais se espalharam pelo Brasil. Houve a indústria do arriamento, pois Sorocaba confeccionava selas, lombilhos e arriamentos de todos os tipos, começando pelo curtimento do couro. As selas sorocabanas iam desde as simples, mas fortes, fabricadas em grande quantidade para a Guerra do Paraguai, até as sofisticadas, enfeitadas com metais brancos, prata ou ouro, tudo trabalhado com muito esmero.

A Real Fábrica de Ferro Ipanema ou Fábrica São João de Ipanema contribuía com uma das maiores fontes de riqueza da Província e do Império, pela grande quantidade de ferro que produzia e de melhor qualidade. No trato com o ferro, não havia somente profissionais dessa fábrica mas os ferreiros particulares, especialistas em grades residenciais, instrumentos para aprisionar e castigar escravos, objetos domésticos e para as tropas, como as facas e os facões, as chamadas "as sorocabanas" (VIEIRA, R., 1983, p.21).

Do algodão herbáceo, plantado e colhido na região, fazia-se um pano um pouco grosseiro que servia para as vestimentas dos escravos e que também se exportava para o Rio de Janeiro. Era também usado na tecelagem de alguns tecidos rústicos e na confecção das famosas redes e baixeiros para os tropeiros. O liberal Manuel Lopes de Oliveira incrementou a montagem do primeiro núcleo industrial na Província de São Paulo, em 1852, em sua propriedade, a Chácara Amarela, situada nos arredores de Sorocaba. A fiação e tecelagem de algodão eram tocadas por escravos. Em 1882, a indústria Nossa Senhora da Ponte foi uma das mais produtivas. Hoje o setor têxtil continua sendo importante ramo da atividade industrial da cidade (PRESTES, 1999, p. 16).

Em 1842, quando a Vila de Sorocaba foi elevada à categoria de cidade, também aconteceu a Revolução Liberal, cujo chefe, o Coronel Rafael Tobias de Aguiar, um tropeiro, rompeu com o Governo e chegou a ser proclamado Presidente da Província de

São Paulo, apoiado pelo Regente Feijó. Neutralizado e perseguido pelo exército de Caxias, o revolucionário sorocabano, disfarçado de tropeiro, fugiu para o Sul (PRESTES, 1999, p. 16).

As artes cênicas também faziam parte da vida sorocabana. Primeiramente, o gosto pela representação artística nos "autos" públicos, onde os artistas se apresentavam no "tablado", montado no Largo das Tropas (atual Praça Fajardo). Mais tarde, no segundo quartel do século XIX, companhias importantes, que trabalhavam em São Paulo e Campinas, se exibiam no Teatro Santa Clara ou no Teatro São Rafael, este construído pela família Lopes de Oliveira, em 1844 (VIEIRA, R., 1983, p.22).

Na segunda metade do século XIX, aconteceu a disseminação do "ideal republicano" no país, lançando-se na cidade o Manifesto Republicano, em 3 de dezembro de 1870, e a fundação do jornal "A República". Em 3 de novembro desse mesmo ano, Ubaldino do Amaral fundou o Clube Republicano de Sorocaba, com a finalidade de se aumentarem as hostes do Partido Republicano Paulista (PRP). Mas foi sobretudo na "Convenção de Itu", em 18 de abril de 1873, que entre os dezessete Clubes Republicanos, Sorocaba foi reconhecida pela significativa participação de Ubaldino do Amaral, Joaquim Silveira Rodrigues, Antônio Joaquim Lisbôa e Castro, Jesuíno Pinto Bandeira e João Lycio.

Foram os tropeiros de tropas xucras e arreadas que desempenharam o papel de difusores de idéias e notícias, usos e costumes, cumprindo assim um relevante serviço na unificação cultural do País. Destarte, foi na cultura popular que o tropeirismo proporcionou uma das maiores contribuições para o enriquecimento e perpetuação da identidade cultural da região de Sorocaba.

Conforme salienta Geraldo Bonadio no texto "Cultura Erudita e Cultura Popular: a contribuição do tropeirismo": (...) encarada a cultura como um sistema simbólico, inseparável da ação social, em cujos contextos específicos são produzidos os significados, podemos afirmar que o tropeirismo, ciclo do qual ainda hoje encontramos vestígios, tem uma relação íntima com as bases culturais dessa região (BONADIO, 1983, p. 34).

Apesar dos municípios da região de Sorocaba apresentarem suas comunidades rurais em processo de desagregação, da marginalização econômica vivida pelo trabalhador rural nas periferias das cidades e gradativamente, ocorrendo a perda das raízes culturais

pastoris e luso-brasileiras, neste final de milênio, a tradição pastoril começou a reascender na região, motivada pela Semana do Tropeiro de Sorocaba, das Feiras Agropecuárias e Festas de Rodeio. A criação do Centro de Tradições Tropeiro-Boiadeiro, em Itapetininga, tem sido modelo para a formação de outros Centros de Tradição Tropeirista, que possam servir de vínculo às manifestações dessa cultura:

> *Estou querendo resgatar como questão municipal da cultura, embora não se limite à Casa da Cultura, a construção de um Centro de Tradição Tropeira que existe e é muito forte essa questão, pois está no inconsciente coletivo, essa coisa de Tropeirismo. Falei com umas pessoas aí, e ficaram bastante entusiasmadas. Nisso tudo foi passado um "apagador". Nesse processo de urbanização do país, a cultura rural ficou desmerecida, pois as pessoas envergonhadas de suas origens agropastoris, tiveram necessidade de serem urbanas. Mas, com o insucesso do fenômeno da urbanização brasileira, acabaram não sendo nem uma coisa nem outra. Essa nova realidade tem levado as pessoas buscarem suas reais identidades. Se há dez, quinze anos atrás se falasse em Tropeirismo, Gauchismo... não teriam repercussão, uma coisa chula, ninguém gostaria de cultivar. Mas, agora não, há ambiência favorável e nós vamos reelaborar as nossas tradições e criar um Centro Tropeiro* [Depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa, Angatuba, 2000, p. 28].

Canções de músicas sertanejas estão sendo divulgadas e as modas de viola, afinadas com a identidade cultural da região, estão mais valorizadas e difundidas. Capela do Alto, Capão Bonito, Itararé e Angatuba continuam perpetuando a dança do Fandango, dando a esse sapateado de origem hispânica, novas significações. O fandango está intimamente ligado ao canto e este, por sua vez, à viola, originando a "roda de violeiros". Tivemos animados fandangos e, conseqüentemente, bons violeiros, que participavam não só das festanças no meio rural, como também das nossas movimentadas quermesses das festas tradicionais. Do famoso "Fandango do Miliano" (Emiliano Leite de Meira, produtor de modas, violeiro) participou o italiano Humberto Sardella, que em seu depoimento destacou a relevância dos traços culturais do tropeirismo e sua vitabilidade em difundir-se entre os grupos de imigrantes italianos: "Eu cumpanhava o Miliano nos fandango e eu cantava muita moda. Ah! Eu gostava era da moda 'Rapa-tuía', que dizia que fartava arroiz, fartava fejão, fartava farinha (...). Eu dançava e cantava no fandango, sabia umas par de moda do Miliano. Eu cantava muito co João Fogaça (...). Eh, meu Deus do céu! Meu

coração tá batendo fora do lugar!" [Depoente Humberto Sardella, Bairro do Bom Bom, Angatuba, 1999, p.33].

Também na região há a tradição de danças de origem luso-brasileira, como a Catira e Cateretê, bases da cultura caipira.

Sorocaba, Tatuí e circunvizinhanças desenvolveram o Cururu, uma espécie de desafio, o qual Aluísio de Almeida pesquisou, afirmando que *Nas viagens dos tropeiros* havia até cururu e minuano. O cururu é bem paulista. Sai um peão à roda, com a viola, e improvisa toadas já comuns, os companheiros fazem o coro final, também havia o batuque muito mais alegre, com aquelas esporas! Viola para eles era 'cocho' (ALMEIDA, 1971, p. 81).

As vivências relatadas das histórias do povo dessa região estão todas entrelaçadas, no tempo e no espaço, com os tropeiros, de um modo geral, e com os tropeiros de animais e muleiros, em particular. E Angatuba, como partícipe desse ciclo, apropriou-se do vasto universo de signos, de símbolos e tem procurado reelaborá-los, através das gerações.

A base do incipiente regime capitalista brasileiro teve, indubitavelmente, raízes plantadas, em parte, no capital resultante do comércio de mulas, cavalos e bois, além do de mercadorias por eles transportadas. Isso contribuiu, significativamente, para acumular o capital, que possibilitou o desenvolvimento da futura economia cafeeira.

Com o desenvolvimento da cafeicultura na região, a ferrovia se impôs como meio de transporte acompanhando o avanço dessa cultura. A ferrovia também chegou a Sorocaba em 1872, levando à gradativa superação do ciclo tropeirista.

## 1. 3 – A expansão cafeeira, a imigração e a ferrovia

A produção paulista de café foi relativamente insignificante na primeira metade do século XIX em relação à produção do Rio de Janeiro, sobretudo motivada pela situação geográfica de São Paulo e do embrionário mercado externo do café.

No Vale do Paraíba é que a cafeicultura se implantou e depois atingiu o planalto do Oeste Paulista, onde a região de Campinas tornou-se o centro mais importante

do interior de São Paulo, por apresentar condições topográficas, térmicas, pluviométricas e, principalmente, solos propícios à nova cultura. Desde 1840, o plantio do café em longa escala estava sendo feito de Campinas a Rio Claro (MANCUSO, 1988, p. 114).

A partir de 1860, o café ligar-se-ia à construção de ferrovias, cuja interação com o capitalismo inglês beneficiaria, sobretudo, o Oeste Paulista. A penetração dos trilhos deu-se numa seqüência: Santos-Jundiaí, 1867/1868; Jundiaí-Campinas, 1872; Campinas-Itu, 1873; Mogiana e Sorocabana, 1875; e assim se estabeleceu ligação com a Estrada de Ferro D. Pedro II em 1877.

O novo sistema de transportes, mais ampliado que o das tropas de muares, permitiu maior segurança, eficiência, funcionalidade, rapidez, menores custos e fretes, menores riscos de deterioração do produto, bem como comportava maior volume de cargas. Com as ferrovias, as lavouras se expandiram além das áreas delimitadas pelo tropeirismo. No século XX, antecederam ou acompanharam a expansão do café por áreas como a Alta Paulista, Alta Mogiana e Sorocabana.

A ferrovia constituiu, com certeza, a introdução de um fator capitalista multiplicador de grande porte, destinado a provocar alterações no próprio sistema de produção. O interessante é tratar-se de um componente capitalista introduzido num momento de expansão de uma economia escravista (LAPA, 1983, p. 93).

Outra articulação que as ferrovias estimularam foi o escoamento da produção pelos grandes portos, Rio de Janeiro e Santos, portanto, dois grandes avanços tecnológicos inter-relacionados: os navios a vapor e as ferrovias. A navegação era, pois, a "linha vital" que possibilitou a ligação de São Paulo com os mercados consumidores, tanto a crescente demanda de café nos Estados Unidos e Europa, associada ao aumento da produtividade no Brasil, e possibilitava a vinda de trabalhadores de vários pontos da Europa Meridional. E a ferrovia, ligando o interior ao litoral, era o complemento terrestre da navegação transatlântica. Os trilhos atingiram a fronteira de povoamento do Oeste, tornando economicamente viável a exploração dos ricos solos do planalto interior (HOLLOWAY, 1984, p. 21).

Portanto, a participação exclusiva de São Paulo na economia mundial foi garantida pelo mercado internacional do café. Isso gerou, a partir de 1880, na província e

depois estado, um complexo social, econômico, político e cultural, que a crise de 1929 conseguiu abalar.

Para Holloway, a abolição da escravatura, em 1888, ao invés de provocar rupturas, produziu o crescimento da indústria cafeeira no Brasil, fato que levou os fazendeiros paulistas a recorrerem à força de trabalho excedente da Itália, como também de Portugal e Espanha. Isso vem demonstrar a adaptabilidade e capacidade de auto preservação da elite nacional (HOLLOWAY, 1984, p.21).

A "fazenda", unidade básica da produção cafeeira, tinha como propósito a agricultura voltada para a exportação. No período que se estendeu do café, sob o regime servil, ao trabalho livre, a fazenda conservou essa função de mecanismo absorvedor de novas áreas. Desde o início foi uma empresa capitalista, no sentido de que sua razão para existir era a produção para o mercado, visando o lucro. Como tal, congregou fatores de produção de uma maneira idealmente ajustada aos propósitos dos colonizadores europeus originais e seus herdeiros na elite brasileira (HOLLOWAY, 1984, p. 23).

Odilon Nogueira de Matos, em "Café e Ferrovias", escreveu sobre a importância da fazenda de café e seus congêneres para o Estado de São Paulo, no que tange às transformações sociais, econômicas, políticas, históricas e culturais:

> *(...) se considerarmos que em São Paulo, o café alterou a fisionomia física, humana, social e econômica do Estado, criando paisagens próprias, abrindo zonas pioneiras, desenvolvendo os centros urbanos, propiciando o aparecimento de ferrovias, fazendo surgir uma unidade social-econômica bem definida como a fazenda de café, gerando um tipo social e humano, como o fazendeiro, tão característico como o senhor de engenho ou o criador, canalizando para a hinterlândia paulista, levas e levas de imigrantes das mais variadas procedências, fazendo de São Paulo verdadeiro cadinho das mais variadas etnias, contribuindo todos para a constituição do tipo paulista que hoje conhecemos, influindo na vida política do país, já no Segundo Reinado e, especialmente, na Primeira República* (MATOS, 1974, pp. 56/57).

As relações sociais de produção passaram a se construir sob novas bases nas grandes fazendas de café. Segundo Olavo Batista Filho, em A Fazenda de Café em São Paulo:

> *Ela* (a fazenda de café), *não é uma instituição meramente econômica, mas além disso é, sobretudo, um traço cultural da vida social paulista. O café não representa apenas uma riqueza significativa, antes de tudo, um sentimento da vida. Podemos mesmo falar da civilização do café, pois ele criou hábitos, fixou aspectos, determinou destinos, moldou consciências, interferindo, em última análise, de forma decisiva na estruturação da sociedade paulista contemporânea* (BATISTA FILHO, 1952, p.5).

O estabelecimento dessa importante cultura agrícola, especialmente no sistema da grande propriedade (a fazenda), exigido pela própria natureza da atividade cafeeira, fez surgirem as figuras do fazendeiro e do coronel, da mesma maneira que as primeiras formas de ocupação da terra fizeram surgir o assim chamado grileiro, falsificador de títulos de propriedades. Uns e outros, de grande importância na paisagem humana de São Paulo, vieram acrescentar novos aspectos à já tão rica e variada galeria de tipos característicos vinculados às atividades econômicas em nosso país, entre eles o fazendeiro, necessariamente vinculado à propriedade agrícola, e o coronel, ligado, muitas vezes, também às atividades comerciais. Ambos se completam na definição de numerosos estereótipos que bem os condicionam e os individualizam, especialmente, na divisão do poder que exercem nos seus domínios (MATOS, 1974, p. 17).

Pierre Monbeig afirma que, até a década de 30, foram os grandes fazendeiros, de algum modo, os dirigentes de São Paulo. Confundiu-se o interesse coletivo com o interesse de classe. Esse fato sociológico liga-se à geografia do movimento pioneiro. Os problemas da mão-de-obra e, conseqüentemente, o povoamento, o das vias de comunicação, o dos preços, foram considerados e tratados, acima de tudo, em função dos interesses dos fazendeiros. A marcha pioneira foi, primeiramente, preocupação deles (MONBEIG, 1984, p. 141).

Com isso, foi o café que desbravou novas fronteiras, que gerou frentes pioneiras, que estendeu ferrovias, que produziu fazendas, que fixou imigrantes... fortaleceu o sistema regional, não como um processo restrito às cidades, pólos e mesorregião, mas à macro-região do Estado de São Paulo.

Angatuba, por si só, seria inexpressiva, insignificante, se isolada, ou seja, caso não compartilhasse da economia, da política, da cultura regionais. Portanto, era também parte da fisionomia paulista, formada a partir do século XVI, que se caracterizava pelas

entradas contra os gentios; a do século seguinte, pelas bandeiras do ouro; a do século XVIII pelo tropeirismo e a do final do século XIX que se desenha nas linhas paralelas dos cafezais.

Theodoro Sampaio, em "Condições Geográficas e Econômicas sobre o Vale do Paranapanema", fez uma descrição física, espacial, humana, detalhada de Angatuba.

> *(...) região de Campos Gerais, onde a Sudoeste, intermediando o Rio Paranapanema, aparecem manchas de terra roxa, prolongando-se com interrupções de solo arenoso, fraudeando as margens do Rio Guarehy, a Sudoeste, aparecem chapadas cobertas de campos ou de cerrados de solo arenoso e 'frouxo', com muitas matas. Vários espigões entre os ribeirões da Jacutinga, Corrente, Veados, Santo Ignácio, Jacuzinho, que vão ao Paranapanema, de Norte a Sul, mostram as mesmas características, ora um solo rico apropriado à cultura mais exigente, ora campos arenosos, mais vastos à medida que atingem a Vila de Guarehy. Há, pois, dentro desta parte do Vale do Paranapanema, extensas áreas para o cultivo do café e algodão, situado estes gêneros entre os principais produtos da economia (...). A população que hoje aflue a estes sertões é quase toda oriunda do Sul de Minas, donde vem em bando considerável, ao menos até 1886; composta toda ela de criadores e de agricultores, representando-se por famílias inteiras, transportando-se para estas longínquas paragens, com todos os seus haveres, abundância de gado, escravos e de capitaes. É como se vê, uma immigração das melhores, e que além da força que representa como número e importância de suas posses, é uma população corajoza, tenáz, activa, e que já vem disposta, dia por dia a luctar, com um inimigo invisível e perigoso, como é o índio bravo. Esta gente vae assim invadindo o sertão e desalojando incessantemente o bugre* (SAMPAIO, 1960, pp. 103/ 106).

A questão da terra foi de grande importância para o desenvolvimento desta região, que contava com vastas superfícies desocupadas e disponíveis, resultantes de terras de sesmarias, terras devolutas, grilagens e posses legitimadas ou não...

No Oeste do município de Itapetininga, área de Angatuba, por volta de 1850, quando da intensificação da ocupação de novas terras, processa-se um momento caracterizado pela ampliação da "fronteira demográfica", levando, conseqüentemente, à expansão da "fronteira econômica".

São dois os componentes básicos da estrutura sócio-econômica-política da região de Angatuba: por um lado, os latifúndios movidos pelo trabalho escravo e dos

agregados; por outro lado, pequenos cultivadores não escravistas, independentes; posseiros, sitiantes minifundiários, estes classificados por Antonio Cândido como "caipira", proprietário ou posseiro relativamente estável, que se valia da própria família e do auxílio vicinal para os trabalhos agrícolas (CÂNDIDO, 1982, p. 63). Saint Hilaire viu "nos pequenos cultivadores, verdadeiros camponeses" (SAINT HILAIRE, 1940, p. 249).

Formavam os agregados o rol dos pequenos cultivadores, anexados à grande propriedade, enquanto os sitiantes minifundiários e posseiros, se situavam fora dos limites do latifúndio, razão pela qual se pode classificá-los de independentes. Os posseiros praticavam uma economia de subsistência; os sitiantes minifundiários, donos de uma propriedade um tanto maior, de lavoura de subsistência, o pequeno cultivo do café, cana-de-açúcar, algodão e tabaco, que abasteciam o mercado dos grandes centros urbanos. Com tais produtos da nossa economia, concorria também a "criação de gado vacum, muar, cavalar, suíno e lanígero".

Além da população mineira citada por Theodoro Sampaio (1960), afluía para este sertão uma população de ascendência portuguesa migrada do Rio Grande do Sul, dos Campos de Curitiba, de Sorocaba, Faxina de Itapeva, de Botucatu, de Itapetininga. As famílias do Sul eram ligadas ao tropeirismo e as do Oeste e Sul de Minas vieram principalmente a partir de 1850, expulsas que foram pela decadência da mineração e pelo medo do alistamento militar, durante a Guerra do Paraguai, de 1864 a 1870. A esse movimento de mineiros, principalmente do Sul e do Oeste de Minas, denominado de "torna viagem", Antônio Cândido localiza no tempo como tendo se iniciado antes de 1850.

O autor Luís Saia transfere esta expressão para o próprio mineiro. Afirma que os mineiros foram desbravadores de regiões paulistas não exploradas e povoadas por bandeirantes, "mas este torna viagem" não carrega nenhum traço do aventureiro bandeirante: é antes um pacato, um roceiro, um criador (SAIA, 1995, p. 95).

Tanto os mineiros quanto os do Sul, em sua maioria, eram sesmeiros, criadores de gado, plantadores de café, de algodão, escravocratas e formadores de bairros rurais, cujas numerosas famílias legaram grande descendência ao município. Entre estas encontravam-se os Prestes de Albuquerque, Monteiro de Carvalho, Leite de Meira, Rodrigues dos Santos, Prado, Camargo, Vieira, Pereira de Moraes, Barros, Ramos

Nogueira, Pires de Lemos, Medeiros, Telles, Lopes de Oliveira, Ferreira, Fernandes e outras.

O relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo, pela Comissão Central de Estatística, também ressalta a cafeicultura no município de Espírito Santo da Boa Vista (atual Angatuba), tanto quanto outras culturas agrícolas e pastoris:

> *As terras do Município são ubérrimas e prestam-se a qualquer gênero de cultura. Os principaes produtos da lavoura são: o café, de que há cerca de 350.000 pés; a canna de assucar e cereaes. Tem o Município em seu seio a serra do Ribeirão Grande, também conhecida com o nome de Serra do Palmital, que possue ainda muitos hectares de mattas virgens e presta-se admiravelmente ao cultivo do café (...) nas encostas da serra há indícios de que o logar é aurifero; mais ainda ninguém entregou-se ao trabalho de exploração (...). Iniciou-se ultimamente, com optimo resultado o plantio de videira de que já se fabrica algum vinho. O valor médio das terras por alqueire (2,42 hectares) é de 30$000 a 60$000 réis. A exportação média de gado vacum é aproximadamente de 1.000 cabeças; a do gado suíno é mais ou menos 4.000 cabeças; a do gado muar e cavalar de 200, havendo também a creação de gado lanígero.*[21]

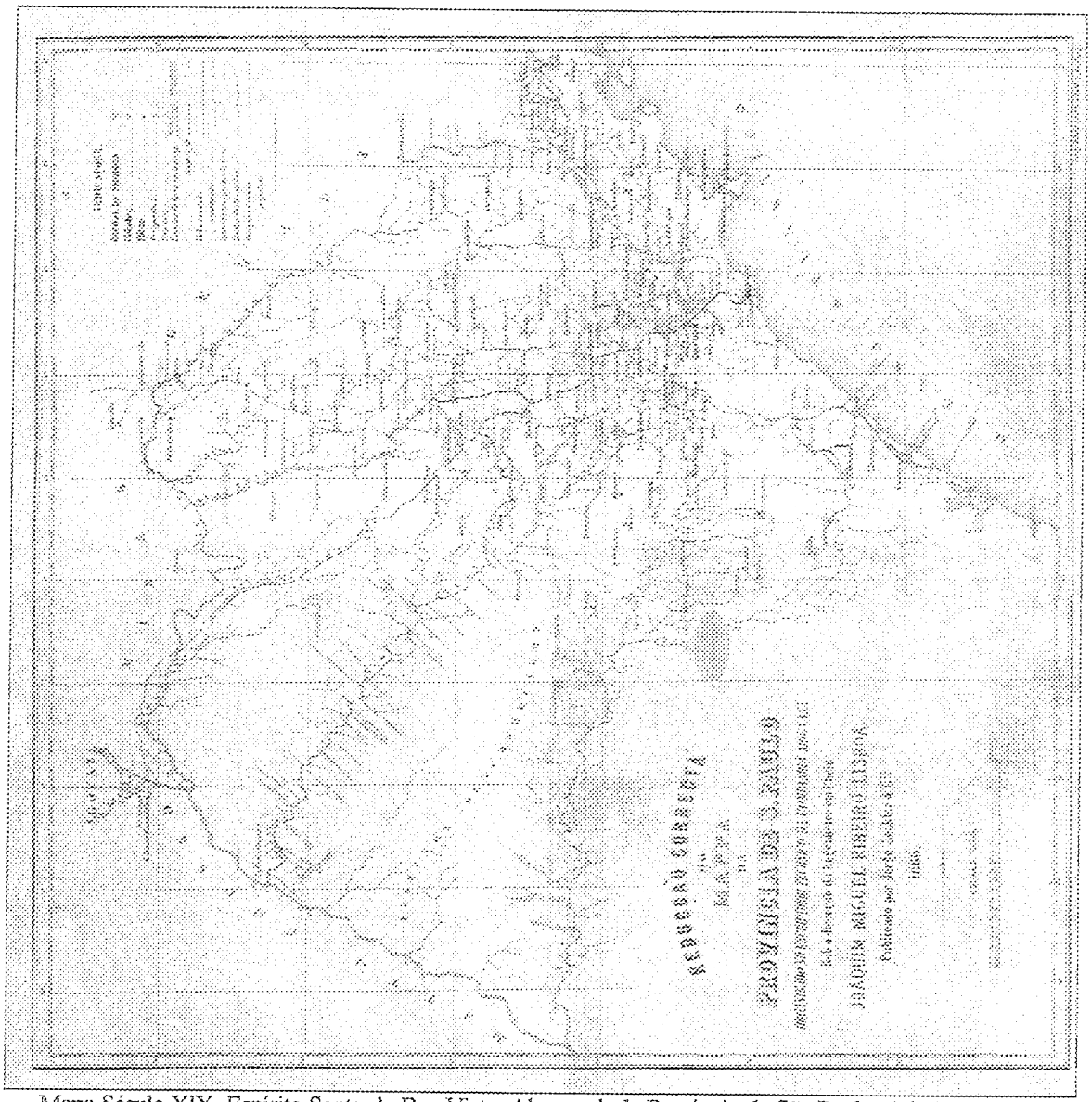
Em 1890, o Almanach da Província de São Paulo, relata:

> *A lavoura do Município é importante e largamente compensada pela uberdade do solo, que produz cereaes e legumes de todos as espécies. Possuindo optimos terrenos livres para café; faz-se deste gênero o principal elemento da lavoura do Município, pois que actualmente contam-se perto de 370.000 pés de café produzindo, e o número superior de 300.000 pés novos. A canna de assucar também é cultivada em pequena quantidade; a videira se acha em adiantamento, fabricando-se já, ainda que por processos rudimentares, vinho de boa qualidade. Não se pode calcular com precisão a colheita de café do Município, porque muitos cafezaes têm dado de novo, podendo-se, entretanto, orçar uma média de 2 kilos por pé que em 370.000 pés*

[21]Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Central de Estatística, composta pelos senhores: Dr. Elias Antônio Pacheco e Chaves (presidente); Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho; Dr. Joaquim José Vieira de Carvalho; Eng. Adolpho Augusto Pinto e Abílio Amélio da Silva Marques. (São Paulo, Leroy King Bookwalter Typographia King, 1888, pp. 366/368).

*produzem 49.333 arrobas das quais perto de dez mil são consumidas no Município.*[22]

Também população de origem não brasileira encaminhou-se para a região, pois a abundância de terras férteis e baratas onde se iniciava o cultivo do café foi o grande fator de atração de grupos de imigrantes italianos, provenientes das regiões da Toscana (Itália Setentrional) e Campânia (Itália Meridional).




Mapa Século XIX. Espírito Santo da Boa Vista. Almanach da Província de São Paulo. Administrativo, Industrial e Comercial para 1887. Fundado e Organizado por Jorge Secker, Quinto Anno, São Paulo.

[22] Almanach da Província de São Paulo, Villa do Espírito Santo da Boa Vista, 1890, p. 461.

Aluísio de Almeida reafirma a descrição sobre Angatuba e região: (...) "A serra de Angatuba, e os morros que aludimos, são de terra roxa como a serra de Botucatu e nessa zona algodoeira por excelência, ilhotas onde o café chegou a ser exportado em fins do Império. A altitude média dessas atalaias do sertão é de 800 metros. E eram arrastadas até o alto por juntas de bois, os pesadões locomóveis que tocaram a indústria do beneficiamento da rubinácea" (ALMEIDA, 1945, p.97).

O café primeiramente e depois o algodão eram transportados em lombo de burro e, mais tarde, pela estrada de ferro Sorocabana até o porto de Santos.

Em 24 de maio de 1870, foi criada a estrada de ferro Ituana e aos 20 de março de 1871, a Sorocabana, a qual foi incorporada à primeira, passando ambas a serem enquadradas no rótulo de "Ferrovias do Café" (SAES, 1981, p. 93).

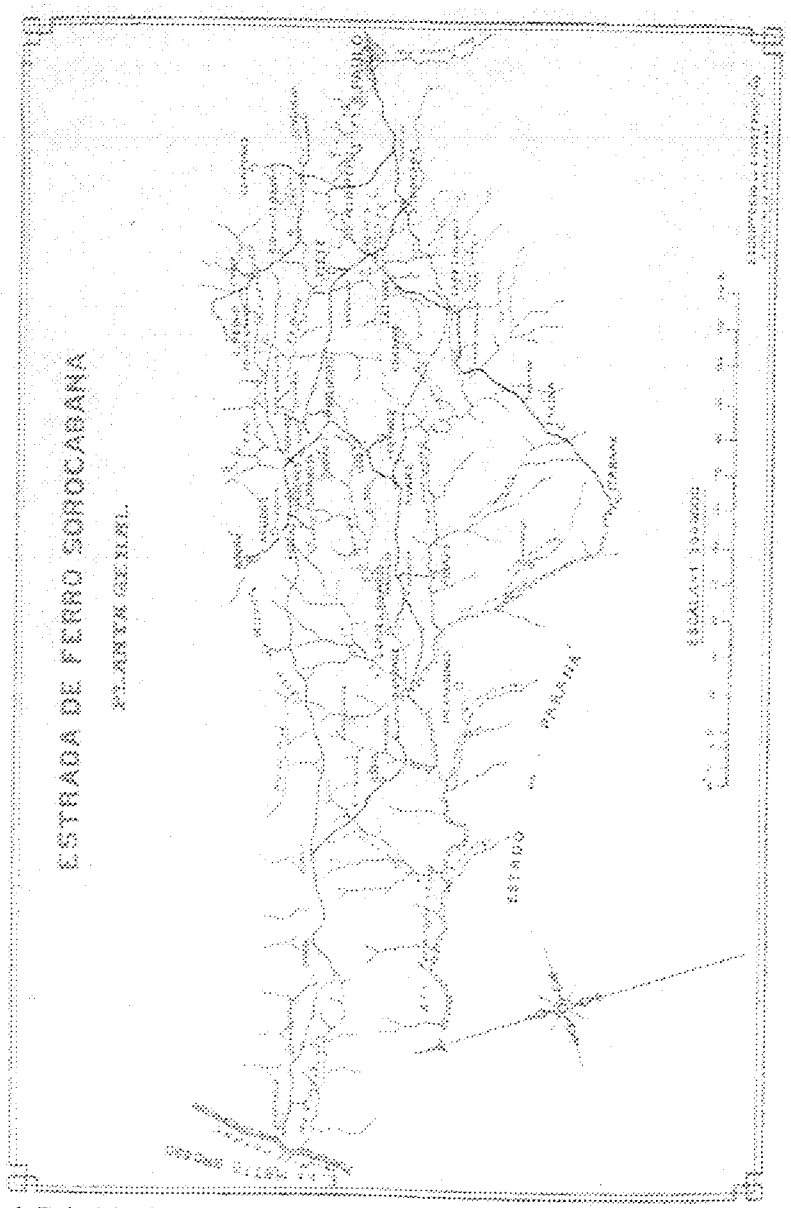
Em 31 de dezembro de 1875, foi entregue ao tráfego a linha entre São Paulo e Ipanema que em 1° de janeiro de 1883, atingiu a cidade de Tietê. Em 07 de fevereiro de 1894 foi feito um contrato entre o governo do Estado, o Banco Construtor do Brasil e a Companhia União Sorocabana e Ituana para a conclusão do trecho do ramal de Tatuí a Itapetininga[23].

> *Mas ainda bem que não parou ahi a obra da Companhia Sorocabana, pois os últimos annos longe de lhe correrem infecundos, assignalam que a corajosa empresa atravessa o periodo de sua maior actividade. Basta dizer que tem a Companhia em construcção o prolongamento a Botucatu, enquanto por outro lado, trata de avançar para o Sul, de Boituva a Tathuy e Itapetininga, caminhando em demanda do Vale do Paranapanema – a sua terra de Chanaan. (...) Não está longe o dia em que as mais remotas paragens do extremo ocidental da Provincia serão chamadas ao convívio da civilização. Se, por este lado, tal é o campo que tem diante de si a Sorocabana, também é certo que, como linha estratégica é a que terá de estabelecer a communicação interior com o sul do Império. As estradas das Companhias Paulista, Ytuana e Sorocabana, caminham a avassalar os três grandes valles – do Rio Grande, Tietê e Paranapanema, conseguintemente, a immensa bacia do Paraná"*[24].

[23] Leis, Decretos e Contractos relativos às concessões vigentes de estradas de ferro, outorgadas pelo Governo de São Paulo (1869-1913), Directoria de Viação, Secretaria da Agricultura, Commércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, Estrada de Ferro Sorocabana. (Typographia do "Diário Oficial", São Paulo, 1914, pp.300/320/329/410).

[24] Idem. Relatório da Comissão Central de Estatística. (São Paulo, 1888, p.267).

Em 18 de janeiro de 1905, o governo federal vendeu ao governo do Estado de São Paulo a estrada de ferro União Sorocabana e a Ituana. No mesmo ano, deu-se o prolongamento da Ferrovia de Tatuí às divisas do Estado do Paraná, denominando-se este traçado Ramal de Itararé, nessa época já construído até Itapetininga. Entre as principais estradas de ferro que saíam da Capital do Estado, a Sorocabana era a sétima e ligava São Paulo ao Paraná, passando por Cotia, São Roque, Sorocaba, Itapetininga, Angatuba, Buri, Faxina e Itararé.




Planta Geral, Relatório da Estada de Ferro Sorocabana e Estrada de Ferro Funilense, referente ao ano de 1923. Casa Vanordem, São Paulo, p.15

O governo do Estado de São Paulo, em 22 de maio de 1907, arrendou a estrada de ferro Sorocabana ao norte-americano Percival Farquhar e ao francês Hector Legrû, obrigando-se os mesmos a complentarem a construção do ramal de Itapetininga a Itararé e o colocarem em condições de ser trafegado no prazo de dois anos.[25] A estrada de ferro Sorocabana passou a denominar-se Sorocabana Railway Company. Em 1919, voltou a ser administrada pelo Estado.

O ramal de Itararé com 207 km tinha como traçado a estrada batida dos índios para o Sul, que servia aos tropeiros.

> *Após a decadência das feiras afamadas ensaiou-se o cultivo do algodão que em poucos anos tornou-se vulto de comércio (...) e existência de uma fábrica de tecidos bastante próspera em Sorocaba. Entretanto o comércio de Sorocaba conserva ainda um âmbito mais vasto do que lhe assinalam os limites do município. Toda essa imensa região do Sudoeste da Província até as fronteiras do Paraná se abastece em Sorocaba, que é incontestavelmente a praça mais importante desse lado de São Paulo."* [26]

O algodão está entre as mercadorias que surgiram desde os primeiros anos de operação, sobretudo da Sorocabana, isto porque a cultura do algodão surgiu em Sorocaba como um ramo de exploração que vinha providencialmente substituir o comércio de animais, que a estrada de ferro parecia destinar irremediavelmente ao desaparecimento total (CANABRAVA, 1951, p. 104).

Na década de 30, o cultivo de algodão, estimulado sobretudo pelo mercado externo e pela necessidade de substituir o café, expandiu-se em São Paulo, tornando-se a zona Sorocabana a maior produtora de algodão do Estado. Tanto a ferrovia, quanto a industrialização, proporcionaram a Sorocaba novas feições, agora reconhecidamente como grande centro regional.

---

[25]Idem. Leis, Decretos e Contractos relativos às concessões vigentes de Estradas de Ferro, outorgadas pelo Governo de São Paulo (1869-1913). (São Paulo, 1914, pp. 442/451/452).
[26]Ibidem. Relatório da Comissão Central de Estatística. (São Paulo, 1888, p. 620).

## 1.4 - ANGATUBA - A primeira organizacão da vida urbana e a chegada dos imigrantes

O início da organização da vida urbana, o esboço de Angatuba como um fato urbano, aconteceu por volta de 1862 1° documento escrito e respectivamente registrado no Livro do Tombo da Diocese de Sorocaba e no Registro de Provisões da Diocese de São Paulo, em 15 de abril de 1874 e, 1° Livro de Atas da Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista em 1887.

> *Foi no anno de mil oitocentos e sessenta e dois que o fazendeiro Tenente José Marco de Albuquerque deo começo à Igreja da Matriz deste logar sendo então terrenos circunvizinhos de mattas virgens e pertenciam a Dona Maria Genoveva dos Santos e herdeiros João Martins dos Santos e Domingos Leite do Prado. O Tenente Marco comprou os ditos terrenos pelo preço de duzentos e cincoenta mil réis e deo começo a Igreja Matriz (...)*[27]

E, as razões de se constituir um povoado:

> *(...) a pobreza d'este bairro, que como testão havia muita gente de 19 a 20 annos que não conheciam Igreja, nunca presenciarão um ato religioso. Havia crianças até a idade de 8 annos que não erão baptizadas por falta de recursos a seus paes para o levarem a cidade visinha (...)* [28]*. Em 1867 casou-se a viúva Ilma. Sra. Dona Maria de Camargo com o Tenente Coronel Thomáz Dias Baptista Prestes, este concluio o serviço da Igreja com adjutório de uma sociedade que para esse fim criaram (...). Mandou vir de Portugal um Divino Espírito Santo de prata e deo para padroeiro e após a provisão de benção a 4 de abril de 1874, foi benta a 4 de outubro, sendo feita a festa todos os annos (...). O Reverendíssimo Bispo Diocesano mandou ali parochiar o Padre Caetano Tedeschi em 1° de janeiro de 1876. Com as continuas festas que fez o nosso vigário os moradores de mais longe tinham necessidade de fazerem sua casa para terem abrigo durante as festas, e quando vinhão a missa, já existindo hoje mais de 60 casas e outras em construção (...)* [29].

---

[27] 1° Livro de Atas da Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, p. 4.
[28] Livro do Tombo da Diocese de Sorocaba, 1887; e, Registro de Provisões da Diocese de São Paulo 1867-1970, ACMSP 01-02-36, p. 20.
[29] Idem. p. 21. E constava, neste registro, a chegada do primeiro imigrante italiano, o padre Caetano Tedeschi, em 1876.

O Livro do Tombo refere-se tanto à compra do terreno para a construção da Capela como também à doação de 250 braças de terras no local que foi dado para patrimônio. Murilo Marx esclarece-nos que

> *(...) fazendeiros doam parte de suas terras à constituição de um patrimônio voltado por tradição, quem sabe ainda por devoção, a algum santo, porém jamais livre de superados controles e obrigações legais, atingindo o modo enfiteutico de detenção do domínio direto das terras por partes de uma capela (...). E o velho sistema de criar patrimônio e capelas através de doação de pequenas partes dos latifúndios persiste, todavia (...), uma entidade coletiva que vai dividí-la e repassá-la para aspirantes menores de acordo com a iniciativa de seus grandes detentores* (MARX, 1991, p. 89).

Essa questão de criação de patrimônio e capela curada insere-se certamente, no antigo quadro desigual de distribuição das terras ressurgindo da grande mudança imposta pela Lei nº 801, de 1850, como solução em algumas regiões na " costumeira brecha do sistema fundiário" brasileiro. Como vantagem, estaria incluída a oportunidade do negócio: a venda dos lotes?

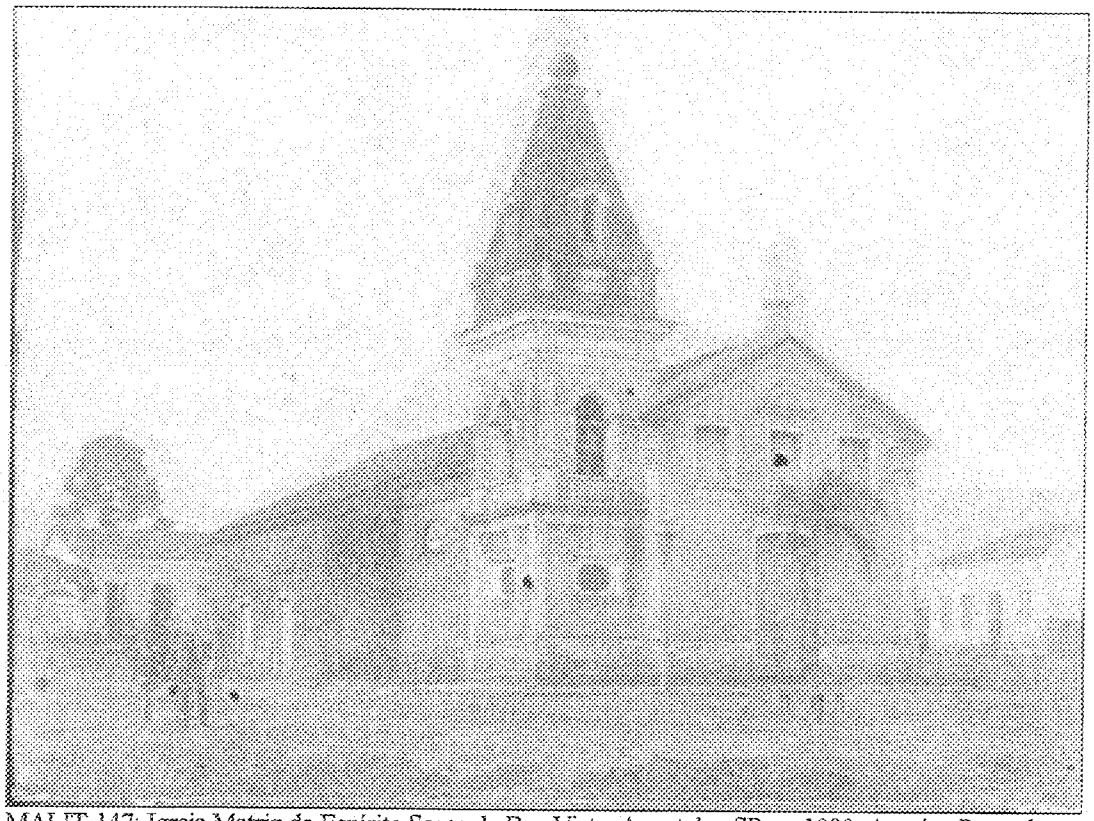
E as divisas do patrimônio foram delimitadas:

> *Comessará do Córrego do Catanduva com a Ribeira, por este a baixo athé aonde ficarem em linha com a frente da mesma vendedora, e cortará a dita frente por esta athé o canto, e dahi pela cerca do quintal athé o canto e na mesma linha athé uma grotinha do olho d'água, e por este acima athé a estrada que vai para o Guarehy e por diante athé uma grota da lagoa, e daqui medir-se dusentos e cincoenta braças, aonde se fincará um marco e daqui procurará o rumo direito outro marco do córrego da lagoa e acima dicto*[30]

Houve necessidade de organizar a vida das pessoas, criando a "forma embrionária" de vida urbana. À vila, como sede municipal, justapõem-se a capela, o adro, a Casa da Câmara e cadeia; configuram-se, portanto, o poder político e o eclesial. Não há registro de pelourinho ao redor do adro, limite territorial da capela, onde os "donos do poder", "cafelistas", escravocratas, construíram seus casarões, projeção do seu mundo rural no espaço urbano. Estes eram habitados apenas por ocasiões das festas religiosas, como a

[30]Idem. 1º Livro de Atas da Camara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, p.6.

do padroeiro Divino Espírito Santo e também em épocas de eleições, as quais se realizavam no casarão do Major Manoel Pereira de Moraes.



MALIT-147: Igreja Matriz do Espírito Santo da Boa Vista, Angatuba, SP, ca 1900, Arquivo Pessoal.

Os poderes se instauraram, nomeando-se representantes do poder político o prefeito, os vereadores, os juízes-de-paz, o sub-delegado, que controlavam as atividades, os negócios, as eventuais reclamações que surgissem por parte da acanhada coletividade emergente, como também atritos que isso pudesse acarretar.

A população também era constituída de pequenos e médios comerciantes, muitos deles avizinhavam-se da elite agrária em um espaço senhorial de localização privilegiada: o Largo da Matriz. Eram eles os proprietários das lojas de fazendas e armarinhos, dos armazéns de secos e molhados, do açougue e da botica. Os artesãos ocupavam um espaço mais de periferia com suas ferrarias, funilarias, carpintarias e olarias. Aquém dos limites do patrimônio, começaram a proliferar chácaras, constituídas por médios proprietários rurais com grandes oportunidades de negócios, vendendo lotes, aforando ou tomando-os pastos de aluguel.

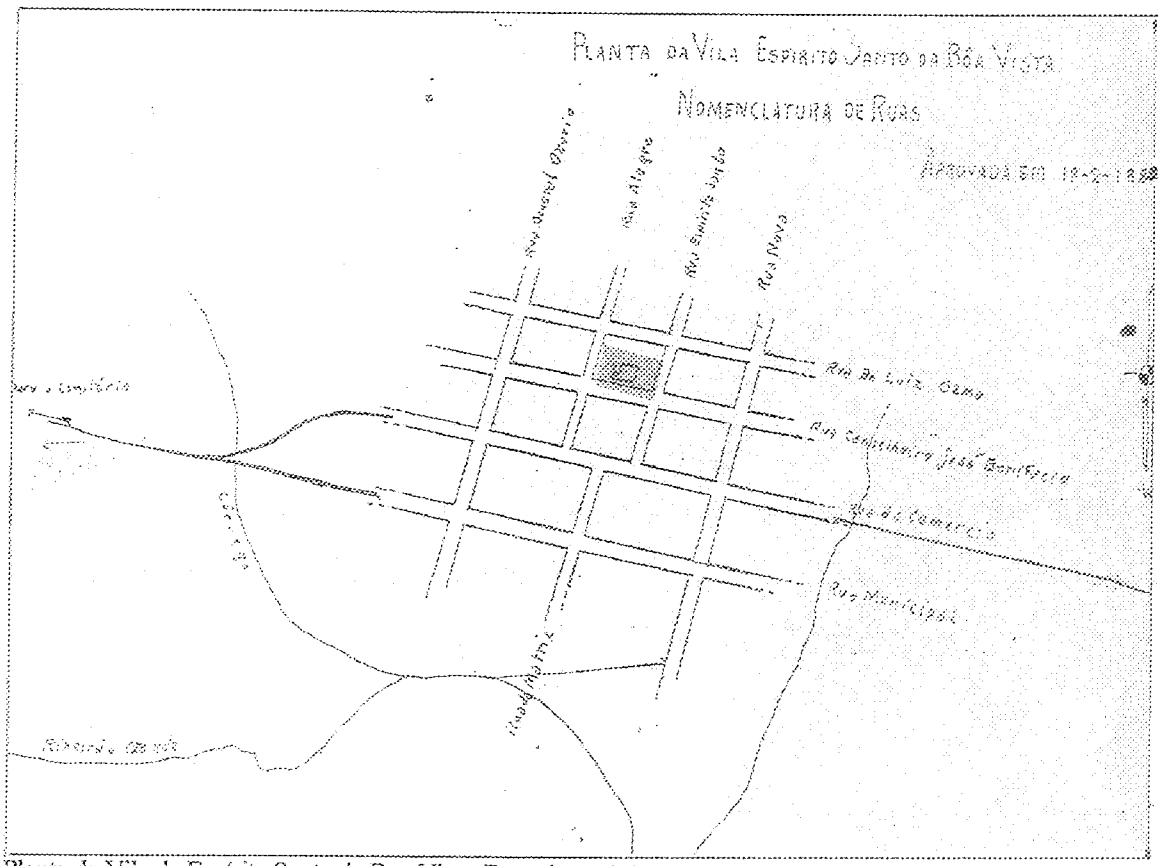
A "malha" urbana desenvolveu-se a partir do adro da Capela, traçando ruas que delimitavam o perímetro urbano... Assim a silhueta de Vila foi delineada pela Câmara Municipal, cuja atribuição e aplicação em seus domínios remontam às "Orientações do Reino Português", abrangendo a praça central, a da Matriz, bem delineada, de onde se irradia uma malha de ruas perpendiculares da mesma largura; a geometrização do traçado compôs-se de ruas diretas e largas, esquinas em ângulo reto, de um alinhamento muito preciso.

A Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista (atual Angatuba) adentrou as décadas de 70 e 80, do século XIX, com alguns ares de modernidade, sendo contemplada a vila com determinadas melhorias tais como: Escola Masculina (1873); Escola Feminina (1880); uma banda de música (1887) e criação de uma Coletoria, Mercado Municipal, Matadouro (1887), denotando o progresso que o café, o algodão propiciavam à região. "Suas ruas são rectas e largas, e os quarteirões symetricamente repartidos. As casas são terreas e construídas com certa elegância. A formação acha-se situada em terreno elevado, de onde descortinam-se belíssimos panoramas. O viajante a avista, de leste, a 10 kilometros de distância, razão pela qual deram-se a denominação de Boa Vista" [31].

A Câmara Municipal indicou o vereador Joaquim Polycarpo Ferreira para dar nomes e efetuar a numeração às casas:

> *A primeira começando de baixo - Rua Municipal - a segunda: Rua do Comércio - a terceira: Rua do Conselheiro José Bonifácio - a quarta: Rua do Dr. Luiz Gama. Travessas: primeira rua do General Osório, segunda rua Alegre, terceira Rua da Matriz, quarta Rua Alegre, quinta, Rua do Espírito Santo. E estas travessas, contam-se do nascente ao poente. Fica entendido que as travessas prolongam-se de Sul a Norte* [32]

[31] Op. cit.. Relatório da Comissão Central de Estatística. (São Paulo, 1888, p. 538).
[32] 1º Livro de Atas da Camara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, p. 6.



Planta da Vila do Espírito Santo da Boa Vista, Desenho anônimo, 1887, Arquivo pessoal.

Foi o momento de impor à organização da vida comunitária, social e cultural, regulamentos jurídicos que traduzissem um tratamento equânime à população. E a Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista elaborou seu primeiro Código de Posturas e o remeteu à Assembléia Provincial para ser aprovado (1887).

A cidade, então, nasceu com uma capela e com um patrimônio. Antes, porém, o seu território já havia sido habitado por bugres, fato que foi demonstrado pelo achamento de sítios arqueológicos nos vales dos rios que banham o município: no Paranapanema (Sítio Jango Luiz e Fazenda Mônica); no Guareí (Bairro do Guareí Velho, Correntes e Leites); no Santo Inácio e outros.

O município está assentado sobre o terreno de várias sesmarias registradas no ano de 1850, sobre as quais obtiveram-se algumas informações: Sesmaria da família João Aranha, tropeiro rio-grandense que fundou o patrimônio de São Roque (atual Município da Campina do Monte Alegre), cujas terras iam das barrancas do rio Paranapanema, a Sudoeste, até o atual Cemitério de Angatuba. Sesmaria que pertenceu à família Meira,

criadores mineiros e tropeiros, cujas terras abrangiam desde o Leste e Nordeste do município, limitando-se com terras pertencentes aos municípios de Itapetininga e Guareí; sesmaria do Aterradinho que pertenceu à família do Tenente Coronel Fortunato de Camargo, tropeiro, natural dos Campos de Curitiba, o qual adquiriu essas terras do Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar. Estas se estendiam até as divisas dos municípios de Bom Sucesso (atual Paranapanema), Buri e Faxina (atual Itapeva)... e outras que, por sua vez, originaram as fazendas.

Três grandes categorias sociais podiam ser divisadas no final do século XIX: a primeira, dos proprietários de fazendas de café, algodão, cana-de-açúcar, gado vacum, cavalar, muar, lanígero e cereais; a segunda, dos sitiantes, posseiros, agregados e certos trabalhadores livres na vila e a terceira, dos escravos.

As grandes fazendas eram quase auto-suficientes. Nos seus depoimentos, a Sra. Maria Joaquina Barbosa citou determinadas histórias vividas na fazenda São José, que mostram as condições de trabalho marcadas pelo regime servil, a dependência social dos agregados e o sistema de colonato.

> *Lá na fazenda do Sinhô Soare, o pai que era o Sinhô Soare e o filho era Juca Soare, que era um fazendeiro, nossa!*
> *Tudo até o bairro do Soarinho, por causa do nome do patrão, e ai até lá pra Covoada (bairro rural de Angatuba), tudo. Minha avó contava que tinha muita negrada lá na fazenda, bastante negrinho que ele criava, e os negro era tudo escravo quando ficava home. Intão, os patrão criava eles pra ser escravo mais adiante, tudo na escravidão. Eles prantavam muito café e argodão. E, sabe, o pano daqueles negro num era desse pano de agora. Intão, de noite, aquela negrada tava descaroçando argodão, tirando os carocinho dos argodão, porque eles tinha semente, né? E daí, iam ficando im roda, aquelas negra ia tecendo, fazendo, tecendo c' o fuso e tocá que nem pião. E, aqueles rolo de fio já ia inrolando prá faze o tecido, pano grosso, sabe? que nem im fábrica. As mesma gente, os mesmo camarada lá de dentro da fazenda, as mulher tecia os tecido da fazenda. E eles mesmo na fazenda que beneficiava o argodão c'o café, o Sinho Soare tinha maquinária lá.*
> *Minha vó também tinha roca. Sabe, D. Maria, lá na fazenda tinha também tear. Intão, é face a senhora cumprendê, era que nem armação, assim de faze... era uma armação de madera grande, um quadro, e tinha uns fios assim no meio, e daí iam tecendo, cumprende? Ia apertando, apertando, pra faze aquele tecido grosso. Ficava iguar... que nem essas lã que a gente tece, grosso, né? pro escravo vesti.*

*Sabe, eu nem peguei o tempo da iscravidão, eu já sô do tempo da liberdade. A família do meu pai morava na fazenda, mais prantava arroiz, fejão, milho. Meus avô, meu pai tinha terra na fazenda (agregados).*
*Eu alembro malemar, quando na fazenda dos Soare, que depois passo pros Turco[33], sabe? e tinha italianada. Mais meu pai falava muito desse tempo que tinha os escravo c' os italiano. Tinha a família dos Frate (Fratti), dos Giribele (Geribelli), dos Pedrone (Pedroni), do Antônio Arelle (Arelli), pra lida c' o café. Eles intraro na fazenda como colono, como camarada, num erum escravo, porque tinha os escravo, a negrada. Aí, lá eles ganhava salário, tocava os cafezar, também os argodão do Sinho Soare, era tudo tocado de as meia c' o Sinho Soare.*
*Tinha argum que prantava lavora, já tinham mais liberdade, né? [Depoente Maria Joaquina Barbosa, Angatuba, 1990, pp. 25/26]*

Os fazendeiros, cafelistas, escravocratas, eram membros do Partido Republicano e pertenciam à Guarda Nacional[34], com as patentes respectivas de Tenente Coronel, Major, Coronel, Capitão, Alferes. Por meio da criação da freguesia e depois vila, da qual foram fundadores e benfeitores, detinham o poder local. Mas foi através da Câmara Municipal que realmente o mandonismo se concretizou, como bem observou Maria Isaura Pereira de Queiroz:

> *Exerceram, pois, as Câmaras Municipais inteira autoridade em seus domínios, Nisto não fizeram mais do que refletir o poderio dos latifundiários e seu interesse no governo local. Para estes senhores rurais, o interesse particular estava inextrincavelmente confundido com o interesse municipal; as resoluções tomadas pela Câmara Municipal não refletiam somente a preocupação com o bem comum e sim também a preocupação do senhor rural em definir seus interesses privados; não havia separação entre uns e outros (...)* (QUEIROZ, 1976, p. 43).

Foi constituída a primeira Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, composta pelos cafelistas-escravocratas: Tenente Coronel Lodovico Antônio Homem de Goes (fazendeiro no Ribeirão Grande, maçon); Tenente Coronel Jezuíno Leite

---

[33]Os Turcos eram os imigrantes libaneses, Srs. João Pedro e Abílio Jorge Abdelnur, que adquiriram a Fazenda São José, posteriormente denominada Fazenda Paraíso.
[34]Guarda Nacional - "uma força paramilitar constituída desde 1831, por cidadãos em armas. Milícia cidadã, foi recrutada entre os melhores cidadãos con renda anual superior a duzentos mil réis, nas grandes cidades, e, cem mil réis, nas demais regiões do país. Sua organização era territorial, possuindo um comandante por distrito. Tinha por finalidade defender a Constituição, a Liberdade, a Independência e a Integridade do Império, mantendo obediência às leis, conservando a ordem e a tranquilidade política (WERNET, 1984, p. 35).

de Meira (fazendeiro nos Leites); Felisberto Ramos Nogueira (Fazenda dos Mineiros); Tenente Coronel Salvador Ferreira de Albuquerque (Fazenda da Serraria); Capitão Joaquim Monteiro de Carvalho (Fazenda na Serra da Boa Vista); Alferes José Antônio Vieira (Fazenda nos Libâneos); Coronel Joaquim Polycarpo Ferreira (do patrimônio de São Roque).[35]

Paralelamente ao "governismo dos camaristas"[36], existiu uma parcela da elite agrária que, além de participar no poder local, exerceu influência na província e fora dela, como a Família Prestes de Albuquerque, através do Coronel Fernando Prestes de Albuquerque e seu filho Dr. Júlio Prestes. Também foi figura proeminente na região o Major Manoel Pereira de Moraes.

Escolheu-se como exemplo de senhor rural, o cafelista Major Manoel Pereira de Moraes, porque foi através de uma parte da sua descendência que ocorreram as relações matrimoniais com imigrantes italianos, objeto da pesquisa.

Documentos pessoais, cartas endereçadas a esse cafelista, ilustram o intenso processo de comunicação que ocorreu entre ele e seus pares, mesmo além dos seu domínios.[37]

O Major Pereira pertencia a uma grande parentela[38] em que vários eram os parentes também políticos. O Barão de Piratininga correspondeu a esses dois aspectos interligados, sendo da mesma parentela e exercendo poder político em São Roque.

---

[35] 1º Livro de Atas da Camara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, p. 1.

[36] "Camarista". Termo usado na região para designar os vereadores, membros da Câmara Municipal, que representavam o Poder Legislativo local.

[37] As documentações epistolares fazem parte de uma farta documentação do Major Manoel Pereira de Moraes e pertencem ao arquivo particular da autora do presente estudo.
Uma análise producente acerca da estrutura do Partido Republicano Paulista (PRP), da parentela e dos agentes políticos da Primeira República do Brasil (1889-1930), através das correspondências, encontram-se em LANG, 1989, pp.103-133.

[38] Entende-se por "parentela" brasileira "*um núcleo bastante extenso de indivíduos unidos por parentesco de sangue, formado por várias famílias nucleares, regra geral, economicamente independentes, vivendo cada qual em sua morada. As famílias podem-se dispersar a grandes distâncias, o afastamento geográfico não quebrando a vitalidade dos laços ou das obrigações, reunindo os indivíduos uns aos outros no interior do grupo. A característica principal do grupo é sua estrutura interna, bastante complexa e variando de uma configuração mais igualitária, até uma estratificação em vários níveis.*" (QUEIROZ, 1976, p. 181).

*Santo Antonio, 14 de novembro de 1884.*

*Compadre, amigo e Sr. Majór Pereira.*

*Peço á V.Sª. que na próxima eleição de 1º de Dezembro ampare com todo seu prestígio e influencia a candidatura de nosso particular amigo o distinto Conselheiro Manuel Antonio Duarte de Azevedo - advogado - residente em São Paulo.*

*Nossos parentes e amigos Cap. Tobias, José de Moraes Rosa e Antonio de Moraes Rosa que tenham esta como á elles dirigida.*

*A V.Sª. bem como a cada um dos nossos co-religionários e amigos os meus sinceros agradecimentos.*

*Sou com particular estima*

*De V. Sª.*

*primo, amigo, compadre.*

*Antonio Joaquim da Rosa*

*Barão de Piratininga"*

Dentre a quantidade de solicitações dirigidas ao Major Pereira por políticos que desejavam ser eleitos ou reeleitos para assegurar a colaboração deste chefe, temos:

*São Paulo, 20 de outubro de 1884.*

*Ilmo. Sr.*

*Apresentando-me mais uma vez como candidato à próxima eleição geral pelo 5º distrito da província, que tantas vezes hei representado, peço a V. Sª. que honro com o seu voto e seu valioso apoio nesta candidatura.*

*Não trato de justificar os títulos, com que solicito a confiança do eleitorado, porque não é desconhecido de V. Sª. e do pays a minha já longa vida política. Mas nas circunstancias, em que foi dissolvida a*

*Camara dos Deputados e sob cuja influencia se tem de proceder a eleição, cumpro um dever de lealdade, assegurando a V. Sª. que não acceito o projecto do Governo acerca do estado servil, e que serei adverso a quaisquer reformas, que offendem a propriedade individual, desorganisem o trabalho, e prejudiquem a lavoura, o commércio e a riqueza do império.*

*Sou com a mais elevada estima e consideração.*

*De V. Sª.*

*Patrício, amigo e creado*

*Manoel Antonio Duarte de Azevedo*

O missivista Frederico de Moraes Barros, irmão do Dr. Prudente de Moraes Barros, em suas correspondências ao Major Pereira, mantinha-o bem informado sobre as ocorrências político-partidárias.

*Itu, 2 de fevereiro de 1885.*

*Meo primo e amigo*

*Em primeiro lugar muito estimarei a sua boa saude, e de sua Exma. família.*

*(...) Como lhe foi a eleição, ganhou por certo o seu candidato?*

*O Prudente tem feito barulho no 8º Districto, deve estar todo cheio de si, não pode e nem é possível ser mais elogiado do que tem sido elle, não só pelos da Província, como de outras.*

*(...) peço que de há muito aceite um apertado abraço de quem é com todo estima*

*seo primo e amigo*

*Obrigado.*

*Frederico"*

*"Itú, 1º de março de 1894.*

*Meo Presado Primo e amigo*

*(...) Sim Senhor está o Prudente, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, não resta duvida que foi acceito por todos os estados, uns mais outros menos, já com tantos mil votos, por esse lado e que isso é uma realidade, devemos esperar que alguma coisa elle fassa.*

*Peço-lhe que com toda Exma. família acceitem muitas recomendações da minha familia e particularmente minha.*

*Acceite de todo coração um apertadíssimo abraço dado com estima*

*Seo Primo, amigo obrigadíssimo*

*Frederico de Moraes*

*Com a posse do Prudente sommos por força alguma cousa, ser irmão, então commo irmão (?) já não é pouco?"*

O Partido Republicano Paulista, o PRP, tinha uma poderosa organização no período da Primeira República. Os diretórios municipais eram formados por políticos locais, homens de prestígio na região, muitos dos quais fazendeiros. Esta carta mostra a importância do relacionamento do chefe político com os eleitores.

*"São Paulo, 26 de novembro de 1887.*

*Ilmo. Sr. Major Manoel Pereira de Moraes,*

*Itapetininga*

*Devendo proceder-se, no dia 10 de Dezembro próximo, a eleição dos membros da Assembléia Legislativa Provincial, o Conselho Director da União Conservadora tem a honra de apresentar a V. Sª. o nome dos candidatos que julga deverem ser votados pelos seus amigos do 5º districto, e são:Tenente Coronel Emygdio José da Piedade,*

*proprietário, residente em Santa Cruz do Rio Pardo; Coronel Joaquim Leonel Ferreira, proprietário, residente em Itapetininga; Eugenio Leonel Ferreira, advogado, residente na Faxina.*

*Acreditando haver consultado os interesses do partido. espera o mesmo Conselho Director que V. Sª. se dignará apoiar esta combinação pelo prestígio de sua bem merecida influencia nesse districto, esforçando-se pelo triunfo do nosso partido, o qual só depende de união e disciplina, e recomendando a todos os seus amigos os referidos candidatos, visto como não nos é possível, pela estreiteza de tempo, dirigirmo-nos, como desejávamos, a todos os nossos prestimosos correligionários.*

*Somos, com particular estima e consideração*

*De V. Sª.*

*Amigos admiradores*

*Antonio Prado*

*Manuel Antonio Duarte de Azevedo*

*Francisco F. Rodriguez*

*Antonio P. do Valle"*

Frederico de Moraes Barros, nas suas cartas, demonstra o duplo vínculo com o Major Pereira, produzindo um texto onde o parentesco e as filiações políticas comuns aparecem entrelaçadas, mostrando que muitas vezes campos de parentela e de política se sobrepunham.

*"Itu, 6 de fevereiro de 1890.*

*Meo presado Primo e Amigo*

*É com maior praser que accuso o recebimento de sua muito presada carta de 30 passado, não só pela notícia de sua boa saude, como de toda família.*

*(...) Já tive muito boas informações de sua fasenda, que além de grande são terras muito boas, portanto dou-lhe os meus sinceros parabéns, por estar hoje bem arranchado, pois que uma fasenda com as qualidades da sua é muito difícil encontrar.*

*Sim senhor, estamos felicíssimos, todos os republicanos, nunca esperei que viesse ella tão cedo, ainda mais depois de eleição, que o Ouro Preto, suplantou os dois partidos, subiu muito enquanto isso o tombo foi com mais fatalidade, infelismente não me pilherão como se diz com a boca na botija, quando cahio o Ministro João Alfredo, já avaliei que estavamos em terreno falso, e fiz minha passagem no acampamento dos republicanos, tanto que elles aqui sempre me disem, você é que fez o certo.*

*Não tem deixado de me incomodar estas revoluções, pois tendo quatro filhos no exército, e todos elles metidos na troça, porém por outro lado fico contentíssimo porque se elles agora não fiserem alguma cousa, nunca mais farão, o exército estava sendo muito desprestigiado pelo Ouro Preto, e o seu fim único era acabar com elles, porém deram-lhe um cheque de mestre.*

*(...) Será bom diser quando vae a São Paulo, porque se for possível hirei, desejo e muito vel-o e abraçal-o. Aceite muitas recomendações de todos de minha família, e peço que transmita muito a sua, e abençoe nos sempre.*

*Primo, Amigo*

*Frederico"*

A colaboração e a amizade pautavam as relações entre parentes e políticos, Frederico de Moraes Barros mostrou-se solícito para atender os pedidos do Major Pereira, os quais quando não podia responder encaminhava a outras instâncias.

*"Itu, 4 de novembro de 1890.*

*Meo presadíssimo Primo e Amigo*

*Que esta lhe encontre, assim como toda família de perfeita saude, é o meo principal e maior desejo.*

*(...) Como lhe vae de república, já está acostumando-se com ella? O Prudente, é que tem se regalado, ta feito um figurão.*

*Sobre o seo recomendado, o nosso parente, seo sobrinho, entendi-me com o Adolpho Gordo, que esteve aqui (...).*

*Peço-lhe que aceite muitas saudades de minha mulher, filhos e assim a todos de sua Illustre família, e meo muito particularmente.*

*Abrace ao sempre*

*Primo, Amigo sincero*

*Frederico"*

Sobre a situação econômica que atravessava o país, principalmente São Paulo, há nestas cartas inúmeros comentários evidenciando as conseqüências políticas e sociais por ela acarretadas.

*"Ilmo. Amigo Sr. Major Pereira de Moraes*

*São Paulo, 10 de outubro de 1881.*

*Com meus constantes deçabores com a moléstia de meo (?), nosso amigo Augusto que continua em Paris no mesmo estado da moléstia, sempre por enquanto esperanças de melhoras. Eu pouco paro mormente no inverno que vou passar parte no Rio de onde cheguei hontem e tive o prazer de ler sua presada de 12 p.p. cujas atenções lhe agradeço de coração.*

*Quanto aos negocios de caffé estão elles em tal decadência que em Santos preciza ser qualidades superiores para dar nesta época seis milhões de arrobas pois que as qualidades somenos vem muito abaixo. Nossa casa ali continua sob a firma Prates & Filho que hoje se rezume a negocios antigos. É os novos pagar, digo dar dinheiro sob o genero só quando vendido seja, os possa enformar ao seu amigo. Eu estou velho e retirado de negocio quanto possível pois sempre sou o Seo velho e obrigado amigo*

*Fidelis N. Prates"*

*"São Paulo, 15 de dezembro de 1891.*

*Meo bom e velho amigo Sr. Major Pereira*

*(...) Eu, minha senhora e filhinho vamos passando bem. Agora estamos em São Paulo aonde continuamos.*

*Viemos da Fazenda no fim do mez passado, depois de ter acabado a colheita.*

*A nossa fazenda deu este anno vinte e trez mil arrobas que já conta quase toda vendida, sendo que para o anno havendo muito café.*

*Como lhe participei na minha última carta, as suas sementes estam à espera de que o amigo diga-me como devo mandá-las.*

*Já acabou a sua colheita? Quanto deu? Como vai o amigo e os seos de saude?*

*Nós por aqui vamos indo atravessando uma crize política e financeira, cujo desfeixo não se pode prever.*

*A vida em São Paulo está impossível. Tudo é tão caro e que assombra a gente. A mizéria está batendo à porta. Deve-se tudo isto a malfadada política.*

*Adeos. Estou tornando-me longo demais.*

*Escreva-me. Acceite com os seos saudade de minha senhora e abraço do amigo*

*Plínio".*

As intenções expressas nestas cartas demonstram as preocupações dos missivistas com as revoltas e fugas de negros precedendo a abolição da escravidão.

*"Meo Prezado Tio, Compadre e Amigo*

*Parnahyba, 6 de setembro de 1883.*

*Meo desejo é que esta vá achar Vosmecê e toda sua Exma. Família possuindo a mais vigorosa saude e todas as felicidades. Nós todos desta sua casa gosamos saude, graças a Deos.*

*(...) Estimei muito saber do divertimento que tiverão nas caçadas de pardos, catingueiros e tamanduá bandeira, e senti muito também não estar presente participar della.*

*Peço-lhe o favor de ver por ahi algum bom cavalheiro para sovar um pouco o mouro. Está bom para isso o José Venâncio, se puder. Tenho de ir à fábrica de Ipanema comprar o cylindro. Nessa ocasião chegarei até ahi.*

*Acceite Vosmecê e todos d'ahi milhares de saudades minhas, de meu Pai e de minha família.*

*Seo com a mais elevada estima e consideração*

*De Vosmecê*

*Sobrinho, Compadre e Amigo*

*Antonio Joaquim de Moraes"*

*"Capão Alto, 9 de janeiro de 1888.*

*Presadíssimo compadre e amigo Major Pereira*

*Recebi sua carta de quatro corrente e siente da catastrophe que ocasionou a morte da negra, sinto que aver-se semelhante xoque, (...) mais que fazer-se! São ordem das coisas, o remédio é sofrer.*

*Vejo que sua carta que muito cumbinamos em modo de pençar, relactivamente a nossa amizade (...) nunca ovesse o menos ressentimento, e tampouco a menor falta (...). E que ocazião me apareceo o procedimento dos negros, que continuam a incomodar-me!*

*Xico Carmelo chegou no dia 1° deste, trazendo todos os escravos que estavão prezos com 400 mil réis de despeza: como a linha Mogiana, foi ao Figueiredo, este veio a Jundiahy, como para levar um ou todos, imperrarão a não ir, como obrigá-los em semelhante época? O negro estava mesmo certo na promessa do Cesario, que só ficou na prosa, disendo que não precisava, e mais alguma coisa. Então o negro pedio ao Xico que comprasse, dei-o, talves fique bem servido, porque paresse real o arrependimento d'ele, tanto que de Tatuí para cá, virão sósinhos, veremos o que sai.*

*Não parou ainda o aborrecimento neste sentido: o José a tres ou quatro dias que xegou, e está apoiado na capuava de Nhô Néco, estou na mira d' pegá-lo. Estou convencido que deligencia levar a negra Anninha, eu quero pegá-lo, e depois de converçarmos, larga-los, que vão para o inferno, porque não quero-os mais onde os enxerguem, por ora isto é o meo plano para os dois.*

*(...) Nada tendo podido conseguir (...) do negro, e como é tempo das mentiras, a essa questão. O Ventura a tres dias passou no Manuel Vaz trazendo um companheiro estranho, será estória (...) para incomodar*

*tudo serve.(...) o Eleotério tornou a ir embora e o Tenente Ignacio só ficou com tres negros e duas negras.*
*Também o negro Antonio do Nhô Néco, consta que anda por aqui. É tempo das estórias mas tudo é possível e para frajelo já sobra. Fassa idéia de quanto frajelo me persegue.*
*Tive carta do Paranhos, d' 6 do corrente, onde muito se recomenda a Vosmecê.*
*Abraço-lhe*
*Seo compadre e companheiro*
*Jesuino Manuel da Silva"*

*"Compadre Pereira*
*Capão Alto, 27 d' abril de 1888.*
*(...) Por sua carta, vejo que cumbinamos quanto a atual circunstância d' nossa lavoura, que em verdade é lastimável! Mas desde que não peore, o que me paresse que sem dúvida acontecerá, quando menos os nossos bons Deputados nos carregará d' tributos! e para bem compor, a de tributarem as terras, não lhe paresse isto possível? Esperemos!*
*Isto porque aqui está tudo sínico, muito dos escravos estão saindo, e alguns na vista dos senhores. Está tudo que é uma lástima, já aparesse liquidação com pessoa que me incomoda. Tenente Francisco está em liquidação (? oras amigavel) com o Banco, se assim acabarem será muito bom. Logo aparesserão outros casos! em fim aguardo (?), quem viver verá o muito que tem de aparecer.*
*Já escrevi bastante, xega por esta ves*
*Abraço-lhe o*
*Dedicado amigo compadre*
*Jesuino"*

Havia, entre os políticos, membros do PRP (Partido Republicano Paulista), uma convivência social marcada pela amizade, pela cortesia, pela solidariedade, pois eram agentes de um espaço social comum, consubstanciado em um conjunto de valores e atitudes.

As cartas de Peixoto Gomide e outros mostram as relações que os mantinham unidos.

*"Amigo Sr. Major Manoel Pereira de Moraes*

*São Paulo, 6 de março de 1903.*

*Hoje lhe envio registrados pelo correio, dois livrinhos de contos sertanejos para Vosmecê ler nas horas vagas.*

*Já estamos nos aproximando do bom tempo para nossas caçadas.*

*É bem provável que o Congresso não trabalhe durante o mez de maio e, por isso, terei o bom tempo sem occupações.*

*Queremos ver se brevemente encerramos esta sessão extraordinária do Congresso e addiamos os trabalhos para meiados de junho ou princípio de julho.*

*Me contaram aqui que Vosmecê andou fasendo eleições de Vereadores e que deve estar contente, porque as ganhou, apesar de ser o adversário muito forte.*

*Tomara que possam ter uma Camara muito boa para o progresso e bem estar da localidade.*

*Adeos. Queira faser o favor de nos recomendar a todos os seos e dispor do amigo*

*Peixoto Gomide*

*P.S.: Acho muito necessario Vosmecê faser o Sr. João Peixoto tomar mais tempo o iodureto de potássio, que o Dr. Franco da Rocha*

*receitou. Assim elle ficará mais forte. Sem continuar o tratamento voltam os encomodos, que tinha.*

*Acceite lembranças do Juca Dias, Luís Leite, Paula Sousa e Fernando Prestes."*

*"Graminha, 11-5-1889.*

*Meo bom e sempre amigo Major Pereira*

*Com indescriptivel prazer recebi a sua cartinha, pois que trouxe-me ella uma dupla noticia agradavel - a continuação da sua saude e sua próxima vinda a esta.*

*Ver, e privar com um amigo. com quem se viveu cinco annos e de quem se está separado ha tanto tempo e a quem se consagra sincera amizade - é prazer que se não descreve. Sente-se e cala-se.*

*Quando resolver vir communique-me que irei pessoalmente recebe-lo na Estação do Leme.*

*Acho que o meo bom amigo em junho pode vir sem receio . A epidemia em Campinas está diminuida e com inverno desaparecerá totalmente. É esta a opinião da Medicina.*

*Adeos. Até breve. Receba com a família recommendações de minha senhora.*

*E o mesmo faz o amigo sincero*

*Plínio."*

As correspondências entre componentes da elite agrária local, regional e até nacional ressaltam a troca de favores estabelecidas entre eles, aspectos de transição do regime monárquico para o republicano, o oportunismo das adesões de última hora, a

lealdade dos correligionários políticos nas eleições, o empenho dos proprietários rurais na manutenção do regime escravista, bem como abordagens da produção cafeeira. Uma mais acurada análise dos aspectos políticos contidos nessas missivas fugia aos objetivos do presente trabalho, mas acredita-se, contenham substanciosos conteúdos para futuros estudos.

Resumidas as particularidades relativas à categoria dos cafelistas escravocratas, são necessárias algumas considerações sobre a segunda categoria social.

Constitui esta a parcela da população de zona rural no âmbito na qual surgem as manifestações mais típicas da cultura caipira, estudada em "Os parceiros do Rio Bonito". O autor Antônio Cândido, nesse estudo iniciado em 1947 e concluído em 1954, busca o mínimo social e o mínimo vital que, em equilíbrio garantem a sobrevivência. Parte do pressuposto de que o equilíbrio entre as necessidades e os recursos do meio, garantindo a satisfação daquelas necessidades e, portanto, a sobrevivência, depende do estabelecimento de uma organização social compatível. Portanto, (...) há para cada cultura, em cada momento, certos mínimos abaixo dos quais não se pode falar em equilíbrio. Mínimos vitais de alimentação e abrigo, mínimos sociais de organização para obtê-los e garantir a regularidade das relações humanas. Formulado nestes têrmos, o equilíbrio social depende duma equação entre o mínimo social e o mínimo vital (CÂNDIDO, 1982, p. 25).

Essa população realizava uma economia fechada, de subsistência ligada à agricultura itinerante, à coleta, à caça e à pesca. Dependia do povoado para suas desobrigações religiosas e para a justiça. Entre o povoado e a família, estabeleciam-se as relações de vizinhança - o bairro, do qual os seus componentes tinham consciência da unidade, do funcionamento e da pertinência.

Esse equilíbrio entre as necessidades e os recursos do meio que caracterizavam essa economia fechada, foi sendo gradativamente atingido pela expansão da cultura do café e a instauração do modo capitalista de produção voltado para o comércio externo.

No final do século XIX, o envolvimento da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista com a expansão da cafeicultura conduziu a um acentuado processo de urbanização. Isto também marcou a chegada dos primeiros imigrantes italianos, a partir de 1876.

# CAPÍTULO II:

# DE EMIGRANTES A IMIGRANTES

## 2.1 – A Itália no contexto europeu

Para a análise das raízes histórico-sociais do imigrante italiano é preciso entender as divergências e contrastes de caráter político, social, econômico, físico-geográfico, demográfico e, propriamente, histórico-cultural, que dividiam o país em Itália do Norte e Itália do Sul, aspectos estes profundamente arraigados na tradição popular. Conseqüentemente, apesar da unificação ocorrida em 1870, havia ainda uma parte setentrional e outra meridional formando duas sub-realidades oponentes dentro de uma mesma configuração nacional, que os faziam se identificar como vênetos, toscanos, calabreses e outros, muito mais do que italianos.

As peculiaridades próprias da Itália, um país com regiões montanhosas e colinas de difícil cultivo, submetidas às ásperas condições climáticas, com planícies cultiváveis, mas de área insuficiente, necessitando de drenagens, comprometendo o equilíbrio da sua economia que abrangia o pasto, o bosque e o cultivo de cereais, tornavam necessários os movimentos de migração interna, sobretudo nas regiões montanhosas. Denominou-se *economia de transumância* a esses deslocamentos, e os mesmos vinham sendo praticados há séculos, envolvendo movimentos migratórios sazonais com o objetivo de levar os rebanhos para regiões onde houvesse pastagens. Configurou-se um fluxo migratório que se repetia anualmente, envolvendo as regiões alpina e agro-romana, a emigração vêneta para as regiões da Europa Central (desde o período napoleônico), da emigração do Abruzzi e Campania, rumo a Maremma e agro-romana, no século XVIII, para trabalhar nas obras de drenagem (ALVIM, 1986, p. 23).

O fenômeno emigratório atingia não somente regiões da própria Itália, mas também regiões vizinhas, principalmente a Áustria , a Alemanha e a França.

Feitas essas considerações iniciais que traduzem a familiaridade dos camponeses das várias regiões da Itália com movimentos migratórios, torna-se necessário entender o processo interno de mudanças decorrentes da expansão capitalista que se processou no país a partir do início do século XIX.

Até o início do século XIX, a economia italiana era essencialmente agrícola, mas, dos 288.538km² de sua superfície total, quase 2/3 são cobertos pelas cadeias dos Alpes e dos Apeninos. Destes, 56.000Km², no mínimo, são rochosos ou saibrosos e, por isso, refratários a qualquer produção vegetal e nem mesmo os 2/3 restantes são muito produtivos (ALVIM, 1986, p. 25).

Vários fatores determinavam o tardio desenvolvimento capitalista das várias regiões italianas no período da unificação (1870), pois estas apresentavam características feudais e semi feudais, sobretudo no sul do país e parte da Itália setentrional.

A Áustria invadiu a Itália (1820), determinada a ajudar os italianos a expulsarem os franceses, que se limitaram às províncias de Parma, Piacenza e Guestalla. Sob o domínio austríaco, Veneza e Lombardia passam a Estado único e de governo impopular. Lucca estava sob o domínio da Espanha; os estados papais sob regime feudal, arcaico, onde crescia a influência dos jesuítas. San Marino manteve-se como cidade-estado independente, aliás, até hoje. E, embora a hegemonia napoleônica se rompesse, a Itália continuava dividida e subjugada.




Unificação da Itália. A rápida expansão do Piemonte, Sardenha, que começou com a aquisição da Lombardia em 1859, originou, às custas das perdas de Nice e Savóia, a criação da Itália unida em 1861. O novo reino adquiriu Veneza, em 1866 e Roma em 1870, que se tornou a capital. Atlas da História do Mundo – Empresa Folha da Manhã, S/A, São Paulo, 1995, p.213.

A classe média insatisfeita propiciou a formação de sociedades secretas sem, entretanto, alcançar o povo, entre elas os maçons livres, de orientação francesa, em Nápoles e também os carbonari, organizados primeiro contra os franceses, depois contra os austríacos; na Romagna e no Piemonte, os federati, como os carbonari, constituíam uma organização patriota e anti-austríaca, de inspiração francesa.

Organizaram-se ainda movimentos separatistas em várias regiões, alheios aos anseios da população, como o *"Giovane Itália"*[39], um movimento de classe média, de

[39]Entre os insurretos presos em 1830, mas libertados logo após, estava Giuseppe Mazzini (1805-1872). Em seguida, Mazzini rompeu com as sociedades secretas por ver nelas um espírito particularista contrário aos ideais da unificação. Republicano, fundou, em 1834 nova sociedade, a Giovane Itália. Malogrou numa tentativa contra Carlos Alberto, do Piemonte, e organizou, depois em Berna, a Giovane Europa, destinada a propagar a revolução em todo o continente. Entre os exilados de 1830, encontrava-se também Giuseppe Garibaldi. (Enciclopédia Mirador Internacional. CMU-UNICAMP. 030-E56, vol. 12, pp. 62-93).

burgueses e radicais, cujo objetivo era a unificação da Itália, em favor de uma república livre. E o povo, apático, sobrevivia penosamente.

Os exilados de outros estados, cuja maioria era formada por intelectuais, dirigiram-se para o Piemonte, propagaram suas idéias através da imprensa e atuaram junto ao Parlamento, germinando, no Piemonte, o "núcleo da futura Itália". Esse Parlamento congregava o próprio Piemonte, a Sardenha e a Ligúria e os deputados aprenderam a falar o "italiano", língua falada na Toscana, para que houvesse melhor comunicação.

A Igreja, por sua vez, concentrou suas forças no papado cujo poder temporal se sobrepunha ao religioso. Pio IX, eleito em 1846, era considerado um homem liberal, patriota e como reformista realizou entre outras coisas a criação de um governo municipal para Roma, com administração leiga de um Conselho de Estado, uma guarda civil e liberdade para a imprensa, mesmo que restrita.

Entre 1850 e 1870, quando da unificação, ocorreu o tratado comercial da França, excluindo a Itália do mercado francês, que passou a importar vinho da Algéria e seda do Extremo Oriente em detrimento das indústrias italianas, principalmente no Sul onde a vinicultura se encontrava em expansão. Agravando ainda mais a situação, a navegação a vapor abaixou o preço dos fretes e das mercadorias, favorecendo a importação, sobretudo de grãos norte-americanos e russos, cujos países possuidores de uma agricultura mais avançada, concorriam para que as safras fossem abundantes e os preços melhores. Um grande escândalo econômico teve como alvo o sistema bancário, provocado por créditos irregulares de alguns bancos e o envolvimento de pessoas ligadas ao governo.

A grande maioria da população italiana sentiu os efeitos da crise; os operários urbanos, os pequenos comerciantes e subalternos e os camponeses independentemente de constituírem uma classe despolitizada, organizaram revoltas e reivindicações que também contribuíram para a mudança do desenvolvimento político-social. As condições de vida do camponês eram deploráveis, decorrentes da depressão comercial das colheitas insuficientes e do descaso dos políticos. Uma grande revolta se apoderou dos camponeses sicilianos e, em 1861, ocorreu a invasão dos latifúndios, na sua maioria com proprietários ausentes. Esta manifestação, embora não tivesse características de cunho socialista, era, no entanto, o clamor de uma massa camponesa faminta em resposta a uma política agrícola alheia aos seus anseios e à sua sobrevivência. Com isso, o governo tomou medidas impopulares,

criando leis marciais, o aprisionamento de líderes e adeptos da insurreição. E toda a culpa por essa política recaiu sobre o rei Humberto I, que foi assassinado por uma anarquista em 1890.

Estava estabelecida uma situação que propiciou a ocorrência dos maiores êxodos, centenas de vilas foram esvaziadas, perdendo mais da metade da sua população economicamente ativa. O quadro sócio-econômico e político da península itálica gerou fatores de "expulsão" de seus nacionais. Por exemplo: no ano de 1895, 225.323 italianos deixaram seu país (MERTZIG, 1977, p. 10).

Este quadro italiano insere-se num contexto mais amplo: o da expansão do capitalismo industrial e financeiro que, a partir de 1873, quando da fase conhecida como a "grande depressão", levou a Europa a sofrer profundamente as mudanças registradas em sua estrutura social, com a ruptura da velha economia rural e o surgimento do moderno industrialismo, além da crescente urbanização, as facilidades de transportes e comunicações e o aumento demográfico.

A economia italiana era basicamente agrária com regime semi-feudal em algumas regiões, como no Sul. Mas, ao Norte, despontava uma forte industrialização nos moldes capitalistas que se estendeu também ao campo, o que gerou a concentração da propriedade nas mãos de poucos. E o processo de unificação concorreu para a elevação dos impostos sobre a terra, provocando o abandono ou a venda da pequena propriedade, que já estava economicamente inviável para a sobrevivência da família.

Na busca de melhores condições de vida, trabalhadores rurais e urbanos constantemente locomoviam-se do campo à cidade, de um país a outro, da Europa à América, à África, à Oceania e vice-versa.

Fernando Baptista Nanini mostrou a questão da mobilidade humana e pastoril ao relatar:

> *Naquela região que nóis morava (Sant'Anna Pélago) era muito desfrutado o quejo de leite de ovelha. Aqueles fazendero tinha carnerada, carnero grande.*
> *Tinha quinhento, seissento, mir cabeça de carnero. Intão tirava o leite pra faze quejo. Ô dona, mais aquele quejo até picava na boca, de tanto que era forte, puro leite de ovelha! Eu me lembro que quando ia entrá o inverno, os fazendero já tinha mandado tudo as carnerada lá pros lado da África. Puis ninguém tem cômodo pra recolher duas, treis mir*

> *cabeça de carnero, né? Tem que levar onde num dá neve. Toca aquelas turma de home tira essas carnerada, viajá meis e meis intero, tirá da região que tava a neve, porque onde dá neve ela gela, cobre tudo, num tem pasto, num tem recurso de você trata da criação. A vida lá é dura, vida muito trabaiosa. E os home tem que trabaiá, vão imbora dali por uns tempo. Chegô a primavera, derreteu a neve, eles têm que prepará sua terra que é poça, pra podê prantá, porque se ispera depois, perde tempo, porque lá é poca terra de curtura, vem as época certa de neve, tem a neve. É, dona!* [Depoente Fernando Baptista Nanini, Angatuba, 1990, p. 5].

Igualmente, o depoimento de José Santi Sobrinho vem de encontro a essa mesma questão do trabalho sazonal: "eu sei que o meu avô José Santi trabalhava muito. Ele saía muito longe, até na África ele foi trabalhá. Num tinha serviço em Sant'Anna, num tinha serviço na Itália, intão ele saía. Ficava seis meis, um ano fora de casa pra ganhá. Isso meu pai falava que era uma vida muito difícil lá na Itália" [Depoente José Santi Sobrinho, Bairro do Barreiro dos Italianos, 1999, p.3]

Mertzig ilustra tal fenômeno de mobilidade populacional que pode ser notado pela movimentação das "golondrinas" ou "pássaros de passagem", isto é, trabalhadores que deixavam a Itália em novembro, após as safras, e se dirigiam aos campos de linho e trigo de Córdoba e Santa Fé, na Argentina, onde trabalhavam até o mês de abril, voltando, então, para o plantio da primavera européia; ou ainda, o caso de imigrantes que retornavam ao país de origem: entre 1876 e 1926, enquanto 8,9 milhões de italianos foram às Américas, 7,5 milhões moveram-se dentro da Europa do Mediterrâneo (MERTZIG, 1977, p.8).

É importante destacar também que, desde 1877, a educação elementar tornou-se obrigatória no país e a alfabetização em massa ampliou os horizontes dos camponeses. Destarte, se o problema do analfabetismo não foi resolvido, seus índices foram diminuídos.

A burguesia e o capitalismo triunfaram nesse período, embora nessa conjuntura proliferassem partidos populares que tinham como base os movimentos trabalhistas. Surge a Internacional Sindical voltada para a sindicalização do trabalhador, visto como operário urbano, pois considerava o camponês muito conservador. O anarquismo expandiu-se e com grande aceitação, decorrente de ser um movimento político que se revoltava com o passado pré-industrial e contra as instituições do presente industrializado. Esse movimento opunha-se tanto à Igreja, na figura do Papa Pio IX, quanto ao Estado, representado pelo rei Victor Emanuel II.

Nesse cenário surgiu uma relevante figura para a unificação - Camilo Bens di Cavour, especialista em finanças, que remodelou a economia piemontesa, tornando o comércio mais livre, derrubando o paternalismo, expandindo as atividades comerciais, inclusive com a Grã-Bretanha. Estabeleceu alianças com todas as facções políticas, criou leis que atingiram o poder temporal dos clérigos, conseqüentemente do Papa, tornando-os menos expressivos. Como estadista, fez com que a situação dos italianos fosse discutida no Congresso de Paz de Paris, em 1856.

Estava superado o período das ações isoladas, levando à formação de um único exército para toda a Itália Central. Com Giuseppe Garibaldi no segundo comando e Cavour, conquistando a simpatia de outros estados, eles conseguiram anexar mais territórios à expansão piemontesa. O Parlamento de Turim já incluía lombardos, toscanos, romagnoleses e o Piemonte dominava o Norte e o centro da Itália. Faltava a anexação da Sicília e de Nápoles, que ocorreu somente em 1860, e de Veneza, em 1866. O Sul, descontente com o domínio dos Bourbons, desejava mudanças - não podemos ainda falar em nacionalismo - e Garibaldi, aproveitando essa animosidade contra os reis, instigou uma insurreição. Com o apoio dos genoveses invadiu a ilha da Sicília. Os sicilianos, camponeses, aproveitaram esse momento histórico e empreenderam lutas contra os "senhores da terra", mas não pela unificação. Garibaldi expulsou os franceses, assumindo ditatorialmente o governo, um ato de desagravo aos líderes do continente.

Cavour, em 1861, após ter derrotado os exércitos papais, anexou seus Estados, deixando Roma inatacável. Como a Itália era um país deficitário financeiramente, os problemas econômicos continuaram graves. Cavour foi a figura fundamental para o processo da unificação, mas morreu antes de vê-lo consolidado em meio a grandes problemas políticos.

Facções federalistas, garibaldinas e mezzianianas exigiram a tomada de Roma. O Sul pedia mais autonomia diante dos volumosos impostos, sem uma política protecionista para seus produtos, pois não conseguia competir com os do Norte. Vivia ainda outros problemas determinantes da pobreza e da crise econômica responsáveis por uma guerra civil prolongada, que só foi resolvida por volta de 1900, quando da restauração da ordem política.

As finanças estavam equilibradas graças à boa administração de Rattazzi frente ao Ministério das Finanças. Permaneciam as insatisfações, pois faltava conquistar Roma. Garibaldi tentou conquistá-la, sendo novamente derrotado, e somente quando Napoleão II foi afastado do governo em Paris e as tropas francesas abandonaram Roma é que se tornou eminente a conquista dessa cidade, símbolo do Estado italiano. Em julho de 1870, foi proclamada a "infalibilidade do Papa", significando maior centralização do poder em mãos do Sumo Pontífice.

A 20 de setembro de 1870 - data que se tornou nacional e que seria comemorada também no Brasil - apesar da resistência do Papa Pio IX, o general Raffaele Cardona entrou em Roma. E o povo romano, até então indiferente e mesmo hostil à unificação, se manifestou favorável à anexação através de um plebiscito. O Papa Pio IX, embora fosse um nacionalista convicto, considerou-se prisioneiro no Vaticano, face às desavenças entre Igreja e Estado.

A unificação concluída, o "*Risorgimento*"[40] atingira seus objetivos, exceto por Trento, Trieste e algumas ratificações de fronteiras. Em 1871, a capital que já havia sido transferida de Turim para Florença, mudou-se finalmente para Roma, tornando-se então a sede governamental passível de transformações físicas e administrativas.

Nos primeiros anos após a unificação italiana, diante dos sérios problemas sócio-econômicos, políticos e culturais que o novo governo iria enfrentar, o fenômeno emigratório apresentou-se como um alento, tanto para os indivíduos que dele usufruíram (via possibilidades de abertura de novos horizontes à sua capacidade de trabalho), como para o governo ao qual a emigração aliviria no enfrentamento de uma perigosa situação de conflito social. Se, por um lado, o processo emigratório era encarado positivamente, por outro lado, havia dúvidas quanto aos perigos que este fenômeno causaria ao país, como a

---

[40] Op. cit. (Enciclopédia Mirador Internacional, p. 62-93). Em 1847, sob a direção de Cavour e Cesare Balbo, fundou-se, em Turim, um jornal cujo nome deveria estender-se à fase decisiva da luta pela unificação: o Risorgimento. A agitação propagava-se ao reino lombardo-veneziano, onde Daniele Manin, em Veneza, era líder republicano. Os austríacos acabaram por intervir, ocupando a cidade pontifical de Ferrara e, com isso, desencadeando um movimento de solidariedade a Pio IX, o que os forçou à retirada. O Papa surgia como foco das esperanças revolucionárias e quando das duas Sicílias, adotaram medidas de repressão a toda atividade suspeita, manifestações em que se invocava seu nome, marcaram o início da revolução de 1848. (...) Risorgimento denominou também a expressão política da classe revolucionária, jamais chegando a constituir um movimento de massa.

rarefação da população, a escassez da oferta de mão-de-obra, prejudicando seriamente a capacidade produtiva.

Na Itália, muitas autoridades manifestavam-se contrárias à saída de nacionais e temiam futuros prejuízos à estrutura produtiva do país. "Segundo uma estatística que acaba de publicar, o Ministério da Agricultura e Comércio da Itália, tem esta nação sem deles se utilizar por falta de braço, 1.368.000 hectares de terrenos pantanosos e 2.799.700 hectares incultos. A causa disso é a emigração, que nesses últimos tempos tem tomado um incremento expantoso"[41]

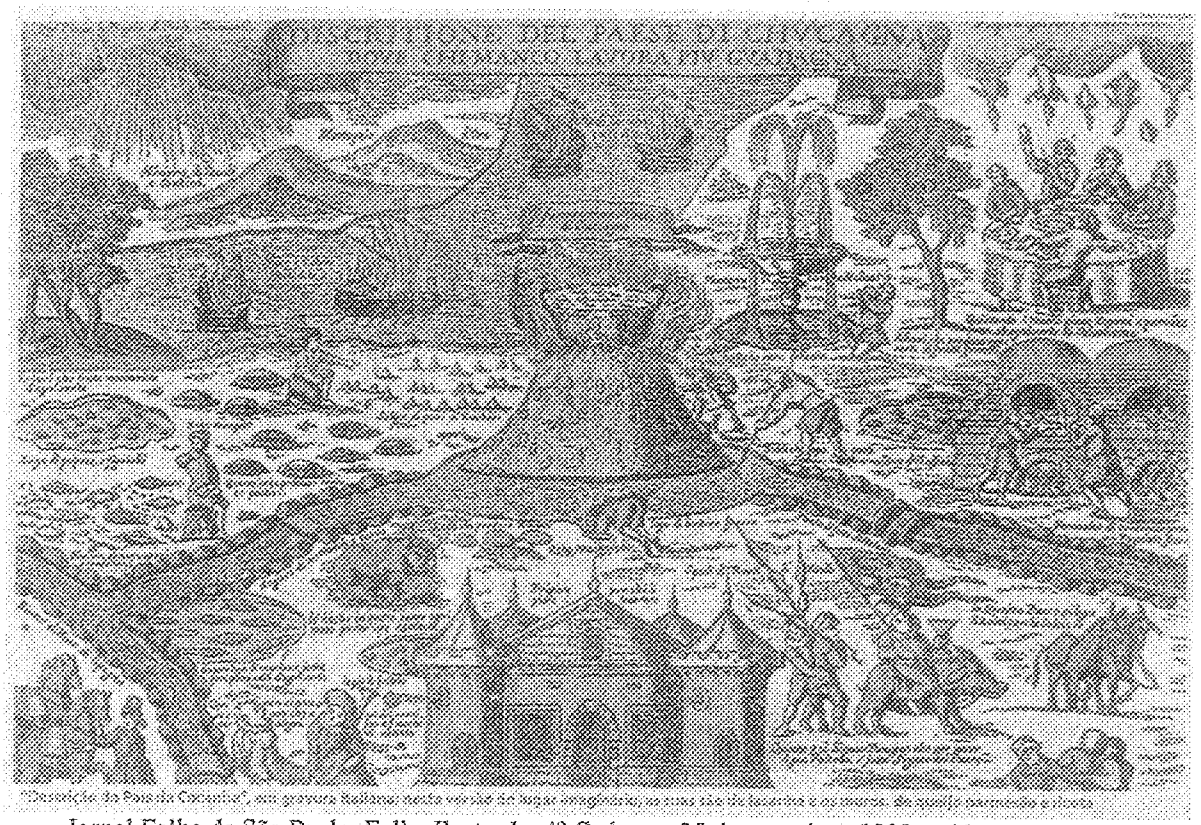
Em contrapartida, nos primeiros quinze anos da unificação, foi dada grande ênfase à escolaridade básica, principalmente à alfabetização, o que facilitaria a institucionalização de uma única língua nacional, tendo como resultado também que um grande número de italianos chegasse ao Brasil já alfabetizados.

Os novos países americanos, inclusive o Brasil, notadamente o Estado de São Paulo, principiavam sua organização econômica capitalista e necessitavam largamente de mão-de-obra. A América, portanto, exercia grande atração para tal força de trabalho européia, produto do excedente populacional, tendo esses fluxos migratórios fomentado a tão propalada "moderna economia atlântica". (MERTZIG, 1977, pp. 77-79).

O grande ideal do emigrante, de construir na América um futuro melhor para si e sua família, muitas vezes era envolvido por um sonho tão grande que dificultava e, não raro, tornava impossível sua concretização. Sérgio Buarque de Hollanda diz-nos: A primeira idéia que um novo mundo oferece ao emigrante é freqüentemente a de uma esfera de possibilidades infinitas e onde a capacidade de ação não encontrava estorvo. A aptidão para emigrar envolve, sem dúvida, tal capacidade de ação, mas envolve também uma capacidade de idealizar em excesso a terra procurada, "terra prometida", criando imagens falsas e ilusórias (DAVATZ, 1972, p. 19).

[41] Op. cit. (MERTZIG, 1977, p. 12). Jornal: O Estado de São Paulo, 8 de março de 1876. A autora esclarece que este mesmo jornal, em edição de 14 de janeiro de 1912, havia publicado o resultado de um estudo feito na Itália, segundo o qual "os emigrantes italianos espalhados pelo mundo enviam, anualmente para a Itália, economias na importância de 450 milhões de liras".

O Brasil era o Eldorado, conforme expressa o poema sobre o País da Cocanha:



Jornal Folha de São Paulo, Folha Ilustrada, 4º Caderno, 25 de setembro, 1998, p.13

*"País da cocanha*

*Ao Brasil, ao Brasil, ó boa gente,*
*Ao Brasil rápido corram;*
*O que estais fazendo nestas gélidas estepes*
*De inanição e pobreza todos morrereis!*
*Lá de leite e mel correm torrentes,*
*Produzir salames os pinheiros vereis*
*E seis estações no ano naquele tépido*
*Clima! Em cântaros o vinho recolhereis,*

*E isto é nada ainda: cada campo*
*(Sou homem sério, amigo e falo a verdade)*
*É cheio de garras e de ouro cada montanha.*
*Quem fala o contrário nada sabe*
*É o país o Brasil dá cuccagna:*
*Eu mesmo o vi... estando aqui no Primeiro.*
*(Anônimo, La Voce Cattolica, 23/01/1877)*
(SANTOS, 1995, p.2)

Essa imagem do "país da cocanha" já era fortemente sedimentada no imaginário popular dos camponeses da Itália do Norte, quando dela se utilizaram os propagandistas da emigração para difundir a idéia de emigrar para o tão sonhado mundo novo.

Eram intensas também as propagandas veiculadas pelos agentes de emigração, através de jornais, panfletos ou verbalmente, enaltecendo tanto as qualidades quanto as vantagens da América. Certamente, a decisão de emigrar exigia muita coragem, pois abandonar a terra natal e enfrentar o mundo novo e desconhecido já eram desafios acrescidos também do grande risco que as viagens de travessia do Atlântico constituíam.

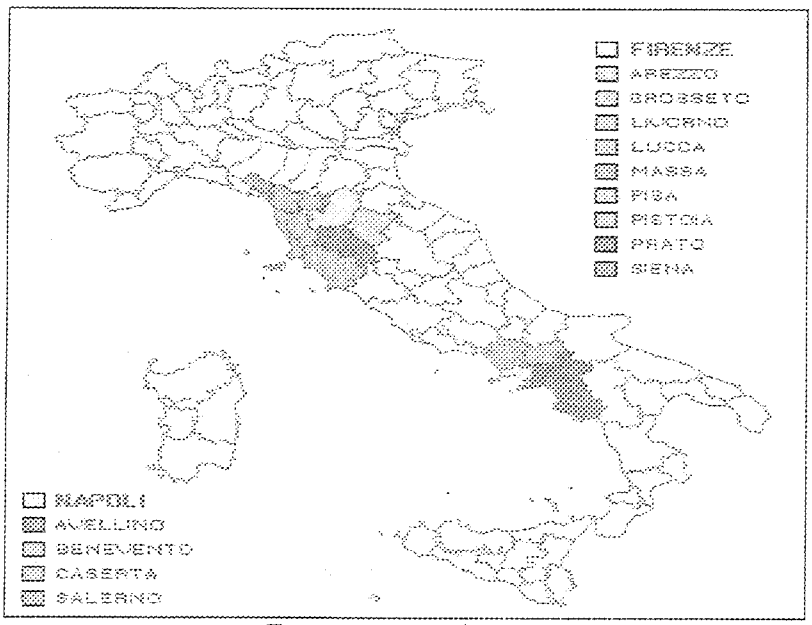
> *O custo em si mesmo era uma dificuldade insuportável, embora as condições de viagem para emigrantes através do oceano fossem famigeradas (...) se não assassinas (...). As tarifas eram baixas não apenas por que considerava-se que este tipo de passageiro não necessitava ou merecia melhores acomodações do que animais (mas afortunadamente necessitando menos espaço), ou por que faltassem melhorias nas comunicações, mas também por razões econômicas. Emigrantes eram carga* (HOBSBAWN, 1988, p. 212).

As empresas envolvidas no projeto emigratório e colonizador, os agentes de propaganda e governamentais, as companhias de navegação e de terras, comerciantes e navegadores, todos indistintamente aumentavam seus lucros pelas precárias condições de transporte impostas aos emigrantes.

O Sr. Fernando Baptista Nanini que reemigrou com sua família para o Brasil, no início do século XX, lembrou de determinadas passagens da travessia:

> *Mais me lembro que o navio quando nóis vinha de vorta da Itália pro Brasil quase que afunda. Sabe por um mistério que tem o mar, navio afundado... O navio tem um mastro muito arto, de ferro como poste desses um que tem na rua, e o navio intão vinha, bateu a ponta do mastro, prancho pra passa. Como a senhora sabe, o navio é muito grande vai como daqui lá no asfarto, não é? Agora, ele muito pesado, sabe muito bem que na água ele pende, depois pra indireitá não indireita mais. Me lembro, isso me lembro, que os marinhero intão impurrava as mães de família, que decesse nas camarinha pra nem vê afundá. O navio tava inchado, aquela gritaiada do povo, tudo recramando, mas eles tem um apreparo, sabe? E no apreparo eles inrolavam lá, intão era como um peso muito grande de ferro que sortaro na água no lado que o navio tava afundando. Sartaro e foro sortano com uma carritilha assim cumo é que foi essa finalidade, num sei, sei que o navio nivelo depois de muito tempo. Demora, porque num vorta muito depressa. A senhora sabe por que o navio é muito pesado e muito fundo n'água, né? Ele intortô num indireita mais, se for só por força do peso. Intão foi o que aconteceu na viagem* [Depoente Fernando Baptista Nanini, Angatuba, 1995, p. 6]

## 2.2 - As Regiões da Toscana e da Campania e as famílias originárias




Fonte: www.nonsolocap.it.

O Anuário Estatístico fornecido pelo *Commissariato Generale dell' Emigrazione* demonstra-nos que num total de 1.243.633 italianos que emigraram para o Brasil entre 1876 e 1920, 81.056 eram da Toscana; 59.877 da Emília Romagna e 166.080 da Campania.[42]

A região da Toscana, situada na Itália setentrional, apresenta uma superfície de 22.992 km dos quais 292 km pertencem às ilhas do arquipélago toscano. A Toscana confina a Noroeste com a Ligúria, ao Norte e Nordeste com a Emília Romagna, a Leste com a região Marche, a Sudoeste com a Umbria, ao Sul com o Lácio e a Sudoeste, o Mar Tirreno. O território apresenta zona de colinas (63,3%), de montanhas ( 25,2%) e de planície (8,5%).

O Apenino tosco-emiliano cruza, como um arco, toda a região da Cisa, aos confins com a Ligúria e Emília, até Bocca Trabaria, aos confins com a Romagna, as Marche e a Umbria. As mais importantes zonas planas são aquelas da Versília e da Maremma. Os rios principais são: o Arno (241km de percurso do Monte Falternona até o mar); o Ombrone (111km) na província de Grosseto; o Magra (65km) que cruza toda Lunigina, entra na Ligúria e Cecina (74km).

O clima da Toscana é aquele típico das regiões tirrênicas: no inverno é habitualmente suave com excepcionais nevadas sobre zonas planas; na primavera é chuvoso e no verão é quente e seco.

A Toscana, origem dos imigrantes da Itália setentrional fixados em Angatuba, em particular Lucca, é considerada o único lugar na Itália que não possui dialetos, onde se fala o italiano mais puro do país. Esse povo, também de tradição mercantil, detinha o monopólio da seda comercializada por toda Europa.[43]

O Norte da Itália era caracterizado pela grande herança do poder comunal designado este pelo conjunto dos cidadãos ou suas assembléias. Era também detentor de uma forte atividade comercial, o que resultou numa categoria de homens ricos e poderosos.

---

[42]Comissariato Generale Dell' Emigrazione. Annuario Statistico della emigrazione italiana dal 1876 al 1926. Roma, ano V, 1926.

[43]Op. cit. (Enciclopédia Mirador Internacional, pp. 62-86). O primeiro grande centro desse esplendor foi Florença, sede de manufaturas de lã e seda, dos financistas e das grandes sociedades mercantís com filiais e representantes em todos os centros de destaque e onde os Médici haviam passado, de expoentes da vida econômica a senhores da política. Arte e ciência uniram-se no século XV e a Toscana notabilizou-se por grandes centros artísticos. Importante também foi o prestígio adquirido pela língua como fator de unidade.

Essa região viveu, com a formação do reino, um grande crescimento industrial, em 1490, na fase considerada a mais brilhante de sua história.

O fator climático favorável nas áreas rurais impulsionou também a agricultura mais do que no Sul, gerando colheitas, mas levando ao excessivo desflorestamento, o que causou nas regiões baixas rareamento das chuvas nas planícies. Outro sério problema foi o fracionamento da terra, gerando falta de bem estar para seus proprietários, levando as pequenas propriedades à condição de pobreza extrema.

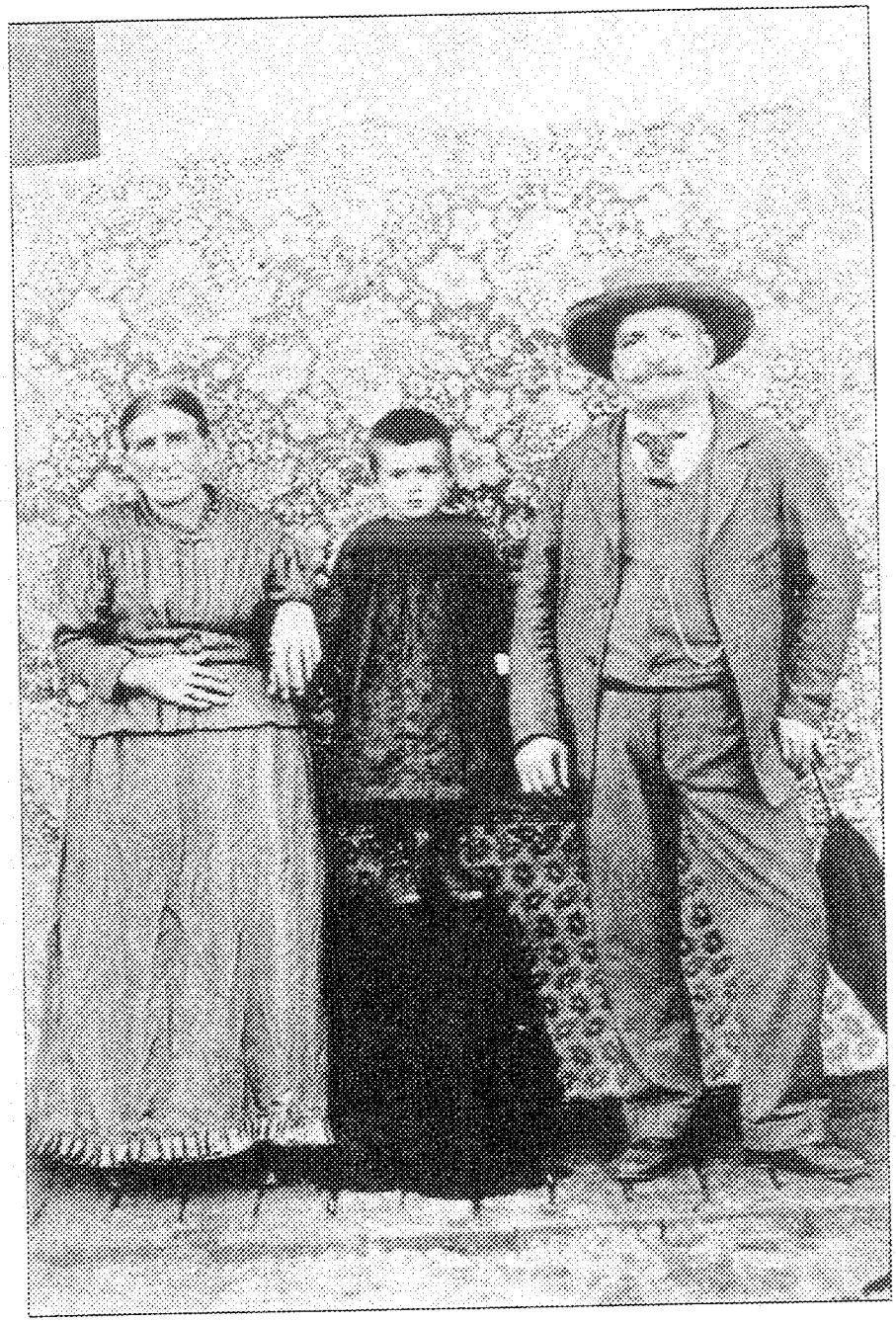
Como no Sul (Campania), também no Norte (Toscana e Emília Romagna) sérios problemas de trabalho se apresentaram, além de pesados impostos, o cultivo da terra com o uso de métodos de conservação ultrapassados, somados também a constantes precipitações naturais que colaboraram para que a situação do camponês fosse ainda mais penalizada (MERTZIG, 1977, p. 69).

Em Milão, grande centro industrial, o excedente da força de trabalho fora aplicado nas indústrias; em Sondrio, Cuneo e Torino, como não fossem zonas industriais, a solução era emigrar, principalmente quando do surgimento de estados modernos, dispostos a pagarem a passagem dos trabalhadores (MERTZIG, 1977, p. 72).

Os imigrantes italianos em estudo, procedentes da Toscana, faziam parte de um grupo constituído pelo patriarca[44] João Tazioli (Giovanni Battista Tazioli) e família, Emílio Benedetti e Francisco Turelli (Francesco Turelli).

A família Tazioli era originária de Riccovolto, Província de Módena, na Lombardia e migrou para Sillico, Província de Lucca, em 1827. João era o quinto filho de onze irmãos, muitos dos quais trabalhavam como madeireiros e ele exercia a profissão de sapateiro (calzolaio).

[44] A denominação de "patriarca" para o Sr. João Tazioli foi dada por ser o membro mais velho deste grupo de toscanos que emigrou para o Brasil.



MALIT-19: Família Giovanni Battista Tazioli, Angatuba, SP., ca. 1910. Arquivo Pessoal.

O irmão caçula de João Tazioli, Pietro Raffaelo, emigrou para o Brasil aproximadamente em 1879, pois em 10 de julho de 1880 há registro do seu casamento na Igreja N. Sra. da Assunção (Sé)[45]. Estabeleceu-se no núcleo colonial da Glória, reduto

[45]Arquivo da Cúria Metropolitana Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arquidiocese de São Paulo, Certidão nº 17.418, estante 03, prateleira 01, livro 35, fls. 32. Assentamento de casamento de Pedro Raphael Tazioli e Mariana Stefani.

ocupado por imigrantes toscanos, profissionais liberais e, mais tarde, fixou residência no Bairro do Cambuci.

Havia também nessa região da Glória, a família de Emílio Barsanti seus parentes, procedentes de Lucca que, pouco tempo depois, se deslocaram para Itapetininga, onde montaram uma marcenaria.

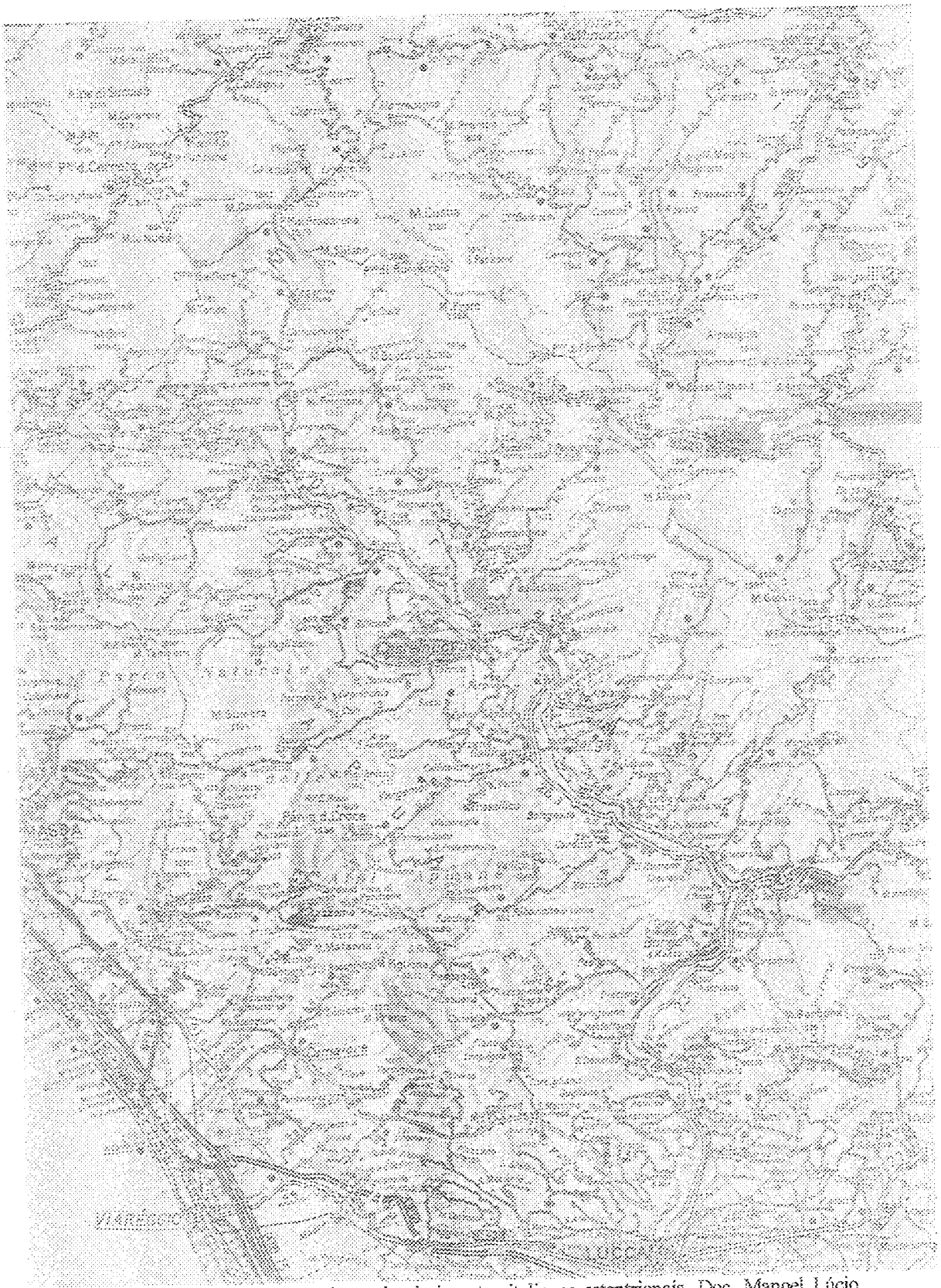
A família de João Tazioli (quarenta e dois anos, ao chegar no Brasil), era constituída pela esposa, que era também sua prima, Maria Rosa Fortunata Tazioli (cinqüenta e um anos), e os filhos: Maria Caterina Palmira (treze anos); Pietro Adriano (onze anos); e, Maria Teresa Giustina (sete anos).

Emílio Benedetti (vinte e nove anos), natural de Benabbio (Bagni di Lucca) era construtor. A família estava composta por três filhos, dos quais Emílio era o primogênito. Os Benedetti possuíam imóveis em Bagni di Lucca e Castelnuovo Garfagnana.

Francisco Turelli (trinta anos) nasceu em Bondeno (Ferrara), mas sua família camponesa era natural de Sant' Anna Pélago (Província de Módena), onde residiam. Era o caçula dos três filhos. Consta que Francisco foi pastor de ovelhas e seminarista. Há registro de que, de 1875 a 1881, era sócio de Emílio Benedetti em Castelnuovo Garfagnana.[46]

Os Tazioli eram unidos, ainda na Itália, com Emílio Benedetti e Francisco Turelli por relações de amizade e sociedade em alguns negócios na região de Lucca. Talvez tenham sido motivados a vir para o Brasil e, em seguida, se dirigirem para a região de Angatuba, por informações transmitidas por um irmão de João Tazioli que emigrara alguns anos antes. Isto pode ser inferido pelo desembaraço com que nortearam suas ações, verificando-se um curto período de três meses entre a saída da Itália e seu estabelecimento na vila do Espírito Santo da Boa Vista, onde adquiriram glebas de terra.

[46]Francisco Turelli testemunhou o segundo casamento de Emílio Benedetti com Theotonilha Maria de Lima, no Cartório do Registro Civil de Angatuba, em 09 de fevereiro de 1911. Na ocasião relatou essa sociedade na Itália.



Localização das cidades de origem dos imigrantes italianos setentrionais. Doc. Manoel Lúcio Turelli, São Paulo, 1998.

O Prof. Dr. Fra Benedetto, pároco de Sillico e responsável pelo Centro Internazionale Cultura Spiritualità Fra Benedetto, em Sillico, Pieve Fosciana, Lucca (Itália), nas correspondências enviadas à autora do presente trabalho comprova que os Tazioli, Emílio Benedetti e Francisco Turelli... "*Tutti emigratti il 30 Giugno 1881 per l'América*".

Eram, portanto, imigrantes providos de capital econômico e também traquejo para os negócios, evidenciando a formação milenar dos toscanos nas atividades mercantis, como assinalou Braudel.

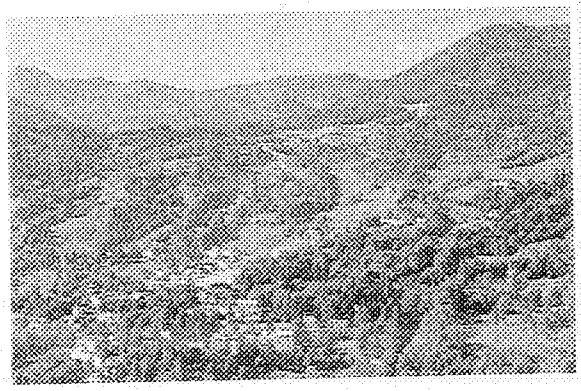
Na nova terra, as relações de amizade e negócios entre as famílias João Tazioli, Emílio Benedetti e Francisco Turelli tornaram-se também relações de parantesco, pois ambos desposaram filhas do casal João e Rosa Tazioli. Estas uniões deram origem a uma numerosa descendência, cuja atuação marca o desenvolvimento da cidade de Angatuba.

A estrada de ferro Sorocabana que atingira Sorocaba em 1875, teria sido fator de atração para a opção destes imigrantes pela Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista:. Nas décadas seguintes, consolidada a expansão da ferrovia, os trilhos alcançaram o Alto Vale do Paranapanema através do ramal de Itararé, atingindo então o Sudoeste de São Paulo, considerado a "Terra de Canaã". Portanto, a procura por novas áreas na província de São Paulo, nas zonas onde o café e o algodão estavam em expansão, condicionada à qualidade das terras e a grande disponibilidade destas, a preços acessíveis, foi outro fator condicionante na opção destes imigrantes.

O Dr. Hamilcar Turelli elencou em seu depoimento os principais atrativos que a região de Angatuba apresentava para o grupo de toscanos, que se caracterizou pelo espírito empreendedor desde sua chegada à região:

> *A razão desta escolha poderia ser o contato com outros italianos da região de Itapetininga. E veja bem, o Matarazzo (Francisco Matarazzo), sua parada em Sorocaba, no comércio de banha, talvez, por aí, eles foram atraídos pela região de Sorocaba e foram parar em Angatuba. Mantinham também contato com os Stecca, de Sorocaba. O algodão, a produção, estava subindo naquele tempo. E a nossa região era de algodão. (...) Não podemos esquecer também que dentre as inúmeras causas da fixação da nossa família, indubitavelmente está a topografia. O município é recortado por serras, a cidade está situada num vale circundado por elevações. Meu pai (Francisco Turelli) já no princípio, em terras na Serra do Bom Bom produziu vinho, o mesmo aconteceu*

*com o tio Emílio (Emílio Benedetti) na Serra da Figueira e também nos Buenos (bairro dos Cafezais). Eram Lucca e Sant'Anna Pélago presentes!"* [Depoente Dr. Hamilcar Turelli, 1999, São Paulo, pp. 9/10]



MALIT-48: Estação Turistica de S. Anna Péiago, Pievepéiago, Itália, Cartão Postal.



MALIT-90: Alto da Serra da Figueira, Angatuba, SP. 1998, Arquivo Pessoal

A inserção destes imigrantes toscanos na comunidade de destino, Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, certamente ocorreu logo após a chegada em São Paulo, pois tendo saído da Itália em 30 de junho de 1881, há registro no Livro de Batizados da Paróquia, na Cúria Diocesana de Itapetininga, de que, no dia 15 de setembro do mesmo ano, João Tazioli e Rosa Tazioli batizaram o menino Salvador Marques de Oliveira, filho de Salvador Marques de Oliveira e Emília Maria da Conceição e, no dia 8 de novembro de 1881, Francisco Turelli e Romana Leopolda batizaram a menina Angelina, filha de Mariano Antunes e Antônia Maria do Espírito Santo.

O outro grupo de imigrantes italianos que veio para Angatuba provinha da Campania. Situada na Itália Meridional, a Campania é uma região peninsular com 13.600Km², entre o Garigliapo, ao norte, e o Golfo de Policastro, ao sul (Mar Tirreno), na encosta oeste dos Apeninos. Salerno, Nápoles, Avelino, Benevento, Casera, constituem suas províncias, as quais apresentam montanhas de média latitude, calcárias e vulcânicas, colinas argilosas e arenosas.

Povoada pelos samnitas, depois pelos etruscos, que fundaram Cápua no século VI a.C. e, finalmente, por colonos gregos, a Campania aliou-se a Roma desde 338 a.C. e foi escolhida como lugar de vilegiatura pela aristocracia romana, sempre por ter sido conhecida pela fertilidade de suas terras. À medida que se desce para a Sicília, sente-se a presença helênica na região, onde os gregos tiveram, nessa costa do Mar Tirreno,

numerosas colônias, as quais guardaram marcas de uma profunda helenização, como testemunhou Pompeu.[47]

Era uma população rude e pobre que habitava os planaltos do Mateso, antiga região dos samnitas, que prolonga os Abruzzos até a Campania. Uma mudança singular acontecia descendo a montanha para as colinas e a planície de Nápoles, uma zona de formação vulcânica, que deixava de ter um solo compacto, como no Lácio, surgia com um terreno leve, lavradio, muito fértil. A abundância de água permitia a irrigação regular da campina, onde se produzia o trigo, o vinhedo, frutas e legumes.

Nessa terra de cultivo, vivia uma população quase tão densa como nas costas da Ligúria, Casera, Capri, Sorrento e o seu promontório Amalfi e Salerno no fundo do seu golfo. Essa população comprimia-se em aldeias e cidades, entre olivedos e laranjais. Tanto nos campos, nos vinhedos, nas aldeias (sobretudo nas colinas), havia vielas sombrias onde, nas casas grandes e escuras, habitava uma população excessivamente modesta, mas a região possuía também uma camada populacional abastada, de espírito sutil e propensa às especulações filosóficas. O campânio, independentemente de ser um camponês ou citadino, sempre apresentou um temperamento vivo, desembaraçado: paireia-se, acotovela-se, injuria-se, beija-se e canta-se ao ar livre; um povo inteligente, agitado e indolente, zombeteiro e apaixonado, supersticioso, mas extremamente religioso e convicto dos grandes sucessos do milagre de San Genaro.[48]

Salerno, local de origem dos imigrantes da Itália meridional fixados em Angatuba, situa-se ao sul de Nápoles, entre os cabos Miseno e Campanella, sendo sede de província. Tornou-se célebre na Idade Média por sua escola de Medicina. A economia no século XIX era agrícola e no final do século ainda guardava aspectos de servidão, pois nas suas comunidades rurais era grande o número de camponeses e artesãos analfabetos. Após a unificação nacional, houve o desaparecimento das pequenas e médias propriedades e o processo de industrialização, não sendo capaz de absorver toda a população expulsa da agricultura, ofereceu como única saída para o excedente populacional a diáspora. (ALVIM, 1986, p. 27). A proletarização tornou-se sinônimo de expulsão. A emigração, entretanto,

---

[47]Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1998, vol.5, p. 1050; vol.21, pp. 51-97.

[48]Enciclopédia pela Imagem. A Itália. Livraria Chardron, Lello e Irmão Ltda. Editores Porto, Portugal, 1958, pp. 44/45.

não diminuiu com o crescimento das indústrias (têxteis, mecânica e alimentícia) e, mais tarde, a do turismo.

Quanto aos fatores de atração para os imigrantes provenientes da Campânia, Província de Salerno, estão os ligados à influência dos padres italianos que se estabeleceram na região de Sorocaba.



Localização de Salerno, província de origem dos imigrantes italianos meridionais. Doc. Virginio Mantesso.

Cabem aqui algumas considerações sobre o processo de mudanças, verificado na Diocese de São Paulo, que iria assumir a postura centralizadora formulada pelo Papa Pio IX, no Concílio Vaticano I. Estabelecia este uma reforma interna da Igreja e do clero, priorizando a disciplina e exigência do celibato. Tal processo, uma ação direta de Roma na Igreja do Brasil, ficou conhecido como romanização. Foi implantado por D. Lino Deodato na Diocese de São Paulo, no período compreendido entre 1873 e 1894, seguindo as orientações pontificiais e utilizando-se do clero estrangeiro.

A romanização foi uma reação ao catolicismo luso-brasileiro, sobretudo ao clero paulista, que desde o princípio do século XIX se pautava por um modelo iluminista e regalista[49], dispensava pouca atenção à moral e aos bons costumes. Muitos padres eram casados ou viviam de maneira irregular, outros ainda estavam envolvidos com a maçonaria e ligados à política (WERNET, 1987, p. 122). Implicava, também, uma reforma interna da Igreja, reforma do clero, da disciplina, exigência do celibato, voltado às atividades essencialmente religiosas. Para que isto ocorresse, era preciso transformar as igrejas locais à semelhança da Igreja de Roma (DE BONI, 1987, p. 45).

Segundo Roger Bastide, Roma podia assim contar com essas bases novas e tentar fazer a transição do catolicismo colonial para o catolicismo universalista com completa rigidez moral e doutrinal (BASTIDE, s/d. p.6).

A presença do imigrante em São Paulo proporcionou mudanças de perfil à cidade, que ganhou ares de constante crescimento. A Igreja sentiu que era preciso não descuidar da formação religiosa desses imigrantes. Com o aumento da classe trabalhadora, era preciso dar-lhe assistência espiritual.

A romanização acompanhou a chamada modernização do país. A Igreja identificou-se com a elite dominante brasileira para implantar a sua reforma. A elite, por sua vez, buscou na Europa a mão-de-obra necessária para as lavouras de café do interior paulista, enquanto a Igreja no Brasil chamou padres europeus para a implantação do novo modelo romanizador, desprezando o clero secular nacional (LEVA, 1996, p. 55).

No período do prelado D. Lino Deodato (1873-1894), entraram em São Paulo 228 padres estrangeiros, sendo 154 italianos, dos quais 103 procedentes da região Sul da Itália: Campania, Basilicata e Calábria. A Diocese de Salerno esteve entre as que mais enviaram religiosos para o Brasil, podendo-se mencionar que os primeiros que vieram para Angatuba, na região de Sorocaba, eram procedentes de tal Diocese (LEVA, 1996, p. 32).

Em 1875, emigrou para o Brasil o italiano padre Caetano Tedeschi (Gaetano Tedeschi), procedente de Morano (Calábria). Era filho de camponeses. Foi presbítero secular na Diocese de Cassana (Cosenza) e serviu como cônego da Igreja de S. Nicolas, em Morano. Foi nomeado vigário encomendado, em 24 de dezembro de 1875, tomando posse

[49]O termo regalista originou-se de regalismo, doutrina que defende a ingerência do chefe de Estado em questões religiosas. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s/d, p. 1217.

em 9 de janeiro de 1876, na Paróquia do Divino Espírito Santo, da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista (atual Angatuba). Anualmente obtinha Provisão do Bispo de São Paulo para que pudesse se manter como pároco, permanecendo no período de 1876 a 1886. Foi removido em 16 de abril de 1886 para a Paróquia de Nossa Senhora do Bonsucesso (atual município de Paranapanema). Nesse mesmo ano foi nomeado vigário para a Paróquia de N. Sra. da Conceição, no município de Capão Bonito, onde permaneceu até o seu falecimento em 5 de julho de 1906.[50]

Em 21 de maio de 1886, foi nomeado vigário encomendado da Paróquia do Divino Espírito Santo o imigrante italiano Reverendo Padre João Paschoal (Giovanni Pasquale), com trinta e um anos, natural de Sapri (Província de Salerno, Campania). Era filho do Sr. Angelo Pasquale, que exercia a profissão de artesão em metais (romaio) e da Sra. Rosa Maria Schettine (Schettino). Permaneceu nessa paróquia, com as provisões anuais, até 21 de maio de 1894, quando veio a falecer.[51]

Também em 1876, quando o Padre Caetano Tedeschi havia se fixado na Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, emigrou Sabino Antônio Schettini (Sabato Antonio, vinte e um anos) para o Brasil, procedente de Sapri (Província de Salerno, na Campania).

Com o segundo pároco, Pe João Paschoal (Giovanni Pasquale) em 1886, verificou-se uma típica imigração em cadeia. Também emigraram seus parentes: Bráz Antônio Schettini (vinte e seis anos, irmão de Sabino Antonio); Braz Peluso (Biagio, vinte e dois anos); a esposa Maria Lacorte (dezoito anos) e a filha Josephina e João Mariosi (Giovanni, vinte e sete anos). Este último era casado com a tecelã Angelina Pignatari que permaneceu em Salerno.

Entre 21 de maio a 23 de junho de 1894, a paróquia do Divino Espírito Santo recebeu outro imigrante, procedente de Sapri, o padre Braz Pansardi (Biagio Pansardi) que foi substituído pelo também imigrante italiano, padre Domingos Galardi (Domenico Galardi).

O Reverendo Padre Domingos nasceu na Freguesia da Natividade, Província de Salerno (Campania) e era de família camponesa. Estudou no Seminário Episcopal de

[50]Arquivo da Cúria Metropolitana "Dom Duarte Leopoldo e Silva", Arquidiocese de São Paulo, Livro nº 1 - Paróquias: 1880-1905, p. 16.
[51]Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro de Óbito nº 1, p. 196v.

Capaccio Vallo (Salerno), ordenando-se presbítero em 1° de novembro de 1890, segundo documentação referente a esse sacerdote, encontrada na Cúria Metropolitana: "Por causa das necessidades e privações que sofreu, em vista da falta de recursos, resolveu retirar-se para outro bispado".[52] Isso ilustra a estratégia de famílias camponesas, cuja saída para situação de miserabilidade era enviar filhos para estudar no seminário e formarem-se padres. Motivos de ordem moral e sua postura de contestar a infalibilidade do Papa Pio IX levaram-no a emigrar para o Brasil em 11 de novembro de 1842, com vinte e cinco anos de idade, para escapar às sanções impostas pelos seus superiores eclesiásticos.

Para poder exercer as funções sacerdotais na Arquidiocese de São Paulo, necessitou dos testemunhos dos seus conterrâneos fixados na Capital: Sr. Affonso Galardi, trinta anos, seu parente consangüíneo, e o Sr. Domingos Gorrasi, a fim de confirmarem que o haviam conhecido como seminarista, no Seminário Episcopal de Capaccio Vallo (Salerno).

O padre Domingos Galardi foi coadjutor em Jundiaí de 1893 a 1894. Em 25 de novembro de 1894, tomou posse como Vigário da Paróquia do Divino Espírito Santo (Angatuba) e atendeu também a Paróquia de São João Batista (município de Guareí) de 5 de maio de 1895 a 2 de janeiro de 1898, como pároco permaneceu em Angatuba até 8 de maio de 1901. Nesse período conseguiu, anualmente, as provisões diocesanas para continuar exercendo suas funções paroquiais e obteve também seis meses de licença. Ao retornar em 21 de dezembro de 1901, tirou Carta Testamental datada de 16 de novembro de 1904 para afastar-se da Diocese de Sorocaba.[53]

Alguns padres seculares chegaram como imigrantes, naturalizando-se[54]. Uns eram zelosos, mostravam o perfil de padre; outros, assumiram comportamento inconveniente, envolvendo-se em situações comprometedoras (LEVA, 1996, p. 26).

---

[52]Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. PHGM 03-57-289. DSP, fls. 10v.
[53]Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro n° 1. Paróquias: 1880-1905, p. 16.
[54]Entre os padres procedentes de Sapri, cumpre também destacar o padre Vito Jannuario Finamore, que se destinou à Vila de Campo Largo de Sorocaba (atual Araçoiaba da Serra) e era aparentado com imigrantes de Sapri, que haviam fixado em Angatuba.

Portanto, na visão institucional, o clero italiano da diocese de São Paulo não correspondia às expectativas do processo de romanização, mas era com esse clero mesmo, que foi possível contar para a implantação dessa reforma eclesiástica.[55]

Expostas as condições da região de origem que impulsionaram a saída de grandes contingentes populacionais, impõe-se a explicitação de como famílias dessas regiões deixaram sua pátria em demanda ao Brasil. Como se formou uma rede de comunicação que envolveu desde parentes que haviam emigrado, em anos anteriores, até autoridades eclesiásticas já estabelecidas em paróquias da diocese de São Paulo.

Uma das constatações interessantes da pesquisa foi a de permitir traçar como se formara, ainda no século XIX, essa rede de informações, permitindo a vinda de famílias italianas para a região de Angatuba.

Estudiosos admitem que há um perfil característico dos imigrantes do Norte (setentrionais) e do Sul (meridionais) da Itália que os diferenciava, predominando a atividade camponesa entre os primeiros e as atividades urbanas entre os segundos. (ALVIM, 1986, pp. 160-177).

Entretanto, não se constata tal diferença entre os imigrantes setentrionais e os meridionais que se fixaram em Angatuba. O aspecto de maior relevância era o de não serem camponeses, mas sim empreendedores, pois associavam à atividade agrícola (sítio com cafezal), casas comerciais (armazéns), oficinas artesanais (ferraria e tenda de folheiro) e manufaturas (olarias). Essa atitude frente à profissão era tomada tanto por setentrionais como por meridionais, não se observando a diferença geográfica apontada por certos autores na determinação das ocupações exercidas por esses imigrantes. A essas funções se somaram com o tempo, atividade de prestamista, dada a ausência de casas bancárias na pequena localidade.[56]

---

[55] O ingresso no "baixo clero" constituía uma alternativa vantajosa para esse campesinato meridional, como um meio de afastar os filhos da herança da terra. Saía-se de um universo regido pelo pai para ingressar no universo regido pelo Papa, afirma Woortmann . (GONÇALVES DA SILVA, 1998, p. 27).

[56] Prestamista: pessoa que empresta dinheiro a juros. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1ª edição, 4ª impressão, 1975, p. 1144. Indivíduo assim alcunhado, na região, por emprestar dinheiro. Em Angatuba, na década de 30 é que se criou a primeira casa bancária, o Banco Popular de Angatuba, de Roldão Vieira de Moraes e a Caixa Econômica do Estado de São Paulo. Em junho de 1951, foi inaugurado o Banco Cruzeiro do Sul (Grupo Jafet) e, aproximadamente, três anos depois foi vendido para o Banco Mercantil de São Paulo, permanecendo essa agência bancária na cidade até o início da década de 1970. Em 13 de março de 1979, foi inaugurada a agência do Banco do Estado de São Paulo (Banespa) e nesse mesmo ano, o Banco do Brasil. Finalmente em 16 de agosto de 1993, o Bradesco abriu sua agência bancária na localidade.

Portanto, sua origem, sulina ou nortista, e as diferenças de classe social, não os impediram de se unirem em sociedade, na aquisição de estabelecimentos comerciais pequenos que foram se expandindo com o crescimento da cidade.

Pelo fato de terem adquirido patrimônio fundiário, logo após sua chegada e terem montado estabelecimentos comerciais, pudemos inferir que tanto os toscanos quanto os campânios, emigraram com algum capital

Destarte, há que se concordar com Maria Cristina S. Gabriel quando afirma que:

> *A conseqüência do transporte de uma multidão de pessoas para um país distante é que elas criam identificações entre si que não existiam antes. Italianos de regiões diversas eram todos "italianos" no Brasil, fossem eles agricultores ou artesãos (...). Os milhares de italianos que vieram para São Paulo nessa primeira fase da grande emigração, ou seja, até os últimos anos do século XIX, foram os responsáveis pela criação de uma coletividade italiana no Estado (...). Foi também esse grupo que lutou por uma abertura no mercado de trabalho nas cidades, através dos armazéns e de outros negócios* (GABRIEL, M. C. C., 1995, pp. 69/70).

Entretanto, manteve-se a diferença quanto ao consumo cultural e à formação educacional, correspondendo ao capital cultural que trouxeram do país de origem, os setentrionais se destacando dos meridionais.

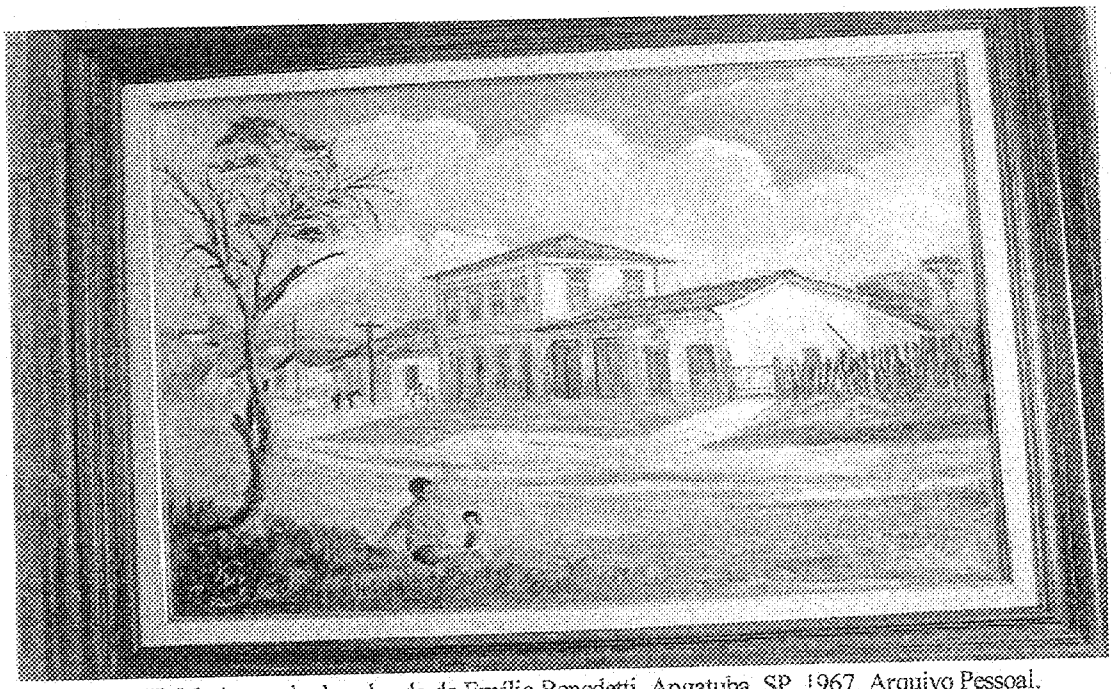
A pesquisadora Andréa Borelli assinala também que o sentimento de solidariedade existente entre os italianos foi desenvolvido no Brasil, pois as pessoas na Itália só tinham em comum o fato de pertencerem ao mesmo país, pois seus costumes, crenças e modos de vida eram diferentes e marcavam a tradição de grupos provenientes das regiões diversas: "(...) Esses recém-chegados desenraizados criaram novos laços de solidariedade étnicos, que permitiam encontrar possibilidades de superar a miséria através da união em pequenos negócios e diversas atividades, nas quais colocam as experiências adquiridas em seus países de origem, pois a emigração pode soltar o indivíduo em um mundo novo, mas não apaga sua maneira de vida" (BORELLI, 1994, p. 5).

No momento da fixação em 1881, o imigrante toscano João Tazioli adquiriu terras no subúrbio da vila, cuja propriedade era cortada pela estrada que ligava Angatuba a Itapetininga. Montou ali, então, um armazém, em anexo, construiu uma grande residência

conhecida por "Villa São João". Há poucos metros desta, erigiu uma capela em louvor a São João[57] e cultivou vinhedo, criou gado caprino e ovino.

É interessante observar que João Tazioli nunca exerceu a profissão de sapateiro (calzolaio) em Angatuba, mas sim a de negociante e proprietário (como consta nos registros). Entretanto, era conhecido como "João Sapateiro", mantendo de certa forma uma identidade trazida da velha pátria e reafirmada pelos parentes e conhecidos que com ele haviam emigrado.

Emílio Benedetti montou uma olaria, o que lhe rendeu muitos dividendos, pois a vila, nesse ano de 1881, começava a adquirir "ares" de cidade com ampliação das suas construções. Em seguida, construiu um grande sobrado (o primeiro da vila) no mesmo subúrbio próximo à propriedade do sogro. A parte térrea era destinada ao seu armazém e, em cima tinha sua morada. Depois adquiriu um sítio no Bairro dos Cafezais (atual Buenos) e imóveis no centro da cidade.



MALIT-26: Aquarela do sobrado de Emílio Benedetti, Angatuba, SP. 1967. Arquivo Pessoal.

[57]A antiga capela de São João, faz parte do terreno do "Asilo Santo Antônio", como toda área ocupada pela "Villa São João", residência da família João Tazioli. Com a morte desse "patriarca" essa área passou para os herdeiros de Maria Teresa Tazioli e esposa de Francisco Turelli, os quais residiram no local com a família, por muitos anos. Com o falecimento do casal, os herdeiros venderam a propriedade ao Sr. Joaquim Araújo e em 26 de junho de 1940, a viúva deste, Sra. Cesarina Maria José de Araújo, mãe e tutora dos herdeiros transmitidos: Dorival, Cesarina - conhecida Nicola -, Oswaldo, Laurentina, solteiros e os menores: Cacilda e Pedro; vendeu à Sociedade Civil representada pela Sra. Glicéria Vieira de Moraes, para construir o retiro dos pobres. Era uma chácara de um alqueire, vendida por nove contos de réis. (Livro 3/K, fls. 151, registro nº 8, 203. Transcrição anterior de nº 8, 169. Registro de Imóveis e Anexos "Samuel de Mello Almada Jr.", Itapetininga, 26 de junho de 1940.

Francisco Turelli investiu sua poupança num sítio com plantação de café, situado na Serra do Paredão (próximo ao Bairro do Bom Bom), abriu casa comercial no Largo da Matriz e negociou como prestamista no município e região, adquirindo também sítios e fazenda.

Também na vila, em 1886, permaneceram os imigrantes campânios: João Mariosi, com armazém e tenda de folheiro, adquiriu um sítio com cafezal, no Bairro dos Cafezais; Brás Antônio Schettini foi sócio de Braz Peluso num armazém e Sabino Antônio Schettini também tornou-se sitiante no Bairro dos Cafezais e dos coqueiros.

O Almanach da Província de São Paulo, nas páginas referentes à "Villa do Espírito Santo da Boa Vista" relaciona os italianos Tazioli & Filho, Mariosi, Schettini & Peluso como negociantes e proprietários de "fazendas, ferragens, molhados e armarinhos" e Francisco Turelli como "fazendeiro e agricultor de café, fumo, cana".[58]

O vigário padre Caetano Tedeschi tornou-se sitiante e prestamista e o padre Domingos Galardi também foi prestamista. Apesar de todas as exigências da romanização que visavam afastar os religiosos dessas atividades, esses padres além dos mistéres religiosos e das questões eclesiásticas, dedicavam-se a atividades comerciais e financeiras, revivendo antigas práticas do catolicismo tradicional brasileiro.

Todos esses imigrantes se integraram à "comunidade de destino", muito rapidamente, uma vez que investiram suas economias na localidade e, já no final de 1880, estavam praticamente estabelecidos no comércio angatubense.

Diferenças regionais no seu país de origem não pareciam impedir a construção de uma rede de amizade e relações pessoais, registradas através de suas atuações, como testemunhas de casamento, nas procurações, no compadrio, nas sociedades, nos negócios e outras relações sociais que promoveram a ampliação de suas próprias possibilidades de fixação. Todas essas ações evidenciavam a busca e ampliação de seu capital social, político e econômico.

---

[58] Almanach do Estado de São Paulo para 1890 por Jorge SECKLER - Septimo Anno, São Paulo: Editora proprietários Jorge Seckler e Comp., pp.460/461/462/463/464.

## 2.3 - As Famílias[59] Imigrantes Pioneiras: Genealogias

Neste item pretende-se dar uma noção mais clara da constituição e do entrelaçamento entre as famílias pioneiras do município de Angatuba.

### Famílias Imigrantes Italianas de origem Setentrional

I. Família João Tazioli

II. Família Emílio Benedetti

III. Família Adriano Tazioli

IV. Família Francisco Turelli

### Famílias Imigrantes Italianas de origem Meridional

I. Família Sabino Antonio Schettini

II. Família Braz Peluso

III. Família João Mariosi

### Rede de Relações das Famílias Imigrantes Italianas de origem Setentrional

### A) Famílias que se fixaram na zona urbana

I. Família Luigi Biaggioni

II. Família Luiz Manfredini

III. Família João Orsi

---

[59]No sentido descrito por Bourdieu, família é "o princípio de construção da realidade social". Esse "princípio de construção" é um dos elementos constitutivos de nosso habitus, uma estrutura mental que, tendo sido inculcada em todas as mentes socializadas de uma certa maneira, é ao mesmo tempo, individual e coletiva.
(...) Assim, no discurso que a família faz sobre a família, a unidade doméstica é concebida como um agente ativo, dotado de vontade, capaz de pensamento, de sentimento e de ação e apoiada em um conjunto de pressupostos cognitivos e de prescrições normativas que dizem respeito à maneira correta de viver as relações domésticas: universo no qual estão suspensas as leis corriqueiras do mundo econômico, a família é o lugar da confiança (trusting) e da doação (giving) (...) o lugar onde se suspende o interesse no sentido estrito do termo, isto é, a procura de equivalência nas trocas (...) e as relações familiares em sua definição oficial tendem a funcionar como princípios de construção e de avaliação de toda relação social. (BOURDIEU, 1991, pp.126/127).

## B) Famílias que se fixaram na zona rural

I. Família Angelo e Giuseppe Santi

II. Família Geremias Bertholai

III. Família Baptista Nanini

## Famílias Imigrantes Italianas de origem Setentrional

## I. FAMÍLIA JOÃO TAZIOLI

| | |
|---|---|
| I<br>**Giovanni Battista Tazioli**<br>(42 anos)[60]<br><br>e<br><br>**Maria Rosa Fortunata Tazioli**<br>(51 anos) | Pai = Antônio Tazioli<br>Mãe = Maria Domênica Fortunata<br>Nascido a 18-set-1839<br>Em Síllico, Província de Massacarrara, Toscana, Itália.<br>Sapateiro, negociante (Angatuba)<br>Falecido a 28-jul-1915 em Angatuba<br><br>Pai = Giovanni Battista Tazioli<br>Mãe = Caterina Barsanti Lenzarini<br>Nascida a 13-jun-1830<br>Em Síllico, Província de Massacarrara, Toscana, Itália<br>Falecida a 31-dez-1912 em Angatuba |

⇓

| | |
|---|---|
| **1.1 - Maria Caterina Palmira Armida**<br>(13 anos) | Nascida a 12-jul-1868, em Síllico<br>Falecida a 28-jul-1910, em Angatuba |
| **1.2 – Pietro Adriano**<br>(11 anos) | Nascido a 24-mar-1870, em Síllico<br>Sapateiro, negociante, em Angatuba<br>Falecido a 19-jun-1931, em Angatuba |
| **1.3 - Maria Teresa Giustina**<br>(7 anos) | Nascida a 7-out-1874, em Síllico<br>Falecida a 19-mai-1922, em Angatuba |

[60]Entre parenteses encontram-se as respectivas idades de quando os imigrantes italianos emigraram para o Brasil.

O "patriarca" João Tazioli (Giovanni Battista Tazioli), ao emigrar para o Brasil, investiu seu lucro ou sua poupança em patrimônios imobiliários: chácara no subúrbio da vila, um armazém e lotes de terra.

Sua trajetória de vida na comunidade, as redes de relações que construiu denotam, outrossim, "múltipla abertura de canais participativos" de ordem política, econômica e social. Sua vinculação com o PRP, os vínculos de compadrio, as relações inter e intra étnica foram fatores aglutinadores para avaliar a sua inserção na sociedade local. João e Rosa Tazioli protagonizaram a construção de uma grande descendência da família na comunidade de Angatuba.

## II. FAMÍLIA EMÍLIO BENEDETTI

| | |
|---|---|
| 1<br>**Emilio Benedetti**<br>(29 anos)*<br><br>e<br><br>**Maria Caterina Palmira Armida Tazioli**<br>(1° casamento) | Nascido a 06-nov-1852, em Benabbio, Lucca<br>Construtor, artista (Castelnuovo Garfagnana)<br>Construtor, comerciante (Angatuba)<br>Membro do PRP local<br>Falecido a 12-dez-1924, em Angatuba<br>Casamento: a 3/4/1883<br>Padrinhos: Francisco Tureli<br>Joaquim Polycarpo Ferreira – cafelista, escravocrata<br>Nascida a 2-jul-1868, em Síllico<br>Falecida a 8-jul-1910, em Angatuba |

⇓

| | |
|---|---|
| 1.1<br>**Maria Domênica Benedetti**<br><br>e<br><br>**Antonio Lisboa**<br><br>Casamento:<br>30-jul-1904<br>Padrinhos: João Batista da Silveira Neves e Adriano Tazioli | Nascida a 25-nov-1889, em Angatuba<br>Batizado - 3-dez-1889<br>Padrinhos: Braz Peluso e Philomena Finamore<br>Falecida a 4-ago-1919, em Angatuba<br><br>Nascido a 13-jun-1887<br>Pais: Joaquim Theodoro Rodrigues e Cesarina Rodrigues dos Santos<br>Netos dos fundadores de Angatuba:<br>Avô paterno: Salvador Rodrigues dos Santos<br>Avô materno: Theodoro José Rodrigues<br>1° Juiz de Paz (1916), Vereador (PTN)<br>Funcionário público, professor de música<br>Maestro da Banda "Lira Angatubense"<br>Falecido a 6-jun-1985, em Angatuba |

* Emílio Benedetti, após ter ficado viúvo de Maria Caterina Palmira Armida Tazioli se casa em 11 de fevereiro de 1911 com Thotonilha Maria de Lima e geraram os filhos: Eronildes, Jacy, Udine e Maria aparecida, esta casada com Azor Schettini, neto de Sabino Antonio Schettini.

| | |
|---|---|
| 1.1.1<br>**João Herondines** | Nascido a 25-5-1905, em Angatuba<br>Batizado: 25-5-1905<br>Padrinho: Emílio Benedetti e Palmira Tazioli - Negociante |
| 1.1.2<br>**Edil** | Nascido a 30-5-1908, em Angatuba<br>Batizado: 2-8-1908<br>Padrinhos: Joaquim Theodoro Rodrigues e<br>Cesarina R. dos Santos - Alfaiate |
| 1.1.3<br>**Levy** | Nascido a 8-4-1910, em Angatuba<br>Batizado: 21-4-1910<br>Padrinhos: Adriano Tazioli e M. Cândida Protazio de Almeida<br><br>Funcionário público<br>Vereador: (1952-1955) PTB, (1964-1969) MDB<br>Líder político (PTB-PTN-MDB)<br>Falecido a 27-set-1971, em Angatuba<br>Casou-se em Aparecida do Norte, no dia 8 de dezembro de 1938, com **Eulina Pereira de Moraes**, nascida em Angatuba, no dia 30 de novembro de 1911; filha de Manoel Pereira de Moraes e Antônia Beatriz da Candelária Rolim Cyrineo; professora; faleceu em Angatuba, no dia 19 de agosto de 1980. Foram seus padrinhos de casamento Juvenal Pereira de Moraes e Alice Pereira de Moraes, Carolina Cayubi e Maria Antonieta de Moraes Bicudo. |
| 1.1.4<br>**Henedina** | Nascida a 12-8-1912, em Angatuba<br>Batizado: 21-12-1912<br>Padrinhos: Cel. Antonio Vieira Sobrinho e Angelina Turelli<br><br>artista de teatro, cinema e televisão São Paulo<br>Falecida a 4-8-1987, em Angatuba |
| 1.1.5<br>**Esthero** | Nascido a 24-5-1914<br>Falecido a 15-6-1914 |

## Levy Lisboa X Eulina Pereira de Moraes

| | |
|---|---|
| **1.1.3.1 - Evandro Antonio** | Nascido a 07-10-1939, em Angatuba – Engenheiro Químico |
| **1.1.3.2 - Vinicius** | Nascido a 07-5-1942, em Angatuba - bancário |
| **1.1.3.3 – Lúcio Manfredo** | Nascido a 28-4-1945, em Angatuba – Engenheiro Químico |
| **1.1.3.4 – Maria Aparecida** | Nascida a 05-4-1948, em Angatuba - Professora |
| **1.1.3.5 – José Emilio Carlos** | Nascido a 9-3-1951, em Angatuba Professor, Funcionário do INSS Prefeito Municipal 1983-1988 PMDB, 1993-1996 PMDB, 2001-2004 PMDB |
| **1.1.3.6 – Maria Angélica** | Nascida a 07-5-1954, em Angatuba - Professora |
| **1.1.3.7 – Maria Auxiliadora** | Nascida a 31-3-1956, em Angatuba – Engenheira de Alimentos |
| **1.1.3.8 – Levy Lisboa Jr.** | Nascido a 02-2-1958, em Angatuba |

O imigrante toscano Emílio Benedetti fez parte da família de João Taziolli ao emigrar para o Brasil e tornou-se, mais tarde, seu genro. Trajetória semelhante percorreu Francisco Turelli, que se tornou seu cunhado. Parte da descendência do primeiro está ligada às famílias de pioneiros locais, as quais possuíam nomes que simbolizavam prestígio e tradição na sociedade de Angatuba.

Emílio Benedetti, para manter a melhor convivência com a comunidade de adoção, desenvolveu relações sociais que abrangeram o campo político, econômico e cultural. Esse processo de integração envolveu várias gerações, ao mesmo tempo, preservou suas ligações com Lucca, sua província de origem, intermediando uma emigração em cadeia de amigos e vizinhos, as famílias: Biaggioni, Favali e outras.

## III. Família Adriano Tazioli

| | |
|---|---|
| 1<br><br>**Pietro Adriano Tazioli**<br>e<br><br>**Maria Cândida Protázio de Almeida** | Nascido a 24-3-1870, em Sillico<br>Comerciante (Angatuba)<br>Membro do PRP local<br>3 ° Juiz de Paz (1889-1892)<br>Vereador (1899-1902) PRP<br><br>Nascida a 3-10-1867, em Itapetininga<br>Pais: Francisco Protázio de Almeida - cafelista - e Modesta Carolina Pedrozo<br>Falecida a 12-4-1951, em Angatuba<br>Casamento: 5-5-1888 em Angatuba<br>Padrinhos: Francisco Turelli e José Paulino Ferreira – Cafelista, escravocrata. |

⇓

| | |
|---|---|
| **1.1 - Maria Irene** | Nascida a 5-2-1889, em Angatuba<br>Batizado: 16-2-1889<br>Padrinhos João Tazioli e Rosa Tazioli. |
| **1.2 - Maria Hermida** | Nascida a 1-8-1890, em Angatuba<br>Batizada: 23-8-1890<br>Padrinhos: Claudina Protázio de Almeida e Maria da Cruz. |
| **1.3 - Hermindo** | Nascido a 1-4-1892, em Angatuba<br>Batizado: 30-4-1892<br>Padrinhos Emílio Benedetti e Palmira Tazioli.<br>Funcionário Público |
| **1.4 - Francisca** | Nascida a 7-7-1894, em Angatuba<br>Batizada: 7-10-1894<br>Padrinhos: Francisco Turelli e M. Teresa Tazioli. |
| **1.5 - Ernesto** | Nascido a 14-2-1896, em Angatuba<br>Batizado: 8-3-1896<br>Padrinhos: Salvador Ferreira de Albuquerque e Anna Florinda.<br>Comerciante |
| **1.6 - Epaminondas** | Nascido a 24-1-1898, em Angatuba<br>Batizado: 11-3-1898<br>Padrinhos: Antonio de Almeida Leme e Emília de Almeida Leme. |
| **1.7 - João Tazioli Neto** | Nascido a 9-12-1899 |

| | |
|---|---|
| **1.8 - Arminda** | Nascida a 10-6-1902, em Angatuba<br>Batizada: 6-7-1902<br>Padrinhos: Antonio Rolim Jr. e Maria Pérpetua Vieira. |
| **1.9 - Orlando** | Nascido a 11-11-1904, em Angatuba<br>Batizado: 31-12-1904<br>Padrinhos: João B. da Silveira Neves e Zélia Vasconcelos Neves.<br>Comerciante |
| **1.10 - Adriano** | Nascido a 14-7-1906, em Angatuba<br>Batizado: 21-10-1906<br>Padrinhos Félix de Albuquerque Rolim e Maria D. de Albuquerque. |
| **1.11 - Arquimedes** | Nascido a 30-12-1908, em Angatuba<br>Batizado: 5-4-1909<br>Padrinhos: José Cafundó e Ana Rodrigues dos Santos. |
| **1.12 - Anibal** | Nascido a 6-3-1911., em Angatuba |

O imigrante Pietro Adriano Tazioli tinha onze anos ao chegar ao Brasil, se fixou com a família, nos subúrbios da Vila do Espírito Santo da Boa Vista (nome antigo de Angatuba). Exerceu a profissão de sapateiro e logo se incorporou aos negócios paternos, atuando no armazém da família "Tazioli & Filho", conforme apresenta o Almanaque da Província de São Paulo para o ano de 1888. Esta edição menciona o estabelecimento dos Tazioli como importante casa comercial. Atuava o jovem Tazioli no comércio conjuntamente com comerciantes nacionais aparentados com sua futura esposa. Em 1890, apareceu como funcionário público no elenco das profissões dos eleitores desse ano. Casou-se com a brasileira Maria Cândida Protázio de Almeida, filha e neta de cafelistas, escravocratas e comerciantes da região. As testemunhas do matrimônio, segundo o sistema de compadrio, evidenciaram a ampliação de seu capital social e sua rápida inserção na sociedade local.

## IV. Família Francisco Turelli

| | |
|---|---|
| 1<br><br>**Francisco Turelli**<br>(30 anos)<br><br>e<br><br>**Maria Teresa Giustina Tazioli** | Nascido a 5-11-1851, em Bondeno, Ferrara<br>Pai - Mariano Turelli (Sant'Anna Pélago, Módena)<br>Mãe - Angela Santi (Sant'Anna Pélago, Módena)<br>Negociante, fazendeiro<br>Prefeito Municipal – 1913<br>Membro do PRP local<br>Falecido a 6-8-1923, em Angatuba<br><br>Nascida a 7-10-1874, em Sillico, Massacarrara<br>Pai - Giovanni Baptista Tazioli<br>Mãe - Maria Rosa Fortunata Tazioli<br>Falecida a 15-5-1922, em Angatuba |

⇓

**Francisco Turelli X Maria Teresa Giustina Tazioli**

| | |
|---|---|
| **1.1 – Angelina** | Nascida a 22-11-1893, em Angatuba; Batizado:22-11-1893<br>Padrinhos: João Tazioli e Rosa Tazioli<br>Falecida a 16-11-1953<br>Casada com Cel. Antônio Vieira Sobrinho,<br>filho do Cel. Juviniano Pereira de Moraes (cafelista) e Maria Vieira de Camargo;<br>Fazendeiro, Prefeito Municipal: (1920-1922) Angatuba, (1934-1935) Itapetininga; Deputado Estadual: 1947-1951 PSD, 1956-1959 PSD. Deputado Federal: 1952-1956.<br>Líder político. Falecido a 20-2-1976.<br>Casamento: 18-5-1912, em Angatuba, sendo padrinhos Prof. Othon Odon de Albuquerque, Sr. Pedro Augusto de Oliveira e Sr. Joaquim Pereira de Moraes.<br>Cafelista. |
| **1.2 – Ulice** | Nascido a 20-4-1895, em Angatuba; Batizado: 24-12-1895.<br>Padrinhos: Emílio Benedetti e Palmira Tazioli |
| **1;3 – Philomena** | Nascida a 30-10-1897, em Angatuba; Batizado: 11-11-1898.<br>Padrinhos: Padre Caetano Tedeschi e M. Cândida Protázio de Almeida<br>Professora de línguas e Inspetora de Ensino Escolar<br>Falecida a 06-2-1983.<br>1° casamento: 1-3-1919, em São Paulo, com Dr. Licinio Balmaceda Cardoso, médico.<br>2° casamento: 23-5-1924, em Tatuí, com Dr. Carlos Alberto da Costa Nunes. |

| | |
|---|---|
| **1.4 – Semíramis** | Nascida a 5-12-1899, em Angatuba; Batizado: 8-1-1900.<br>Padrinhos: Adriano Tazioli e M. Cândida Protázio de Almeida<br>Professora |
| **1.5 – Aquiles** | Nascido a 8-3-1901, em Angatuba; Batizado: 5-4-1903.<br>Padrinhos: José Pinto Cafundó e Ana Rodrigues dos Santos.<br>Falecido a 6-7-1938, em Londrina /PR. |
| **1.6 – Dirce** | Nascida a 3-1-1902, em Angatuba; Batizado: 15-2-1902.<br>Padrinhos Paulino Gregório de Siqueira e Ana Maria<br>Professora<br>Falecida a 8-8-1990, em São Paulo |
| **1.7 – Syrtes** | Nascida a 2-5-1907, em Angatuba<br>Funcionária pública<br>Falecida a 19-11-1996, em São Paulo |
| **1.8 – Cetésio** | Nascido a 19-2-1909, em Angatuba; Batizado: 6-6-1909<br>Padrinhos: Antônio Lisboa e Maria Domênica Benedetti Sitiante<br>Falecido a 16-12-1981, em Angatuba |
| **1.9 – Myrthes** | Nascida a 17-11-1912, em Angatuba; Batizado: 26-6-1913<br>Padrinhos: João Alberto de Oliveira e Maria da C.Oliveira<br>Funcionária pública<br>Falecida a 5-7-1997, em São Paulo |
| **1.10 – Hamilcar** | Nascido a 26-7-1914, em Angatuba<br>Advogado, Professor e Diretor aposentado do Colégio Porto Seguro<br>Padrinhos de Batismo: Cel. Juviniano Pereira de Moraes (fazendeiro) e Maria Vieira de Camargo |
| **1.11 – Ulisses** | Nascido a 28-7-1916, em Angatuba; Batizado: 21-6-1924<br>Padrinhos: Padre Amadeu Mendes P. do Amaral e Dirce Turelli<br>Engenheiro Agrônomo, fazendeiro, Prefeito Municipal 1948-1951 pela Coligação PSP/PDC.<br>Casado com Ilza Pereira de Moraes, nascida a 22-11-1926 em Angatuba, filha de Roldão Vieira de Moraes(fazendeiro) e Antonieta Pereira de Moraes (doméstica). Falecida a 16-1-2000, em Angatuba.<br>Casamento: 28-12-1946; Padrinhos: Philomena Turelli, Ignácio Antonio Soares e Alzira Vieira de Camargo., |
| **1.12 – Nino** | Nascido a 11-1-1919, em Angatuba; falecido: 13-11-1990, em São Paulo.<br>Bancário |

## Angelina Turelli X Cel. Antonio Vieira Sobrinho

| | |
|---|---|
| **1.1.1 - Ivens Vieira** | Nascido a 5-4-1913, em Angatuba; Batizado: 18-5-1913<br>Madrinhas: Matia Teresa Tazioli e Felizarda de Camargo<br>Fazendeiro; Prefeito Municipal 1960-1963 PSP;<br>Líder político - PSD-UDN-PSP-ARENA<br>Casado com Cecília Dias Macedo, nascida a 24-6-1924, filha de Luiz Tavares de Macedo e Palmyra Dias Macedo (neta do fundador de Angatuba Tenente Cel. Thomáz Dias Baptista Prestes).<br>Casamento: 25-9-1941<br>Falecido a 21-6-1968, em Angatuba. |
| **1.1.2 - Ion** | Nascido a 03-4-1915, em Angatuba |
| **1.1.3 - Darcy** | Nascido a 2-8-1917, em Angatuba<br>Pecuarista, Prefeito Municipal de Itapetininga 1956-1960 PDC.<br>Falecido 13-2-1961, em Itapetininga |
| **1.1.4 - Arion** | Nascido a 16-5-1921, em Angatuba |
| **1.1.5 - Daisy** | Nascida a 18-5-1923, em Angatuba |
| **1.1.6 - Leda Lys** | Nascida a 07-3-1925, em Angatuba |

## Ivens Vieira X Cecília Macedo Vieira

| | |
|---|---|
| **1.1.1.1 - Maria Cecília** | Nascida a 07-9-1942, em Angatuba |
| **1.1.1.2 - Roberto Ivens** | Nascido a 18-2-1944, em Angatuba<br>Fazendeiro; Prefeito Municipal 1969-1972 PDS<br>Falecido em 1982 |
| **1.1.1.3 - Luciana** | Nascida a 22-11-1950, em Angatuba |
| **1.1.1.4 - Luiz Antonio** | Nascido a 26-6-1952, em Angatuba |

## Ulisses Turelli X Ilza Pereira de Moraes

| | |
|---|---|
| **1.11.1 - Francisco Roldão** | Nascido a 03-11-1947, em Angatuba |
| **1.11.2 - Luiz Fernando** | Nascido a 28-2-1954, em Angatuba<br>Fazendeiro<br>Vereador 1977-1982 PMDB |
| **1.11.3 - Marco Antonio** | Nascido a 26-7-1955, em Angatuba |

## Famílias Imigrantes Italianas de origem Meridional

# I. FAMÍLIA SABINO ANTÔNIO SCHETTINI (Schettino)

| | |
|---|---|
| 1<br>**Giuseppe Schettino**<br>E<br>**Felícia Priante** | Natural de Sapri<br>Sapateiro especialista em confeccionar a parte superior do calçado (=tomaio) |

⇩

| | |
|---|---|
| **1.1 - Sabino (Sabato) Antônio Schettino**<br>(21 anos) | Nascido a 24-8-1855, em Sapri<br>Comerciante<br>Falecido a 18-2-1895, em Angatuba<br>Casado com Ana Maria de Jesus, em Angatuba |
| **1.2 - Bráz (Biaggio) Antônio Schettino**<br>(26 anos) | Nascido a 11-10-1860, em Sapri<br>Comerciante<br>Casado com Concetta Flonnisana, em Sapri, em 1897 |

⇩

**Sabino Antonio Schettini X Ana Maria de Jesus**

| | |
|---|---|
| **1.1.1 – Pedro** | Nascido em 1877 em Angatuba<br>Casado com Cesarina Alves Schettini |
| **1.1.2 – Casimiro** | Nascido em 1880 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.1.3 – Idalina M. de Jesus** | Nascida em 1882 em Angatuba |
| **1.1.4 – Affonso Antônio** | Nascido em 1885 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.1.5 - Julieta M. de Jesus** | Nascida em 1887 em Angatuba |
| **1.1.6 - José Antônio** | Nascido a 6-11-1890 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.1.7 – João** | Nascido a 22-12-1893 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.1.8 – Sabina** | Nascida a 18-6-1896 em Angatuba |

⇩

**Pedro Schettini X Cesarina Alves Schettini**

| | |
|---|---|
| **1.1.1.1 - João Schettini Sobrinho** | Nascido a 09-7-1900, em Angatuba<br>Motorista, Comerciante<br>Delegado de Polícia: 1947-1949<br>Vereador: 1948-1951 PSP,<br>1952-1955 PSD (1952-1953 Pres. Câmara),<br>1956-1959 PSD, 1960-1963 PSD/PTN<br>Partidário da Política de Ivens Vieira<br>Falecido a 03-6-1984, em Angatuba |

Sabino Antonio Schettini emigrou para o Brasil em 1876 com o Pe Caetano Tedeschi. Seu irmão Braz Antonio Schettini emigrou em 1886, com o Padre João Paschoal e seus parentes Bráz Peluso e João Mariosi. Braz Antonio Schettini reemigrou para Salerno em 1893 e voltou ao Brasil casado com a italiana Concetta Flonnisana. O casal se fixou em Bebedouro (SP), mas continuou mantendo seus negócios em Angatuba por algum tempo.

A família Schettini possuía armazém na cidade e sítio nos Bairros dos Coqueiros, dos Cafezais da Boa Vista e do Machadinho.

## II. FAMÍLIA BRÁZ PELUSO

| | |
|---|---|
| 1<br>**Michelangelo Peluso**<br>**E**<br>**Maria Rachele Finamore**<br><br>Casamento: 10-4-1851 | Nascido a 8-5-1827, em Sapri<br><br>Nascida a 12-7-1832, em Sapri |

⇓

| | |
|---|---|
| **1.1 – Rosalia** | Nascida a 28-1-1852, em Sapri |
| **1.2 – Giuseppe Antonio** | Nascido a 5-6-1861, em Sapri<br>(também emigrou para o Brasil, permanecendo em São Paulo) |
| **1.3 – Bráz (Biaggio)** | Nascido a 22-11-1854, em Sapri<br>Comerciante<br>Falecido a 31-10-1920, em Sapri<br>Casado com Maria Lacorte, nascida a 7-4-1868, em Sapri. Falecida a 13-10-1927; Monte Alegre Paulista (SP). |

**Bráz Peluso X Maria Lacorte**

| | |
|---|---|
| **1.3.1 – Josephina** | Nascida em Sapri |
| **1.3.2 – Maria Rachel** | Nascida a 15-10-1890, em Angatuba |
| **1.3.3 – Miguel Angelo** | Nascido a 25-5-1892, em Angatuba<br>Técnico em hidráulica. |
| **1.3.4 – Philomena Isabel** | Nascida a 19-11-1894, em Angatuba |

Braz Peluso (vinte e dois anos), a esposa Maria Lacorte (dezoito anos) e a primogênita Josephina Peluso, emigraram com os parentes: Padre João Paschoal, João Mariosi, Braz Antonio Schettini, em 1886. A família Peluso permaneceu na cidade e Braz era sócio de um armazém com Sabino Antônio Schettini e de uma olaria com o imigrante toscano Emílio Benedetti. Mais tarde foi para Araraquara e Monte Azul Paulista. Reemigrou com a esposa para a Itália onde faleceu em Sapri, em 31 de outubro de 1920. Sua esposa retornou ao Brasil, fixando-se em São Paulo, onde residiam os filhos, vindo a falecer nessa cidade

## III. FAMÍLIA JOÃO (GIOVANNI) MARIOSI

| 1<br>**Francisco Mariosi**<br>**E**<br>**Catharina Joanella** | |
|---|---|
| ⇩ | |
| 1.1<br>**João (Giovanni) Mariosi**<br>(27 anos)<br>e<br><br>**Angelina Pignatari**<br><br>casamento: 1875, em Sapri | Nascido em 1859, em Sapri<br>Comerciante, sitiante<br>Falecido a 18-10-1904, em Angatuba<br><br><br>Natural de Sapri<br>Tecelã<br>Faleceu em São Paulo |
| ⇩ | |

| | |
|---|---|
| **1.1.1 – Caterina** | Nascida a 2-1-1887, em Sapri |
| **1.1.2 – Francisco** | Nascido a 30-9-1892, em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.1.3 – José** | Nascido a 10-8-1894, em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.1.4 – Nicolau** | Nascido a 11-9-1895, em Angatuba<br>Funcionário público |
| **1.1.5 - Rosa Maria** | Nascida a 20-5-1897, em Angatuba |
| **1.1.6 – Clementina** | Nascida a 19-11-1898, em Angatuba |
| **1.1.7 – Luzia** | Nascida a 19-7-1900, em Angatuba |
| **1.1.8 – Victor** | Nascido a 8-8-1901, em Angatuba<br>Ferroviário |
| **1.1.9 – João** | Nascido a 18-10-1904, em Angatuba<br>Comerciante, toureiro. |

João Mariosi emigrou para o Brasil em 1886. Após cinco anos de permanência em Angatuba é que a esposa Angelina Pignatari e a filha Catharina (4 anos) vieram encontrar o marido e pai em Angatuba.

Este imigrante campânio possuiu um armazém na cidade, uma tenda de folheiro, várias casas, um sítio no Bairro dos Cafezais e era negociante.

A família João Mariosi se destacou pela expressiva participação na cultura popular: os filhos Victor e João foram toureiros[61] e muitos dos seus netos e bisnetos cultivaram a cultura caipira e o teatro popular.

**Rede de Relações das Famílias Imigrantes Italianas de origem Setentrional**

**A) Imigrantes Italianos que se fixaram na zona urbana em Angatuba**

## I. FAMÍLIA LUIGI BIAGGIONI

Luigi Biaggioni, natural de Castelnuovo Garfagnana, profissão sapateiro (calzolaio), cinqüenta e seis anos, viúvo de Assumpta Pieroni. Emigrou com os filhos Irene (casada), Alexandre e Mariuccia, em 1897.

| | |
|---|---|
| 1<br>**Luigi Biaggioni**<br>(56 anos)<br>e<br>**Assumpta Pieroni** | |
| ⇩ | |
| **1.1 – Irene**<br>(25 anos) | Casada com Celeste Favali (28 anos), sapateiro<br>Casamento: em Castelnuovo Garfagnana, Itália |

[61] A atividade de toureiro será detalhada posteriormente na seção: Os italianos meridionais e sua descendência.

| | |
|---|---|
| 1.2 – Alexandre<br>(21 anos) | Sapateiro<br>Casado com Ernestina Lisboa<br>Casamento: 21-11-1899, em Angatuba<br>Padrinhos:Manoel Góes Borba (fazendeiro) e José Francisco de Oliveira (comerciante) |
| 1.3 - Mariuccia<br>(19 anos) | Casada com Giuseppe Basile (40 anos), natural de Cirò, Calábria; construtor e comerciante<br>Casamento: 17-8-1903, em Angatuba |

## Irene X Celeste Favali

| | |
|---|---|
| 1.1.1 - Angelo Favali | |
| 1.1.2 - Bruno Favali | Nascido a 20-1-1902<br>Coletor estadual |
| 1.1.3 - Eusonia Favali | Nascida a 25-5-1903 |
| 1.1.4 - Ofélia Favali | Nascida a 25-4-1905 |
| 1.1.5 - Paulo Favali | Nascido a 6-8-1907<br>Casado com Amélia Santi<br>Comerciante |
| 1.1.6 - Thereza Favali | Nascida a 9-10-1908 |
| 1.1.7 - José e Salvador Favali | Nascidos a 22-2-1912 e falecidos a 23/2/1912 |

## Mariuccia X Giuseppe Basile

| | |
|---|---|
| 1.3.1 - Maria Carmela Assumpta Basile | Nascida a 13-6-1904<br>Professora |
| 1.3.2 - João José Basile | Nascido a 18-3-1906<br>Comerciante |
| 1.3.3 - Luiz Basile | Nascido a 5-1-1908 |
| 1.3.4 - Luiz Antonio Basile | Nascido a 12-1-1909<br>Coletor federal |
| 1.3.5 - Itália Julieta Basile | Nascida a 8-2-1911<br>Professra e Organista |
| 1.3.6 - Carmino Damião Alexandre Basile | Nascido a 1-4-1914<br>Diretor de escola |

Das relações matrimoniais entre as famílias de Luigi Biaggioni e Angelo Favali, procedentes de Castelnuovo Garfagnana (Toscana), reafirmou-se a atividade comum a ambos, a fabricação de calçados. Desse ofício originou-se a "Casa Celeste", cujo proprietário o Sr. Paulo Favali, atualmente com noventa e cinco anos, e o filho Luiz Favali continuam esse mister centenário, tornando-se hoje os representantes ativos do mais antigo comércio calçadista da região (três gerações).

A Professora Itália Julieta Basile destacou-se pela atividade docente de grande significância na comunidade, como professora primária responsável pelos festivais do Grupo Escolar, nos finais do ano letivo (1950 a 1975) e como organista do Coral "Santa Cecília", da Igreja Matriz, onde atuava no ensino de músicas sacras.

## II. FAMÍLIA ANGELO FAVALI

Angelo Favali, natural de Castelnuovo Garfagnana, profissão sapateiro (calzolaio) emigrou com a família em 1897.

| 1<br>**Angelo Favali**<br>(58 anos)<br>e<br>**Thereza Verganini**<br>53 anos<br>⇩ | |
|---|---|
| **1.1 – Celeste**<br>(21 anos) | Sapateiro<br>Casado com Irene Biaggioni (18 anos)<br>Casamento: Castelnuovo Garfagnana |
| **1.2 – Amélia**<br>(20 anos) | Casada com Tobias Ferrari, natural de Castelnuovo Garfagnana, carpinteiro<br>Casamento: 18-4-1903, em Angatuba<br>Padrinhos: Emílio Benedetti e Jeronymo Pongelli |
| **1.3 – João**<br>(18 anos) | Sapateiro e comerciante<br>Casado com Maria Santi (20 anos), natural de Sant'Anna Pélago, Módena<br>Casamento: 30-12-1912, em Angatuba<br>Padrinhos: Francisco Turelli e José Santi |

| | |
|---|---|
| 1.4 - Pedro (17 anos) | Solteiro |
| 1.5 – Paulo | Casado com Maria Guimarães, em Itapetininga |
| 1.6 – Armando (13 anos) | Sapateiro e comerciante<br>Casado com Clínia Santi (8 anos), natural de Sant'Anna Pélago, Módena<br>Casamento: 1-2-1908, em Angatuba<br>Padrinhos: Francisco Turelli e Francisco Garrido (imigrante espanhol). |

Poucos anos após a fixação da família na cidade de Angatuba, Thereza Verganini, o filho Paulo, a filha Amélia e o esposo desta, Tobias Ferrari, reemigraram para Itália, retornando a Casteinuovo Garfagnana. A senhora Thereza Verganini faleceu nessa cidade italiana em 9 de julho de 1918.

Angelo Favali, como sapateiro, passou essa profissão aos filhos Celeste, João e Armando, que trabalhavam na "Botêga" (sapataria) paterna. Passado alguns anos, João e Armando montaram um armazém no Largo da Matriz. Celeste continuou com sua "Botêga".

**Armando Favali X Clinia Santi**

| | |
|---|---|
| 1.6.1 – Angelo | Nascido a 8-11-1908, em Angatuba |
| 1.6.2 – Natal | Nascido a 25-12-1909, em Angatuba<br>Advogado<br>Vereador: 1947-1951 PSP, 1956-1959 PSD, 1960-1965 PSP, 1969-1972 ARENA;<br>Vice-prefeito: 1964-1967 ARENA;<br>Partidário da política de Ivens Vieira<br>Falecido a 26-6-1978, em Angatuba |
| 1.6.3 – Tereza | Nascida a 20-8-1911, em Angatuba<br>modista |
| 1.6.4 – Fortunato | Nascido a 18-5-1914, em Angatuba<br>Coletor Federal<br>Prefeito de Itaí 1951-1955 coligação PTB-PSD; Vereador de Itaí 1956-1959<br>Falecido a 17-10-2000, em Itapetininga |
| 1.6.5 – Anunciata | Nascida a 3-8-1917, em Angatuba |
| 1.6.6 – Ercília | Nascida a 30-9-1919, em Angatuba<br>Funcionária pública federal |

Os irmãos Natal e Fortunato Favali são agentes de um processo político que envolveu os italianos e seus descendentes, que será focalizado no capítulo III, neste estudo.

## III. FAMÍLIA LUIGI MANFREDINI

Luiz (Luigi) Manfredini, natural de Sant'Anna Pélago (Módena), emigrou para o Brasil aproximadamente em 1900.

| | |
|---|---|
| 1<br>**Luiz Manfredini**<br>e<br>**Antonieta Cinque**<br><br>Casamento:<br>20-9-1920, em Avaré, SP. | Natural de Sant'Anna Pélago (Módena)<br>Negociante<br><br><br>Natural de Venosa, Província Potenza, região Basilicata |
| ⇓ | |
| **1.1 – Henrique** | Nascido a 09-7-1903, em Avaré<br>Comerciante |
| **1.2 – Fortunata** | Nascida a 08-7-1905, em Faxina (Itapeva)<br>Doméstica |
| **1.3 – Orestes** | Nascido a 07-2-1908, em Itaberá |
| **1.4 – Honorato** | Nascido a 30-11-1909, em Angatuba<br>Barbeiro |
| **1.5 – Amadeu** | Nascido a 08-4-1914, em Angatuba<br>Bancário |
| **1.6 – João Luiz** | Nascido a 19-4-1916, em Angatuba<br>Comerciante |

A família Manfredini, em Sant'Anna Pélago, era a responsável pelos negócios de Francisco Turelli. Giácomo Manfredini era o seu procurador nessa localidade. Luiz Manfredini emigrou aproximadamente em 1900 para Avaré (SP.). Foi procurador de Francisco Turelli, no Brasil, pois este como prestamista ampliou seus negócios, atingindo também as cidades de Cerqueira César, Óleo e Avaré.

Pouco tempo depois da chegada, Luiz Manfredini foi para Faxina (atual Itapeva) e, posteriormente, para Itaberá, sempre negociando nessa região do Sudoeste de

São Paulo, até que, aproximadamente, em 1908, se fixou definitivamente em Angatuba. Foi proprietário da primeira "Fábrica de Cerveja, xaropes e licores" de Angatuba.

## IV. FAMÍLIA JOÃO ORSI

João Orsi, natural de Sant'Andrea de Compito (Província de Lucca), era padeiro e emigrou com a esposa para o Brasil em 1904.

| | |
|---|---|
| 1<br>**João Orsi**<br>e<br>**Fioralina Martelli Orsi** | Padeiro, motorista<br><br>Doceira |

⇩

| | |
|---|---|
| **1.1 - Júlio** | Nascido a 30-11-1904, em Tatuí.<br>Escrivão de polícia |
| **1.2 – Domingos** | Nascido em Tatuí.<br>Empresário |
| **1.3 – Vicente** | Nascido a 22-1-1908, em Tatuí<br>Motorista<br>Vereador: 1948-1951 PSD,<br>1956-1959 PSD,<br>1960-1963 PSD-PTN,<br>1964-1967 ARENA,<br>1968-1971 ARENA,<br>1972-1975 ARENA<br>Vice-prefeito: 1952-1955 PSP<br>Partidário da política de Ivens Vieira<br>Faleceu a 30-4-2000, em Angatuba |
| **1.4 – Raphael** | Nascido em Tatuí a 14/11/1909<br>Artesão |
| **1.5 – Arnaldo** | Nascido em Tatuí a 9/9/1911<br>Motorista |
| **1.6 – Palmiro** | Nascida em Tatuí a 1/4/1919<br>Comerciante |
| **1.7 – Florindo** | Nascido a 22-5-1920, em Angatuba<br>Comerciante |
| **1.8 – Rolf Nazareth** | Nascido a 22-8-1923, em Angatuba<br>Motorista |
| **1.9 – João Orsi Jr** | Nascido a 04-12-1914, em Angatuba<br>Motorista<br>Vereador: 1956-1959 PTN<br>Vice-prefeito: 1960-1963 PTN<br>Partidário da política de Levy Lisboa.<br>Faleceu a 8-5-2001, em Angatuba. |

O casal veio primeiramente para Tatuí (SP.), onde se encontrava Vicente Orsi (pai de João), que emigrara há um certo tempo.

Nessa cidade, o pai exercia também a profissão de padeiro. Em seguida, mudou-se para Itapetininga e logo depois se fixou em Angatuba, onde de início abriu a padaria "Italiana" no Largo da Matriz; paralelamente a esse negócio, possuiu o primeiro veículo motorizado da cidade e uma linha de ônibus, ligando Angatuba a Itapetininga e a Paranapanema e Itaí.

Seus filhos, Vicente Orsi Neto e João Orsi Jr., fazem parte do contingente de imigrantes italianos atuando na política focalizados por este estudo.

## B) Famílias Imigrantes Italianas de origem Setentrional que se fixaram na zona rural, no Bairro de Sant'Anna dos Italianos, também chamado Bairro do Barreiro dos Italianos

### I. FAMÍLIA SANTI

A Família Santi, formada por Angelo e Giuseppe Santi, era procedente de Sant'Anna Pélago (Módena). Sendo primos de Francisco Turelli, emigraram para o Brasil em 1894, treze anos após seus parentes, caracterizando uma imigração em cadeia.

| | |
|---|---|
| 1<br>**Angelo Santi** (42 anos)<br>e<br>**Annunciata Bernardi** (38 anos) | Natural de Sant' Anna Pélago (Módena)<br>Camponês<br><br>Natural de Sant' Anna Pélago (Módena) |
| ⇓ | |
| 1.1 – **Clínia Santi**<br>(8 anos) | Natural de Sant'Anna Pélago<br>Casada com Armando Favali (13 anos), natural de Castelnuovo Garfagnana |
| 1.2 – **Catherina Santi**<br>(7 anos) | Natural de Sant'Anna Pélago<br>Casada com José Santi (11 anos), natural de Sant' Anna Pélago |
| 1.3 – **Maria Santi**<br>(2 anos) | Natural de Sant'Anna Pélago<br>Casada com João Favali (18 anos), natural de Castelnuovo Garfagnana |
| 1.4 – **Hercília Santi**<br>(1 ano) | Natural de Sant'Anna Pélago |
| 1.5 – **Annunciata Santi** | Natural de Angatuba |

| | |
|---|---|
| 2<br>**José (Giuseppe) Santi** (47 anos)<br>e<br>**Annunciata Santi** | Natural de Sant' Anna Pélago (Módena)<br>Camponês<br><br>Natural de Sant' Anna Pélago (Módena) |

⇓

**José Santi X Annunciata Santi**

| | |
|---|---|
| **2.1 – José Santi Filho**<br>(11 anos) | Natural de Sant'Anna Pélago (Módena)<br>Lavrador<br>Casado com Catherina Santi (7 anos), natural de Sant'Anna Pélago (Módena)<br>Casamento: 01-2-1908, em Angatuba<br>Padrinhos: Adriano Tazioli e Celeste Favali |
| **2.2 - Pellegrino Santi**<br>(9 anos) | Lavrador<br>Casado com Maria Rosa Basile<br>Casamento: 03-5-1924<br>Padrinhos: Armando Favali e João Basile |
| **2.3 –Riciéri Santi**<br>(5 anos) | Natural de Sant'Anna Pélago (Módena)<br>Lavrador<br>Casado com Philomena Basile<br>Casamento: 26-8-1923<br>Padrinhos: João Favali e Cel. Antônio Vieira Sobrinho |
| **2.4 – Rosa Santi**<br>(1 ano) | Natural de Sant'Anna Pélago (Módena)<br>Casada com Luiz Iapecchini, natural de Salerno |
| **2.5 – Zelindo Santi** | Nascido a 22-8-1896, em Angatuba<br>Solteiro<br>Lavrador |

**José Santi Filho X Catherina Santi**

| | |
|---|---|
| **2.1.1 - Amélia** | Nascida a 02-4-1909 em Angatuba<br>Casada com Paulo Favali |
| **2.1.2 – Annunciata Angelina**<br>**"a menina"** | Nascida a 25-2-1912 em Angatuba<br>Falecida em 3/2/2001 |
| **2.1.3 - Thereza** | Nascida a 18-2-1916 em Angatuba |
| **2.1.4 - Ercília** | Nascida a 18-5-1918 em Angatuba |
| **2.1.5 – Domingas** | Nascida a 16-10-1921 em Angatuba |
| **2.1.6 - João** | Nascido a 16/10/1922 em Angatuba<br>Lavrador |
| **2.1.7 - Cacilda** | Nascida a 15-4-1927 em Angatuba |

## Riciéri Santi X Philomena Basile

| | |
|---|---|
| **2.3.1 – José Santi Sobrinho** | Nascido a 25-11-1924, em Angatuba<br>Lavrador do Bairro Barreiro dos Italianos |
| **2.3.2 – Natal Antônio** | Nascido a 10-5-1927, em Angatuba<br>Motorista aposentado |
| **2.3.3 – Domingos** | Nascido a 02-12-1928, em Angatuba<br>Lavrador do Bairro dos Barreiro dos Italianos |

A Família Santi foi a mais numerosa nessa rede de relações, formada pelos imigrantes italianos de origem setentrional a se fixar em Angatuba: treze pessoas, sendo dois adultos do sexo masculino (os irmãos Angelo e José Santi), três adultos do sexo feminino (Sra. Antônia Santi, sessenta e seis anos, viúva, tia e sogra do Sr. José Santi, e as filhas Rosa (quarenta e quatro anos, solteira) e Annunciata Bernardi (trinta e oito anos), esposa do Sr. Angelo Santi. Oito crianças: cinco do sexo feminino (Clínia, Catharina, Maria, Hercília) e três do sexo masculino (José, Pelegrino e Riciéri), vindos em conjunto da Itália, em 1894.

Através do primo Francisco Turelli adquiriram terras a Sudoeste do município de Angatuba, parte da Sesmaria da Família João Aranha e fundaram o bairro rural, conhecido por Sant'Anna dos Italianos ou Barreiro dos Italianos.

Francisco Turelli já havia adquirido, em 14 de abril de 1894, terras nesta região que pertenciam ao Sr. João Galdino dos Santos e Sra. Maria Gertrudes "terras lavradas e campos no lugar denominado Campina do Monte Alegre" por 250$000 (Escritura de compra e venda, Livro nº10, p.43/44 - Cartório do Registro Civil), por isso intermediou a compra de terras para a Família Santi, aparentada sua.

O patrimônio rural da Família Santi foi aumentado com a aquisição de mais terras na circunvizinhança. Os filhos de Riciéri Santi: José Santi Sobrinho e Domingos Santi, com as respectivas famílias, permanecem na terra de seus antepassados e continuam produzindo e modernizando suas atividades agropecuárias.

**Famílias Imigrantes Italianas de origem Setentrional que se fixaram na zona rural, no Bairro do Bom Bom**

## II. FAMÍLIA BERTHOLAI

Geremias Bertholai (Bartholai) emigrou para o Brasil em 1888. A esposa Rosa Piacenza e os filhos João, Hermenegilda e Oliseno, todos naturais de Sant' Anna Pélago (Módena), eram também parentes de Francisco Turelli. Estes emigraram para o Brasil em 11 de setembro de 1889, consubstanciando novamente a emigração em cadeia sob iniciativa de Francisco Turelli.

| | |
|---|---|
| 1<br>**Geremias Bertholai**<br>**e**<br>**Rosa Piacenza** | Natural de Sant' Anna Pélago (Módena)<br>Camponês<br><br>Natural de Sant' Anna Pélago (Módena) |

⇓

| | |
|---|---|
| **1.1 – João**<br>(10 anos) | Natural de Sant' Anna Pélago, Módena<br>Casado com Donatília Maria da Conceição<br>Casamento: 31-1-1899, em Angatuba<br>Padrinhos: João Tazioli e José Theodoro Rodrigues<br>Comerciante e lavrador |
| **1.2 – Hermenegilda**<br>(8 anos) | Natural de Sant' Anna Pélago, Módena<br>Casada com Giácomo Sardella, natural de Angra, Província do Como, Itália; artista e negociante<br>Casamento: 05-2-1898<br>Padrinhos: Meichelle Viella e Emílio Benedetti |
| **1.3 – Oliseno**<br>(15 meses) | Natural de Sant' Anna Pélago, Módena |
| **1.4 – Maria Isabel** | Nascida a 07-2-1892, em Angatuba |
| **1.5 – Mário** | Nascido a 09-5-1894, em Angatuba<br>Lavrador do Bairro do Bom Bom e Líder comunitário (Igreja e Educação)<br>Casado com Ana Maria da Conceição |
| **1.6 - Elisa** | Nascida em Angatuba |

## João Bertholai X Donatília Maria da Conceição

| | |
|---|---|
| 1.1.1 - Mariana | Nascida a 12-12-1889 |
| 1.1.2 - Aurélia | Nascida a 03-11-1900<br>Casada com José Mariosi |
| 1.1.3 - Izolina | Nascida a 07-11-1901 |
| 1.1.4 - Lauro * | Nascido a 10-9-1902, em Angatuba<br>Lavrador e negociante do Bairro do Bom Bom<br>Líder político PTN – PTB<br>Vereador: 1964-1968 MDB, 1969-1972 MDB<br>Partidário da política de Levy Lisboa<br>Casado com Maria Emília |
| 1.1.5 – Verônica | Nascida a 13-5-1906 |
| 1.1.6 – Maximília e Maria Rosa | Nascidas a 10-6-1912 |
| 1.1.7 - Lenira | Nascida a 26-2-1916 |

## Lauro Bertholai X Maria Emília

| | |
|---|---|
| 1.1.4.1 - Sérgio | Nascido em Angatuba<br>Negociante<br>Vereador: 1977-1981 PMDB<br>Vice-prefeito: 1985-1988 PMDB<br>Partidário da política de José Emílio Carlos Lisboa |

## Hermenegilda Bertholai X Giácomo Sardella

| | |
|---|---|
| 1.2.1 – João Adolfo Sardella | Nascido a 14-11-1899 em Angatuba<br>Lavrador |
| 1.2.2 – Pedro Gabriel Sardella | Nascido a 21-4-1902 em Angatuba<br>Lavrador |
| 1.2.3 – Carolina Sardella | Nascida a 26-5-1906 em Angatuba<br>Costureira |
| 1.2.4 – Antonio Sardella | Comerciante |
| 1.2.5 – Humberto Sardella | Nascido a 01-10-1910<br>Lavrador, violeiro, cantor e Fandangueiro, Animador (cultura popular)<br>Faleceu a 10-7-1999 em Angatuba. |
| 1.2.6 – Domingos Sardella | Nascido a 06-2-1915 em Angatuba<br>Lavrador |
| 1.2.7 – Pedro Giácomo Sardella | Nascido a 29-6-1920 em Angatuba<br>Ferroviário |

**Mário Bertholai X Ana Maria da Conceição**

| | |
|---|---|
| **1.5.1 – João Ricardo** | Nascido a 17/12/1915 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.5.2 – José** | Nascido a 26-7-1917<br>Lavrador<br>Protofundador do Sindicato dos Trabalhadores rurais de Angatuba, Buri e região, em 1975 |
| **1.5.3 – Alino** | Nascido a 15/7/1919 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.5.4 – Lázaro Gregório** | Nascido a 8/1/1922 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.5.5 – Alcides** | Nascido a 18-7-1928<br>Lavrador, Líder comunitário (Igreja)<br>Fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angatuba, Buri e região em 1975<br>Participante da CEB do jd. Novo Mundo em Sorocaba, de 1985 a 1997 |
| **1.5.6 – Maria** | Nascido a 8/8/1924 em Angatuba |
| **1.5.7 – AntonioGeremias** | Nascido a 10/8/1931 em Angatuba<br>Lavrador |
| **1.5.8 – Rosalina** | Nascido a 1/11/1934 em Angatuba |
| **1.5.9 – Moacir** | Nascido a 1/4/1937 em Angatuba<br>Lavrador |

Geremias Bertholai emigrou para o Brasil em 1888, fixando-se em Angatuba, onde adquiriu uma propriedade rural no lugar denominado Serra do Paredão, local onde seu parente, Francisco Turelli, também possuía um sítio. Sua esposa, Rosa Piacenza, emigrou um ano depois, pois o passaporte, tirado em Lucca, no dia 11 de setembro de 1889, possibilitou-lhe emigrar com os filhos: João, Hermenegilda e Oliseno.

Geremias e família adquiriram logo depois outro sítio no Bairro do Bom Bom, do qual foi um dos proto-fundadores.

O neto, Lauro Bertholai, conhecido como "Lau Bertholai", e o filho deste, Sérgio Bertholai, fizeram parte do jogo político praticado pelos imigrantes setentrionais e sua descendência em Angatuba. Também integrará essa ação política Alcides Bertholai,

cuja liderança política ainda é exercida na comunidade rural e região. Humberto Sardella, neto de Geremias, se apresentou como animador no âmbito da cultura popular.

## III. FAMÍLIA BAPTISTA NANINI

| | |
|---|---|
| 1<br>**Baptista Nanini**<br>e<br>Rosa Nanini | Camponês, em Sant' Anna Pélago<br>Lavrador, do Bairro do Bom Bom |

⇩

| | |
|---|---|
| **1.1 – José** | |
| **1.2 – Lúcia** | |
| **1.3 – Fernando** | Nascido a 31-3-1905, em Itapetininga<br>Lavrador do Bairro do Bom Bom<br>Inspetor de Quarteirão, Capelão<br>Líder comunitário (Igreja e Política)<br>Casado com Maria Joaquina Barbosa<br>Falecido a 26-11-1991 em Angatuba. |
| **1.4 – Luiz** | |
| **1.5 – Annunciata** | Nascida a 27-5-1914, em Itapetininga |
| **1.6 – Maria** | Nascida a 04-9-1916 |
| **1.7 – Jacob** | Nascido a 30-9-1919 |

A família Baptista Nanini, de Sant'Anna Pélago (Módena), conhecida de Francisco Turelli e parenta dos Bertholai, emigrou para o Brasil no final do século XIX, fixando-se primeiramente em Ribeirão Pires. Ele foi carroceiro numa carvoaria que abastecia a Ferrovia São Paulo Railway. Nessa região havia muitos imigrantes de Sant'Anna Pélago, inclusive um irmão de Baptista que, aproximadamente em 1889, se fixou em Itapetininga e adquiriu um sítio. Um outro seu irmão João Nanini foi para Angatuba, no Bairro do Bom Bom, onde já estavam seus parentes, os Bertholai.

No princípio do século XX, a família Baptista Nanini reemigrou para a Itália especificamente para Sant'Anna Pélago, onde permaneceu alguns anos. Retornaram ao Brasil devido à saúde da esposa de Batista, acometida por problemas respiratórios.

Fixaram-se por um ano em Campinas vindo depois para Angatuba, no Bairro do Bom Bom onde adquirem uma propriedade rural.

Foi uma imigração em cadeia sob influência de Francisco Turelli e do irmão que primeiro se fixou no Bairro do Bom Bom.

Fernando Nanini, um dos autores mais expressivos dos depoimentos orais que colhemos, destacou-se pelo significativo capital social na comunidade do Bom Bom.

A seguir apresentam-se os quadros elaborados a partir de documentos eclesiásticos e organizados no arquivo pessoal da pesquisadora.

## 2.4 relações de Parentesco Espiritual (compadrio ou testemunho de matrimônio)

| Imigrante | | Ano | Tipo de relação de compadrio e freqüência da mesma | | Profissão do compadre | Nacionalidade do compadre ou dos afilhados |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Setentrional (Norte) | João Tazioli (comerciante, chegada 1881) | 1881 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1883 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | | |
| | | 1885 | Batizado | 02 | Faz. / Faz. | Bras. / Bras. |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1888 | Batizado | 02 | Sitiante / Sitiante | Bras. / Bras. |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1892 | Batizado | 01 | Fazendeiro | Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1893 | Batizado | 01 | Comerciante | Italiana |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Bras. |
| | | 1896 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Bras. |
| | | 1899 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Bras. |
| | | 1902 | Batizado | 02 | Sitiante / Sitiante | Italiana / Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |

Fonte: quadro elaborado a partir de documentos eclesiásticos coletados pela pesquisadora e organizado no MALIT

## 2.4 relações de Parentesco Espiritual (compadrio ou testemunho de matrimônio)

| Imigrante | | Ano | Tipo de relação de compadrio e freqüência da mesma | | Profissão do compadre | Nacionalidade do compadre ou dos afilhados |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Setentrional (Norte) | Emílio Benedetti (Artista e comerciante, chegada 1881) | 1884 | Batizado | 01 | Negociante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1885 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1886 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1887 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1889 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1891 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | - |
| | | 1892 | Batizado | 02 | Neg. / Neg. | Italiana / Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1894 | Batizado | 01 | Oleiro | Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1895 | Batizado | 01 | Negociante | Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1897 | Batizado | 01 | *Negociante* | Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1898 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Italiana |
| | | 1902 | Batizado | 01 | Artista | Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1903 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Italiana |
| | | 1905 | Batizado | 01 | Funcionário Público | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | |

Fonte: quadro elaborado a partir de documentos eclesiásticos coletados pela pesquisadora e organizado no MALIT

## 2.4 relações de Parentesco Espiritual (compadrio ou testemunho de matrimônio)

| Imigrante | | Ano | Tipo de relação de compadrio e freqüência da mesma | | Profissão do compadre | Nacionalidade do compadre ou dos afilhados |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Setentrional (Norte) | Francisco Turelli (negociante, chegada 1881) | 1881 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1883 | Batizado | 01 | Ingênua | Brasileira |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Italiana |
| | | 1884 | Batizado | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1890 | Batizado | 02 | Sitiante / Negoc. | Italiana / Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1891 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Italiana |
| | | 1892 | Batizado | 02 | Sitiante / Sitiante | Italiana / Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1894 | Batizado | 03 | Neg. / Faz. / Faz | Ital. / Ital. / Ital. |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1895 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | Espanhola |
| | | 1896 | Batizado | 01 | Fazendeiro | Italiana |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1902 | Batizado | 02 | Sapateiro / Comerc. | Italiana / Bras. |
| | | | Casamento | - | - | - |
| | | 1908 | Batizado | - | - | - |
| | | | Casamento | 01 | - | Italiana / Italiana |
| | | 1914 | Batizado | 02 | Colono / Colono | Esp. / Esp. |
| | | | Casamento | - | - | - |

Fonte: quadro elaborado a partir de documentos eclesiásticos coletados pela pesquisadora e organizado no MALIT

## 2.4 relações de Parentesco Espiritual (compadrio ou testemunho de matrimônio)

| Imigrante | | Ano | Tipo de relação de compadrio e freqüência da mesma | | Profissão do compadre | Nacionalidade do compadre ou dos afilhados |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Setentrional (Norte) | Adriano Tazioli (comerciante, chegada em 1881) | 1892 | **Batizado** | 01 | Negociante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1894 | **Batizado** | 01 | Fazendeiro | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | |
| | | 1894 | **Batizado** | 01 | Negociante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1898 | **Batizado** | 01 | Negociante | Bras. / Bras. |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1900 | **Batizado** | 01 | Comerciante | Bras. / Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1902 | **Batizado** | 02 | Comerciante / Faz. | Italiana / Bras. |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1904 | **Batizado** | 02 | Faz. / Sitiante | Bras. / Italiana |
| | | | **Casamento** | 01 | - | Italiana / Bras. |
| | | 1908 | **Batizado** | - | - | - |
| | | | **Casamento** | 01 | - | Italiana / Italiana |
| | | 1910 | **Batizado** | 01 | Funcionário Público | Brasileira |
| | | | **Casamento** | - | - | - |

Fonte: quadro elaborado a partir de documentos eclesiásticos coletados pela pesquisadora e organizado no MALIT

## 2.4 relações de Parentesco Espiritual (compadrio ou testemunho de matrimônio)

| | Imigrante | Ano | Tipo de relação de compadrio e freqüência da mesma | | Profissão do compadre | Nacionalidade do compadre ou dos afilhados |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Meridional (Sul) | Padre Caetano Tedeschi (chegada 1876) | 1889 | **Batizado** | 01 | Comerciante | Brasileira |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1896 | **Batizado** | 01 | Negociante | Brasileira |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1898 | **Batizado** | 01 | Comerciante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | Padre João Paschoal (chegada 1886) | 1892 | **Batizado** | 01 | Sitiante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1893 | **Batizado** | 01 | Comerciante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | Padre Bráz Pansardi (chegada 1894) | 1895 | **Batizado** | 01 | Comerciante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | Pe. Domingos Galardi (chegada 1894) | 1903 | **Batizado** | 01 | Comerciante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | Sabino A. Schettini (negociante chegada 1876) | 1887 | **Batizado** | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | Bráz Peluso (negociante, chegada 1886) | 1889 | **Batizado** | 01 | Comerciante | Italiana |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1893 | **Batizado** | 01 | Sitiante | Brasileira |
| | | | **Casamento** | - | - | - |
| | | 1894 | **Batizado** | 02 | Sitiante / Sitiante | Bras. / Bras. |
| | | | **Casamento** | 01 | - | Italiana / Italiana |

Fonte: quadro elaborado a partir de documentos eclesiásticos coletados pela pesquisadora e organizado no MALIT

As relações de parentesco espiritual (compadrio ou testemunho de matrimônio), estabelecidas entre os imigrantes italianos reforçavam a integração grupal. Entre os italianos e brasileiros configuravam situações orientadoras de ascensão e aceitação na comunidade de destino. Outra dedução que se pode tirar dos quadros é que as pessoas da zona rural queriam ter como compadres, pessoas influentes da zona urbana, condição que atribuíam aos italianos comerciantes. Certamente esses laços afetivos facilitariam aos afilhados a inserção na área urbana.

A seguir, apresentam-se quadros demonstrativos do crescimento econômico dos empreendedores italianos em Angatuba e região, desde a chegada até 1920. Dados coletados nos arquivos notariais em Itapetininga e Angatuba/SP.

## 2.5 Demonstração da evolução dos negócios dos empreendedores italianos

### Evolução dos negócios de João Tazioli

| Tipo Documental | Loc/data do doc | Objeto/valor | Testemunhas | Referência doc |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de penhor de fructos pendentes para o abastecimento de seu armazém. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista – 29/03/1887. | 138 alqueires de café / R$ 829$334. Comprado do Sr. Salvador Proença. | Sr. Antônio de Almeida Leme, comerciante. José Negrão. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 14, página 33. |
| Emite procuração para obter carta de naturalização. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista – 05/08/1888 | Procuradores Drs.: Campos Salles, Bernardino de Campos e outros. Carta de naturalização | Tenente Coronel Lodovico H. de Góes, Fazendeiro – Prefeito Sr. Antônio Bernardo Vieira, Fazendeiro | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 4, página 45/46. |
| Emite procuração para ampliar negócios na região. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista – 05/08/1888 | Nomeia seu procurador em Itapetininga. Sr. Arthur Biagioni, comerciante, italiano. | Sr. Domiciano V. Maia, comerciante. Sr. Prof. Francisco Joaquim Fernandes Ruivo – Coletor. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 5, página 44. |
| Emite procuração para cuidar de patrimônio na Itália. | "Villa São João" (residência do Sr. João Tazioli), 01/05/1900. | Nomeia seu genro Emílio Benedetti como seu procurador em Castelnuovo Garfagnana – herança de uma casa. | Tenente Benedito Pinto de Mello, advogado. Sr. Ângelo Milani, artista, italiano. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 17, página 71. |
| Escritura de compra e venda ampliando patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista – 03/02/1902. | Compra de um potreiro / R$ 1.000$000 (um conto de réis) | Sr. João B. das Neves, comerciante; Sr. Bento Francisco da Silva, comerciante | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 20, página 40. |

| Tipo Documental | Loc/data do doc | Objeto/valor | Testemunhas | Referência doc |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para recebimento de pagamento à negócio. | "Villa São João" (residência do Sr. João Tazioli), 01/05/1903. | Recebimento de R$2:480$000 pelo fornecimento de alimentos a funcionários da estrada: Itapetinga à Bonsucesso que estava sendo empreiteiros, os Srs. Vicente Di Piero e Antônio Cancellar e Cia. | Sr. Ângelo Milani, artista, italiano; Tenente Benedito P. de Mello, advogado. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 17, página 71v. |
| Emite procuração para defender seus direitos | Angatuba 01/05/1910 | Nomeia o advogado Tenente Benedito P. de Mello para seu procurador em Itapetininga | Sr.Theodoro Nicolau; Sr. Antônio Felício de Arruda | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 30, página 81. |
| Emite procuração para cuidar de demandas. | Angatuba 29/07/1910. | Nomeia o advogado Tenente Benedito P. de Mello para seu procurador em Itapetininga por ação contra Cristovão Suardi e mulher, afim de devolverem uma chácara e um terreno que esbulharam do outorgante | Sr. João Satyro Almeida Leme, comerciante; Sr. João Pedro Abdelmur, fazendeiro e comerciante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 31, página 10. |

## 2.5 evolução dos negócios de Emílio Benedetti (Setentrional Norte)

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de contrato de Prestação de Serviços Emílio Benedetti, negociante Bráz Peluso, comerciante para seus patrimônios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 09/01/1892. | Contrato de um serviço braçal para trabalhar como oleiro e outro serviço qualquer para o Sr. Paschoal R. de Camargo, oleiro 25 mil réis mensais. | Sr Joaquim M. da Silva; Sr. Fernando Vieira; A rogo do Sr. Paschoal, o Sr. José Tiburcio Ribeiro. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 7 página 33. |
| Escritura de contrato de transferência, ao Sr. João Mariosi, comerciante relativo ao seu patrimônio. | Vila do Espírito Santo de Boa Vista, 28/06/1892. | Transferência de contrato do Sr. Paschoal R. de Camargo (oleiro) para o prestar serviços ao Sr. João Mariosi. 25 mil réis. | Sr. João Laureano Leme, professor; Sr. Francisco Turelli, negociante A rogo do Sr. Paschoal, o Tenente Benedito P. de Mello, advogado. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 8 página 55. |
| Escritura de contrato de arrendamento de olaria aos Srs. Brinda Paolo, Pedreschi Pietro e Neri Tobias, italianos. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 06/10/1892. | Os alugantes Emílio Benedetti e Bráz Peluso alugam a Olaria até 30 de outubro de 1893. 1:200$000 (um conto e duzentos mil réis) | Sr. Adriano Tazioli, Negociante; Sr. Félix de Albuquerque Rolim, fazendeiro e comerciante. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 8 página 81/82. |
| Escritura de obrigação com hipoteca Credor hipotecário Sr. Emílio Benedetti, artista para ampliar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 14/08/1896. | Sr. João Martins dos Santos e sua mulher hipotecam um sítio pela dívida de 2:500$000 na Serra do Machadinho. | Sr. Antonio Rolim Jr.; Sr. Antonio M. Galvão de Moura Lacerda; A rogo do Sr. João o Sr. Norberto Dias Baptista Prestes, comerciante | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº13 página 40. |
| Escritura de permuta de patrimônios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 10/01/1897. | Sr. Emílio Benedetti e Sra. Palmira Tazioli permutam uma casa na Vila à Rua Barreiro por outra casa à Rua José Bonifácio, pertencente à Sra. Ana Roque de Oliveira. Valor igual 1:500$000 | Sr. Rufino M. de Barros, coletor; Sr. Bento Francisco da Silva; A rogo da Sra. Ana o Sr. Antônio Pereira de Moraes, fazendeiro. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº15 página 63. |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de dívida com hipoteca para ampliação de seu patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 26/09/1898. | O Sr. José Emydio dos Santos e mulher hipotecam uma parte de terras no Bairro do Cafezaes, ao Sr. Emílio Benedetti pelo empréstimo no valor de 1:000$000 – juros de 2% ao mês por um ano. | Sr. Antônio de Arruda Campos, funcionário público; Sr. Fernando Protázio de Almeida, comerciante A rogo do Sr. José, o Sr. Joaquim Mariano dos Santos, sitiante. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 16 página 47. |
| Escritura de Permuta de patrimônios. | Bairro da Boa Vista Distrito do Espírito Santo da Boa Vista, 23/01/1899. Residência da Sra. Maria Gertrudes de Jesus, agricultora | O Sr. Emílio permuta uma casa no subúrbio da Vila por outra casa na Rua da Matriz pertencente à Sra. Maria Gertrudes. 2:500$000 | Padre Domingos Galardi; Sr. José A. Domingos; A rogo da Sra. Gertrudes, o Sr. José Theodoro Rodrigues, fazendeiro | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 16 página 71/72. |
| Emite procuração para obter herança na Itália. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 16/08/1899. | Procuração ao Sr. Pietro Benedetti, de Benabbio (Lucca). Seu pai para receber herança dos falecidos Juliano Benedetti e esposa na Itália. | Sr. Virgílio Antunes da Silva; José Domingos de Moraes. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 17 página 27. |
| Emite procuração para receber herança na Itália. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 16/08/1899. | Procuração ao pai Sr. Pietro Benedetti, de Benabbio (Lucca) para receber a herança dos tios Antonio Benedetti e Dominga Rossi dos quais é legítimo herdeiro. | Sr. João Sátyro de Almeida Leme; comerciante; Tenente Benedito Pinto de Mello, fazendeiro. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 17 página 30. |
| Escritura de dívida com hipoteca para garantir negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 18/11/1899. | O credor Emílio Benedetti empresta 3:500$000 ao Sr. João Martins dos Santos Sobrinho e Sra. Severina Maria. No prazo de dois anos e meio com o produto de café e dão o sítio na Serra do Machadinho como garantia da divida. | Sr. Fernando Pr de Alr comerciante; Sr. Norberto Dias Baptista, comerciante | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 17 página 33 |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de compra e venda de parte de patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 09/04/1900. | O Sr. Emílio e esposa, vendem um quintal fechado ao Sr. João Baptista das Neves, farmacêutico 300 mil réis. | Sr. Honorato Angelino de Barros, comerciante Sr. João Sátyro de Almeida Leme, comerciante. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 17 página 60. |
| Emite procuração para ampliar negócios. | "Villa São João", 01/05/1900. | O Sr. Emílio Benedetti e Sra. Palmira Tazioli nomeiam o Sr. Francisco Turelli seus procuradores. | Sr. Angelo Milani – artista; Sr. Antonio Pinto de Mello. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 17 página 72. |
| Escritura de Dação "in solutum" para ampliar patrimônio. | Bairro dos Cafezais Distrito do Espírito Santo da Boa Vista em casa dos outorgantes devedores, 20/06/1901. | Pela escritura de hipoteca de 24/09/1898 os devedores dão em pagamento parte das terras pelo valor de 1:100$000 | Sr. Joaquim Mariano dos Santos – sitiante; A rogo do Sr. Emydio, o Sr. Juvenal Xavier de Castro. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 19 páginas 69/70. |
| Dação "in solutum" para ampliar patrimônio. | 1º Tabelião A. Rolim Itapetininga, 18/06/1902. | Como pagamento da dívida de 3:500$000, o Sr. João M. dos Santos dá o sítio ao credor Emílio Benedetti. | Sr. João Pinto Jr; Sr. Ettori Riccio. | 1º Tabelião A. Rolim Itapetininga Livro de Notas nº 94 páginas 143/144. |
| Escritura de Depósito Extra Judicial para abastecer seu armazém. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 28/07/1902. | Outorgante e depositário José Bueno da Silva – 300 alqueires de café seco em coco na medida de 50 litros, entregar ao Sr. Emílio até final do mês de novembro. | Sr. Bento Francisco da Silva; José Ribeiro Rugel. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 20 página 92/93. |
| Escritura de Cessão Gratuita de Herança para o irmão na Itália. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 21/03/1905. | O doador Emílio Benedetti fez cessão gratuita ao irmão Orestes Benedetti, de Bagni di Lucca (Itália) pelos bens que herdou do falecido pai Pietro Benedetti em 19/11/1904. | Francisco Turelli, negociante; Tenente Benedito Pinto de Mello, comerciante e advogado. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 23 página 39. |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de contrato de aluguel para aumentar renda. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 01/05/1905. | Sr. Emílio Benedetti e Sra. Palmira Maria arrendam uma casa na Vila, ao Sr. Affonso Sammárco desta data a 31/12/1906. 1:200$000 | Sr. Antonio Pinto de Mello; Sr. Benedito de Moura. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 24 página 2. |
| Escritura de compra e venda para aumentar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 14/02/1908. | Os Sr. José Theodoro Batista e Sra. Vendem a Emílio um pequeno cafezal no Bairro dos Cafezais da Boa Vista pelo preço de 500$000. | Sr. Izídio de Oliveira Siqueira; Sr. José Theodoro Rodrigues, fazendeiro. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 28 página 15. |
| Escritura de compra e venda para aumentar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 07/05/1909. | A Sra. Dona Anna Rodrigues dos Santos vende ao Sr. Emílio Benedetti dois alqueires de terra no subúrbio da Vila pelo preço de 200$000. | Sr. Bento Francisco da Silva; Sr. Brasilio Munhóz; A rogo da vendedora, Sr. João B. das Neves. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 29 página 92. |
| Escritura de compra e venda para dispor parte do patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 27/09/1910 | Sr. Emílio Benedetti vende ao sogro Sr. Antonio Lisboa uma casa de morada à Rua Espírito Santo pelo preço de 2:140$000 | Sr. João Sátyro de Almeida Leme – comerciante Coronel Antonio Vieira Sobrinho – fazendeiro | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 31 página 36. |
| Emite procuração para cuidar de inventário. | Angatuba, 18/07/1910. | Emílio Benedetti, inventariante e o Sr. Antônio Lisboa e Sra. Maria Domênica Benedetti nomeiam o Sr. João Favali para procurador em Itapetininga para acompanhar o inventário dos bens da Sra. Palmira Tazioli, mulher e sogra e mãe dos outorgantes. | Sr. Eloy Rolim de Albuquerque, fazendeiro e comerciante; Sr. Fernando Xavier Ramos – fazendeiro. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 31 página 8. |

## 2.5 evolução dos negócios de Adriano Tazioli

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de compra e venda, ampliando patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 24/01/1894. | Compra de um sítio com mil e quarenta pés de café do Sr. Benedito M. de Arruda, no Bairro dos Cafezaes da Bôa Vista a 800 mil réis. | Sr. Claudino Protázio de Almeida, comerciante; Sr. José Theodoro P. Cafundó, comerciante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 10, páginas 36/37. |
| Escritura de Dação "In solutum", ampliando patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 02/09/1899. | Pela dívida de R$ 1:456$00 de capital e juros o Sr. João Galdino dos Santos e Sra. Dá um sítio ao Sr. Adriano Tazioli. | Sr. Joaquim Theodor Rodrigues, sitiante e vereador; Sr. Pedro Rodrigues Machado, sitiante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 17, página 31. |
| Escritura de compra e venda. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 27/05/1904. | Sr. Adriano Tazioli compra um sítio R$ 100$00 (cem mil réis). Bairro dos Cafezaes da Bôa Vista | Sr. João Alfredo de Oliveira, fazendeiro; Sr. Pedro Rodrigues Machado, sitiante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 22, página 86. |
| Escritura de compra e venda, ampliando patrimônio. | Angatuba, 04/09/1909. | Compra duas datas de terras situadas no subúrbio da cidade por R$ 50$000 (cinqüenta mil réis). | Sr. Pedro Mariano de Barros, comerciante; Sr. Eloy Rolim de Albuquerque, fazendeiro e comerciante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 30, página 29. |
| Emite procuração para requerer justiça em causas movidas. | Angatuba, 31/07/1910. | Nomeia o advogado Tenente Benedito de Mello seu procurador. | Sr. Celeste Tavali, sapateiro; Sr. Francisco Soares Leme, sitiante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 31, página 12. |

## 2.5 evolução dos negócios de Francisco Turelli – Setentrional (Norte)

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para obter herança na Itália. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 01/03/1887. | Procuração ao Sr. Geácomo Manfredini, negociante na Paróquia de Sant'Ana Pélago (Módena) para representá-lo na morte dos pais do outorgante, Sr. Mariano Turelli e D. Angela Turelli pela renúncia que fez D. Philomena Turelli viúva do irmão Carlos Turelli. | Padre João Paschoal, vigário; Sr. Sabino Antônio Schettini, comerciante | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 3 páginas 35/36. |
| Emite procuração para cuidar de negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 04/06/1892. | Procuração do Sr. Bráz Peluso, comerciante, italiano com poderes em relação a venda do sítio no Bairro das Pedras. 20:000$000 | | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 8 página 44/45. |
| Escritura de obrigação com hipoteca referente a patrimônio. | Bairro do Corrente do Guarehy, sítio do Sr. Manoel Delfino Martins, 02/07/1892. | Dívida proveniente do restante de um sítio do Sr. Delfino no Bairro das Pedras pela dívida hipotecária. Sítio 20:000$000 | Sr. Manuel Augusto de Siqueira; Sr. Honorato Angelino de Barros; A rogo dos hipotecantes, Prof. João Laureane Leme. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 8 página 57/58. |
| Emite procuração para recebimento referente à negócio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 04/08/1892. | Nomeia o Sr. Bráz Peluso seu procurador para receber hipoteca no valor de 20 contos de réis, três obrigações: uma de cinco contos, outra de quatro contos e quinhentos mil réis, uma de cem mil réis e o restante que fica em poder do procurador. | Sr. Joaquim Poycarpo Ferreira, Fazendeiro Sr. Francisco Prestes Bicudo, Fazendeiro | Cartório de registro civil de Angatuba, Livro nº 8 página 73 |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de compra e venda para ampliar patrimônio. | Bairro do Palmital Distrito do Espírito Santo da Boa Vista, 03/02/1892 Residência dos outorgantes. | Srs. vendedores: Pedro Antunes dos Santos e Sra. Comprador Sr. Francisco Turelli Sítio denominado "Cabeceira das Pedras." 700$000 | Sr. José Pedro de Oliveira; Sr. Pedro Manoel de Oliveira; Sr. Antonio José de Oliveira; Sr. Antonio Antunes dos Santos | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 7 página 39/40. |
| Escritura de compra e venda para ampliar patrimônio. | Bairro do Corrente do Guarehy, em casa do comprador, 02/07/1892. | Outorgante vendedor Sr. Francisco Turelli Outorgante comprador Sr. Manoel Delfino Martins Sítio "Cabeceira das Pedras" 23:000$000 | Sr. João Laureano Leme Jr., comprador; Srs. Bráz Peluso; Manoel Augusto de Siqueira. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 8 páginas 57/58. |
| Escritura de compra e venda para o abastecimento de seu armazém. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 18/03/1893. | Outorgado comprador Sr. Francisco Turelli Vendedor Sr. José Manuel Leite e Sra. Um cafezal, na Serra do Ribeirão Grande 4:61$200 | Sr. Antonio Coelho Ramos, fazendeiro; Sr. Joaquim Marques Ribeiro; Sr. Manoel Cyríaco Ramos Nogueira, cafelista. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 9 páginas 35/36. |
| Escritura de compra e venda para ampliar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 14/04/1894. | Srs. vendedores João Galdino dos Santos e Sra Comprador Sr. Francisco Turelli Terras lavradas e campos no lugar denominado Campina do Monte Alegre. 250$000 | Padre João Paschoal; Sr. Bráz Peluso. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 8 páginas 43/44. |
| Escritura de compra e venda para dispor de parte do patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 25/05/1894. | Outorgado vendedor, Sr. Francisco Turelli. Comprador Sr. Francisco Antonio de Lima. Terras no lugar denominado Campina do Monte Alegre: 500$000 | Sr. Bráz Peluso; Sr. Elias Profeta Ribeiro, músico; Sr. José Antonio Ferreira, lavrador. | Cartório do Registro Civil de Augatuba, Livro nº 11 páginas1/2. |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de compra e venda para aumentar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 28/07/1894. | Outorgantes vendedores Sr. Manoel Delfino Martins e Sra. e outorgado comprador Sr. Francisco Turelli – Sítio no lugar denominado "Corrente do Guarehy" 8:000$000 | Sr. Bráz Peluso, comerciante; Sr. Emílio Benedetti, comerciante; Sr. Antonio de Almeida Leme, comerciante; Sr. Alberto Antonio de Oliveira, coletor. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 11 páginas 12/13. |
| Emite procuração para tratar de direitos. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 11/04/1896. | O Sr. João Turelli e Sra. Thereza Tazioli, nomeiam como procurador o advogado Sr. Arthur Monteiro de Carvalho, na Comarca de Itapetininga. | Sr. Francisco da Luz Vieira; Sr. José Bruno. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 13 páginas 13/14. |
| Escritura de dívida com hipoteca para ampliar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 13/07/1898. | Outorgantes devedores: Sr. Manoel Pires Lopes e esposa de 1:500$000 – pagos em quatro anos – juros de 2% ao mês Dão à hipoteca um sítio no Bairro do Bom Bom. | Sr. Francisco Prestes de Oliveira, fazendeiro; Sr. Domiciano Ramos Nogueira, cafelista; Sr. Francisco Xavier Ramos Nogueira, cafelista | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 16 páginas 22/23. |
| Escritura de Depósito Extra Judicial sobre negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 11/06/1900. | Outorgado depositário Sr. Antônio Coelho Ramos, fazendeiro. Outorgante depositante Sr. Francisco Turelli. Um sítio – 1:680$000 juros de 1,5% ao mês | Sr. Antônio Ribeiro Leite Sobrinho, cafelista; Sr. Benedito Pinto de Mello, comerciante. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº17 página 83. |
| Escritura de Quitação de Depósito para ampliar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 30/06/1900. | Sr. Antônio Coelho Ramos quita o empréstimo ao Sr. Francisco Turelli. 1:680$000 | Sr. Elias Batista Ribeiro, músico; Sr. José Theodoro P. Cafundó, comerciante. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº17 página 91. |

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de compra e venda para ampliar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 18/06/1900. | Outorgantes vendedores Sr. Raphael J. de Camargo e Sra. Outorgado comprador, de uma parte de terras e comum na fazenda do finado Antonio do Prado. 200$000. | Sr. Norberto Dias Baptista, comerciante; Sr. João Berto Jaconiano; Sr. Pasquale Gianini. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 17 página 84. |
| Escritura de compra e venda para ampliar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 18/06/1900. | Outorgante vendedora Sra. Dona Maria Jesuina de Mello. Outorgado comprador Sr. Francisco Turelli, de uma casa no pátio da Matriz, fazendo frente à Rua do Comércio: 700$000 | Sr. Antonio de Arruda Campos; Sr. João Sátyro de Almeida Leme; Sr. Benedito Pinto de Mello. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 17 página 85. |
| Escritura de dívida com hipoteca para garantir negócios. | Fazenda Correntes do Guarehy, residência dos outorgantes devedores. Espírito Santo da Boa Vista, 22/06/1901. | Outorgantes devedores Sr. Antonio Coelho Ramos Nogueira e Sra., fazendeiros, devedores ao Sr. Francisco Turelli = 2:300$000. Juros de 1,5% ao mês por um ano. Hipotecam três alqueires. | Sr. José Alfredo Gregório, lavrador; Sr. José de Almeida Costa; Sr. José Feliciano Ramos, lavrador. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro de notas nº 17 página 71. |
| Escritura de Dação em pagamento para garantir negócios. | Fazenda Correntes do Guarehy, distrito da Vila do Espírito Santo da Boa Vista. Residência dos outorgantes, 14/07/1902. | Outorgantes devedores Sr. Antonio C. R. Nogueira e Sra. Hipotecam o sítio na mesma fazenda com 106 alqueires valor 8:000$000. | Sr. Francisco Fernandes Ruivo, agente do correio; Sr. José Cafundó, comerciante. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro de notas nº 40 página 80/83. |
| Escritura de compra e venda para ampliar patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 13/10/1903. | Outorgantes vendedores: Sr. Joaquim Pires de Lemos e Sra. sítio no lugar denominado Correntes do Guarehy vendem ao Sr. Francisco Turelli 2:000$000 | Sr. Pedro A. Sammarco, negociante; Sr. Benedito Lencioni, comerciante; Sr. Merenciano Severino Vieira. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 22 páginas 34/35. |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de Contrato de Fica e Depósito Extra Judicial. Confissão de dívida e respectiva caução em garantia. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 02/11/1905. | Outorgado devedor e depositante Sr. Pietro Pedreschi, oleiro. Ao credor Sr. Francisco Turelli 350$800 comuta em 11 milhares e um milhar de telhas. | Sr. Tenente Antonio Arantes de Souza Sobrinho; Sr. Galdino José Pereira. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro de notas nº 24 página 41. |
| Escritura de compra e venda de imóvel à municipalidade. | Angatuba, 04/02/1911. | Outorgada a Câmara Municipal de Augatuba representada pelo seu Prefeito Municipal Sr. Francisco Turelli. Outorgantes: Sr. Arlindo de Moraes Rosa, Salvador R. dos Santos e Sra. Maria Pereira da Conceição, vendem terrenos de 6 mil e cem metros, na cidade à Câmara Municipal 375$000. | Sr. Elói Rolim de Albuquerque, fazendeiro e comerciante; Sr. José Rolim da Rosa, fazendeiro; Sr. José Santi Figlio, fazendeiro. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº31 páginas 97/98. |
| Outorga uma escritura mediante procuração de doação do município de Angatuba para o governo do Estado de São Paulo. | Angatuba, 05/02/1911. | Outorgante a Câmara Municipal representada pelo seu prefeito municipal, o cidadão Sr. Francisco Turelli, nomeia e constitui o procurador da Câmara Municipal Augatuba, o Dr. Julio Prestes com amplos poderes (...) assinar a escritura de doação do referido terreno ao Governo do Estado, no valor de 350$000 para o fim de nele ser edificado o "Grupo Escolar" desta cidade (...) | Sr. Benedito de Moura; Sr. João Baptista dos Santos. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 31 página 99. |

## 2.5 evolução dos negócios de João Mariosi

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para venda de bens na Itália e emigração da esposa e filha. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 23/04/1891. | O Sr. João Mariosi concede à sua mulher Sra. Angela Pignatari domiciliada em Sapri (Província de Salerno) Reino da Itália, poderes para vender os bens e concede licença para vir nesta República (Brasil). | Pe. João Paschoal; Sr. Francisco Arantes de Noronha. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 6 página 74. |
| Escritura de obrigação com hipoteca para ampliar negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 23/08/1893 | Os devedores hipotecantes Sr. João Mariosi e Sra. e como credor silva Mello representado pelo seu empregado Theodomiro Costa. Dívida de 1:457$560 pela compra de (tecidos) fazendas, hipotecam uma casa na vila, no prazo de 1 ano, juros de 12% ao mês se passar a data do contrato. | Sr. Francisco Prestes Bicudo, fazendeiro; Sr. Claudino Protázio de Almeida, comerciante. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 10 página 12. |
| Escritura de quitação de hipoteca. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 28/05/1894. | O credor hipotecário Sr. Hyrão Dobbes de Mello, herdeiro do finado Silva Mello, recebe e da quitação através do seu procurador Capitão Sr. José Soares Hungria da dívida de uma hipoteca do Sr. João Mariosi no valor de 1.457$560. | Sr. Fernando de Camargo Mello, fazendeiro; Sr. Antonio de Almeida Leme. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 10 página 48/49. |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de obrigação com hipoteca para garantir negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 05/02/1898 | Os outorgados devedores Sr. João Mariosi e Sra. e outorgado credor Sr. Bráz Antonio Schettini da quantia de 4.000$000 a pagar em duas prestações: a primeira em dois contos de réis a dois anos e a outra a três anos e na falta deverá juros de 1% ao mês. Pelo não pagamento no prazo os devedores hipotecarão um sítio no Bairro dos Cafezais que são possuidores desde 1890. | Sr. Francisco Pires Lopes; Sr. Jesuíno Fogaça de Oliveira; Sr. Norberto Dias Baptista; | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 15 página 81. |
| Escritura de quitação de hipoteca. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 24/11/1903 | O credor Tenente Coronel Antonio Rolim Jr. e o devedor João Mariosi e Sra. O outorgante credor recebeu do Sr. João Mariosi 800$000 e respectivos juros pela dívida com hipoteca de 21/07/1903. | Sr. Bento de Moura; Sr. Benedito de Barros Lima. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº22 página 54. |
| Escritura de compra e venda de parte do patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 24/11/1903. | Outorgantes vendedores Sr. João Mariosi e Sra. e como outorgantes compradores: Sr. Juviniano Pereira de Moraes, Antonio Pereira de Moraes e João Pereira de Moraes de uma casa à Rua 15 de novembro esquina a Rua Municipal por 2.700$000 | Sr. Bento de Moura; Sr Antonio Rolim Jr; Sr. Benedito de Barros Lima. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 22 página 55. |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para cuidar de inventário. | Espírito Santo da Boa Vista, 25/04/1905. | Sra. Angelina Pignatari como tutora de seus filhos impúberes: Francisco, José, Nicolau, Rosa, Clementina, Luzia, Victor, João e João Belinatti cabeça do casal de Catharina Mariosi constituiu bastante procurador em Itapetininga. O Tenente Antonio Rolim de Oliveira Ayres para representá-los no inventário dos bens de João Mariosi, marido, pai e sogro. | Sr. Alfredo Cafundó de Medeiros; Sr. José Cafundó Sr. Leopoldino Geraldo de Medeiros. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº 23 página 50. |
| Escritura pública de permuta de patrimônios. | Espírito Santo da Boa Vista, 03/11/1908. | O outorgante permutante Sr. José Basile e o segundo permutante Sra. Angelina Pignatari. O Sr. José Basile permuta uma casa à Rua da Caixa D'água permuta com a casa da Sra. Angelina à Rua do Comércio. Valor dos imóveis 1.000$000 cada um. | Sr. José Fernandes Ruivo; Sr. Christovam Suardi; Sr. José Paulino dos Santos. | Cartório do Registro Civil de Angatuba, Livro nº29 página 47. |

## 2.5 evolução dos negócios de Padre Caetano Tedeschi

| Tipo Documental | Loc/Data do doc | Objeto Valor | Testemunhas | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de compra e venda ampliando patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 07/02/1883. | Outorgado vendedor Sr. Antônio José do Prado de um cafezal sem o chão com 13 mil pés de café, ao Sr. Vigário Caetano Tedeschi no bairro dos Cafezaes. R$ 500$000. | Sr. Joaquim Ribeiro Leite; Sr. Emílio Benedetti, comerciante; Sr. Leandro Leite do Prado. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°1, página 1. |
| Escritura de obrigação com hipoteca ampliando patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 14/06/1892. | Devedor hipotecário Sr. Antônio Nunes Ribeiro e credores Sr. Manuel C. R. Nogueira e Vigário Padre Caetano Tedeschi, R$726$500, hipoteca duas partes de terras lavradias e serrados na Fazenda do finado Domiciano R. Nogueira, no lugar denominado Vargem, 2 alqueires. Por 4 anos, 4 % ao mês. | Sr. Joaquim Polycarpo Ferreira, cafelista; Sr. Manuel Clementino Machado, sitiante; Sr. Fernando Vieira, sitiante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°8, página 46. |
| Escritura de quitação de hipoteca ampliando patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 18/01/1896. | Devedor hipotecário Sr. Antônio Marques dos Santos, de R$ 5:000$000 ao credor hipotecário Padre Caetano Tedeschi. Ajuste por escritura passada a 6 de outubro de 1890. Recebida do Procurador Sr. Antônio M. G. M. Lacerda. | Sr. Tenente Be Leite de Meira, cafe Sr. Benedito Pinto de Mello. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°12, página 83/84. |

## 2.5 evolução dos negócios de Padre Domingos Galardi

| Tipo Documental | Loc/Data do doc. | Objeto / Valor | Testemunha | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para ampliação do patrimônio. | Vila do Espirito Santo da Boa Vista, 15/09/1896. | O Sr. Alberto A. de Oliveira, procurador do Padre Domingos Galardi para representá-lo no processo de inventário do espólio de Manoel Vicente Ramos. | Sr. Calixto A. de Pontes Villela; Sr. Francisco Papini, sitiante italiano. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°13 página 46. |
| Escritura de dívida com hipoteca. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 11/01/1901. | O credor hipotecário Padre Domingos Galardi e o devedor Sr. Giuseppe Basile R$2:000$000, por dois anos, juros de 8% ao ano hipoteca olaria, um terreno e uma data em frente a casa do Sr. João Mariosi e o quartel nesta vila. | Sr. Rufino Mariano de Barros, comerciante; Sr. Bento Francisco da Silva. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°19 página 12. |
| Escritura de quitação de hipoteca ampliando o patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 28/01/1901. | Outorgado devedor Sr. Giuseppe Basile quita a quantia de R$ 2:000$000 ao outorgado credor Padre Domingos Galardi. | Sr. Rufino Mariano de Barros, comerciante; Sr. Francisco de Arruda Campos. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°19 página 26. |

## 2.5 evolução dos negócios de Padre João paschoal

| Tipo Documental | Loc/Data do doc. | Objeto / Valor | Testemunha | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para auxílio à matriz local. | Residência do Vigário Padre João Paschoal, 20/11/1886. | Procurador em São Paulo, Sr. João Calderara, italiano com especialidade para receber do tesouro provincial R$ 500$000 como auxílio à matriz do Divino Espírito Santo. | Sr. Sabino A Schettini, comercia Sr. Mariano Rufino de Barros, coletor. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°3, página 29. |

## 2.5 evolução dos negócios de Antônio Shettini

| Tipo Documental | Loc/Data do doc. | Objeto / Valor | Testemunha | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para tratar de negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 19/03/1888. | O Sr. Antônio Schettini, negociante nomeia seu procurador o Sr. Samuel Cypriano de Oliveira para cobrar seus devedores e outras funções. | Sr. José Tiburcio Valeriano Ribeiro; Sr. Joaquim Augusto Teixeira. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 4, páginas 28/29. |
| Escritura de obrigação com hipoteca para abastecimento de seu armazém. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 08/04/1889. | O outorgante devedor Sr. Domingos Monteiro de Carvalho, fazendeiro, deve R$ 562$190 ao credor Sr. Antônio Schettini como garantia a colheita de café do corrente ano. Serra do Palmital. | Sr. Antônio de Arruda Campos; Sr. Miguel Eugênio do Carmo. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 5, página 22. |
| Contrato Anthasico para garantia de seus negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 13/05/1889. | O devedor Sr. Domingo M. de Carvalho pelas fazendas e gênero do negócio do credor Sr. Antônio Schettini penhora o seu cafezal de seis mil pés de café a colher nesta data, a preço da arroba do comércio, café beneficiado. | Sr. Antônio de Arruda Campos; Sr. Miguel Eugênio do Carmo. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 5, página 24. |
| Escritura de compra e venda para ampliação de seu patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 02/11/1889. | Os vendedores Capitão Joaquim Monteiro de Carvalho e Sra. Dona Anna Constância de Carvalho. O comprador de um sítio com cinco mil pés de café, por 3:000$000 no bairro dos Cafezaes | Tenente Antônio Rolim de Oliveira, fazendeiro; Sr. Benedicto Pinto de Mello. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 5, página 37/38. |

| Tipo Documental | Loc/Data do doc. | Objeto / Valor | Testemunha | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Escritura de Contrato de locação de serviço. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 22/08/1891. | O locatário Sr. Sabino Antônio Schettini contrata o Sr. Francisco Caetano Ramos para tratar de mil pés de café no bairro dos cafezais , por 250$000 fez pagamento de 120$000 e o restante no ato da entrega que será por quatro anos a partir da 01/07/1891 | Sr. Octávio Ramos; Sr. Joaquim Augusto Teixeira; Sr. Fernando Vieira. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 7, página 9/10. |
| Emite procuração para tratar de negócios. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 23/05/1892. | O Sr. Sabino Antônio Schettini nomeia seu procurador o Sr. João Mariosi com plenos poderes para representá-lo em qualquer tribunal ou juízo deste Estado de São Paulo. | Sr. José Tiburcio Ribeiro; Padre João Paschoal. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 8, página 35. |
| Escritura de Contrato para cuidar de seu patrimônio. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 05/07/1895. | O Sr. Sabino Antônio Schettini faz entrega de um talhão de cafezal no bairro dos Cafezaes da Boa Vista, regalando mais ou menos três mil pés de café e o Sr. Benedito Inocêncio de Camargo, cuidar do cafezal, por 50$000 réis por ano, vencendo na colheita no ano de 1897. | Sr. Pedro Mariano de Barros; Sr. José Domingos de Moraes. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n° 12, página 25. |

## 2.5 evolução dos negócios de Bráz Peluso

| Tipo Documental | Loc/Data do doc. | Objeto / Valor | Testemunha | Referência doc. |
|---|---|---|---|---|
| Emite procuração para aquisição de bens de herança. | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 05/10/1889. | Sra. Maria Lacorte Peluso nomeia procurador seu esposo Sr. Bráz Peluso para receber herança do tio Padre Victor J. Finamora na Vila de Campo Largo de Sorocaba. | Sr. Joaquim Agusto Dinis; Sr. José Tiburcio Valeriano Ribeiro. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°5 página 34. |
| Emite procuração para ampliar negócios. | Residência do outorgante Sr. Bráz Peluso, 21/10/1890. | Outorgantes Sr. Bráz Peluso e sua mulher, Sra. Maria Lacorte Peluso nomeiam o irmão e cunhado Sr. José Peluso procurador neste estado de São Paulo. | Sr. Antônio de Almeida Leme, comerciante; Sr. João Mariosi, negociante. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°6 página 43/44. |
| Escritura de contrato de prestação de serviços | Vila do Espírito Santo da Boa Vista, 09/01/1892. | Os aceitantes Srs. Bráz Peluso e Emílio Benedetti e como prestador de serviços o Sr. Paschoal Ribeiro de Camargo como oleiro R$25$000 por mês. | Sr. Joaquim Mariano da Silva; Sr. José Tibúrcio Ribeiro. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°7 página 33. |
| Escritura de Contrato de Transferência dos negócios. | | Os transferentes Srs. Bráz Peluso e Emílio Benedetti, transferem o serviço braçal do Sr. Paschoal Ribeiro de Camargo para o Sr. João Mariosi | Sr. João Laureano Leme, professor; Sr. Francisco Turelli, fazendeiro e comerciante | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°8 página 55. |
| Escritura de desistência de negócio. | | Os Srs. Tobias Neri e Pedro Pedreschi desistem do contrato de arrendamento da olaria pertencente aos Srs. Bráz Peluso e Emílio Benedetti, por 1 ano, R$ 1:200$000. | Sr. Hygino de Paula Ferreira; Sr Basílio Belluonini. | Cartório de Registro Civil de Angatuba. Livro n°9 página 41. |

Os quadros referentes à evolução dos negócios dos imigrantes italianos nos permitiram acompanhar o crescimento de seus empreendimentos no que se refere à aquisição de propriedades rurais, imóveis urbanos, fornecimento de mercadorias às fazendas e a funcionários de estrada em construção, a emissão de procurações para cuidar de patrimônios na Itália ou ampliar negócios na região. Permitem ainda, acompanhar as relações de trabalho estabelecidas entre os proprietários de olarias e os imigrantes recém-chegados que iriam exercer a profissão de oleiros.

Alguns imigrantes passaram a exercer a função de prestamistas adiantando recursos aos lavradores, mediante hipoteca de suas propriedades. Esta atividade concorreu para o expressivo aumento do patrimônio imobiliário dos imigrantes italianos.

# CAPÍTULO III

## A CONSTITUIÇÃO E REDEFINIÇÃO DA POLÍTICA DE ANGATUBA NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

### 3.1 – O universo das relações dos imigrantes italianos no campo[62] político local

As análises de caráter histórico-sociológico sobre a inserção dos imigrantes italianos na arena política de Angatuba, fundamentadas em fontes escritas, orais e imagéticas, destacam a ação política dos grupos de imigrantes de origem setentrional de forma mais marcante do que a dos meridionais; porém, todos, indistintamente, de acordo com as circunstâncias, se constituíram como atores políticos, por uma tradição de participação política trazida da Itália, pela necessidade de desenvolver negócios, integrando-se socialmente na comunidade receptora. As representações que esses imigrantes deram de si próprios, permitiram estabelecer aspectos do jogo político local para compreender a estrutura das relações políticas[63].

---

[62] A noção de campo percorre os estudos de Bourdieu, o que designa campo como espaço social em que os agentes se situam, no qual lutam pela distribuição de um capital específico acumulado em lutas anteriores. Com vistas à explicação do conceito de campo, Bourdieu recorre à imagem do jogo. O campo seria o espaço do jogo e o habitus, o sentido do jogo, pressupondo este uma necessidade imanente. O habitus vai permitir ao agente produzir a infinidade de atos de jogos possíveis de serem efetuados. Todos os agentes engajados em um Campo, assim como no jogo, mantêm interesses comuns fundamentais, ligados à própria existência do Campo e que resultam numa amplicidade objetiva subjacente a todos os antagonismos. A existência de um Campo pressupõe um motivo de luta permanente e agentes dispostos a jogar o jogo, portadores dos habitus relativos ao conhecimento das leis imanentes ao jogo. A luta pela dominação faz com que o campo se reestruture constantemente. (CERU, 1997, p. 108)

[63] A descrição e análise sobre as formas de conduta política aqui utilizadas foram obtidas em Canêdo. A "política" é conhecida como a arte de jogar a curto prazo, em razão da instabilidade facilmente percebida na esfera institucional. Este prisma, entretanto, dissimula o fato de que além das instabilidades, o campo institucional contém também as possibilidades de atuar dentro de um jogo com regulamentos bastante complexos. É um campo tenso, instável, onde os menos experientes encontram dificuldades para permanecer bem situados junto ao centro do poder, atropelados pelos mais experimentados que dominam melhor os regulamentos conhecidos, os quais, no mais das vezes, não são regras escritas. Há que se insistir no longo tempo de preparação que o domínio desses regulamentos exige. Não tanto pelo aprendizado deles, mas pela prática em aplicá-los. (CANÊDO, s/d, p. 6).

A reflexão deste estudo priorizou as trajetórias do grupo setentrional porque o poder, no período analisado, vai estar sempre nas mãos de descendentes de famílias desta origem e suas parentelas.

O historiador Boris Fausto, no texto "Um Balanço da Historiografia da Imigração para o Estado de São Paulo", suscitou questões polêmicas apresentadas por vários estudiosos de imigração, dando ênfase maior às relacionadas à prática política dos imigrantes italianos. Essa reflexão permite rastrear e discutir questões que problematizaram as ações políticas dos italianos em Angatuba como, por exemplo, suas relações com a elite política oligárquica, o acesso dos imigrantes ao Partido Republicano Paulista (PRP) local, a abertura de canais participativos, na vida política, o exercício do voto e outros. Boris Fausto afirmou que:

> *Em uma sociedade com características da brasileira, ter formas de acesso ao mundo político era e ainda é um recurso estratégico, tanto para nacionais como para estrangeiros, no sentido de obter e legalizar a posse da terra, alcançar melhoramentos de infra-estrutura, conseguir emprego, etc. Passados os primeiros anos de luta pela sobrevivência e pelo domínio da língua, imigrantes e seus filhos começaram a estabelecer pontos em direção ao poder político (...), pressões sobre a administração não correspondem necessariamente a uma ação política. Mas elas são conducentes ao universo político através do uso instrumental do voto, da eleição de representantes de grupos étnicos que vão se convertendo em políticos profissionais* (FAUSTO, 1991, p. 430).

O autor citado completa: "(...) é no mínimo duvidoso que o paulatino ingresso de imigrantes e seus descendentes na arena política tenha implicado uma ampla abertura de canais participativos" (FAUSTO, 1991, p. 442). E acrescentou que: "Seria ingênuo pensar que a oligarquia abrisse fraternalmente espaço a estrangeiros e seus descendentes. Mas ela não podia simplesmente voltar as costas a uma massa de pessoas cada vez mais implantadas na vida social" (FAUSTO, 1991, p. 430).

Avaliou também que:

> *(...) parece-me ainda que as vinculações entre o PRP e setores imigrantes são mais claras e menos contraditórias. O PRP não tem discurso xenófobo e, no mínimo, procura atrair eleitoralmente imigrantes. Embora seja necessário conhecer melhor o pragmatismo*

> *perrepista, penso que o simples fato do PRP ter estado sempre no poder até 1930, favoreceu enormemente a aproximação entre imigrantes e o partido. Mas a aproximação não significa que setores imigrantes fossem a base social partidária"* (FAUSTO, 1991, p. 432).

É possível pensar a inserção dos imigrantes italianos na política local a partir da aquisição dos bens patrimoniais, quando da sua chegada à Vila do Espírito Santo da Boa Vista, respectivamente 1876, 1881, 1886. O fato de se tornarem proprietários conferiu-lhes um status significativo na hierarquia social; a propriedade marcou acesso às instituições locais, à segurança no campo econômico e à sua transmissão às futuras gerações.

Segundo colocações de Luiz Pereira Barreto, o imigrante se considerava um cidadão brasileiro a partir do momento em que adquiria uma propriedade, a qual estava diretamente relacionada à condição de se tornar naturalizado[64] e, portanto, um patriota brasileiro (1901, p. 263).

Levando-se em conta as relações: propriedade-cidadania, sobrevêm ações e valores que estão imbricados num campo de lutas, de escolhas, de situações, de adesões em confronto e/ou conformidade com o patrimônio social e cultural dos atores em questão.

Ora, o "prestígio público" foi-se adquirindo, tendo como base o comércio, a terra, as transações imobiliárias e financeiras, o capital escolar e cultural, as relações intra e inter-étnicas através dos matrimônios com agentes da elite agrária, o sistema de compadrio e os testemunhos; isso tudo somado também à idéia de que a oligarquia agrária, os cafelistas, possuíam pensamento liberal. Estes fatores aglutinadores permitiram avaliar a "ampla abertura de canais participativos" a esses agentes empreendedores, no caso os imigrantes italianos.

Uma pesquisa elaborada pela autora deste estudo, tempos atrás, mostrou a importância do capital cultural para os imigrantes italianos em Angatuba, através das fontes documentais como Livros de Matrículas e Livros de Exames (1883-1920). As análises

---

[64]Sobre o processo de naturalização de estrangeiros ao país, ocorreu que, em 12 de julho de 1871, baixou-se um Decreto nº 1950, sobre uma nova legislação a respeito da naturalização. Por esse documento o Governo era autorizado a conceder carta de naturalização a todo estrangeiro que a requeresse, maior de vinte e um anos e tendo residido no Brasil ou fora dele, em seu serviço, por mais de dois anos (...). Alcança a concessão a qualquer estrangeiro, o que bem revela o espírito liberal da legislação (DIEGUES JR., 1964, pp. 346/347). A Constituição de 1891, a partir de um decreto do governo provisório republicano, incentivou a integração dos estrangeiros através da chamada grande naturalização, considerando brasileiros todos os estrangeiros que residiam no Brasil, no dia 15 de novembro de 1889, salvo declaração em contrário feita no prazo de seis meses (FAUSTO, 1991, p. 432).

permitiram perceber as representações acerca da importância dada pelos imigrantes italianos ao capital escolar de seus descendentes, como uma das estratégias determinantes da posse do capital cultural, o que lhes assegura ascensão social.

Apesar dos imigrantes italianos apresentarem nível de escolaridade de primeiro grau, verificou-se desde os primeiros anos de sua chegada, o empenho para que os filhos e filhas estudassem. João Tazioli, após três anos de sua chegada ao Brasil, exerceu a função de membro do Conselho Municipal de Instrução, cargo que lhe permitiria acompanhar o desempenho escolar de sua filha, ao mesmo tempo que lhe daria prestígio junto ao grupo local.

Nessa circunstância, o comportamento desses imigrantes diferia bastante daquele dos colonos italianos das fazendas de café estudados por Mertzig nas regiões de São Carlos e Araraquara que não encaminhavam os filhos à escola (1977, p. 237).

No grupo italiano de Angatuba, destacou-se o imigrante Francisco Turelli, detentor de formação escolar de segundo grau, o que lhe permitia o exercício de liderança cultural entre seus conterrâneos e mais tarde ampliar sua participação política na localidade.

O primeiro livro de Termos de Exames da primeira escola feminina da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, de 1883, apresenta, na página 3, a participação dos italianos, Padre Caetano Tedeschi e João Tazioli, como membros do Conselho Municipal de Instrução; na seqüência relaciona o Tenente-Coronel Thomáz Dias Baptista Prestes, 1° Inspector Literário do Distrito, o cidadão Joaquim Policarpo Ferreira, a Profª. Sra. Dª. Maria das Dores do Amaral Brizolla e outros. No dia 1° de dezembro de 1885, os examinadores acima relacionados questionaram dezoito alunas, entre elas, Maria Teresa Tazioli, filha de João Tazioli, que recebeu menção especial juntamente com outras duas da própria sociedade.

O crescente ganho de posição no campo social pode ser visto ao mesmo tempo como fator de integração desse grupo étnico à sociedade receptora.

No depoimento do Dr. Hamílcar Turelli, ficou bem clara a importância do capital social e cultural da família João Tazioli: "(...) continuando sobre a casa do meu avô João Tazioli (Villa São João), que depois passou para o meu pai (Francisco Turelli)... nessa casa, antes de chegar à sala de visitas, em cima da porta... o pé direito era muito alto naquelas casas e lá tinha um retrato de Garibaldi como de Cavour, que fizeram a unificação

da Itália (1870), que eles reverenciavam. João Tazioli e o pai dele (Antônio Tazioli) tinham participado das lutas da unificação, Turelli também" (alusão ao pai, Francisco Turelli).



Giuseppe Garibaldi. Capa do Livro Memórias de Garibaldi, Alexandre Dumas, L & P Poket, 2000.

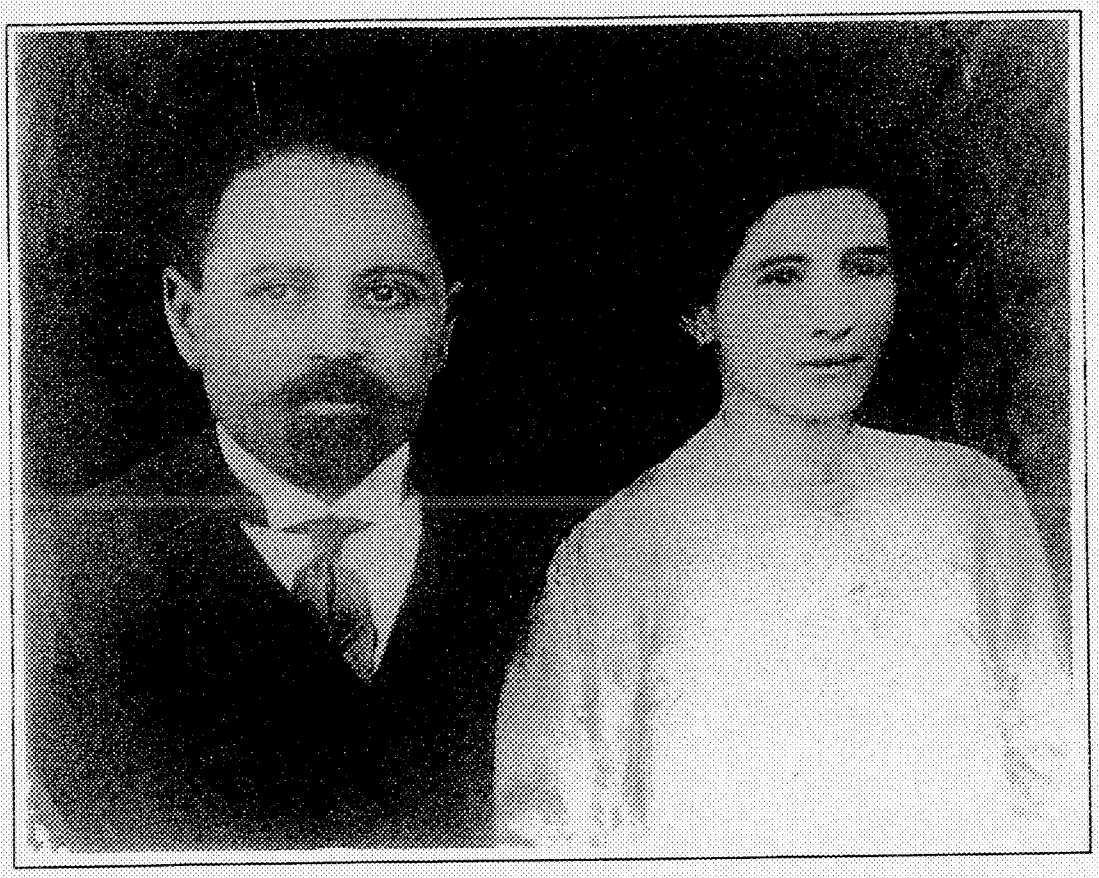
*(...) Olha lá a História de César Cantu que era de meu pai (o depoente aponta na biblioteca a centenária coleção de História Universal de César Cantu, que pertenceu a seu pai).*

*No 1º de maio, nas festas do "Dia do Trabalho", Francisco Turelli discorria sobre a data em praça pública e os discursos eram extraídos dessa história. Quem aproveitou muito disso foi Philomena (alusão à irmã), tanto que ela falava muito bem italiano, depois ela ficou grande helenista também. Meu pai decorava com ela, recitava com ela cantos inteiros de Ariosto, Torquato Tasso... Isso se deve à casa, o lar é o principal educador! Coitadinho dos caboclos, o pai batia o dia inteiro no cabo da enxada e não tinha visão pras coisas, ao passo que os nossos antepassados, por mais pobres que fossem, eles eram capazes de decorar Ariosto, Torquato Tasso, falavam de Garibaldi e assim por diante. Havia um certo desprezo dos italianos com relação aos caipiras* [Depoente Dr. Hamílcar Turelli, São Paulo, 1999, pp. 19/20]

A Profª. Dirce Turelli também rememorou essa questão cultural:

*(...) lembro-me como era comemorado o "Dia do Trabalho" naqueles tempos (...). Eu era pequenina, quando ainda morávamos juntos na loja do meu pai Francisco Turelli, em frente à praça. A banda musical acordava a cidade na alvorada. A minha mãe, preocupada ao forno, cuidava dos assados. Ao término da festa, o meu pai discursava em homenagem à data (...).* [Profª. Dirce Turelli, carta endereçada a esta pesquisadora por Francisco Roldão de Moraes Turelli, São Paulo, 1986].

Outro informante complementa a reconstrução da comemoração dessa data importante para os trabalhadores italianos, como resquício de condição proletária vivenciada na Europa mantendo no Brasil esse traço cultural, apesar da nova condição de proprietários e líderes políticos locais, assumida pelos imigrantes italianos. (...) O 1º de Maio, nos idos de 1910, era comemorado com muita festa. Às seis horas, na alvorada, a banda de música acordava o povo com solenes dobrados. À frente desfilava o imigrante espanhol "Garridinho" (Francisco Garrido), barbeiro, homem inteligente, revolucionário, que discursava no transcorrer da festa.



MALIT-114: Francisco Garrido e esposa, Angatuba, SP. s/d Foto de Alexandre Milani.

> *Mas, inesquecível, era a figura do socialista italiano Francisco Turelli, o qual, na praça pública, proferia a todos importante aula de história. Comentava trechos da História Universal, dominava Cantú, com galhardia (...). Era estupenda a participação dos estrangeiros nesse cenário incomum pra nossa gente* (...)" [Missivista Dr. Diógenes Rolim de Albuquerque, carta enviada à pesquisadora, São Paulo, 1985]

O depoente Dr. Hamílcar Turelli enfatizou as relações de cordialidade entre esses italianos e a elite tradicional.

> *Então o que se conta na família era isso, que o Fernando Prestes (Coronel Fernando Prestes de Albuquerque) era a pessoa de grande destaque na política e chegou a ser governador de São Paulo. Quando ele ia pra lá, ele morava... a família dele morava lá na fazenda das Areias, então ele sempre ia almoçar com meu avô, com João Tazioli.*
> *O que se conta na família é que ele, depois do almoço, dava uma olhada no dormitório dos velhos (do casal João e Rosa), eles tinham cobertas de pena. Ah! tem um nome francês que se usa... Espere um pouco!*

> *Plumeaux! Ficava alto assim... E diz que ele gostava, após o almoço, ele chegava e se deitava, se esticava sobre os plumeaux. A minha avó ficava por conta e dizia: - 'Esse caboclo nunca viu essas coisas, agora vem aqui deitar na minha cama!' [risos].*
> *Consta que ele ia sempre almoçar lá e dava umas 'pestanadas' lá em cima dos plumeaux da avó* [Depoente Dr. Hamílcar Turelli, São Paulo, 1999, pp. 12/13].

Uma das estratégias para se obter a propriedade da terra (condição necessária para a destruição da provisoriedade do estatuto de imigrante) era o trabalho. Outra, valorizada e exigida dos filhos, seria o capital cultural adquirido pela educação escolar e no âmbito familiar. O depoente tenta mostrar a superioridade do capital cultural das famílias imigrantes quando comparado àquele das famílias trabalhadoras de origem luso-brasileira, segundo a visão hegemônica européia.

Se o discurso do entrevistado remete a um certo desprezo em relação aos caboclos, esse mesmo desprezo é manifestado pela avó italiana, fazendo concessões à liderança política regional para que tirasse a sesta apoiada em seus confortáveis cobertores de pena (símbolo de um saber fazer as coisas que os brasileiros desconheciam, mas que eles, italianos, dispunham graças ao conhecimento transmitido por seus antepassados). A restrição, porém, é apenas sussurrada porque, formalmente, eles, italianos, deviam se apresentar como hospitaleiros e tratar com cortesia a autoridade política regional.

Tanto a reprodução social quanto a política não é unilateral, ela só pode existir, pois, com cumplicidade de agentes cooperativos os quais lhe dão sentido. Os cafelistas procuravam manter-se no poder e fazer crescer o eleitorado fiel, através do voto, da filiação no diretório do PRP local e outras estratégias, para assegurar a seus correligionários espaço político ao longo do tempo; pois intuíam a perda deste com a primeira crise do café, nos fins do século XIX[65]. Entretanto, essa elite agrária tradicional, que monopolizava toda ação política de Angatuba, estava diante de um elemento novo, predisposto a "ingressar no jogo", o imigrante.

Seria conveniente para a elite local, às voltas com a crise de seu principal produto agrícola, ter como aliada essa nova categoria de representantes dos "interesses estabilizados", que ora emergia na cidade? Não seria producente tê-los como aliados? E,

[65] Documentações epistolares, pp 81-91

por sua vez, esses agentes, na busca de pontes com a sociedade local, não se valiam do prestígio da elite?

A construção de um espaço que ocorreu sob o signo da propriedade, vinculado ao mundo da mercadoria e que culminou com a aquisição das naturalizações em 1889, foi o tempo histórico propício para a atuação de uma cultura imbuída de espírito empreendedor. Parece ter sido também o tempo decisivo para que esses agentes desenvolvessem as ações e relações, dentro e fora do grupo, que permitiram a elaboração de representações de si próprios, como grupo e, também, a compreensão das estruturas de poder, construídas pelos grupos dominantes, o que lhes possibilitou construir estratégias para enfrentar os confrontos adaptativos exigidos pelos embates no campo social.

Expressão dessas ações podem ser constatadas no pedido de naturalização de João Tazioli, o qual nomeia seus procuradores entre os representantes da elite nacional.

> *"Procuração bastante que faz João Tazioli.*
> *Saibam quantos este publico instrumento de procuração bastante virem que sendo no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e oitenta e oito, aos cinco dias do mez de agosto nesta Villa do Espírito Santo da Boa Vista, em meu cartorio compareceu João Tasioli, morador desta Villa, reconhecido de mim Tabellião pela lei e das testemunhas presentes abaixo assignadas; digo, abaixo nomeadas e no fim assignadas pelo próprio de que dou fé, por elle me foi dicto, que por este instrumento e na melhor forma de direito, nomeia e constitui por seus bastante procuradores aos Doutores Manoel Ferraz de Campos Salles e Bernardino de Campos, Horacio de Carvalho, Manoel Lopes de Oliveira e Antonio Moreira da Silva para qualquer delles requerer ao Exmo. Presidente Provincial sua carta de naturalização de cidadão brazileiro e feito o juramento que se exige de naturalizado, podendo para o dicto fim promover qualquer género de praxe, assim como andamento dos papéis necessários, perante o Governo e*

*autoridades Brazileiras, e assistir assignar as actas e termos precisos bem como substabelecer em quem lhe convier. De como assim o disse acceitou outorgou do que dou fé e me pedio instrumento que sendo lhe lido e achado conforme assigna com as testemunhas Lodovico Antonio Homem de Goes e Antonio Bernardo Vieira. E eu Paulino Gregorio de Siqueira escrivão de Paz Tabellião na forma da lei que escrevi.*

*João Tazioli*

*Lodovico Antonio Homem de Goes*

*Antônio Bernardo Vieira*[66]

Passados poucos dias do envio da procuração aos advogados e republicanos paulistas, João Tazioli prestou juramento na Câmara Municipal como cidadão brasileiro naturalizado.

*"Termo de Juramento do cidadão naturalizado João Tacioli:*

*Aos vinte e seis dias do mez de setembro de mil oitocentos e oitenta e oito ao meio dia na Salla da Camara Municipal desta Villa do Espirito Santo da Boa Vista, honde foi vindo o 1º Tte. Cel. Lodovico Antônio Homem de Góes, Prezidente da Câmara com migo seo secretario a baixo assignado ahi compareceo o cidadão João Tacioli que foi convidado para prestar juramento de brasileiro naturalizado o que por esthe faz jurando observar a Constituição do Império e as leis do paiz mantendo-as e defendendo-as quanto em si pouder para gozar de todos direitos, honras e prerrogativas que pela Constituição hora lhe competem e assigna o prezado termo com o Presidente.*

*E eu Antonio de Arruda Campos o fiz.*

*Lodovico Antônio Homem de Góes*

*João Tazioli"*[67]

[66]Cartório de Registro Civil de Angatuba, Livro nº4, 1887-1888, pp. 45v/46.

No ano seguinte, os imigrantes italianos meridionais, João Mariosi, Bráz Peluso e Bráz Antonio Schettini, também prestaram juramento na Câmara Municipal, como cidadãos brasileiros naturalizados, mormente influenciados pela ação pioneira de João Tazioli.

> *"Termo de Juramento dos cidadãos naturalizados João Mariosi, Braz Peluso e Antonio Esquetini.*
> *Aos vinte dias do mez de maio de mil oitocentos e oitenta e nove, as duas horas da tarde na Salla da Camara Municipal desta Villa do Espírito Santo da Boa Vista honde foi vindo o Sr. Joaquim Polycarpo Ferreira, Vice Prezidente da Camara Municipal com migo seo secretario a baixo assignado, ahi comparecerão os cidadãos João Mariosi, Braz Peluso e Antonio Esquetini que foram convidados para prestarem juramento de brasileiro naturalizados e que por esthe faz jurando observar a Constituição do Império e as leis do paiz mantendo-as e defendendo-as quanto em si pouder para gozar de todos direitos, honras e prerrogativas que pela Constituição hora lhe competem e asim assignão o presente termo com o vice prezidente, e Eu Antonio de Arruda Campos, Secretario o fiz.*
> *O vice Prezidente Joaquim Polycarpo Ferreira*
> *João Mariosi*
> *Braz Peluso*
> *Antonio Esquetini*[68]

Logo após a sua naturalização, os italianos participam, na condição de cidadãos brasileiros, da festa da Proclamação da República.

---

[67] Livro para os Termos de Juramento. Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, p.4.
[68] Livro para os Termos de Juramento. Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, p. 4v.

*"Aos vinte e um dias do mez de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove no passo da Camara Municipal desta Villa e presente o Vice Prezidente Joaquim Polycarpo Ferreira e os vereadores Salvador Ferreira de Albuquerque, Jesuíno Leite de Meira, José Antonio Vieira e Joaquim Monteiro de Carvalho e tambem os(??) local nomeados pelo povo Joaquim Polycarpo Ferreira e Cel. Prestes de Albuquerque, Antonio Bernardo Vieira e José Soares Hungria. Presentes grande auditorio de povo vão ser convidados todos os cidadãos que quiserem athé virem a plocamação da republica ao qual foi convidado para prometerem serem fiel a grande proclamação republicana assim como também para darem suas assignaturas de livre e espontanea vontade.*[69]

*O vice Prezidente*

*Joaquim Polycarpo Ferreira"*

Seguem quarenta assinaturas, a de **Emílio Benedetti** se encontra logo após a 16ª, pertencentes aos coronéis, seguida: **João Tazioli; Adriano Tazioli** assinou em 25º lugar; seguido **Braz Peluso** e **João Mariosi** em 31º lugar. Não constou a presença de **Francisco Turelli,** nem **Sabino Antonio Schetini** e o **Padre João Paschoal.**

Em 1890 se processa o Alistamento dos imigrantes italianos como eleitores:

[69] Livro para os Termos de Juramento. Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, pp.5/6.

## ESTADO DE SÃO PAULO

### Alistamento dos eleitores no Município do Espírito Santo da Boa Vista[70]

### Districto do Espírito Santo da Boa Vista

### Componentes do 2° Quarteirão Eleitoral da Villa

(que abriga a maioria dos imigrantes italianos)

| N° ordem | 14 | 18 | 19 | 21 | 26 | 28 | 29 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Nome | Adriano Tacioli | Braz A. Esquetini | Braz Peluso | Emílio Benedetti | (padre)João Paschoal | João Tacioli | João Mariosi |
| Idade | 19 anos | 30 anos | 26 anos | 35 anos | 30 anos | 50 anos | 30 anos |
| Filiação | João Tacioli | José Esquetini | Miguel A. Peluso | Pietro Benedetti | Angelo Paschoal | Antonio Tacioli | Francisco Mariosi |
| Estado Civil | casado | solteiro | casado | casado | solteiro | casado | casado |
| Profissão | funcionário público | negociante | negociante | artista | eclesiásti-co | negociante | negociante |
| Domicílio | R. Luiz Gama | R. José Bonifácio | R. do Comércio | R. Luiz Gama | R. Luiz Gama | R. Luiz Gama | R. do Comércio |
| Data qualif. | 07-4-1890 | 07-4-1890 | 07-4-1890 | 07-4-1890 | 07-4-1890 | 07-4-1890 | 07-4-1890 |
| Obs. | Eleitor Lei de 09-1-1881 | Eleitor Lei de 9-1-881 | - | - | - | - | Eleitor Lei de 09-1-881 |

### Componentes do 9° Quarteirão Eleitoral da Villa

| | |
|---|---|
| n° de ordem | 60 |
| Nome | Francisco Turelli |
| Idade | 30 anos |
| Filiação | Mariano Turelli |
| Estado Civil | solteiro |
| Profissão | lavrador |
| Domicílio | Bairro do Paredão |
| Data de qualif. | 11-4-1890 |
| Observações | - |

[70] Sala das Sessões da Comissão Distrital do Espírito Santo da Boa Vista, 2 de maio de 1890. Livro para qualificação dos Eleitores, pp.13/14/16.

Naturalizados em 1888, 1889 e eleitores em 1890; a partir de então, ocorreu a inserção desses imigrantes no espaço político-partidário local.

*Termo de declaração dos eleitos que comparecerão na presente eleição.*

*Aos quinse dias do mes de setembro de mil oito centos e noventa segundo anno da Republica nesta Villa do Espirito Santo da Boa Vista, na salla da Intendencia Municipal as 10 horas da manhã, feita a chamada dos eleictores desta parochia, que comparecerão e derão seus votos os seguintes cidadãos:*

*Antonio de Almeida Leme*
*Claudino Protazio de Almeida*
*João Laureano Leme*
*João Pinto dos Santos*
*Manuel Prestes Filho*
*Norberto Dias Baptista Prestes*
*Adriano Tassioli*
*Antonio de Arruda Campos*
*Antonio Francisco de Lima Cafundó*
*Antonio Pereira Mestre*
*Braz Peluso*
*Emílio Benedetti*
*Francisco Joaquim Fernandes*
*Francisco Prestes Bicudo*
*João Baptista Sant'Ana*
*João Baptista da Silva Mello*
*João Tazzioli*

*Joaquim Polycarpo Ferreira*

*José Paulino Ferreira*

*José Theodoro Pinto Cafundó*

*Manoel Prestes de Albuquerque*

*Mariano Rufino de Barros*

*Miguel Blezius*

*Paulino Gregório de Siqueira*

*José Emigdio dos Santos*

*Salvador Paulino Machado*

*Jozé Antunes de Vieira*

*Salvador Nunes de Proença*

*Salvador Rodrigues do Nascimento*

*Antonio Alfredo de Oliveira*

*José Soares Hungria*

*Lodovico Antonio Homem de Góes* *

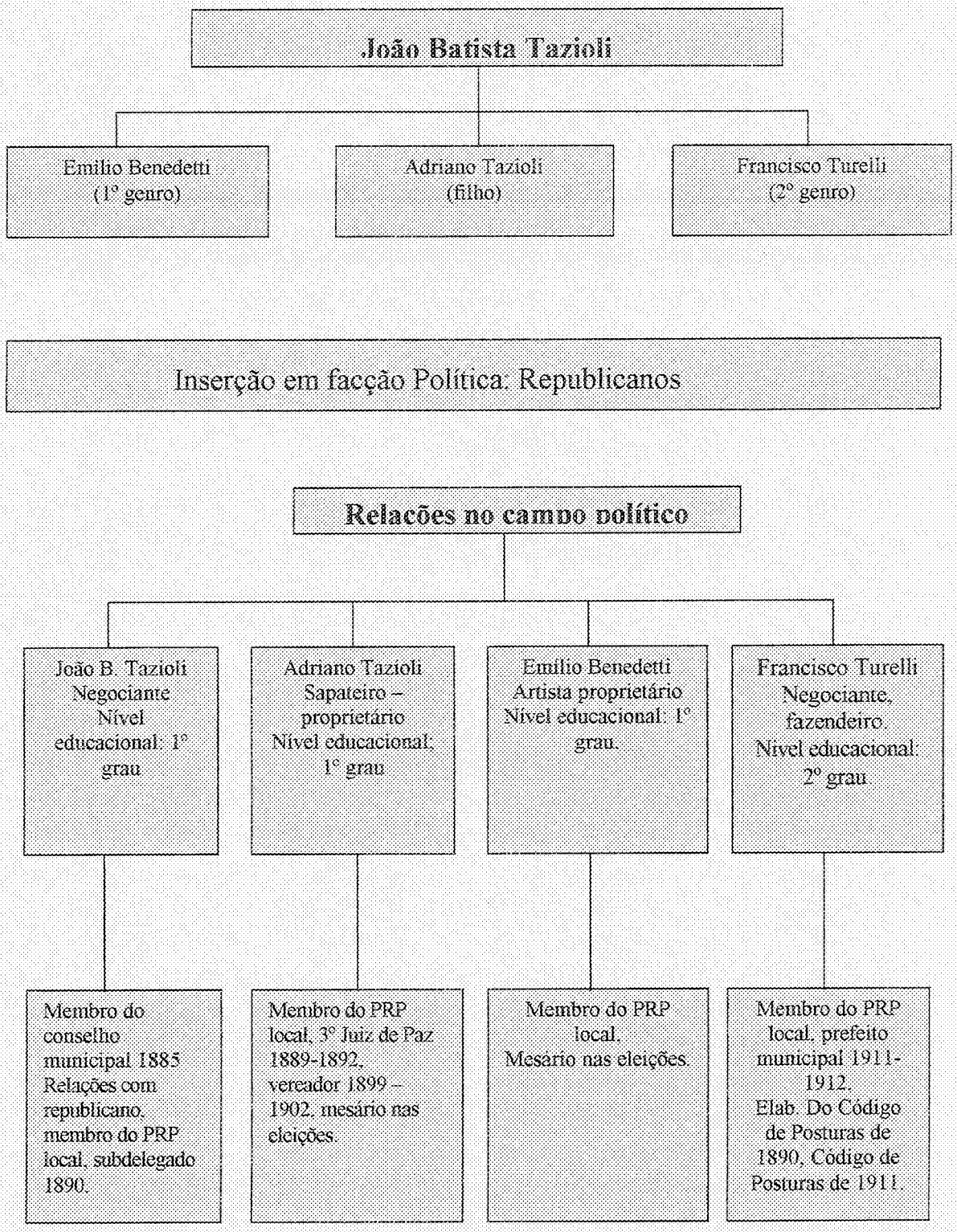
*Antonio da Costa Pinto Coimbra* *

*Francisco Turelli*[71]

*(segue mais quarenta e três eleitores)*

[71] Livro para assinatura de eleitores que vão se proceder no dia 15 do corrente para Deputados e Senadores e mais para outra qualquer eleição. Espírito Santo da Boa Vista, 9 de setembro de 1890, pp.2/3.

## Gênese – Capital Político – Família João Tazioli



A partir deste momento, quando se processou a integração política partidária desses novos prosélitos, também aumentaram suas representações efetivas no campo político, legitimadas nos atos simbólicos ao assumirem as funções tanto como membros do alistamento de eleitores, quanto como mesários e secretários[72]:

**1892** - *Braz Peluso foi suplente de Vereador na eleição de 9 de setembro de 1892 (p.2), apresentou-se como o 1° Secretário (p. 5v) e como mesário (p. 15).*

**1893** - *Emílio Benedetti constituiu-se membro da Comissão de Alistamento Eleitoral (p.2).*
- *Adriano Tazioli faz parte entre os membros da Comissão de Alistamento Eleitoral da 1ª Seção (p. 47).*
- *Braz Antonio Schettini, na trigésima Ata de 20 de maio de 1893, no seu nome consta eliminado "por ter se mudado para a Itália" (p. 57).*

**1894** - *Emílio Benedetti permaneceu como membro da Comissão de Alistamento Eleitoral (p. 60/61) e apresentou-se como mesário da 1ª Sessão Eleitoral (p.2).*
- *João Mariosi fez parte da 3ª Sessão Eleitoral como mesário (p.2).*

**1896** - *João Mariosi constituiu-se membro da Comissão Eleitoral e na mesma eleição Adriano Tazioli assumiu como presidente da mesa (p.10).*
- *Padre Domingos Galardi participou em primeiro lugar como eleitor do pleito de 30 de dezembro de 1896 (p.18).*

**1898** - *Adriano Tazioli integrou-se como um dos presidentes das Comissões Seccionais para a eleição (p.18).*
- *No Livro de Alistamento de Eleitores (p.32) sob o n° de ordem 26, alistou-se o imigrante italiano Celeste Favali, 29 anos, solteiro, artista, no "2° Quarteirão da Villa", juntamente com Emílio Benedetti, João Tazioli, João Mariosi, Adriano Tazioli. E Francisco Turelli apresentou-se no "Quarteirão Correntes do Guarehy" (p.37). Com Celeste Favali iniciou-se, a partir de 1898, também a inserção na arena política dos imigrantes italianos da rede de relações com os imigrantes italianos setentrionais.*
- *Ocorreu também o alistamento eleitoral de Pedro Antonio Schettini, lavrador, 20 anos, filho de Sabino Antonio Schettini, no "5° Quarteirão dos Coqueiros". A primeira geração das famílias italianas pioneiras, tendo acesso aos bens simbólicos, garantiu a continuidade das representações políticas.*

[72]Livro de Atas das Assembléias Eleitorais. Espírito Santo da Boa Vista, 1890. Nesse mesmo Livro consta as funções exercidas pelos italianos no processo eleitoral.

*"Termo de Compromisso aos novos Vereadores e Juízes de Paz para o triênio de 1899 a 1902.*
*Aos sete dias do mez de janneiro do anno de mil oitocentos e noventa e nove nesta Villa do Espírito Santo da Boa Vista no passo da Camara Municipal presentes os cidadãos Antonio de Almeida Leme, prezidente e os vereadores Antonio Rolim Junior, Felix de Albuquerque Rolim e Joaquim Theodoro Rodrigues. Foi pelo prezidente tomado o compromisso na forma da lei, aos novos vereadores eleitos para o trienio de 1899 a 1902. Cidadãos Bento de Moura, Benedicto Leite de Meira, Salvador Lopes de Oliveira, Fernando de Camargo Mello, José Francisco de Oliveira e Adriano Tacioli, os quaes apresentaram seos diplomas que foram conferidos e prometeram de bem e fielmente desempenharem as firmações que lhes foram confiadas executar as leis dentro de suas attribuições. Prestaram tambem compromisso perante o mesmo prezidente apresentando os seos diplomas que foram conferidos: cidadãos Felix de Albuquerque Rolim, como primeiro Juiz de Paz por ser o mais votado, José de Arruda Leite Monteiro, como o segundo Juiz de Paz os quaes prometeram de bem e fielmente desempenharem o cargo que lhes foram confiados, executar as leis dentro das suas attribuições. E nada mais havendo amndou o prezidente lavrar o presente termo que assignam. Eu Paulino Gregorio de Siqueira, secretario, o escrevi.*
*Antonio de Almeida Leme*
*Joaquim Theodoro Rodrigues*
*Felix de Albuquerque Rolim*
*Benedicto Leite de Meira*
*José Francisco de Oliveira*
*Salvador Lopes de Oliveira*
*Bento de Moura*
*Fernando de Camargo Mello*
*Adriano Tacioli*
*José d'Arruda Leite Monteiro"*[73]

*1912*[74] *- Os imigrantes italianos Jeremias Bertholai, o filho João Bertholai, Geácomo Sardella, Baptista Nanini, fizeram seu alistamento eleitoral pelo "Quarteirão do Bom Bom" (p.9v). Adriano Tazioli constou-se no "18º Quarteirão dos Buenos" (antigo Bairro dos Cafezais). E os*

[73]Livro para os Termos de Juramento. Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, pp.14v./15.
[74]Livro de Atas dos Alistamentos Eleitorais do Districto Eleitoral de Angatuba, 1910.

> *imigrantes italianos José Santi e Angelo Santi constituíram-se eleitores pelo "4º Quarteirão do Barreiro" (p.5). Esses eleitores dos Quarteirões Bom Bom e Barreiros também fazem parte das redes de relações dos imigrantes de Sant'Anna Pélago, cidade de Francisco Turelli.*[75]

Pelos documentos percebeu-se o reforçamento do sentimento político, a mescla dos laços sociais com os laços políticos num ritual que lembra os engajamentos e as obrigações. São esses atos de alistar-se como eleitores e votar que legitimam essas relações; até mesmo o voto é preciso preparar e nessa preparação é que se insere a representação do poder simbólico.

A penetração de Francisco Turelli no terreno político, sua eleição como vereador e, posteriormente, eleição ao cargo de prefeito municipal pela Câmara de Vereadores de Angatuba (1911-1913), apoiou-se em sua ascensão social e econômica reafirmando os mitos de "trabalho e poupança", que ele representava na sociedade local (MARTINS, 1973, p. 101).

Homem de ação, o fazendeiro Francisco Turelli apresentou-se como negociante, possuidor de um grande empório no Largo da Matriz, espaço estruturado e hierarquizado com domicílios ocupados por agentes do poder econômico, político e eclesial.

Os estudos pertinentes ao campo religioso estão em Tedesco, que se baseia nas análises de Bourdieu. Este afirma que, em sua gênese estrutural, o campo religioso não se diferencia muito do campo político. É também um campo de absorção (cliente) consciencial; é o jogo que se materializa na crença do jogo, nas vontades, nas aspirações, intenções vivificadas também pela concorrência.

---

[75]Percebeu-se pelo estudo dos documentos que o número de eleitores no Distrito de Espírito Santo da Boa Vista foi crescendo lentamente: em 1890, quando do alistamento dos imigrantes italianos eram 191 eleitores e a população do município compreendia 4.190 habitantes; em 1896, passou para 276; e, em 1898, eram 342 eleitores. Também ocorreu um dado interessante sobre a mobilização dos espaços das representações: as primeiras eleições, a partir de 1875 até 1880, ora se apresentavam no Campo da Igreja do Divino Espírito Santo, ora na sala da Câmara da Intendência; no ano de 1894, ocorreram na sala do Quartel e no período compreendido de 1896 a 1904, passaram a funcionar em uma das salas da residência do Major Manoel Pereira de Moraes, no Largo da Matriz.
Quanto a esta última ocorrência nada mais é que trocas recíprocas, base do poder social de uma família de políticos, que dão significado para a atividade política. São estes bens simbólicos que dão a coesão necessária à família, garantindo ao mesmo tempo as relações de clientela, nos quais se baseia, por exemplo, a troca de serviços (oligarquia-eleitores) e de ajuda recíproca em caso de necessidade (CANÊDO, S/d, p.7).

O campo religioso é um campo de defrontamento de agentes especializados (sacerdotes), dos leigos (demandadores dos bens da salvação) e do profeta (elemento da "ruptura", da inovação, da prática).

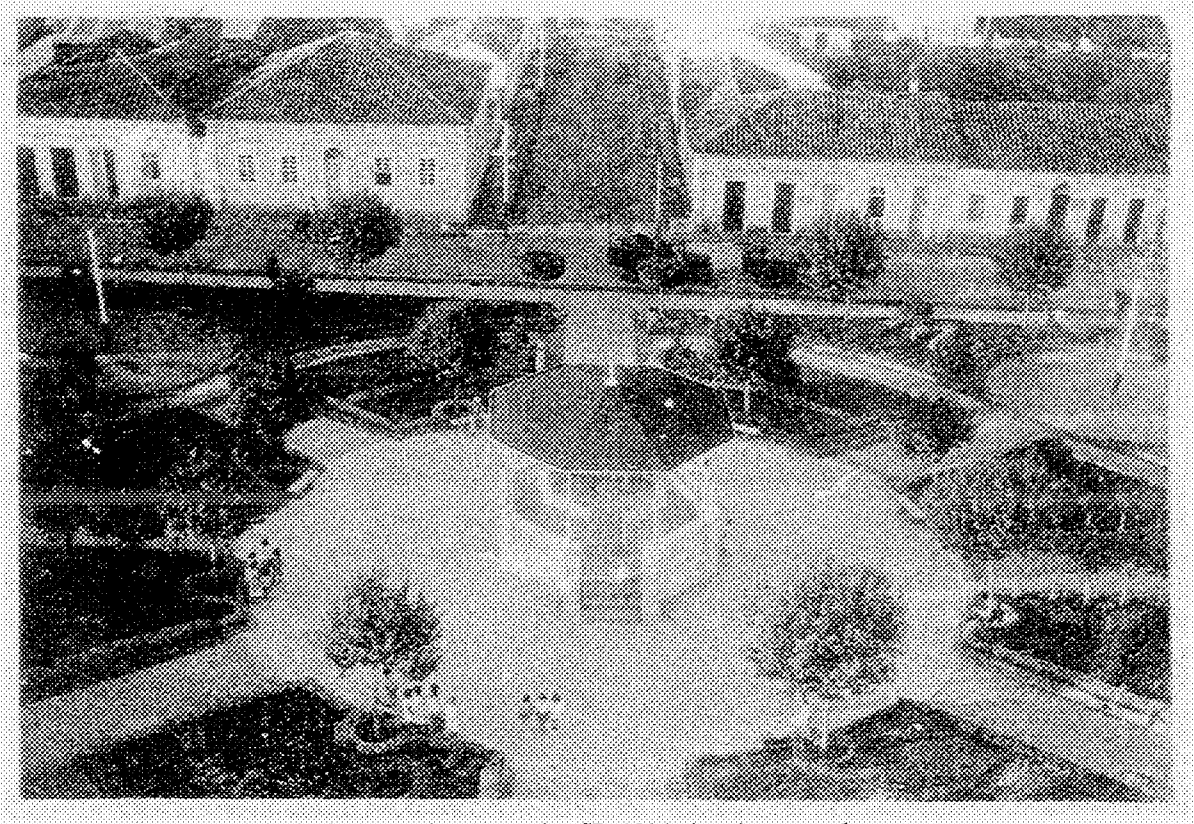
> *As posições que esses grupos ocupam configuram um campo de batalha ideológica, expressão da luta de classes e do processo prevalecente de dominações. O alvo explicativo consiste em abranger as configurações particulares que o campo religioso assume em diversas formações sociais (...) e cuja dinâmica depende das transformações porque passa a estrutura social, seja pelo surgimento de novos grupos com interesses determinados, sejam pelas novas alianças entre grupos e/ou frações que detêm o papel hegemônico* (BOURDIEU, 1979, apud, MICELI: XVV).

O campo do poder religioso, sendo expressão da visão de mundo social e das estruturas de poder e posição social, contribui profundamente para a legitimação da ordem política "(...). Esse processo interacionista entre o poder da autoridade religiosa e o poder temporal (reflexo das relações de mobilização das relações de força entre as classes) mantém e fortalece a ordem simbólica da sociedade; ordem essa, assentada e legitimada na estrutura de relações de força entre grupos ou classes" (TEDESCO, 1998, pp.17/19). A referência ao italiano Emílio Benedetti como "sachristão", vem logo abaixo à do "Vigário" Padre João Paschoal, ambos na coluna ocupada pelo "culto público"[76].

O poder eclesial também estava nas mãos de padres imigrantes italianos: Padre Caetano Tedeschi, Padre João Paschoal, Padre Braz Pansardi e Padre Domingos Galardi, que tinham como sacristão Emílio Benedetti. Esse universo de poder econômico e político era simbolizado nos casarões dos cafelistas, comerciantes-fazendeiros, que rodeavam o Largo da Matriz. A estratégia de montar seu empreendimento comercial nesse espaço, de certa forma assegurou a Francisco Turelli o pertencimento gradativo àquele grupo, que se tornaria definitivo quando essa mesma elite agrária o elegeu vereador e em seguida Prefeito Municipal, em 1911. pode-se afirmar que essa eleição foi apoiada e conduzida pela elite agrária, pela listagem dos vereadores – eleitores e suas respectivas profissões.

---

[76] Op. cit. Almanach da Província de São Paulo, Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1890, IV parte, p.462.



MALIT-118: Largo da Matriz de Angatuba, Angatuba, SP, 1924. Arquivo pessoal.

A visão empreendedora da classe comerciante era a visão que a identificava com os valores da sociedade em vias de modernização. A autoconcepção do empreendedor é que lhe dá a tipicidade necessária para ascender socialmente na condição de empreendedor-criador (MARTINS, 1973, p. 107).

Comprendendo esse contexto, Francisco Turelli buscou a acumulação do capital econômico, o que implicou adentrar limites como empréstimos de dinheiro a juros, tendo como garantias hipotecárias os imóveis dos devedores. Foi necessário assumir riscos ligados a certos tributos; isto está claramente delineado nas escrituras de compra e venda e outras documentações. Ao fim do processo e com a situação de crise do café nos primeiros anos do século XX, aumentou suas propriedades pela anexação, ao seu patrimônio, daquelas de seus devedores.

Francisco Turelli tinha a vivência de uma Itália marcada pelas lutas de unificação e a vivência de situações de crise no campo econômico, social e político. Essas experiências o direcionaram a agir com mais desenvoltura, capitaneando tensões

econômicas e políticas em Angatuba e região nas primeiras décadas da República, que o orientaram no fazer econômico e o levaram à exercer liderança também no campo político.

Nas escolhas matrimoniais, no apadrinhamento, nos testemunhos, condição para o exercício da racionalidade das representações concretas, teve consciência de que o problema era também político, pois o curso do êxito (o curso do êxito é o curso do capital) era obstado não somente no plano estritamente econômico ou no cultural, mas sobretudo no plano político.

A elite agrária elegeu Francisco Turelli vereador e prefeito de Angatuba para o triênio 1911-1913.

> *Acta de verificação de poderes dos senhores vereadores eleitos da Camara Municipal de Angatuba.*
> *Aos quinze dias de janeiro de mil nocentos e onze, nesta cidade de Angatuba, na sala das sessões da Camara Municipal, ao meio dia, reunidos os cidadãos Francisco Turelli, Manoel de Oliveira Pinto, Maxiliano Leite de Meira, Antonio Vieira Sobrinho, Manoel de Goes Borba e Benedicto de Assumpção, vereadores da Camara Municipal desta cidade, eleitos a 30 de outubro de 1910, para o trienio de 1911 a 1913, ahi sob a presidência do mais velho dentre elles, o cidadão Francisco Turelli, procedeu-se a verificação de poderes pelos diplomas exhibidos por cada um e bem assim dos supplentes que teem de servir. Findo o trabalho de verificação, foram por unanimidade de votos declarados eleitos os cidadãos Manoel de Goes Borba, Antonio Vieira Sobrinho, Benedicto de Assumpção, Marciliano Leite de Meira, Manoel de Oliveira Pinto e Francisco Turelli. Primeiro supplente Fernando de Camargo Mello, segundo José de Carvalho Sobrinho, terceiro Joaquim Antonio de Oliveira, quarto José Rolim da Rosa e quinto Basílio Machado Pinheiro Filho. Em seguida foi por mim Benedicto Pinto de Mello, servindo de secretario, lavrado a presente acta que depois de assignadas vae ser remetida ao senhor escrivão de paz e tabelião pela Lei, para fazer a devida transcripção no livro competente.*
> *Francisco Turelli*
> *Manoel Goes Borba*
> *Benedicto de Assumpção*
> *Marciliano Leite de Meira*

*Manoel de Oliveira Pinto*
*Antonio Vieira Sobrinho*[77]

Na gestão de Francisco Turelli como prefeito municipal ocorreram relevantes realizações, como a reelaboração do Código de Posturas do Município, de 1890, que ele ajudou a fazer. Suas atividades públicas tiveram grande significado, pois a relação com o poder estadual, representado pelo presidente do Estado de São Paulo, Dr. Júlio Prestes, resultou na criação do Grupo Escolar de Angatuba[78]. Suas relações com a Itália possibilitaram a vinda do médico Dr. Henrique Meloni para a cidade, como pode-se observar nas publicações na imprensa local:

***"A CIDADE DE ANGATUBA"***

*Angatuba, 7 de julho de 1912*

***Médico***

*É importante na cidade de Santos no dia 08 do corrente, o Dr. Henrique Meloni que, procedente da Itália, vem clinicar e fixar residencia nesta cidade. Aqui deve chegar no dia 15 ou 16 deste mez.*

***"A CIDADE DE ANGATUBA"***

*Angatuba, 25 de agosto de 1912 - Num. 92*

***Sr. Henrique Meloni***

*Attende chamado a qualquer hora - Residencia e consultório - Rua Barreiro - Angatuba.*

Entre seus projetos para a cidade, cita-se o de geração de energia elétrica através da construção de uma hidrelétrica, aproveitando uma queda d' água, situada em uma de suas propriedades, projeto entretanto que não foi concretizado.

---

[77]Livro de Actas das eleições. Espírito, Santo da Boa Vista, 9 de julho de 1892, p.6.
O vereador Coronel Antonio Vieira Sobrinho, conhecido como "Toniquinho", pertencia a oligarquia agrária, da família Pereira de Moraes, era o genro de Francisco Turelli.
[78]Ver: Demonstração de Crescimento de um empreendedor italiano: Francisco Turelli, pp. 163-169.

*"A CIDADE DE ANGATUBA"*

*Angatuba, 6 de outubro de 1912 - Num. 98*

***Notícias Diversas***

***Cachoeira do Corrente***

*Em dias da semana passada esteve entre nós o Dr. Junqueiro, engenheiro hydraulico, que veio examinar a Cachoeira do Corrente, de propriedade do Sr. Francisco Turelli. Verificou o Dr. engenheiro que a altura da Cachoeira é de 35 metros, colhendo os outros mais dados precisos a ver se ella pode ser aproveitada na energia electrica e na industria. O mesmo engenheiro, a pedido da Prefeitura, examinou a canalisação da água potável que abastece a nossa cidade, opinando que o defeito está nas ventosas, que são imprestáveis e insufficientes. Suggeriu o mesmo a Camara que mandasse substituil-as por outras mais modernas, e fazer uma nova caixa na repreza, afim de que a água chegue a cidade na sua maior pureza.*



MALIT-18: Cachoeira da Fazenda de Francisco Turelli. Correntes do Guarehy, Angatuba, SP, 1912. Arquivo pessoal.

O estudo vem demonstrar a necessidade da realização de trabalhos específicos que mostrem a inserção de imigrantes no campo político (FAUSTO, 1991, p. 430). No caso de Angatuba, esta inserção se verifica a partir dos primeiros anos da chegada dos imigrantes italianos e é respaldada pelo capital cultural, econômico e social que os mesmos detinham.

O patriarca João Tazioli e os genros Francisco Turelli e Emílio Benedetti, além das relações econômicas e políticas, das redes de conhecimento que adquiriram nessa prática social, constituíram também com a elite local ligações familiares que pela genealogia anteriormente apresentada, pode-se perceber o grau de integração que envolveu crescentemente as várias gerações.

## 3.2 – A transmissão de um capital político familiar: ritos e símbolos

Em estudo de 1976, Maria Isaura Pereira de Queiroz já chamava a atenção para os aspectos fundamentais dos processos políticos partidários brasileiros, envolvendo o sistema político competitivo no Estado de São Paulo.

> *(...) A partir de 1930, houve o predomínio do PSD sobre outros partidos*[79] *nas eleições de 1945 e 1947 e em 1950, do PSP (...). A UDN e PR são partidos tradicionais. O PR é o velho Partido Republicano anterior a 1930, que fora o órgão do coronelismo rural, é, pois, um partido conservador rural. A UDN tem tradição urbana; em São Paulo, por exemplo, seu antecessor é o Partido Democrático que antes de 1930, congregava as forças de uma burguesia nascente; é um partido conservador urbano. O PSD se mostra em São Paulo principalmente - como o partido das grandes fortunas industriais. PCB, PTB* [80]*, PSP, são os partidos das massas. Temos então, em São Paulo, com o*

[79]O significado das siglas partidárias: PSD - Partido Social Democrático; PSP - Partido Social Progressista; PR - Partido Republicano; UDN - União Democrática Nacional; PCB - Partido Comunista Brasileiro; PTB - Partido Trabalhista Brasileiro.

[80]Sobre as origens do PTB, tem-se a versão mais comum, segundo a qual às vésperas do fim do Estado Novo, Vargas começou a organizar a estrutura que lhe daria sustentação política em um regime competitivo. Vargas cria o PSD, formado basicamente pelos interventores e pela parcela da elite oligárquica que estivera a seu lado no poder. Com o intuito de estabelecer um canal de penetração popular, Vargas criou também o PTB, composto por quadros da estrutura sindical, ligada ao Ministério do Trabalho e aos institutos previdenciários, além de lideranças dos movimentos querenista e "panela vazia" (...). Há estudiosos que defendem a tese de que o surgimento do partido deu-se à revelia de Vargas, que apenas ao perceber que, além de inevitável, ele lhe poderia ser extremamente útil, apóia sua estruturação (SENTO-SÉ, 1999, p.6).

> *fenômeno da urbanização e industrialização, o aparecimento de partidos novos.*
> *(...) O PSD a expressão da nova camada de gente rica; não criou esse partido nenhuma forma de participação política, exprimiu-se através do tipo coronelista (...), é de tal modo um partido à antiga maneira coronelista, que admitiu a adesão de grande parte do coronelismo rural (...), a adesão dos coronéis das mais diversas zonas do Brasil (...)* (QUEIROZ, 1976, pp. 26/27).]

Em Angatuba, o PSD era de tal modo um partido atuante, mas segundo a antiga maneira coronelista, que manteve a estrutura rural conservadora e a família Pereira de Moraes como hegemônica até 1970, sustentando com sua parentela as alternâncias de seus líderes no poder da administração municipal e regional. Foram forçados, entretanto, a fazer muitas alianças, acordos e pactos com a UDN e o PSP, dependendo do momento político e da circunstância política.

Na década de 40 do século passado, em Angatuba, dois grupos familiares de origem social e tradição comuns, formados tanto por ítalo-brasileiros, como por brasileiros de ascendência italiana, com as respectivas parentelas, apoderaram-se dessa forma conservadora de fazer política na disputa pelo poder local. Esse jogo tornou-se objeto de reflexão deste estudo.

Na cultura italiana é notória a preponderância da influência materna na educação dos filhos, pois apesar de Levy Lisboa (um dos líderes dos grupos acima citados) ser um legítimo descendente dos primeiros luso-brasileiros da localidade, sua mãe, Maria Domênica Benedetti, era filha de italianos. Ela lhe transmitiu esse *ethos* cultural que se tornava negativo em um período em que a elite se sentia ameaçada pela ascensão de ítalo-brasileiros e de brasileiros de ascendência italiana aos postos-chaves do poder local.

Para melhor entender as relações entre a elite local e os descendentes de italianos, remontemos aos idos de 1936, em que havia um jovem chamado Levy que jurou amar Eulina. Mas ele era, por acertos familiares, o pretendente à bella ragazza Annunciata, "a menina" dos Santi. "Em todas as "colônias" criadas no começo do século XX, em São Paulo e demais cidades, a endogamia se apresentava como um valor fundamental. Os casamentos eram arranjados pelos pais, que procuravam parceiros para seus filhos, que correspondessem a seus valores (...)" (LEITE, 1993, p. 26).

Levy estudava Aeronáutica no Rio de Janeiro e, certamente, em breve seria o enlace com sua prometida. A insurgente Eulina, por outro lado, estudante na Escola Normal "Peixoto Gomide" de Itapetininga, teria como consorte um seu primo dos Vieira de Moraes, da mesma estirpe, ou um dos Madeira, membro da tradicional família de Tietê. Assim rezava o trato, o costume familial.

Os jovens Levy e Eulina conheceram-se nas férias, por ocasião de um grande baile no Centro Literário "Dr. Júlio Prestes", ponto de encontro da juventude angatubense. Amor à primeira vista, que levou ambos a se desfazerem dos antigos compromissos sentimentais. - "É um italianinho!" - "Não passa de um italianinho!"

Eram essas e outras as expressões comumente usadas pelos familiares de Eulina para achincalhar Levy, aquele que jurou amá-la. Mas, a insurgente Eulina levou as juras de Levy até as últimas conseqüências: o casamento se deu a 8 de dezembro de 1938. Com efeito, às duras penas, na prática o verbo jurar criou vínculos, laços afetivos, extrapolou ideologias políticas, classes sociais.

Levy Lisboa decidiu abandonar a carreira da aeronáutica para se fixar em Angatuba. Ingressou no funcionalismo público municipal, ocupando o cargo de Secretário da Prefeitura local. Abraçou a carreira política e fez dela a razão da sua existência. Seus avós foram os fundadores de Angatuba: Salvador Rodrigues dos Santos e Theodoro José Rodrigues. Portanto, uma família ligada à terra, ao pioneirismo da região, antigos proprietários do patrimônio onde foi construída a Capela em louvor ao Divino Espírito Santo, em 1862. Seu pai, Antônio Lisboa (Lisboa e não Rodrigues dos Santos, porque nasceu em 13 de junho de 1887, dia de Santo Antonio de Lisboa), além de funcionário público, foi professor de música e maestro da Banda "Lira Angatubense" por setenta anos. Sua mãe, Maria Domênica Benedetti, era filha e neta dos primeiros imigrantes italianos toscanos que se fixaram em Angatuba, em 1881.

Cumpre destacar que por mais definidas e planejadas que fossem as relações de poder, surgem fatos imponderáveis que, muitas vezes, comprometem a efetivação daquelas. Exemplo destes, pode-se considerar o romance vivido por dois jovens de Angatuba, pertencentes a essas famílias, empenhadas em manter o poder político.

Eulina Pereira de Moraes era professora primária, exercendo seu mister de alfabetizadora por trinta e um anos, no Grupo Escolar "Dr. Fortunato de Camargo" de

Angatuba. Era neta do Major Manoel Pereira de Moraes, que pertencia à velha cepa da Nobiliarquia Paulista: os Moraes Barros, os Moraes Rosa, os Bicudos, ligados à política imperial e republicana paulista. Seu pai, Manoel Pereira de Moraes Filho, era cafelista, escravocrata. Sua mãe, Antônia Beatriz da Candelária Rolim Cyrineo, pelo lado materno, era descendente dos Arruda Campos, família tradicional de Tietê, pelo lado paterno do Alferes Salvador Rolim Cyrineo, tropeiro de Cruz Alta (RS), que se tornou membro da elite agrária de Itapetininga e região.

O casamento de Levy e Eulina aconteceu à revelia da família da noiva, em Aparecida do Norte, tendo apenas a presença das testemunhas Juvenal Vieira de Moraes e a esposa Alice Pereira de Moraes, primos de Eulina, Carolina Cayubi, Maria Antonieta de Moraes Bicudo, a "Sinharinha", e a irmã de Levy Henedina Lisboa.



MALIT-148: Casamento: Levy Lisboa e Eulina Pereira de Moraes. Aparecida do Norte. SP. 1938.Arquivo pessoal.

Após 1930, com a queda do café e do algodão, produtos mantenedores da economia regional, a família "Pereira de Moraes" viu-se em bancarrota, pois a crise

econômica que atingira Angatuba desencadeou perda de grande parte do capital econômico familiar, embora mantivessem o capital político até 1970.

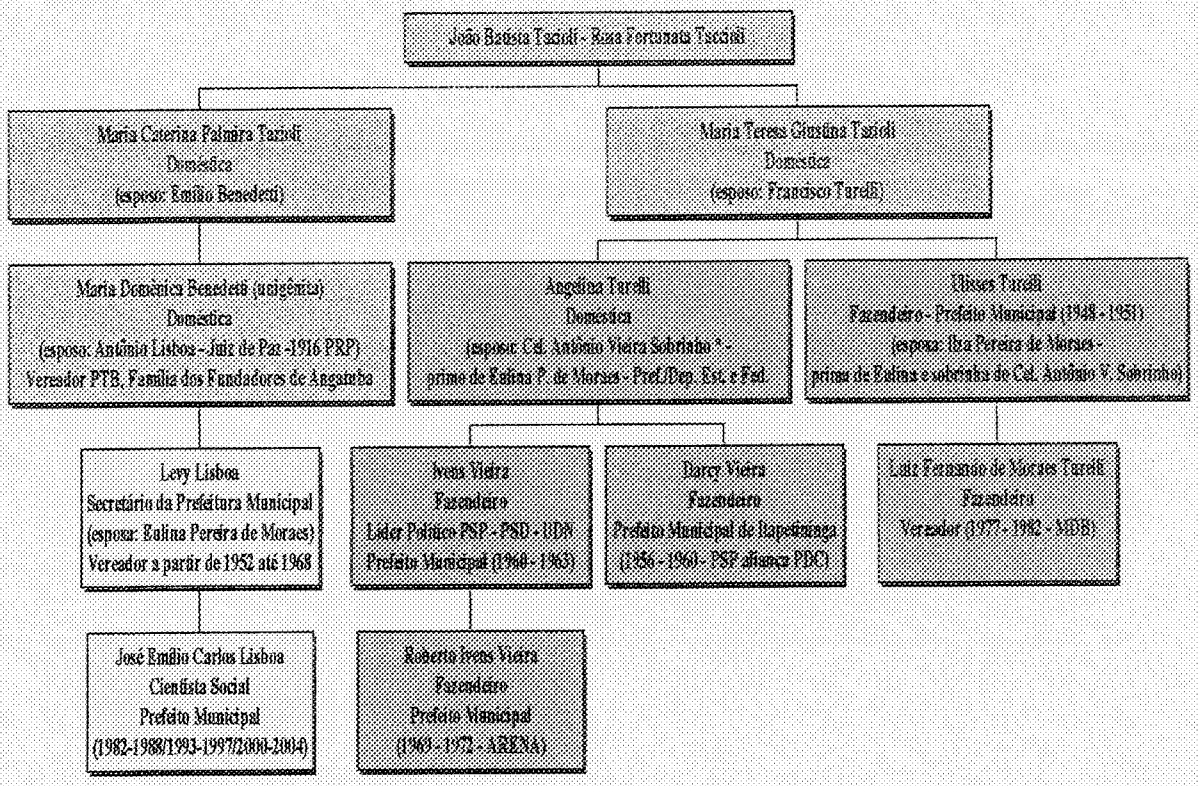
Como reação a essa perda econômica, os agentes sociais, para assegurarem sua posição de prestígio, privilegiaram a profissionalização do contingente feminino (e em menor escala também o masculino) no exercício da carreira do magistério, assegurando assim às gerações futuras, vantagens materiais e simbólicas. Na época, tornaram-se correntes as assertivas, tais como: "ser professor(a)", "casar com professor(a)", dava "status" e "o diploma é o melhor marido", diziam.

Nesse período, a vida político-partidária de Angatuba e região estava sob a liderança do Cel. Antônio Vieira Sobrinho, o conhecido "Toniquinho Pereira", primo de Eulina Pereira de Moraes. Em 1948, Levy Lisboa rompeu politicamente com esse lado da família da esposa e com a forma coronelística tradicional de fazer política. Foi seguido por alguns parentes, como Juvenal Vieira de Moraes. Formou-se, desde então, um grupo político liderado por ele e dissidentes do PSD, que fundaram o Partido Trabalhista Brasileiro, o PTB.[81] O trabalhismo constituiu-se em oposição à liderança coronelística de Toniquinho Pereira e do seu filho Ivens Vieira.

[81]O PTB, conseqüentemente o PTN, Partido Trabalhista Brasileiro, em Angatuba, possuíam seus representantes da esfera estadual: Deputado Araripe Serpa; o líder Hugo Borghi e os políticos Jânio da Silva Quadros, Carlos Alberto Rodrigues Alves de Carvalho Pinto, Emílio Carlos Kyrillos, Olavo Fontoura, Brigadeiro José Vicente Faria Lima, Dr. Alcides da Costa Vidigal. Mais tarde se relacionaram com Plínio de Arruda Sampaio (PDC) e André Franco Montoro (MDB).

Pontos relevantes: relações matrimoniais da descendência das filhas do "patriarca" João Tazioli com membros da elite agrária republicana: Família: Major Manoel Pereira de Moraes

## Genealogia política de João Batista Tazioli




**Legenda**

- PRP
- PSP, PSD e UDN
- PTB, PTN, PDC e MDB
- Coligação com MDB

* Coronel Antônio Vieira Sobrinho:

Prefeito Municipal de Angatuba, 1919-1922 PRP;
Prefeito Municipal de Itapetininga, 1934-1937 PSD;
Deputado Estadual, 1947-1951 PSD;
Deputado Federal, 1952-1955 PSP;
Deputado Estadual, 1956-1959 PSP.

Baseando-se nos depoimentos orais dos militantes partidários desse processo político e mesmo daqueles que o vivenciaram em oposição ao PTB, não se buscou fazer a história política de Angatuba, mas, antes, reconhecer a participação política dos imigrantes para estabelecer as conexões entre as famílias ítalo-brasileiras envolvidas nos processos políticos locais.

Procurou-se entender como a memória coletiva é invocada, pois ao lançar mão do passado coletivo, a memória afirmou valores socialmente compartilhados, reinterpretando-os e confirmando-lhes atualidade.

Segundo Sento-Sé, comentando Halbwachs: "(...) todo processo de recuperação da memória por um grupo é, simultaneamente, a invenção de seu passado. Aspectos do seu passado são recontados e rearticulados num todo dotado de sentido. Este, contudo, refere-se não somente à história passada do grupo, mas a seu tempo presente. É a atualidade dos valores e das regras projetadas na história coletiva, que a memória celebra" (SENTO-SÉ, 1999, p. 99).

A reconstrução da liderança política trazida pela memória do depoente Antonio Fortes é texto ancorado na realidade social e histórica:

> *Era ferrenha a política aqui em Angatuba, os "Pereira de Moraes" que dominavam, eram donos de fazendas, enfim donos de tudo aqui e as pessoas antigas, pioneiras, eram jogadas a segundo plano. Os "Pereiras" como eram conhecidos, tinham na figura do Cel. Toniquinho Pereira, o líder pelo Partido Social Progressista (PSP) e Partido Social Democrático PSD) e também a União Democrática Nacional (UDN) aqui na região. Era fazendeiro e dono de cartório na cidade, foi prefeito daqui de Angatuba, de Itapetininga. Deputado Estadual várias vezes e também Deputado Federal (...). Mas era tudo pra Itapetininga, ele olhava só pra Itapetininga (...). Era uma pessoa inteligente, mas semi analfabeto e era ele que tomava conta de tudo (...). Outros descendentes do Major Pereira não aceitavam isso. João Pereira, o irmão dele lá de Itapeva, por exemplo, fazia oposição ao Toniquinho, uns parentes de Itapetininga também (...). O Toniquinho era casado com a Dª. Angelina Turelli, ela era de origem italiana, sei que era uma grande mulher, de bons princípios. Por trás do Toniquinho tinha a figura dessa grande mulher (...). O Ivens Vieira, até certo ponto puxou o lado da mãe, que foi uma boa pessoa.*



MALIT-117: Coronel Toniquinho Pereira e Angelina Turelli, Festeiros do Divino, Angatuba, SP. 1918. Arquivo pessoal.

> *(...) O Levy também era descendente de italiano que eu bem sei, parente da mulher do Toniquinho Pereira. Nesse tempo o Levy foi trabalhar na Prefeitura, mas Levy era idealista, pensava bem longe, era uma pessoa que pensava o social e a política praticada pelos Pereira, ele achava que não estava certo. Ele se revoltou com muitas coisas que estavam acontecendo aqui, trocar boi por voto, perseguições (...). Ele se meteu antes em negócio de aviação no Rio de Janeiro, criou novas idéias, outros pensamentos, outras idéias da Europa (...) e quis mudança, assim era o Levy. E a mulher que era Pereira de Moraes, era mais do que ele, ela também tinha idéias diferentes, ainda mais avançadas do que ele. Isso eu posso dizer, porque isso eu vivi, fui aluno dela no Grupo Escolar e os dois se combinavam muito (...). Falar de Levy é falar da própria história de Angatuba na oposição, a maior oposição de Angatuba* [Depoente Antonio Bernardino Fortes de Albuquerque, Angatuba, 1999, p. 5]

Sobre a figura do líder político Ivens Vieira relata o mesmo depoente:

> *O Ivens até certo ponto foi uma pessoa boa, puxou o lado da mãe Angelina Turelli. Ivens casou com gente nossa daqui de Angatuba, Cecília Macedo (...), pelo lado da sogra, a Dª. Palmira, descendente dos fundadores, do Tenente Coronel Thomáz Dias Baptista Prestes (...).*
> *Como líder político tinha suas limitações. Era daqueles que dá o boi prá cruzar com a vaca lá, dá boi pra família. Na época o líder era o latifúndio e todo mundo votava pra ele (...) era no cabresto* [Angatuba, 1999, p.6]

Buscou-se recriar, reconstruir o processo político orientado pela "situação" centrada no poder do líder político Ivens Vieira e, para isso, a memória do Sr. Francisco Roldão de Moraes Turelli foi fundamental, pois, em sua casa, aconteciam os acertos políticos desse grupo de Angatuba. Suas cartas, enviadas à autora deste estudo, foram decisivas para a análise da participação das famílias Turelli e Vieira de Moraes no embate político local.

> *Ivens Vieira foi prefeito de Angatuba entre 1960 e 1963 (...), seu vice era o Sr. João Orsi, porém este era da oposição à nossa política, pois naquele tempo a votação das urnas era diferente, o prefeito e vice não precisavam ser atrelados ao mesmo partido. Ivens veio revolucionar a administração política de nossa cidade, que até então, estava meio desanimada (...).*



MALIT-260: Ivens Vieira, Angatuba, SP. ca. 1965. Arquivo pessoal.

*(...) Ivens aparecia quase que diariamente em nossa grande casa em Angatuba (...). O que não podiam deixar de falar era de política que sempre fervilhava naqueles tempos na pequena cidade. Sabendo de sua presença, eu logo aproximava para ficar junto com outros ao seu redor para me inteirar das últimas novidades. Era um prazer ouvir aquelas conversas que traziam um ambiente alegre. Eu era então apenas um adolescente, um ouvinte silencioso, registrando a história de minha família. Devia estar com uns 15 anos e ficava ali de "boca aberta", atento, escutando as conversas, não só porque eram muito interessantes, mas pela euforia que dava aos presentes. Realmente Ivens era uma*

*pessoa de forte carisma que transmitia segurança nos momentos de incerteza (...).*
*(...) Líder político nato, fazia questão de cumprimentar a todos e até lhes dizia algumas corteses palavras, pois tinha uma personalidade que suportava bem aquele pesado dia a dia da vida pública e, mesmo com os adversários mais revoltosos, era paciencioso, aguardava até que eles lhe tornassem novamente o rosto (para ver se ele já tinha ido embora). Ivens estava ali esperando, para finalmente dar-lhes um sorridente "Bom Dia". Ninguém ficava sem um cumprimento, era a grandeza nata do filho de minha tia Angelina Turelli (...).*
*(...) Ivens foi um grande político, um dos heróis de minha família, porque era o fator de união de todos nós. Os amigos podiam reunir-se na casa dele no "Rancho da Serra", ou na casa de meu pai em Angatuba ou para jogar cartas na casa do Sr. Nhozinho Pereira. Seu jeito político, cativante, reconciliador, sempre sorridente atraía pessoas de vários setores da sociedade de Angatuba para o nosso partido. Nunca estivemos tão unidos e tão felizes como naquele tempo (...)* [São Paulo, 28 de março de 2000].

Uma das características da memória coletiva trabalhada por Halbwachs é a de que "as situações vividas só se transformam em memória se aquele que se lembra sentir-se afetivamente ligado ao grupo ao qual pertence" (HALBWACHS, 1990, p. 18). O afetivo indica o pertencimento e o depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa reconstruiu, pela memória, a participação político-partidária de Levy Lisboa, o líder da facção contrária:

*A inserção do papai na política deu-se em 1948. Em seguida veio a eleição de Getúlio (Getúlio Vargas, presidente do Brasil) em 1950 e aí papai estava militando no PTB de Hugo Borghi. Uma parte do PTB fundou o Partido Trabalhista Nacional, o PTN. Depois, com a Revolução de 64, ele já estava alinhado com a oposição, ele organizou o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB, que era oposição à Aliança Renovadora Nacional, a ARENA, partido da situação, durante o regime militar no país.*
*Eu me recordo que ele era um "janista fanático" (adepto do "janismo", liderado por Jânio da Silva Quadros e os correligionários: Deputado Araripe Serpa, Emílio Carlos Kyrillos, Oscar Pedrosa Horta e outros).*
*Foi na época do Jânio Quadros, governador de São Paulo, que a cidade teve seu grande surto de desenvolvimento. Foi nessa época que o candidato a Deputado Estadual, Araripe Serpa, teve uma expressiva votação em Angatuba e região, derrotando por quatro votos a situação, na qual concorreu Toniquinho Pereira. A eleição foi tão acirrada e de elevada importância para o município, que parecia que havíamos ganhado a presidência da República, tal foi o entusiasmo com que foi*

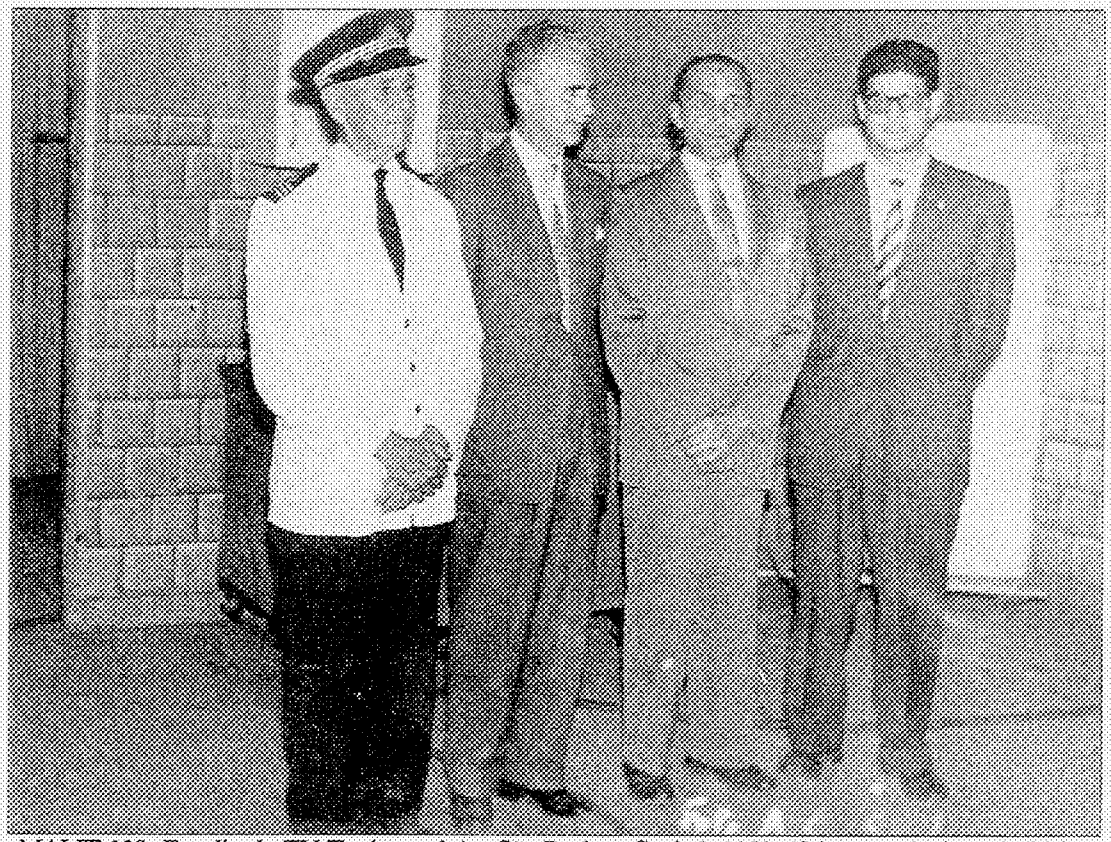

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

*comemorada. E ela foi muito significativa porque o Deputado Araripe Serpa, ficou como 1º suplente em função dos votos que recebeu de Angatuba. E o Jânio Quadros assumiu, chamou um Deputado de seu partido para ser um dos seus secretários, e o Araripe assumiu a vacância, escolhendo para ser seu líder na Assembléia Legislativa, por se tratar de um político muito eloqüente, um orador vibrante. Ele só se tornou 1º suplente, por conta da votação expressiva, forte, que ele teve em Angatuba. Então, em função disso, Angatuba era olhada de forma singular pelo Araripadre Todas as verbas pessoais ele as destinava a Angatuba. Foi a época em que a oposição realizou o seu sonho político, ganhando o hospital, a cidade foi elevada à categoria de Comarca e a construção do primeiro Ginásio e da Escola Normal.*

*Ele teve um papel muito importante para o desenvolvimento da política local.*

*Um período muito rico de realizações na cidade, a década de 50.*

*Depois veio o Carvalho Pinto, teve condição de continuidade, daí durante oito anos Angatuba foi contemplada, foi beneficiada, também com a Casa da Lavoura e muitas coisas* [Depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa, Angatuba, 2000, p.3].



MALIT-138: Estudio da TV Tupi, canal 4 – São Paulo – Capital, 1958. 1º à esquerda Antonio Lisboa, Levy Lisboa, Carvalho Pinto [Governador do Estado de São Paulo] e Araripe Serpa [Deputado Estadual]. Fotografoa Prof. A. C. Salem. Arquivo pessoal.

Os atores políticos, também depoentes, os ítalo-brasileiros Vicente Orsi Neto e seu irmão, João Orsi Jr., testemunhas atuais de processos políticos passados, construíram significados atribuídos a si próprios, às lideranças partidárias e aos acontecimentos no jogo político de Angatuba ao reconstruir a memória de sua participação nesses processos políticos locais:

> *Havia o Partido Democrático Cristão (PDC) e a União Democrática Nacional (UDN), os partidos dos grãofinos naquele tempo. Eu era moço e me lembro quando o Nê Pereira (Cornélio Vieira de Moraes) foi um dos fundadores e eu fiz parte do Diretório do PDC como único moço solteiro.*
> *(...) Apareceu o partido do seu pai que era o PTB, ele e o Juvenal Pereira que formaram, depois de um rompimento (...). Mas o partido dos Pereira tinha muita força naquela época, muita força. Então, nas eleições ganhava sempre, estava sempre ganhando. Então, o PTB foi uma dissidência do PDC. O PTB com a minoria, mais já era um partido que estava crescendo muito, tinha o Hugo Borghi na liderança do Estado. Daí seu pai formou um partido muito mais unido que o nosso. Eles eram unidos prá tudo, em tudo estava o PTB, tinha PTB (...), em qualquer coisa o PTB estava inteirinho e o nosso pessoal não fazia isso. Então todo mundo notava: "- Agora eles estão lá todos juntos e aqui não tem ninguém!" e já começava assim. Então, daí que ele começou, formou o partido (...) de carne de pescoço, duros de roer, eram conhecidos por "Pescoceiras"[82] e os "Cupinchas" éramos nós porque era da situação e os "Pescoceiras", a oposição.*
> *É os "Cupinchas dos Pereira", vamos dizer, do Toniquinho Pereira, do Ivens, vamos dizer, na gíria, éramos os "puxa saco" dos "Pereiras", naquele tempo.*

[82]No debate político, Pescoceiras e Cupinchas funcionaram preferencialmente como adjetivos evocados positiva ou pejorativamente. Pescoceira é o nome do discurso de atores políticos que fizeram da adesão ao líder político Levy Lisboa, o princípio de identidade fundamental em sua inserção na esfera pública. Cupincha deve ser entendido também como categoria da prática de atores que disputavam a hegemonia no campo político de Angatuba.



MALIT-133: Comício "Cupinchas", PSP, Ademar de Barros, Angatuba, SP., 1954. Arquivo pessoal.

*Pescoceira era como carne de pescoço, dura, pode cozinhar, cozinhar que não amolece. Daí, então, que vem a origem dos Pescoceiras. Daí se formou o partido... foi continuando... foi aumentando, veio depois o Araripe, que era o jovem deputado Araripe Serpa (...) o "menino de ouro" daquele tempo na Assembléia Legislativa. (...) Ouvi muitos discursos do Araripe, ele falava muito bem (...) tinha o dom da oratória. O Araripe foi um Deputado extraordinário mesmo. Eu era do outro partido contrário, mais a gente admirava (...) eu ia assistir os comícios dele e do Borghi (...).*



MALIT-143: Comício "Pescoceiras" - PTN. Angatuba, SP. 1958. Arquivo pessoal.

> *E assim continuou a política daquele tempo, o Levy de um lado e o Ivens do outro (...), fomos formando a Câmara (...), a oposição dele era pequena mais foi crescendo (...).*
> *Eu era um dos vereadores da situação, e o meu irmão, João "Minhóca", o Joãozinho (João Orsi Jr.), sempre falei que toda vida ele foi do lado de vocês. Toda vida ele foi de lá e como eu também comecei pra cá e fiquei toda vida pra cá. (...) Como diziam, eu era "puxa saco dos Pereiras" (...). Era uma política violenta, que eu me lembro e se digladiavam, não só os políticos como também o povo.*
> *Podia se dizer que existia dois povos em Angatuba: um de um lado e outro do outro lado. Não se davam, existia inimizade até na própria família, dentro da própria família, como aconteceu comigo mesmo que pertencia a um lado e tinha o meu irmão que era do outro lado. Nós éramos irmãos, mas um de um lado e outro do outro... havia inimizade dentro na própria família."* [Depoente Vicente Orsi Neto, Angatuba, 1990, pp. 26/27/28; 1998, p.28]

E o Sr. João Orsi Jr., destacou sua fidelidade partidária:

*Comecei a freqüentar a política do Levy, fiquei com ele, era Pescoceira, porque eu era contra os Perera, fico no meu coração o que o Nê Perera mandou fazer pros Orsi. Mais o Vicentinho (Vicente Orsi Neto) era Cupincha dos Perera, num é porque é meu irmão, mais ele era muito "puxa saco dos Perera", do Ivens.*

*(...) Mais eu era sincero, viu, eu num tava "puxando o saco", tinha gente sincera, viu. Olha, eu tô falando sério, aqui de coração eu era muito fiel ao Levy e ao partido: o PTN!*

*(...) E quando eu fui eleito vice-prefeito, eu tive mais voto do que o Ivens. Então o Lau Bertholai, que também "tinha sangue na veia" disse pro Levy: - Viu, Levy, se você tivesse colocado o filho do João Orsi, o Minhoca, como prefeito nós tava co' a corda toda.*

*Ganhamos a primeira eleição aqui, a vice-prefeito. Até o "Baixinho" (Reinaldo Manoel Volpi) falou no comício: - Tá começando a decadência dos Pereira em Angatuba, a primeira derrota foi com o João Orsi Jr.*




MALIT-136: Comício "Pescoceiras". 1° à esquerda João Maceno de Oliveira, Zenaido Sales de Camargo, Jonas Ferreira, Dep. Araripe Serpa, Levy Lisboa, João Orsi Nünior, Reinaldo Manoel volpi eOzildes Branco de Lima, Angatuba, SP., 1959. Arquivo pessoal.

*Naquele tempo, sabe o voto era separado, você podia votar pra prefeito de um partido e pra vice de outro, tanto é que eu era do PTN e o Ivens do PSD.*
*Eu nunca tive relações com o Ivens, ele ficava lá, ele me chamava lá e eu não ia. Então eu disse: - Levy, eu sô fiel a você aqui e além de você eu sô fiel ao partido, eu não vô conversá c'o Ivens.*
*Um belo dia, o Ivens mando me chamar que ele ia pra Argentina, então eu fiquei um mês na prefeitura. Até estavam reformando esse jardim aí... o que fizeram aí, tiraram tudo! Eu falei: - Ivens onde você tava c'a cabeça de tira esse coreto tão lindo!*
*Ele respondeu: - É coisa moderna. Agora estamos no Modernismo!*
*E agora olhe como está o nosso jardim, judiação!*
*Nunca tive relação com o Ivens, era sincero ao partido, sabe?"* [Depoente João Orsi Jr., Angatuba, 1999, pp. 21/24].

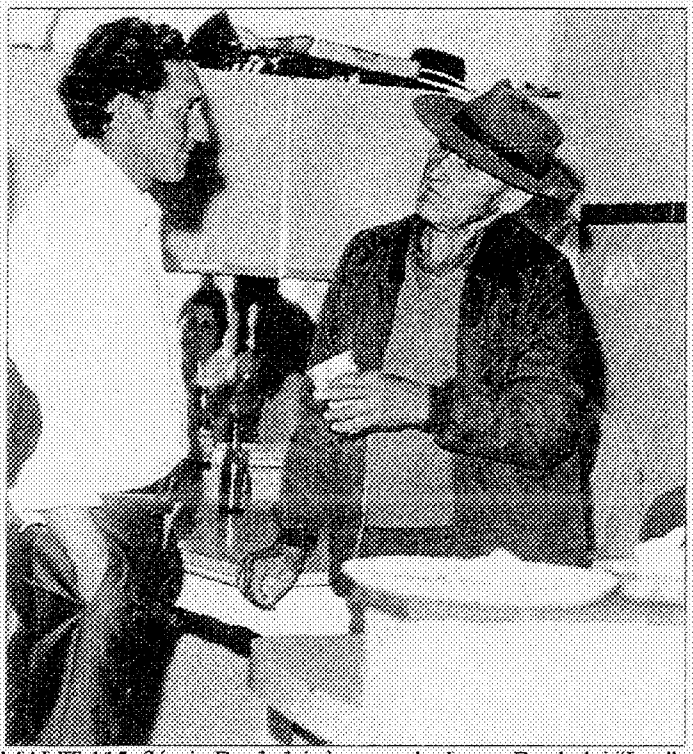
A reprodução, tanto social como política, não se dá baseada unicamente no líder. Ela só pode existir com a cumplicidade de pessoas empenhadas no processo, o que lhe dá sentido (CANÊDO, s/d, p. 10).

Os políticos descendentes de imigrantes italianos tornaram-se vicários do partido político de Levy Lisboa, como João Orsi Jr. e Lauro Bertholai, e do partido político de Ivens Vieira: Vicente Orsi Neto, Natal Favali, Ulisses Turelli[83] e João Schettini Sobrinho.

Sobre Lauro Bertholai, conhecido por "Lau Bertholai", o depoente Antônio Fortes ressaltou:

*O Lau Bertholai era um cidadão de ascendência italiana, um caboclo lá do Bom Bom que muito contribuiu, dentro de suas possibilidades, para Angatuba. Simples, ele falava o que o caboclo queria ouvir (...) o povão muito ignorante politicamente, não era politizado (...) então o Lau era assim, tinha um jeito que atingia esse pessoal.*
*(...) Mais tarde, em 82, o filho dele, o Sérgio Bertholai, foi vice-prefeito do Emílio (José Emílio Carlos Lisboa). O Sérgio liderava na Campina, era casado com gente dos Aleixos, gente antiga na região (...).*

[83] Ulisses Turelli, filho de Francisco Turelli, o primeiro imigrante italiano a ocupar o cargo de Prefeito Municipal de Angatuba (1911-1914), foi eleito Prefeito (1948-1951). O Cel. Antonio Vieira Sobrinho, seu cunhado, estava interessado em colocar Francisco Alcides de Moraes, o "Chico Pereira", seu irmão, na chefia do Poder Executivo local. Ulisses Turelli se ausentou várias vezes do cargo de prefeito. Consta também esse fato no Livro de Atas de Transmissão de cargo de Prefeito (Angatuba, 1º de agosto de 1939, pp. 13/14/15/16). Entretanto, Ulisses Turelli continuou fornecendo seu prédio domiciliar urbano como ponto de reunião dos partidários de Ivens Vieira.

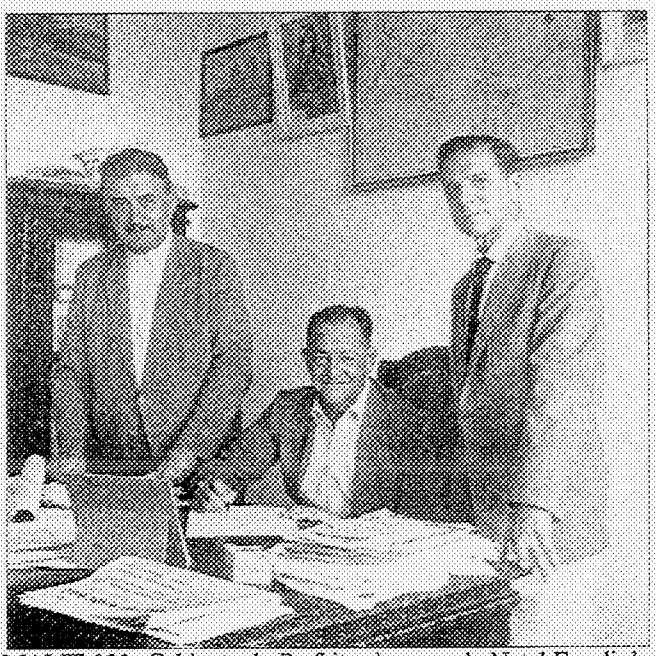


MALIT-115: Sérgio Bertholai, à esquerda; Lauro Bertholai "Lau", à direita, Campina do Monte Alegre, SP., s/d. Arquivo pessoal.

> *O Lau Bertholai foi Vereador e Pescoceira roxo. Pegava na máquina ia lá com o camarada fazer a estrada e fazia e depois discutia com o prefeito como é que estava, como é que não estava (...) e o povo ficava grato, tremendamente agradecido. Antigamente era assim, antes quem fazia as estradas era o povo, o prefeito intimava e iam fazer. Tinha mutirão (muxirão que eles falavam na época) e faziam. Veja bem, um homem do povo, um italiano caboclo, fazendo esse tipo de coisa, davam graça (...)."*
> [Depoente Antônio Bernardino Fortes de Albuquerque, Angatuba, 1999, p.7]

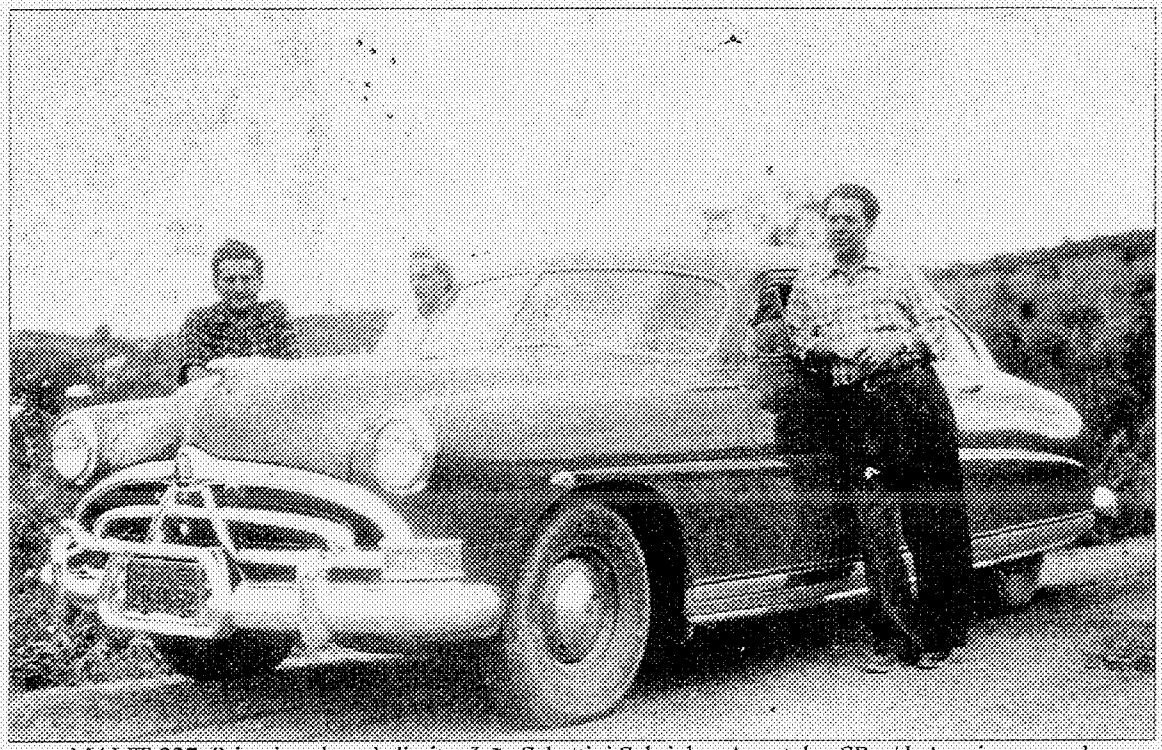
O depoente Antônio Fortes falou sobre os políticos Natal Favali e João Schettini Sobrinho[84]: "O Natalino Favali era filho do Sr. Armando Favali e da Dª. Clínia Santi. Foi contador, fez o curso, né? Ele sabia que "na terra de cego quem tem olho é rei". Estava sempre no poder como todo mundo, "saía Mané", "entrava Joaquim", estava lá, ele era do poder!

[84]O Vereador João Schettini Sobrinho, neto de Sabino Antônio Schettini, foi o único descendente dos imigrantes italianos meridionais a fazer parte da política partidária de Angatuba, talvez devido sua ligação com o grupo do Cel. Toniquinho e ao sucesso econômico conquistado pela atividade comercial e nos transportes.



MALIT-121: Gabinete do Prefeito, à esquerda Natal Favali de Moraes, Clóvis Vieira de Moraes e Vicente Orsi Neto. Angatuba. SP. ca. 1965. Arquivo pessoal.

*Era fidelíssimo ao Ivens Vieira, um Cupincha perfeito! Foi líder político com limitações, não tinha muita liderança (...) era uma pessoa muito calma.*
*O João Schettini foi chofer do Nê Pereira (Cornélio Vieira de Moraes), prestava serviços ao Nê quando foi prefeito de Angatuba. Possuiu uma jardineira que concorria com os Orsi, ia pra Itapetininga. Construiu um restanurante, um posto de gasolina lá na entrada da cidade, isso nos idos de 1940. Ganhou muito dinheiro nesse comércio, pois a estrada que ia pro Paraná passava aqui por dentro da cidade e teve um movimento muito grande até mais ou menos 1950. Ele tinha sempre os carros do ano, bonitos. Era o cumpincha mais fiel ao Ivens, "Cupincha roxo".*



MALIT-237: Primeiro plano à direita: João Schettini Sobrinho. Angatuba, SP. s/d. Arquivo pessoal.

> *Foi delegado por uns dois anos mais ou menos, era o que nós chamamos "delegado de calça curta", porque não era formado. Era suplente de delegado e a política do tróca-tróca, que tirava delegado, punha delegado (...). Numa dessas ele ficou como delegado de polícia. Foi Vereador deles e chegou a ser presidente da Câmara (...)* [Depoente Antônio Bernardino Fortes de Albuquerque, Angatuba, 1999, pp. 8/9]

O embate político entre os dois grupos dava-se através de uma espécie de divisão da arena política.

Os políticos correligionários de Levy estavam associados à modernidade, às novas relações de trabalho, características do capital e das grandes cidades do interior do Estado de São Paulo, em rápido processo de industrialização e urbanização. O próprio deputado Araripe Serpa era um sindicalista oriundo de um dos bairros mais industrializados da capital estadual. Teve atuação marcante na Assembléia Legislativa de São Paulo; no plano federal, as lideranças dos Pescoceiras estavam ligadas ao deputado Olavo Fontoura, industrial, proprietário dos Laboratórios Fontoura e também investidor no setor de transportes aéreos, Dr. Alcides da Costa Vidigal, banqueiro. Esses políticos expressavam as propostas das novas elites empenhadas em levar à prática o modelo de industrialização nacional baseado na substituição de importações.

Os políticos ligados a Ivens Vieira eram mais tradicionais, apoiados nas práticas políticas da oligarquia agrária.

Portanto, o enfrentamento entre as facções, acentuado por tensões, que dão a todas as duas os direitos mais ou menos equivalentes, permitindo-se aos Cupinchas alternâncias no Poder Executivo local, por eleições competitivas e aos Pescoceiras o prestígio com as eleições no âmbito estadual e federal. Mantendo, assim, espaços bem definidos.

As eleições, muito disputadas, foram capazes de reativar e de manter bem equilibrada a capacidade de afrontamento dos dois grupos familiares em disputa por cargo na política local e nacional. Os dados mostram que os políticos profissionais possuíam a capacidade de responder às situações práticas e se adaptar aos acontecimentos. Isso ficou muito claro não só nos depoimentos orais como nas produções dos poetas populares.

## Moda do Avião

(Emiliano Leite de Meira)[85]

A cidade de Angatuba o dia de uma grande festa,
Lá no campo da aviação eu nunca esperava desta,
**Nhozinho do Bermiro** me enxergo por uma fresta,
Que tanto é bão, que até num presta.
No começo eu não queria, eu fui fazendo um beicinho,
Depois fui arresorvendo faze os gosto do **Nhozinho**[86],
Incomendei pro aviador que voasse com jeitinho,
Eu já sou um home de idade esto abancando um rapaizinho,
Já dissero que não orna, e se atordoa nunca mais torna quere
passia neste aviãozinho.

[85]Para as campanhas eleitorais e eleições, o fandangueiro Emiliano Leite de Meira "caprichava nas modas". Era sitiante do Bairro dos Leites, foi vereador (1936) e era "cupincha histórico".
[86]Nhozinho é o Senhor Manoel Pereira Primo, filho de Belmiro Vieira de Moraes, partidário do candidato Toniquinho Pereira.

A hora que eu me imbarquei, o aviador fico sem jeito,
De subi não sei se é o campo quele acho meio estreito,
Desceu um pouco pra baxo, torno vorta por direito,
Assistência ali no campo já me pusero defeito,
Aquilo o pessoar inteiro diziam que o passagero tinha perdido respeito.
Sentei numa caderinha, foi correndo tão macio.
Desceu um poco pra baxo, não demoro logo subiu,
Quando ele foi subindo até meu sentido sumiu,
Quando nóis tava no ar deu um tremor de frio,
Saiu da sola do pé, atravesso pros carrite aquele marvado arrepio.
Bicho véio se mexeu numa chispada tão macia,
Desceu um poco pra baxo, torno vorta de arrepio,
Eu não sei se era o meu peso que o tar feiz que não podia,
Tapo o mundo de poera nem o sór aparecia,
Aquilo foi suspendendo, meu cabelo foi crescendo, quanto mais ele subia.
A hora que eu me imbarquei o aviador bateu as porta,
E já subimo pro ar também já demo uma vorta,
O aviador pra mim me disse: - "cuidado quando ele intorta",
Eu comecei magina, que tar se o bichão me sorta,
No fundo de argum quinta, muita gente há de pensa que eu sô um estercador de horta.
Bicho véio se mexeu foi praqueles cunfim de artura,
Eu comecei magina não passa de uma loucura,
Neste lugar que nóis temo se escapa uma criatura,
Imbora que caia vivo deiz minuto numa artura,
E foi mesmo um causo sério, passei por cima do cemitério, vi tão bem as sepurtura.
Quando desimbarquei, fiquei por ali um poquinho,
Saí no meio do povo, fui pergunta pro **Nhozinho,**
Quanto custa este passeio o aluguer desse aviãozinho,

Somente ele arrespondeu: - "isto é pra servi os vizinho,
Fica pro dia treis de outubro, vo cobra de vocêis tudo, vão vota pro **Toniquinho".**
Esse dia pro **Nhozinho** fiquei devendo um favor,
Me deu dado esse passeio naquele trem de valor,
A hora que imbarquei ele incomendo pro aviador,
Zele bem deste colega, não deixe morre o motor,
E torno falá outra veiz: - " não va deixa o **Lucas Garceis**[87]**com farta deste eleitor".**
O negócio de avião pra fala bem a verdade,
Hoje em dia tá comum pr 'essa gente da cidade,
Só pra nóis aqui no sítio que até agora é novidade,
Este dia lá no campo não foi pouco a quantidade,
De gente que tinha prano de vê bem um aeroprano, e exprimenta tinha vontade.

**Dia de Eleição**

(Emiliano Leite de Meira)

A cidade de Angatuba no dia da eleição,
Foi um freje do pessoar esse dia na povoação,
Em quarque lugar na rua se encontrava cidadão,
Abraçado com caipira dano soco e puxalão.
Co 'aquilo o pessoar do sítio faziam reclamação,
Não é por eu ser um caipira criado lá no sertão,
Não é guarda e nem secreta[88] querendo faze prisão,

[87] O pessoal do PSP (Partido Social Progressita) cantarolava o verso: "Presidente Getúlio; Adhemar, senador; Lucas Garcês pra Governador; É PTB, é PSP; nós todos unidos; nós vamos vencer!" Houve uma aliança nacional dos partidos: PTB-PSP, mas em Angatuba isso não ocorreu.
[88] Secreta - nome dado à polícia, antigamente.

Hoje eu vim pra dá meu voto não é pra toma impurrão.
Não é por eu ser um caipira criado lá pros fundão,
Que há de me levar a soco lá pra cima a pescoção,
Eu tive um pouco de escola tenho um pouco de instrução,
Quarque coisa não me inlude não me faiz quebra opinião.
Quando eu fui pra dá meu voto que apiei do caminhão,
Cheguei lá in frente o **Grupo**[89]quase entrei lá num porão,
Fui subindo escadaria lá me dero informação,
Bem no fim do corredor tem um moço de prantão.
Fui subindo escadaria e fui prestando atenção,
No meio de tanta gente me fiz representação,
Alembrei no tempo véio que dançava coleição[90],
Tudo em fila entreverado, caipira cum cidadão.
Cheguei na primeira mesa infrente a porta de um salão,
Perguntaro do meu nome até da minha geração,
Eu disse que era dos Leite, meu pai era muito bão,
Imbora eu seja ruim, sempre so um companherão.
Quando foi chegando a hora d' eu faze minha votação,
A nervaiada enloqueceu deu um tremor na minha mão,
Fiz uns gancho tudo torto tudo cheio de borrão.
Correu suor da minha testa feiz inchurrada no chão.
Despois que assinei meu nome fiquei prestando atenção,
Me dero um invelope aberto balanciô meu coração,
Me mandaro pr 'um quartinho lá fui dá minha opinião,
Fui faze a minha escolha pro governo da nação.
Eu saí lá do quartinho meio disinchavidão,
O invelope que me dero fui guarda lá num caixão,
Não tinha boca e nem tampa me feiz representação,
Alembrei da caxinha das arma a que guarda os tostão.

[89]Grupo - Grupo Escolar "Dr. Fortunato de Camargo", Escola Pública que é cedida para as eleições.
[90]Coleição - quadrilha.

Despois qu 'eu dei o meu voto, fiz a minha obrigação,
Saí da porta pra fora saí num disparadão,
Perguntei se tem vivêro[91] me arrespondero que não,
Pra eleitor que tem dinhero, no bar tem café cum pão.

O mesmo informante Antônio Fortes lembrou:

> *Então pegavam o cidadão na época, entregavam um papelzinho fechado e tinham que pôr lá na urna. E fechavam o "viveiro" com todo cidadão lá, depois pegavam as cédulas pra irem votá. Daí um caboclo mais saliente disse: - Ô coroné, eu num sei pra quem é que eu vô votá. Retrucou o Coronel Toniquinho Pereira: - Ô rapaiz, por que você quer saber? Você num sabe que o voto é secreto?*
> *E o Coronel colocou no bolso da camisa do eleitor o voto para o seu candidato* [Depoente Antônio Bernardino Fortes de Albuquerque, Angatuba, 1999, p. 7]

Como ensina Schattschneider, a política se define basicamente pelo conflito, noção reafirmada por Sento-Sé, que se valendo daquele autor comenta: "Nada atrai uma multidão tão rapidamente quanto um conflito. Nada é tão contagioso. Debates parlamentares, julgamentos, assembléias, campanhas políticas, greves, audiências judiciais possuem algumas das qualidades de excitação do conflito; todas sempre irresistivelmente fascinantes para o povo" (SENTO-SÉ, 1997, p. 38).

A importância da memória explicita-se também no ato individual de lembrar, reforçar os conflitos da arena política angatubense, mesmo em termos das lembranças cotidianas ao destacar as participações nos comícios e às tumultuadas sessões da Câmara Municipal, somadas as perseguições e comunicações eleitoreiras pelos alto-falantes locais.

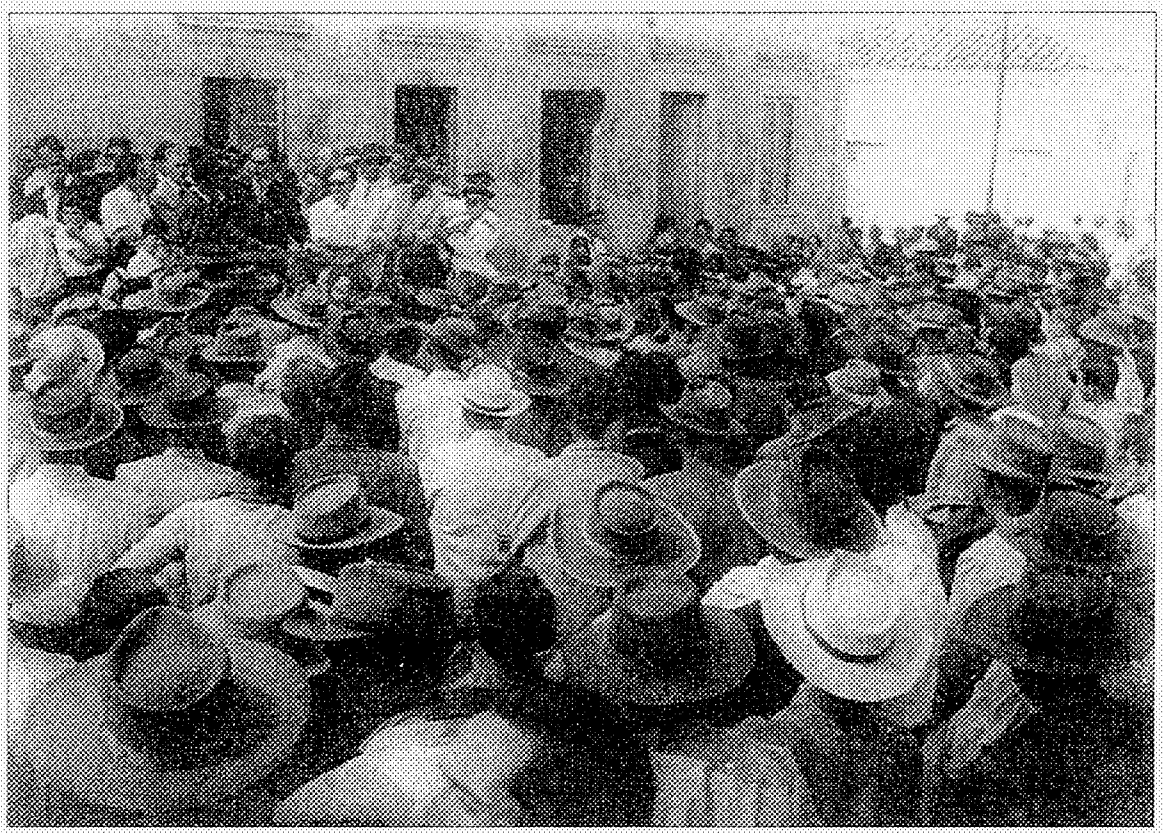
O alto-falante que veiculava as mensagens políticas dos Pescoceiras foi o primeiro a ser inaugurado na sede do PTB, organizada em um dos cômodos da própria residência de Levy Lisboa e foi denominado "A voz da Liberdade de Angatuba". Por sua vez, os Cupinchas inauguraram seu serviço de alto-falante em uma casa alugada no centro da cidade e passaram a denominá-lo "A voz da Verdade de Angatuba".

---

[91] Vivêro - "Viveiro" - um local na cidade usado pelos chefes políticos para alimentar os seus eleitores nas vésperas do dia da eleição. Havia muita fartura de "picadinho" (carne), arroz, feijão, tubaína, etc., muito fandango e jogo de truco.

Os comícios mostraram que os rituais funcionavam como uma espécie de sondagem eleitoral preliminar, pois o maior número de presentes à homenagem aos políticos que vinham prestigiar os eventos organizados por Levy Lisboa significava a probabilidade de vitória nas eleições estaduais.

O depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa reconstruiu a participação político-partidária de Levy Lisboa e os conflitos familiares decorrentes dos antagonismos políticos. "Desde a minha tenra idade, a minha casa foi um palco de questões políticas, a casa sempre cheia, a "sede", local onde se discutia política, era um dos cômodos da nossa casa.



MALIT-137: Comício "Pescoceira" – PTN, Angatuba, SP. 1955. Arquivo pessoal.

> *Na verdade eu tinha em constrangimento da participação política do meu pai. Angatuba era uma cidade pequena e a prática política se fazia no sentido de ter a hegemonia do mando local. Mais tarde, eu vim a entender a importância da participação política do meu pai.*
> *O que nos constrangia era o fato de a cidade ser dividida entre prós e contra meu pai, de ter primos, amigos entre os adversários e nem sempre a gente ficasse à vontade quando os visitava, pois os comentários, muitas vezes, eram hostis ao nosso lado, do meu pai, isso*

*nos causava aborrecimento. E além do mais, a perseguição política era muito forte, porque meu pai era uma pessoa que iniciou o movimento político contra o Toniquinho Pereira, que era o político que dominava a região e era nosso parente, a esposa dele Dª. Angelina Turelli era prima de meu pai e ele primo da mamãe Eulina.*
*O meu pai ousou fazer política contra o Toniquinho e depois contra o filho dele, Ivens Vieira, e essa oposição ao coronel era feita de forma esporádica e de forma organizada, só aconteceu quando meu pai assumiu a liderança da oposição política local. Além do constrangimento que nos impunha, da maledicência, o coronel sempre envolveu o papai em processos, para intimidá-lo.*
*Quando eu ia pra escola, o ambiente em casa, às vezes, era muito tenso, eu ficava muito preocupado. Ele era chamado na Delegacia para depor em inquéritos policiais promovidos pelos adversários, me recordo ficar olhando pela janela da minha classe, para ver se meu pai subia, pois a Delegacia situava nas proximidades do Grupo Escolar. São coisas muito fortes que me marcaram muito. Então, quando criança e na adolescência, sentíamos muito constrangidos com a participação política do nosso pai e o questionávamos muito.*
*Nunca ganhou a eleição para prefeito municipal, mas os candidatos a deputado estadual, deputado federal apoiados por ele, sempre eram os mais votados no município. Esses pleitos tão disputados, eram tão acirrados quanto as eleições municipais. Após as derrotas, nossa casa ficava praticamente enlutada e nós comentávamos porque ele não deixava tudo aquilo, que só nos causava aborrecimentos? E aí ele dizia: - Tem que ter alguém que trabalhe politicamente pelo desenvolvimento da cidade, eu faço oposição, porque a forma como vem sendo administrado o município não é forma correta, porque a política empreendida não é uma política de seriedade, de direito, não é uma política que serve a todos, é uma política que serve a poucos. (...) Nossos adversários não estão preocupados em desenvolver uma política popular, que melhore as condições de vida da população (...).*
*Foram anos difíceis para as famílias angatubenses: crises, atritos, malquerenças, perseguições... gestadas pelo divisionismo familiar e político-partidário, sobretudo para nós, os filhos de Levy, muito mais próximos do gosto amargo da política* [Depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa, Angatuba, 2000, p.1/2]

As tumultuadas sessões da Câmara Municipal foram rememoradas pelos depoentes, salientando as relações conflituosas nesse espaço de enfrentamento das duas facções políticas, algumas delas com traços tragicômicos recuperados pelos relatos.

*Fui eleito vereador pelo PTB (3 de outubro de 1955) era eu, o Ozildes (Ozildes Branco de Lima), João Maceno de Oliveira, vereador do Bom*

*Retiro, Ângelo Libâneo, o Tonico Bento (Antônio Bento Rodrigues) e o Zenaido (Zenaido Salles de Camargo).*
*Eram seis vereadores do PTB, do lado do Levy, e cinco do lado do Ivens, inclusive meu irmão Vicentinho.*
*(...) o Zenaido era o presidente da Câmara, intão o João Maceno pediu pra Câmara aprovar (...), uma comparação: - A garage é aqui e tinha um poste bem no meio dela, e como é que ia sair o carro? Intão o João Maceno requereu pra Câmara mudar o poste de lá prá cá.*
*O Albertino de Souza que era lá do Bom Retiro e vereador deles, inimigo ferrenho do João Maceno, comprô a briga, porque foi ele que pôs o poste bem na frente da garage do João Maceno. Ele começou a dizer: - Quem manda no Bom Retiro sô eu. Eu disse pra ele que ninguém era dono do Bom Retiro. Eu tava num canto lá, já tava irritado, eu tava bravo, sabe que italiano não agüenta disaforo. Daqui a poco eu falei: - Nobre colega, com licença. Pode falar, ele respondeu meio brabinho. Digo: - Senhor presidente, me diga uma coisa, quem é o prefeito de Angatuba? O Zenaido respondeu: - O prefeito de Angatuba é o Antônio José de Oliveira, o Nhô Ribeiro. Intão, se o Nhô Ribeiro der ordem pra tira o poste, acabo, quem manda no município é o prefeito. E por que eu falei isso, nossa! Ô italiano sujo! E eu disse: - Sujo é você! Ele pegou uma cadeira e jogou pra cima de mim. A cadeira veio por cima e eu desviei... "puá". Tinha uma mesinha na frente, joguei, dei coice na mesinha, fui nele e chocalhei ele"* [Depoente João Orsi Jr., Angatuba, 1999, p. 20].

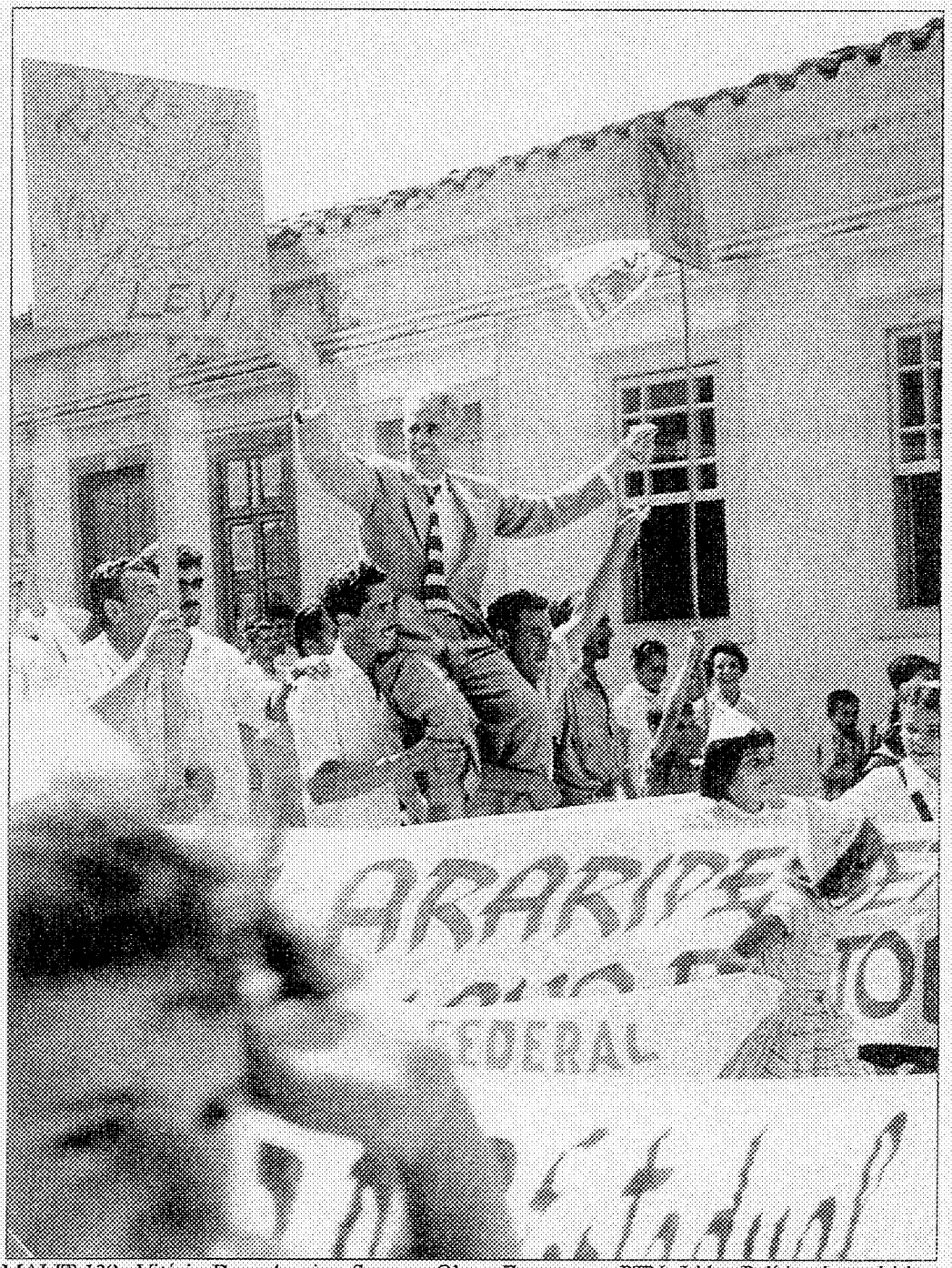
O depoente Vicente Orsi Neto, sobre esse mesmo fato, lembrou outros aspectos, mostrando a capacidade seletiva da memória ao escolher um ângulo mais corriqueiro para relatar as disputas:

*(...) Fechou o tempo na Câmara. Acabou a sessão porque acabou tudo lá dentro. Eu também era um dos briguentos, as pessoas levantavam questões disto e daquilo, porque achavam que eu era líder na Câmara, apesar do Natalino (Natal Favali) não ser de briga, eu disse pra ele: - Deixe pra mim, porque você não é de briga.*
*E tem uma parte interessante aí. O Natalino gostava de plantar milho no quintal da Câmara e a roça estava grande, bonita. Quando lá na sessão, na hora do quebra-quebra, o Albertino passou a mão na cintura como que ia arrancar o revólver, "fechou o tempo" na Câmara. O pessoal que estava lá assistindo à sessão, sabe, sempre tinha muita gente, dos dois lados lá assistindo, saiu tudo por uma portinha estreita que dava pro fundo do quintal. Numa portinha estreitinha passou um monte de gente, e passou!*
*Quando terminou essa coisa, não tinha um pé de milho "pra contar história", derrubaram tudo, e a maior parte pulou o muro e foi cair lá*

*no bar, "fechô o tempo" fora os que saíram pela porta da frente, levando tudo.*
*E o Natalino que gostava de fazer pamonha ficou sem o milho, não restou nada, nem um pé de milho pra contar história.*
*Depois a Câmara foi mudando. foi mudando foi ficando mais calma, a política deixou de ser tão violenta, porque aquelas grandes provocações não tinham mais.*
*(...) O Ivens era muito compreensivo, era humano, ele sempre falava ultimamente: - Temos que viver em paz aqui em Angatuba* [Depoente Vicente Orsi Neto, Angatuba, 1990, pp.18/20].

Quanto à comunicação político-partidária entre candidatos e seus possíveis eleitores, tanto os alto-falantes quanto os panfletos se encarregavam de realimentar os sentimentos de identidade e unidade de cada grupo rival.

*(...) Naquele tempo ainda teve o problema dos alto-falante.*
*Na sua casa, o alto-falante sempre funciona lá na sede. O problema era que nos alto-falante se xingava muito (...).*
*Os "Gamela" tinham dado uma votação pro Levy, antes eles eram do Ivens e foi quando o seu pai ganhou a eleição (...). Eles, a família do Salvador Rodrigues, o "Nhô Vado Gamela", de cupincha, do Ivens Vieira, passaram a apoiar os Pescoceiras, do Levy.*
*E o Araripe Serpa ganhou aqui pra Deputado Estadual por quatro votos do Toniquinho Pereira. Então, o Vado Gamela e o Oscar diziam que era os quatro votos da casa deles. Contavam pra todo mundo que a vitória do Araripe foi com os votos deles* [Depoente Vicente Orsi Neto, Angatuba, 1990, pp. 40-41].




MALIT-138: Vitória Dep. Araripe Serpa e Olavo Fontoura – PTN, Lider Político Levy Lisboa, Angatuba, SP. 1958. Arquivo pessoal.

*E o Cláudio, muito exaltado, começou a xingar no alto-falante porque o Oscar gritava também no alto-falante de lá (...). Muita música provocativa. Até diziam: - Como vai ser intão a próxima eleição? Já vai começar a quebrar o pau mesmo. E a política era violenta, nos alto-falante se digladiavam.*

*(...) Bom, tinha os panfletos daqui e tinha os de lá. Se não me engano eu tinha um panfleto que foi escrito contra o Natalino Favali, dizendo que ele construiu aquela casa com o dinheiro da prefeitura, tijolos, areia, aquela coisa toda.*
*E tinha um panfleto que saiu daqui do nosso lado, que foi uma coisa muito bem feita. Era o Zenaido, derrubando a Igreja Matriz, porque ele era protestante (presbiteriano) e era Pescoceira roxo (...). O Zenaido com um machado e um trator, ele era agricultor (...). Naquele tempo o Monsenhor Ribeiro não queria saber de protestante. Nem passar por frente da Igreja Presbiteriana; outra coisa, quando venderam aquele terreno para construir a Igreja Presbiteriana ele ficou bravo, o Monsenhor "pegou corda" com aquilo.*
*(...) Sabe, quando você fala alguma coisa, você fala pras pessoas, às vezes você esquece, mas o panfleto não, é distribuído, todo mundo lê e passa, é mais gente que divulga, que comenta: - Você viu o panfleto? Você viu o que falaram? Era distribuído de monte aí pelas ruas quando faziam. Então dava pra todo mundo ler. Tinha esses ataques pro lado de lá e também pro lado de cá* [Depoente Vicente Orsi Neto, Angatuba, 1990, pp. 40/41].

As rivalidades político-partidárias culminavam, muitas vezes, em perseguições a certas figuras capazes de formar opiniões no âmbito da comunidade:

*Havia perseguição e era muito triste, sabe que o Monsenhor Ribeiro quando o Levy perdeu a eleição, numa dessas eleição; pusero duas mala velha na área da casa paroquial. Fizeram judas da Dª.Lota (Felizarda Vieira de Moraes, irmã do Cel. Tonoquinho Pereira) que era Pescocêra, o judas do Amantino (sapateiro e Pescocera). Tudo isso era pro Monsenhor ir embora* [Depoente João Orsi Jr., Angatuba, 1990, p. 25].

O depoente Vicente Orsi Neto também reconstruiu aspectos das perseguições ao lembrar que:

*O Monsenhor João Batista Ribeiro, eu não quero dizer que ele fosse político, porque ele não era, mas ele tinha naturalmente a preferência política dele lá (...). Ele não era político ferrenho, mas era ligado ao Levy. Geralmente, quase todos os padres que têm passado por aqui ultimamente são ligados ao Levy (...).*
*É, toda vida observaram isso, esse padre é contra nós. O delegado de polícia também era do lado do Levy, o Dr. José Corcemelli (...).*
*E o Monsenhor Ribeiro não tinha motivos ferrenhos pra ser contra o Ivens. Ele tinha a opinião dele, ele tinha mais simpatia pro lado de lá, mas ele não fazia propaganda, diziam que ele fazia, mas eu nunca vi.*

*Fui Irmão do Santíssimo (...) eu estava muito ligado com ele lá dentro, o Natalino Favali vivia lá dentro também (...) eu nunca vi ele manobrando gente lá dentro da Igreja.*
*(...) Mas eu posso dizer pra você que ele teve perseguição! (...) Foi quando o Chico Pereira (Francisco Alcides de Moraes) era prefeito e o Chico foi falar com o Bispo, parece que era Dom Aguirre, lá em Sorocaba, até levou um abaixo-assinado, se não me engano, para o Senhor Bispo tirar o Monsenhor daqui (...).*
*Eu me lembro que puseram um "judas" pro Monsenhor, uma mala na escadaria da casa paroquial. Puseram até da Lota (Felizarda Vieira de Moraes) que era irmã do Toniquinho, mas era Pescoceira (...). Então fizeram tudo isso (...). Eles levaram uma mala velha pro Monsenhor, dizia: - Boa Viagem! Eu não vi parte do nosso grupo, nenhum da cúpula fazer isso!* [Depoente Vicente Orsi Neto, Angatuba, 1990, p. 39].

Para o depoente Antônio Fortes, o auge da perseguição política foi alcançado durante o regime militar (1964 a 1978).

*Em 64, quando Jânio Quadros renunciou e que era do nosso lado (...) aí veio o problema do despejo das famílias do Aterradinho (Fazenda do Aterradinho). Nessa fazenda havia muitas famílias que estavam lá há muitos anos, lá nessa terra improdutiva da Dª. Benvinda, do Rodrigo Camargo, lá naqueles fundos do Cambuí (...).*
*As famílias queriam permanecer na terra. E o Levy com o Zé Dentista (José Paz, da Campina do Monte Alegre) incentivavam o pessoal que não deviam sair, deviam aguardar os acontecimentos, não pela força (...) ninguém queria nada pela força, queriam justiça.*
*O Levy nessa época que era a liderança orientava eles dentro da lei, e que esses agregados criassem porcos, bois, quanto mais pudessem ter lá, plantassem na terra. Mas foram despejados pela força, sem direito a nada.*[92]
*(...) Os fazendeiros deram muito dinheiro pra cartucheiro comprar munição (...) vandalismo mesmo. Isso no Aterradinho como na Campina, o das "Ligas Camponesas".*
*(...) Nessa época tanto o Levy quanto o Zé Dentista pertenciam ao MDB e eram vereadores (...). Foram taxados de comunistas, de subversivos pela situação, pelo partido do Ivens, a ARENA.*
*(...) O caso do Levy e do Zé foi parar na polícia regional em Itapetininga e o Murilo Antunes Alves, que era o Delegado, tinha até um parente meu, o Tonzinho, que era do 2º Comando (...). O Murilo, o jornalista, era da Rádio Record, e o Tonzinho era filho do Otaviano*

[92] O depoente fala com muita convicção esse episódio das famílias da Fazenda Aterradinho. Sua voz é firme, num tom resoluto!

*Ramos, daqui de Angatuba (...). Eles eram os homens da Ditadura, na região (...).*
*Veio a Polícia Federal, o Serviço Nacional de Informações que era na época o DOI-CODI. O Zé Dentista sumiu, foi procurar o Almino Affonso que foi ministro do Trabalho, do João Goulart (...), o General Leônidas Cardoso, do PST (Partido Social Trabalhista), pai do atual Presidente da República, era amigo do Levy e deram um jeito dos dois não serem presos (...). Isso foi muito terrível! (...)* [Depoente Antônio Bernardino Fortes de Albuquerque, Angatuba, 1999, pp. 21/22/23/24]

E o depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa em seus relatos orais complementa:

*Muito bem. No período em que ocorreu a morte do papai havia uma perseguição política muito forte sobre os adversários da Revolução. O país vivia sob o arbítrio do AI-5 e como nossa família e alguns amigos tínhamos um viés de esquerda e éramos contra o regime militar, aí houve uma pressão muito forte sobre nossa militância política na cidade e nossos adversários aproveitaram dessa realidade e faziam gestões junto aos órgãos de repressão do regime militar para que os mesmos nos perseguissem sobremaneira. Processos foram instaurados contra nossa família, tentando nos enquadrar como subversivos pela Lei de Segurança Nacional. Essa era a arma mais poderosa que os políticos situacionistas tinham naquele momento.*
*Então queriam nos impingir com essa pecha de terrorista* [Depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa, Angatuba, 2000, p.5].

O Sr. Antônio Fortes também rememorou a participação popular nos comícios políticos:

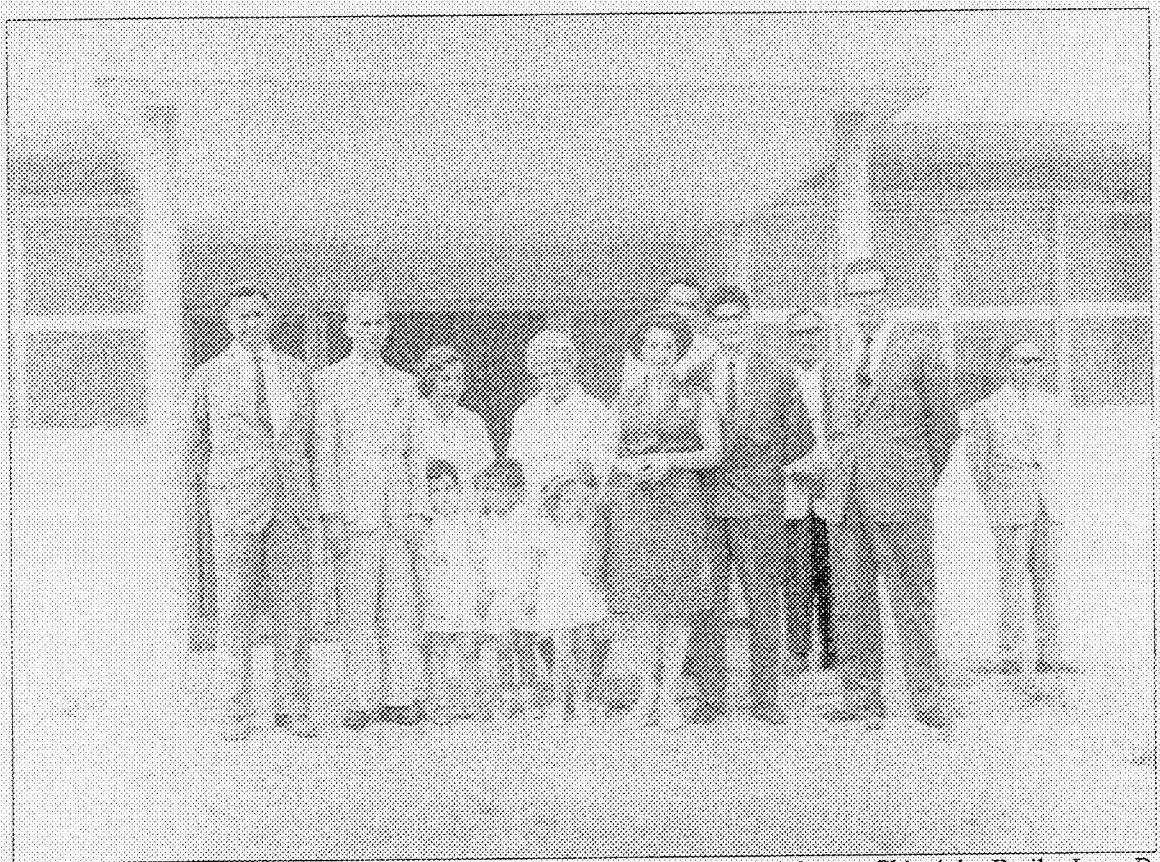
*Apareceu Araripe Serpa, um sindicalista lá do Belenzinho (SP). Ele era muito simpático e cabeça nova. Ah! se entrosou com o Levy (...) O Araripe tinha o dom da oratória, era brilhante! Os comícios com o Araripe aqui reunia multidões, a cidade parava. E sabe, nós nunca ganhávamos na cidade, era só na zona rural. Chegava aqui, abria as urnas da cidade nós "levávamos chumbo". Esse fenômeno explica porque os Cupinchas, o contato com os Pereiras aqui na cidade era muito grande por causa do empreguismo, da Prefeitura, funcionalismo público, conversa "boa" de dono de Cartório, aquelas coisas... e tinha a classe média que não votava em pobre! E não importava se o candidato tinha pedigree, tradição, passado...*
*Mas o Levy arrebanhava muita gente para esses comícios e muitas músicas ficaram célebres nessas manifestações como a da Campanha*

> *do Araripe a Deputado Estadual, Olavo Fontoura a Deputado Federal (...)* [Depoente Antônio Bernardino Fortes de Albuquerque, Angatuba, 1999, p. 14].

No jogo político que acontecia ao longo da história recente, talvez devido à divisão da arena política antes mencionada, houve momentos em que alianças entre as duas facções foram tecidas, mas sua origem estava nos interesses político-partidários e não se encontrou nenhuma menção a uma origem comum (ítalo-brasileira) como uma espécie de base sobre a qual essas alianças fossem construídas. Isso parece indicar que ambas as lideranças já se consideravam e atuavam como plenamente brasileiras, não invocando origem imigrante, nem mencionando qualquer interesse a ela relacionado.

O missivista Francisco Roldão de Moraes Turelli salientou a grandeza política do líder Ivens Vieira, ao efetuar uma reconciliação com Levy Lisboa, seu adversário político:

> *Ivens aproveitou sua posição de vencedor nas eleições para se aproximar da família de Levy Lisboa, seu principal oponente na política. Creio que esses esforços começaram apenas com os iniciais cumprimentos. Porém um enorme gesto! para aqueles tempos de grandes animosidades. Enfim, estendeu sua mão ao adversário! E foi retribuído! Os radicais, sempre atentos, ficaram incrédulos, ao notar uma aproximação entre os dois líderes! Alguns dos partidários do lado de cá começaram a reclamar que isso não podia acontecer devido aos desafetos, não queriam paz, mas revides! Do lado de lá, ficaram cautelosos e advertiam Levy Lisboa que tratava-se de uma armadilha do Ivens! Lembro-me dos reclamos de alguns de nossos partidários que não aceitavam em hipótese alguma essa aproximação. Mas, as revoltas foram em vão, Ivens não cedeu, desgostosos alguns foram residir em outras cidades e também "viraram o rosto" a Ivens. Certo está que haviam partidários que ainda não aceitavam essa união, porém agora os líderes estavam juntos.*

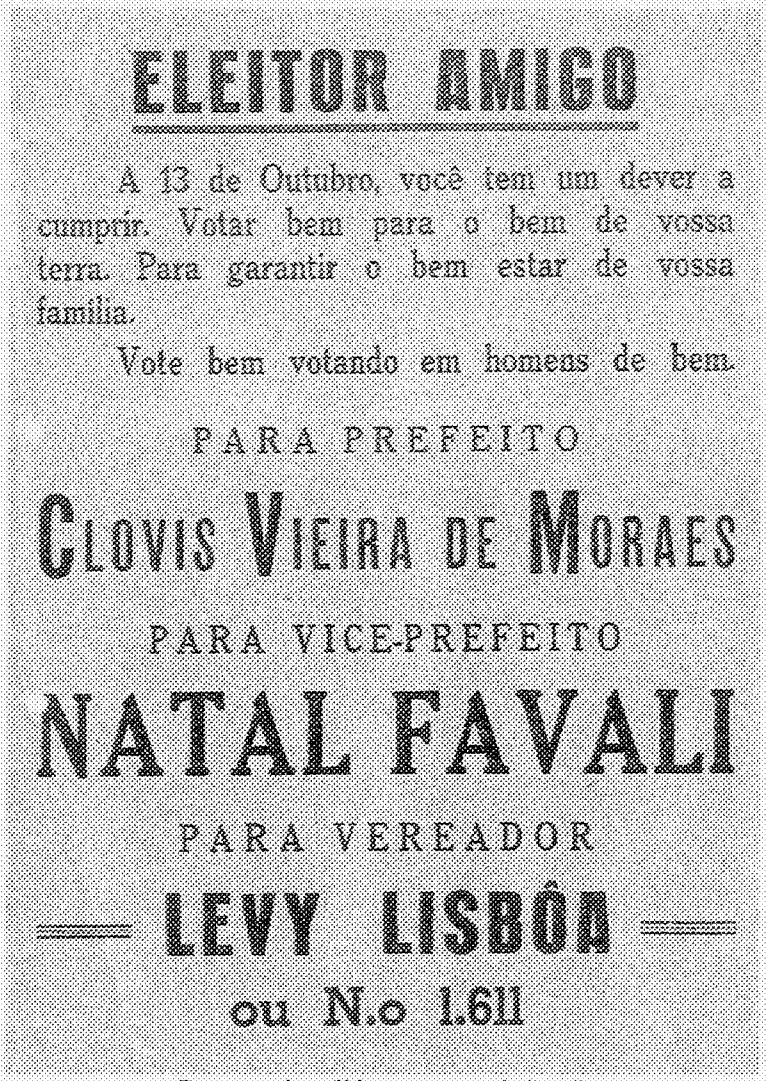


MALIT- 138: à esquerda Ivens Vieira, Levy Lisboa, Eulina Pereira de Moraes, Chiquinha Basile, Irene B. Serpa, Dep. Araripe Serpa, Prof. Bruno Pucci, Angatuba, SP., s/d. Arquivo pessoal.

> *Felizmente lembro-me dos bons momentos quando o Sr. Levy, primo de meu pai, e esposa Eulina Pereira de Moraes, prima de minha mãe, vieram nos visitar algumas vezes, conversaram com meus pais, trocaram sorrisos e gentilezas, enfim tinha-se chegado a calmaria, aos tempos dos entendimentos.*
> *Agora os próprios moradores do vilarejo já se entendiam melhor.*
> *Porém, chegando às novas eleições para deputado, a lealdade do Sr. Levy ao candidato Araripe Serpa e de Ivens ao Dr. José Henrique Turner, ambos políticos residentes em São Paulo, lentamente afloravam de volta o bipartidarismo, o medo do adversário, as marolas de tensão, e ansiedade da espera das contagens dos votos. O povo estava cansado da monotonia da paz! e o trabalho de reaproximação das famílias sofriam abalos que acabaram por levar às rachaduras* [São Paulo, 28 de março de 2000].

Sobre a atitude do político Levy Lisboa, no ato de reconciliar com o líder Ivens Vieira, o Prof. José Emílio Carlos Lisboa relatou:

*E houve um fato muito importante que tenho que destacar, foi a grandeza do nosso pai, pois ele não tinha o domínio da política local, mas ele tinha um reconhecimento muito grande no âmbito regional, por conta do relacionamento com o Araripadre Aí então o Ivens Vieira e alguns correligionários da situação procuraram-no para fazer um acordo político, disseram: - Olhe, Levy, você tem prestigio com o governador e nós temos o mando local, vamos fazer uma união. E foi feito um acordo político para o bem do município.*


ELEITOR AMIGO

A 13 de Outubro, você tem um dever a cumprir. Votar bem para o bem de vossa terra. Para garantir o bem estar de vossa familia.

Vote bem votando em homens de bem.

PARA PREFEITO

CLOVIS VIEIRA DE MORAES

PARA VICE-PREFEITO

NATAL FAVALI

PARA VEREADOR

LEVY LISBÔA

ou N.o 1.611

Propaganda política no tempo da "paz"

*Esse acordo comprometeu o futuro político de meu pai que era de ser prefeito de Angatuba, estando aí a sua grandeza como político.*
*Voltando àquela minha fala inicial, relativa ao constrangimento, ao mal estar que havia entre as famílias, isso tudo foi eliminado com o acordo político. A cidade passou a ter uma ambiência de paz, gostosa, aí eu me*

*recordo de ir à casa dos ex-adversários da família e ouvia os comentários diferentes, positivos, favoráveis em relação ao nosso pai. Foi uma época gostosa, tanto no plano político como no da convivência entre as pessoas. Havia o lado também do parentesco, porque, um lado da família que havia se dividido, a partir de então as coisas melhoraram de forma substantiva* [Depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa, Angatuba, 2000, p. 4]



MALIT – 261: Procissão do Divino, s/d, Angatuba. Arquivo pessoal. Srs da esquerda: Bruno Pucci, Dr. Epitácio, Carizio Gouvêa, Levy Lisboa, deputado Araripe Serpa, Joaquim Aleixo, Ivens Vieira, Sra.Cecília Macedo Vieira e Sr. João Schettini.

O mesmo depoente ressaltou o rompimento entre as duas lideranças, no curto período de paz, compreendido entre 1961 e 1964, aproximadamente.

*Quando ocorreu a Revolução (31 de março de 1964), o que houve? O pessoal que era ligado ao Sr. Ivens, prefeito, já se ligou aos "revolucionários", o pessoal da "Redentora", pois já eram conservadores e aí o papai foi para o MDB. Voltou, então, novamente, a*

> *cisão, o racha político no município indo até a morte do Sr. Ivens, em 1968 (21 de junho)* [Angatuba, 2000, p. 4].

Com a morte dos dois líderes das facções oponentes na política local, apresentar-se como candidato natural à sucessão paterna parece ter funcionado como solução natural para famílias de políticos, que dão significado à atividade política como forma de se manter no poder local.

O depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa lembrou que:

> *Com a morte do Sr. Ivens, Roberto Ivens Vieira, seu filho foi o candidato à próxima eleição municipal. Meu pai disputou esse pleito e perdeu, foi uma derrota fragorosa. Aí o Roberto assumiu a Prefeitura (1969-1972), faz uma gestão muito ruim, pois sobretudo era uma pessoa de pouca sensibilidade política, com um viés autoritário muito forte. Meu pai, Levy, também morre (27 de setembro de 1971) e cria-se com sua morte um vácuo de liderança política. Minha mãe Eulina assume esse papel de liderança (...).*
> *(...) Em 1982, acabei por assumir o papel de candidato ao cargo de prefeito. Foi uma eleição bonita, nós éramos em quatro candidatos e eu ganhei dos três, ganhei em 1982 e assumi em 1983, com o vice-prefeito Sérgio Bertholai, filho de um grande companheiro nosso, Sr. Lau Bertholai. E foi um período muito rico para a atividade nacional também, não só mudança, como a volta da democracia (...). Esse foi um período de seis anos (...).*



MALIT-106: recepção ao candidato José Emílio Carlos Lisboa onde se vê da esquerda para a direita: Sérgio Bertholai, Enil Bóris de Moraes Ferreira, Almino Affonso, José Paz, José Emílio Carlos Lisboa, Ailton do Carmo Néri e Ulisses Guariba. Campina do Monte Alegre, SP., 1982. Arquivo pessoal.

> *(...) E os "Cupinchas tradicionais", na minha segunda gestão estavam todos comigo, indistintamente. E eram pessoas ferrenhas do lado do Toniquinho Pereira e do Sr. Ivens, pessoas que nunca acompanharam o meu pai. Uns poucos, mamãe já havia arrebanhado para o nosso lado e todos acabaram me acompanhando; foram essas pessoas que mais me defendiam (...). E tudo pela forma empática de tratá-las, também pela própria mudança que houve no município, não só em termos conceituais, como em termos de política administrativa (...). O caminho é esse: o da transparência, o da lisura e o das prioridades administrativas. Isso foi sensibilizando a comunidade, a ponto de mudarem esse pensamento forte, convicto a nosso respeito.*

Emílio Carlos procurou agir como um elo de ligação entre os grupos considerados adversários, podendo ser visto como um pacificador, ao afirmar que:

> *Esses anos todos eu acho que esse foi um dos nossos maiores feitos. Imagine, ser eleito um filho de Levy, o homem que lutou toda vida contra o* ***stablishment*** *local, de repente, esse sujeito veio para nos castigar, foi eleito (...) e agora vai ser a revanche. Deu-se o contrário, abri as portas da prefeitura, acolhi a todos. Mas só que eu sou muito*

> *rigoroso no trato com a coisa pública. O acesso até mim era direto, não havia intermediários. Foi um tempo de pacificação, de ambiência, de paz em Angatuba* [Depoente Prof. José Emílio Carlos Lisboa, Angatuba, 2000, pp. 17/18].

O prestígio político dos imigrantes italianos setentrionais, culminando com a ascensão do imigrante Francisco Turelli ao cargo de Prefeito Municipal de Angatuba (1911-1913), deu-se pelas características culturais e sociais, enfim o seu capital simbólico.

Retomando o debate sobre a transmissão de um capital político familiar, procurou-se explicitar através da atuação das lideranças dos grupos dos Cupinchas e Pescoceiras, como descendentes de uma mesma família de imigrantes italianos seguiram trajetórias paralelas e conflituosas no campo político local. Cada uma das facções agregou descendentes dos primeiros imigrantes italianos setentrionais e essas diferenças tiveram significância até a morte dos principais líderes políticos, primos entre si, respectivamente Ivens Vieira e Levy Lisboa.

## 3.3 – A construção das lideranças sócio-culturais na zona rural

| **BAIRRO DO BOM BOM** |
|---|

**Família Bertholai**

| **Geremias Bertholai e Rosa Piacenza**<br>Lavrador - Sant' Anna Pélago (Módena) |
|---|

⇓

| **João Bertholai**<br>(lavrador) | **Hermenegilda Bertholai**<br>**E**<br>**Giácomo Sardella**<br>(comerciante, lavrador) | **Mário Bertholai**<br>(lavrador)<br><br>⇒ líder comunitário<br>(Igreja e Educação) |
|---|---|---|

↓ ↓

| **Lauro Bertholai** (lavrador, negociante) ⇒ líder político ⇒ Vereador: 1964-1968 MDB 1969-1972 MDB ligado à política de Levy Lisboa: PTB/PTN MDB/PMDB | **Humberto Sardella** (lavrador) ⇒ animador – cultura popular ⇒ violeiro, fandangueiro, cantor e produtor de música caipira | **Alcides Bertholai** (lavrador) ⇒ líder comunitário (Igreja) ⇒ fundador do Sindicato dos Trab. Rurais de Angatuba, Buri e Região-1975 ⇒ participante da CEB do Jd. Novo Mundo, Sorocaba, 1985-1997 |
|---|---|---|

↓

**Sérgio Bertholai** (negociante)
⇒ Vereador: 1977-1981 PMDB
⇒ Vice-prefeito: 1985-1988 PMDB, com José Emílio C.Lisboa, Prefeito ligado à política de Levy Lisboa

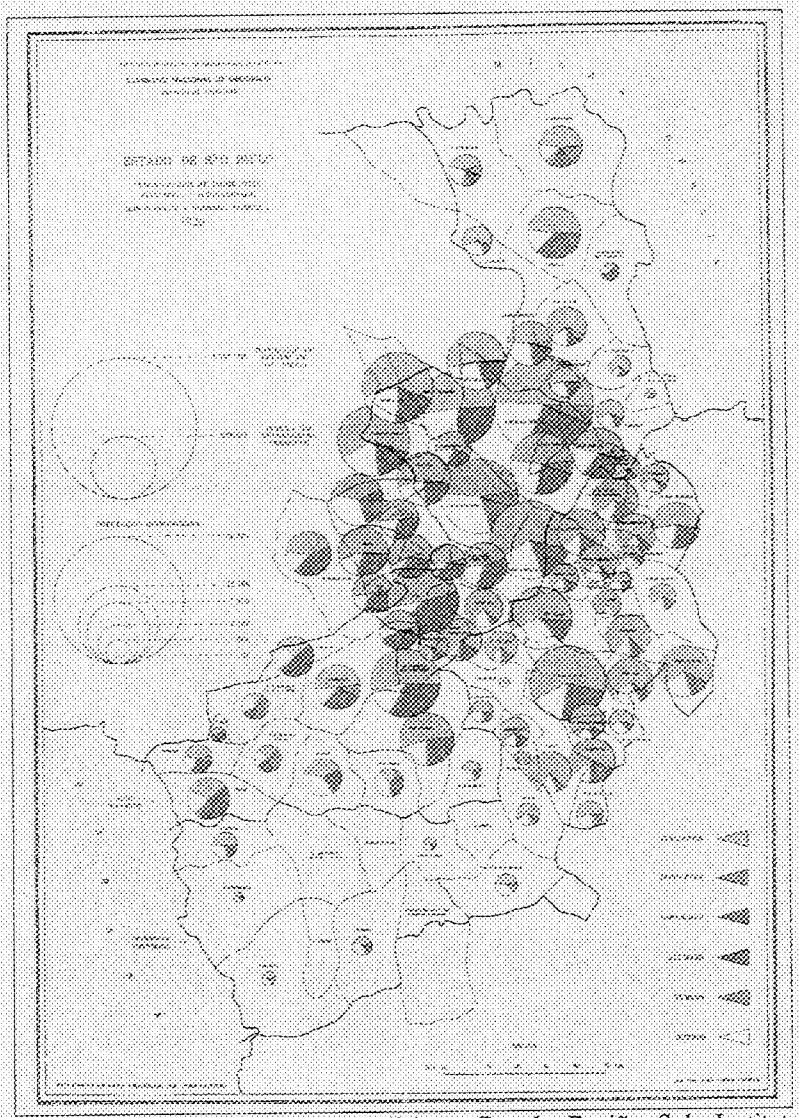
**Família Nanini**

**Baptista Nanini e Rosa Nanini**
↓
Lavrador - Sant' Anna Pélago (Módena)
⇓

**Fernando Baptista Nanini** (1ª geração)
Lavrador
⇒ Inspetor de Quarteirão
⇒ Capelão
⇒ Líder comunitário (Igreja e Política)

O próprio Consulado Italiano, ao marcar a data comemorativa da vinda dos imigrantes italianos para o Estado de São Paulo, salienta a importante participação de algumas famílias imigrantes italianas no desenvolvimento das atividades agrárias no município de Angatuba, como revela o texto elaborado por Pesani:

> *(...) No Município de Angatuba, residem cerca de 800 italianos e cerca de 1.700 filhos de italianos, que se dedicam, em sua maioria, à agricultura e a indústria subsidiária. As propriedades agrícolas pertencentes a nossos compatriotas e seus descendentes são 16, com uma extensão de 591 alqueires, pelo valor capital de cerca de 200 contos de réis. Entre os principais agricultores italianos e de origem italiana, citamos: Ângelo e Giuseppe Santi, Rosa Bertholai, Nicodemo Basile, Virgílio Sargio; entre os industriais: Giuseppe Basile com fábrica de laticínios (...)* [PESANI, 1997, pp. 470/471].



Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Grande Região Sul. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, Rio de Janeiro, RJ., XI Volume, 29 de maio de 1960, p.4.

Dentro de uma prática comum entre imigrantes, as iniciativas no âmbito de obtenção de terras e a rede de relações estabelecidas por Francisco Turelli[93], proporcionaram aos seus parentes, Geremias Bertholai e família, e os conhecidos Baptista Nanini e família, imigrantes italianos de Sant'Anna Pélago, fixarem-se no Bairro do Bom Bom. Da mesma forma outros parentes, Angelo e José (Giuseppe) Santi, formaram o bairro de Sant'Anna dos Italianos ou Barreiro dos Italianos, ambas localidades rurais do município de Angatuba.

[93]Vide pp. 147-151.

A inserção das famílias Bertholai e Nanini no Bom Bom está relacionada à aquisição de terra e sobretudo à atuação dos seus descendentes no campo religioso, político e social.

O italiano Fernando Baptista Nanini, conhecido "Nande", filho de Baptista Nanini, reconstruiu pela memória a fixação da família no bairro e enfatizou a agricultura como sustentáculo familiar.

> *Como eu digo, nóis quando entramo aqui no bairro do Bom Bom, nóis incontramo vários conhecido, que agora eu posso citá os nome: Generoso dos Santo, Sarvador Filício, José Appolinário, João Viêra, Craudino Mêra... Esses era os home que já morava no bairro do Bom Bom, já anos antigo, véio. Que foro, que fizero as primera derrubada e prantaro café.*
> *Precisava derrubá mata pra prantá café. Intão, aí, eles prantaro o café, é prantaro na lavora, e depois logo começaro a prantá argodão, mais era cum muita dificurdade. Tudo era cum burro pra descê morro, subi a serra (Serra do Bom Bom), inxadão, inxada (...).*
> *Prantava mais era café, porque o milho, o arroiz, o fejão, num valia nada, só pro gasto, pra tê pra família.*
> *O café as veiz ficava uma safra d' um ano pra otro na túia, porque num incontrava comprador e o preço num compensava.*
> *Mais era só café! Digo pra voceis, era só café o bairro do Bom Bom! Tudo os proprietário tinha uma parte grande de café no sítio. Aquele tempo o café dava. O café naquele tempo, num é como hoje... que hoje o café dá um arvinha piquena, num era café cum muda. Eu me lembro no sitio de meu pai (o imigrante italiano Baptista Nanini) de cafezar de café antigo, qu' eu já era rapaz bem criado, intão eu subia na iscada pra tira o café de cima, muito alto. De uma árvore de café, você passava notra, produzia demais, imbaixo das árvores intão... tinha que tirá, porque produzia demais.*
> *Eu tinha tios lá na Itália e meu pai mandava até café limpo lá pra eles torra, no começo da nossa vida aqui n' Angatuba. Depois eles criaro uma lei que num pudia mais mandá café, aí fecho, acabô.*
> *Aqui, quem comprava café era os Perera, antigamente. Comprava pra limpá o café e vendia pra São Paulo, ia tudo pela Sorocabana, tudo de trem. Até a estação ia de carroça, carro de boi...*
> *Urtimamente veio uma lei até pra queimá o café, num sei se vocêis lembra que o governo mandô queimá o café, porque num tinha exportação, num tinha consumo de café, intão eles queimava. E, hoje tá im farta. Mais, a farta de café, sabe o que é? É a giada, a giada tá acabando c' o café em tuda parte. Antigamente aqui na Serra do Bom Bom, precisamo larga do café, nóis tivemo que largá do café, nóis tivemo que largá do café formado. Tinha lá deiz mil pé de café, tudo*

*formado, que era um mato, produzindo tanto café. Um ano deu uma neve, queimô tudo, que eu nem tenho nem prazer de lembrá. Acabo cum tudo. Precisô podá de novo, pra reformá de novo.*
*Bom, reformemo, fizemo prantação nova, quando dali a nove ano, deu otra giada grande e torno torra tudo. Aí a gente foi desanimando co' o café. Uma, que num valia nada e era perda de tempo, né? Intão, comecemo a lida cum otra prantação: argodão, milho, arroiz e fejão. Era nosso serviço lá.*
*(...) Vocêis intende? Um pai que cria treiz, quatro, cinco fio... vê, um fica aqui, otro ali... intão começa a derrubá, derrubá mato. Pois eu, o meu pai, nóis tudo lá do Bom Bom ajudemo derrubá mato, mato virge do Bom Bom. Fazia aqueles puxirão, reunia muita gente, vinte, trinta home pra fazê aquelas derrubada de mato prá prantá. Foi indo que acabo, num tem mais nada. Hoje, o Bom Bom tá quase im pastage, as terras só serve prá pasto. Acabo co' a natureza, e café num tem mais, só um pouquinho pro gasto. O Bom Bom tá servindo só pra criá, só pra criação, porque pra curtura tá muito ruim!* [Depoente Fernando Baptista Nanini, Angatuba, 1990, pp.6/7/8/9]

O depoente rememorou sua atuação na comunidade:

*(...) Quem fazia as istrada aquele tempo era os próprio povo do bairro. Ah! Eu mesmo fui "quarterão", "Inspetor de Quarterão"* [94]*, por assim dizê, da prefeitura, fui por duas veiz. Era pra abri istrada no tempo que eu tava lá. Eu já era moço, intão fui oficiado prá tomá conta das isquadra do Bom Bom, tomei conta por duas veiz pra Prefeitura. Fui inspetor da Polícia por duas veiz também, fui autoridade no bairro.*
*Intão, o que mais fazia: as istrada era aberta por uma turma, cada bairro reunia sua isquadra e avisava: - tar dia nóis vamo abri a istrada. Fazia roçada, porque nóis tava cum dificurdade (...), isso qu'eu digo, hoje im dia o povo recrama da vida, hoje o povo tá na glória! Fazê roçada, tirá cova dum taio dali d' otro dia im diante, picareta, inxadão, inxada, abri isgoto, intupi os buraco (...), mais num adiantava nada porque a gente fazia lá os serviço que poco durava, vinha a chuva já istragava de tudo.*
*Fazia tudo de novo e assim foi, foi até aperfeiçoá como tá hoje, levô tempo.*
*As máquina da Prefeitura facilitô muito, as istrada cunserva mais, além disso eles põe aqueles cantonero pra cunservá as istrada, não é? Do bairro do Bom Bom prá descê no Bom Retiro, se fosse cedo, moiava do peito prá baxo de orvaio, porque num era istrada, era tudo por meio da*

[94]Funcionário nomeado pela Câmara Municipal com funções administrativas no bairro, sem qualquer tipo de remuneração, apenas prestígio e reconhecimento na comunidade rural. Cargo criado pelo Código de Posturas do Município, em 16 de fevereiro de 1887, 1° Livro da Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887, p. 26.

*capuera ( ...). E eu que organizava* [Depoente Fernando Baptista Nanini, Angatuba, 1985, p. 7].

O bairro rural e sobretudo a capela constituem o espaço social por excelência na vida dos imigrantes italianos e seus descendentes fixados no município de Angatuba. É nele que as ligações se processam e suas significações se viabilizam, como o sentimento de convivência, ajuda mútua, participação e religiosidade. A capela, por exemplo, sempre serviu de espaço de convergência, de manifestação do sagrado, do lúdico, da intencionalidade do encontro.

Roger Bastide afirma que:

> *(...) A religiosidade não pode viver sem os ritos onde as almas se unem (...) as distâncias impediram os padres de oficiar no interior. Assim, para obreviver, este catolicimo rural é obrigado a criar suas próprias instituições e inventar seus próprios chefes. Em toda a parte se encontram rezadores, às vezes um negro velho, às vezes um caboclo ou um branco mais ou menos iletrado, que reúne alguns homens da terra em redor de uma capela privada e lá recita as ladainhas e celebra as novenas. Assim, na ausência do padre a fé que necessita de alimento espiritual organiza seus próprios meios de conservação. Mas o leigo que celebra os ritos, muitas vezes tem somente conhecimento elementar do dogma, quando tem algum, e pode-se entender porque a superstição pôde grassar tanto no tronco católico. O rezador não é sempre necessariamente um benzedor, é que cura as enfermidades dos animais tanto quanto dos homens fazendo um sinal da cruz e murmurando algumas palavras latinas – mas freqüentemente é. Em qualquer caso estes dois tipos sociais são um par indissolúvel nos distritos rurais* [BASTIDE s/d, p.13].

A figura do capelão, denominação dada ao "padre-leigo", é que dava uma dinâmica própria ao isolamento físico e à regulação da religiosidade do tipo popular. Esse agente social foi o responsável pela incorporação inclusive de crenças do catolicismo luso-brasileiro de cunho agrário, através dos ritos, do catecismo, do contato com os mortos e outros componentes religiosos integrantes na vida dos ítalo-brasileiros da zona rural.

> *(...) A senhora acredita qu'eu comecei a pratica igreja no Bom Bom, eu já tava co's meu dezoito ano. Ainda num tinha capelão, num tinha quem puxasse o terço, num tinha caticismo (...), eu qui dirigia a capela do*

*bairro, ajudava o padre a celebrá missa quando vinha no bairro. Na casa do meu pai tudo dia nóis rezava o terço, tinha as reza, mais tudo im italiano. Sabe, intão, que lá na capela, no caticismo pras criançada e no terço as veiz eu atrapaiava um poco, mais que saía im italiano o "Pater Nostro" a "Ave Maria Gracia Plena" (...) mais dava tudo certo.*
*(...) Quando morria arguém, quanta dificurdade! Eu ia ajuda lidá c'o morto, fazê os arranjo. Quantas veiz eu num vim tira atestado médico, de óbito e ajudava a trazê o defunto na rede. Sabe como era? Amarrava as ponta da rede numa vara e carregava o defunto que tava ali dentro da rede, isso de dois im dois, um na frente otro atrais e segurando firme no ombro, isso desde a Serra do Bom Bom até aqui n'Angatuba. Quantas veiz eu num ajudei a trazê e interrá no cemitério! Era sempre cum dificurdade. Até hoje é, num digo que seja face trazê de quatro, num é? Porque agora traiz no caxão e de lá pra cá são duas légua.*
*(...) Era eu sempre que por motivo de força maior, por doença, prá buscá quarque remédio na farmácia, precisava num é? Intão eu vinha no cavalo, descia a Serra do Bom Bom e as veiz já era tardão da noite saía daqui d'Angatuba prá subi a Serra e ajudá as pessoa. Era sempre assim!* [Depoente Fernando Baptista Nanini, Angatuba, 1990, pp.12/13].

O ítalo-brasileiro Alcides Bertholai também lembrou do processo de fixação do avô Geremias e família no bairro do Bom Bom. Foi em torno da dinâmica, terra, família, trabalho e religião que o depoente organizou seus valores de vida e de representação social. Sua preocupação ligada ao patrimônio e ao trabalho dá-se face à tentativa de mostrar sua ação política sob um viés de conflito/tensão frente às representações sociais do espaço rural, do cooperativismo.

*Meu avô Geremias Bertholai tinha as terra aqui no Bom Bom. Derrubô muito mato pra prantá; e prantava café. Tinha também argodão, uva, tinha um pequeno gado leitero, tinha pomar. Prantô uma fileira de pinhero (lembrança da Itália) e dizia: - Estô prantando, mais num sei se chegarei a aproveitá os fruto. Mais ele comeu sim, os fruto do seu suor.*
*Ele era de estatura mediana, claro, magro mais muito finório. Quem se aproximasse dele, logo dizia em italiano, que os ôtro num cumprendia: - o que estão a fazer, que eu quero trabalhar!*
*Levantava às quatro da madrugada, pegava um taio de polenta, colocava na brasa e comia cum café. Vortava do cafezal às onze hora,*

*se banhava, almoçava, dormia e às quinze hora vortava prô cafezal, retornando só no anoitecê.*

*Ele prantava muito café. tinha uma túia de pôr café. Um terrenão também cum terrero, e lá depois tinha um quartinho, uma escadinha pra pegá lá os saco de café e despejá na túia.*

*Vendia o café n' Angatuba, tinha a máquina de café dos Turco.*

*O café im côco era secado no terrero. Pra nóis, pro gasto era o café im casca, socado no monjolinho de pé, depois abanava co' a penera, iscolhia, tirava tudo o que num limpo. Vai torrando na panela de ferro. Quando começa a arrebentá, põe açúcar, derrete o açúcar, daí despeja numa bacia, resfria, pra depois soca no pilão à mão.*

*Como o café num tava dando mais bom negócio, ele prantô algodão, ele foi dexando de lado o café. Mais o meu avô dexô tudo o cafezal formado pro meu pai Mário, que prantô mais um poco. Quando ele viu também que num dava, daí ele mudo de idéia, prantô algodão.*

***Pergunta:*** *Consultando os documentos, pude perceber que não só o seu casamento, como o do seu irmão José Bertholai, foram realizados no mês de julho. Tem alguma explicação para isso?*

*A - Porque era o fim da colheita. E era o mês de julho que nóis colhia o algodão. Os Bertholai, minha família, prantava também algodão, era vendido e, tinha uma renda pra família, daí, podia casá![95]*

*(...) O meu pai Mário Bertholai era uma pessoa muito estimada aqui no Bom Bom, muito ligado co'a Igreja, ajudo a construi a capela nova e a escola, foi Inspetor de Quarterão (...).*

*Quando morria arguém ele era chamado pra fazê os arranjo, lavá o defunto, trocá, pôr a mortalha (...)* [Depoente Alcides Bertholai, Bairro do Bom Bom, Angatuba, 1999, pp. 9/10]

O depoente Alcides Bertholai enfatizou suas ações frente ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais que ajudou a criar:

*Eu acho que o jeito de ser, de ajudar no bairro, de lutar pelos direito dos otro, pelo home do campo, já tá no nosso sangue, já vem do nosso pai, do nosso avô.*

*Foi no ano de 1970, que muitos lavrador do bairro do Bom Bom se reunia nas casa pra participar dos Círculos Bíblico, daí brotô a idéia da criação de uma Associação que atendesse os apelo do home do campo,*

[95] Quase todos na família se casaram no mês de julho.

*tomasse a defesa dos seus direito. Um dali propôs a criação de um sindicato, puis já falavam nisso im Sorocaba, mais que era tudo isso istranho ali naquele meio, mais que começava a vingar. Notro dia, de manhãzinha, os padre[96]: Ernane (Ernani Angelini) e Adhemar (Adhemar Bortholetto) levaram eu pra Guapiara, participar duma Assembléia dos Trabalhadores Rurais de Angatuba. Daí qu' eu tive meu primêro contato co tão falado Sindicato dos Trabalhadores Rurais.*

*Vortando pro Bom Bom, a notícia de Guapiara correu por todos os canto do bairro e na vizinhança. Intão, uns quarenta representante do bairro se reuniro no Salão Paroquial em Angatuba, pra criar realmente o Sindicato.*

*As autoridade civil, militar, foram tudo cunvidado já na véspera pra isso, mais de propósito. E fui eleito presidente e fiquei nesse cargo de presidente do Sindicato por oito ano.*

*Cum muita calma, ponderação cum jeito, fui cativando arrebanhando muito lavrador pro Sindicato, daí eles sindicalizaram. Conseguimo muita vitória pra essa crasse trabalhadora, sendo a mais difice, a mais cumpricada foi: - uma questão de grilagem em 1979. Um pobrema fundiário muito sério pr' Angatuba e região.*

*Numa extensão de 1.149 arquêre de terra, pegando os bairro do Faxinal, Bom Bom, São Miguel do Barrêro... berava o rio Itapetininga até o Distrito de Rechã, vindo pro São Miguel do Barrero até o Lageado. Sessenta proprietário, entre pequeno e médio, se reunimo no bairro do Faxinal, o Wilson Bertholai, meu subrinho e secretário do Sindicato, eu que era o presidente, o Joãozinho da Serraria, que era o tesorero e a advogada Dra. Marta. Foi muito importante a participação do sitiante Sr. Pedro Gildo dali do bairro, porque ele era um dos mais velho dali e conhecia tudo muito bem, as terra, a história, tudo. Nóis, da direção do Sindicato, pidia pra todos muita união e não a morte dos grilêro.*

*Lutar com união, vence a causa! eu dizia. Unidos, prosseguimo a luta cum muita reunião dos sindicalizado, até cum autoridade jurídica da Capital.*

*O juíz da Comarca de Angatuba visivelmente pendia pro lado dos grilero. Transferiro o Juíz, e o Promotor Público começo auxiliar nas investigação.*

*Doze Juíz Corregedor viero no Forum de Angatuba, ouviro oito trabalhador e a advogada Dra. Marta. A Sra. Jaça Tazioli pediu pra ser interrogada, puis esta senhora era amiga da advogada e torcia pela*

[96]No período compreendido entre 1960 e 1980, a Igreja Católica de Angatuba contou com a presença de três padres: Antônio Valêncio de Oliveira, Ernani Angelini e Adhemar Bortholetto. Estes dois últimos organizaram grupos de jovens, tanto na zona rural qaunto na zona urbana, círculos bíblicos, voltados para a ação social na Comunidade, em defesa dos oprimidos. Tanto os membros do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angatuba, quanto o depoente José Emílio Carlos Lisboa, tiveram suas formações políticas também ligados a esses padres da Igreja Progressista e ao trabalho dos Voluntários Holandeses que eram técnicos das áreas social e agrícola, que se estabeleceram em Angatuba e Região. Jovens progressistas que desenvolveram projetos alternativos na zona rural de Angatuba e enriqueceram culturalmente essas lideranças políticas.

*causa e foi ouvida, mesmo porque o seu depoimento num tinha qualqué relação co' a grilage, era uma ação particular, de família, mais que envorvia um dos cartório.*
*Resurtô uma verdadêra devassa! Houve suspensão dos funcionário, cum exceção da Sra. Marisa Zacarias lá de um Cartório.*
*O mentor dos grilêro era o Sr. Gabriel Martins, do Distrito de Tupi, na divisa de Angatuba cum Itapetininga, de família muita antiga dalí, que associo co' s advogado de Sorocaba, uns bandido. Conseguiro documentos falso e tentaro robá essas terra de mais de cem ano que era dos bisavô, dos avô, dos pai, que pertencia tudo aos sitiante. Mapiaram toda a região de avião, um fenômeno que era curriquero no céu desses 1.149 arquêre. Mais, graças a nossa união, a nossa luta, tudo foi pros ar, cum avião e tudo!*
*(...) Fui morá im Sorocaba por uns tempo, lá no Jardim Novo Mundo e participei da CEB junto co' a Igreja e conseguimo muita coisa. Uns filho meu ficaro lá e eu vortei aqui pro Bom Bom, continuo como membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Angatuba, Buri e Região* [Depoente Alcides Bertholai, Bairro do Bom Bom, Angatuba, 1999, pp.2/3/4]

O imigrante italiano Giácomo Sardella e esposa Hermenegilda Bertholai eram prósperos comerciantes e lavradores no bairro do Bom Bom, depois no bairro do Bom Retiro. O filho Humberto Sardella labutou desde tenra idade na lavoura, lutou muito para sustentar seus dezoito filhos de três casamentos. Trabalhou pra possuir um "pedaço de chão" que pelo menos lhe desse uma velhice digna. Não lhe sobrou nada do patrimônio paterno, mas se contentou pelo fato de que sua filha Rosa, pelo casamento, herdou do marido uma parte da terra que fora o alambique do seu pai Giácomo. Com muita tristeza disse repetidas vezes: "- A terra num tinha valor". E com muita veemência: "- Nunca trabalhei cum banco! (...) E fui lutador da vida e num tenho nada hoje!".

Sua identificação com a cultura caipira é a grande herança pela qual se tornou lembrado. Assimilou do caipira o jeito de cantar modas de viola, dançar o fandango, recomendar almas, muita alegria e disposição nas festas do Bom Bom, nos mutirões e nas festas dos santos padroeiros dos bairros vizinhos.

*Eu cumpanhava o Miliano (Emiliano Leite Meira) nos fandango e sabia umas par de moda dele. Também cantava co compadre João Fogaça (...) Eh, meu Deus do céu, meu coração tá batendo fora do lugar!*
*Eu gostava muito era da Moda "Rapa túia", eu dizia que fartava arroiz, fartava fejão, fartava farinha... mais dava jeito.*

*(...) Eu ando meio jururu e num posso canta mais, o Vicente (o violeiro Vicente, filho de Salvador Vicente, do bairro do Bom Retiro, também violeiro) canta as moda do pai dele que tamém cantava cum nóis: -*

**Ramar de Botucatu**

O ramar que vem de Botucatu
E o ramar que vai lá pra Bauru,
Eu vô s' imbarca, eu vô pra Jaú,
Os amor qu' eu tenho, num levo nenhum,
Meu bem fica triste, fica jururu,
A minha moreninha dos zóio azu.
(repique da viola)
Vô garra sertão, vô caça guaçu,
Eu sô muito incrinado caça uru,
Araguaí na roça fazem guaiu,
Tiriri, baitaca, cuiú-cuiú,
Gosto de caça pomba nos cururu,
Do corpinho gordo que nem baú.
(repique da viola)
Trago o penachinho puro do jacu,
Pra minha moreninha infeita o fichu,
Os amor qu' eu tenho conto só pra argum,
Pra conta pra tudo eu num sô Artu,
Que a minha moreninha é de zóio azu,
Cabelinho crespo que nem inxu.
(repique da viola)
As véia do meu bairro fazem furundu,
Tamém faço roda que nem piru,
A mordida num dói caninana-uçu,
Sendo dolorida e meio giçu,

As véia me diz: - sai pra lá inju,

Os beijo das véia são mesmo imbiriçu.

(repique da viola)

Eu tamém tô véio as moça me caçum,

Quase regulando, quase dois por um,

Mais tendo uma violinha pra quando incordu,

Pego na violinha tu ru rum, tum, tum,

Eu pra toca viola sô que nem tatu,

Só pra faze moda qu' eu sô meio cru."[97]

Depoente Humberto Sardella, Bairro do Bom Bom,

Angatuba, 1999, pp. 13/14]

---

[97]O depoente Humberto Sardella estava meio "jururu" como disse e para aguçar sua memória a família chamou um violeiro do bairro, o Sr. Vicente, cujo pai, Salvador Vicente, que era do bairro do Bom Retiro, foi também violeiro e companheiro de "Berto Sardella". Dentre as modas tocadas, essa, "Ramar de Botucatú", foi a que mais entusiasmou o depoente.

Alcides Bertholai e o irmão José Bertholai, presentes na entrevista, lembraram alguns significados dos termos dessa moda de viola:

Guaçu - pássaro inambu-guaçu, acinzentado, meio marronzinho, anda pelo chão, sai muito no tempo das tigüera de roça.

Araguai - da espécie dos papagaios, baitaca. Gosta muito de gurupiá (ramada de espinho, dava uma fruta amarelinha), não existe mais. Quando existia essa fruta, os passarinhos ficavam aos bandos sobre eia. "Acabô-se as fruta, se acabaro os passarinho, mais estão vortando aos pôco os araguaí", disse o Sr. Alcides.

Cuiú-cuiú - passarinho verde com topete vermelho, parece periquitinho. Se alimenta de um mato chamado govetingüera.

Cururu - de pombo, é um arbusto verde, dá em cachinho: - "No tempo das água ele brota no isterco." disse Sr. José Bertholai.

Jacu - Sr. Alcides explicou que: "é um passarinho preto do tamanho de um frango criado, das mata só sai prá buscá alimento bem cedo e no intardece."

Uru - sobre este pássaro buscou-se no depoimento do Sr. Nande Nanini, em outras entrevistas: "- o uru, se vocêis verem o uru lá no mato do Bom Bom, vocêis ficam apaixonado, viu? Pra quem é criado na cidade, que num conhece, porque é um passarinho, ispécie de Angola ou menor um poco, anda de bando no mato. Quando chega a tardinha, no sór entrá, eles têm o lugar certo de dormi, intão eles avoam tudo im riba daquele pau, aí fica tudo infilerado e começam a cantá antes de dormi. De longe iscuta o canto dos uru que até atrôa no mato." [Angatuba, 1985, p. 24].

**BAIRRO SANT' ANA DOS ITALIANOS OU**
**BARREIRO DOS ITALIANOS**

**Família Santi**

**José Santi e Annunciata Santi**

Sant' Anna Pélago

Camponeses na terra até a 3ª geração

Capital escolar dos filhos e a melhoria de vida com a terra

⇩

**Riciéri Santi e Philomena Basile**

Lavrador

⇩

| **José Santi Sobrinho** | **Domingos Santi** |
|---|---|
| Lavrador | Lavrador |

Os irmãos José Santi Sobrinho e Domingos Santi e suas famílias, permanecem nas terras centenárias dos seus ancestrais José e Angelo Santi, imigrantes italianos. A história secular dos antepassados incorporada nesses proprietários e trabalhadores ao mesmo tempo, é de envolvimento mercantil da produção agropecuária, de profunda relação com a terra.

A organização da vida dos agentes sociais envolvidos e suas estratégias são relatadas como experiências de um mundo historicamente vivido no bairro do Barreiro dos Italianos ou Sant' Anna dos Italianos.

> *Quando minha família veio da Itália, eu acho que chegaro em Santos, depois São Paulo e daí viero pra Itapetininga, de Itapetininga pra cá, meu pai veio num carguero. Num tinha condução.*

*(...) O Turele (Francisco Turelli) tinha fazenda nos Corrente e falô: - Pra mim levá vocêis na fazenda... eu vô morrê logo (...) intão eu vô levá vocêis no Barrero. Já era Barrero, troxe num "Comum"[98] que tinha aqui, que num tinha dono (...) um comunzão num tem dono. E o Turelli já sabia dessas terra. Daí eles ficaro ali, fizero uma barraquinha. Daí ficaro ali, trabalhando, foro fazendo, indo, aumentando, foro comprando. Mais sofrero! No começo sofrero! Ah! Nem intendiam o que os otro vizinho dizia, precisavam de uma coisa, num sabiam falá o que precisava. Muitas veiz queriam farinha, feijão, mostravam assim (o Sr. José faz gestos com as mãos) e a pessoa arrumava pra eles. Um num intendia otro, ninguém falava italiano. Só sei que foro pegando amizade. Mais no começo sofrêro também co' esse bichinho aí, co bicho de pé, num sabiam o qu' era, nunca tinham visto. Tavam ficano alejado, num pudiam quanse andá, num sabiam o qu' era aquilo, daí os vizinho expricaro como é que faziam pra tirá, daí eles aprendero.*

*(...) Co' alimentação também sofrero, iii... No começo era só fubá, meu pai (Riziéri Santi) falava que era só sofrimento, nossa, sofria!*

*E era um arquere de terra ali no meio, depois foro comprano e fico mais de 800 arquere (...). Do tio Angelo era poca terra, era a da "casa grande" o meu avô (José Santi) que tinha mais, os dois ficaro pertinho um do otro. Prantaro café, muito café.*

*(...) Meu pai que doô o terreno pra construi a capela de Sant' Anna e até hoje tem festa no bairro. Hoje tem poca gente por aqui, mais antigamente tinha muita lavora, agora tem poca lavora e tem poca gente, foi imbora quase tudo o pessoar. No nosso terreno mesmo tinha os meêro, os forero que morava na terra. Naquele tempo chegavam assim: - Num dá pra arruma um lugar pra mora? E a gente arrumava. Tinha muito morador que trabaiava pra nóis, prantava pra si, porque tinha bastante terra.*

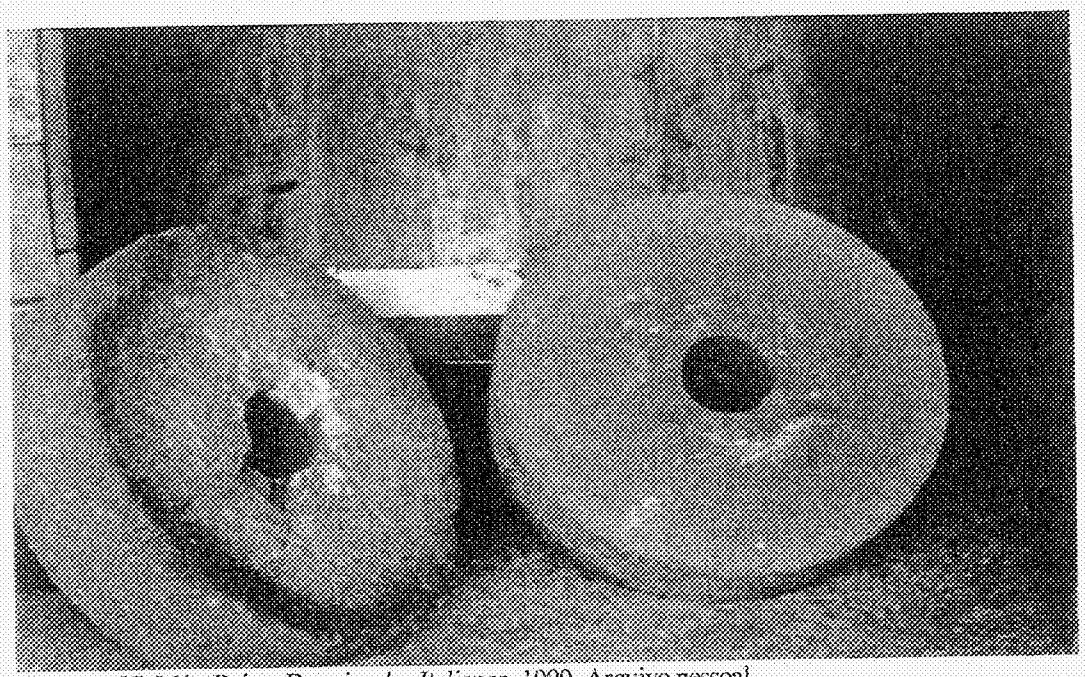
Sobre a introdução de nova tecnologia na construção:

*(...) Daí fizero a primeira casa de tábua, depois fizero de tijolo, mais o tijolo eles mesmo fizero amassando c' o pé prá queimá na caiera, prá depois fazê a casa. A telha eles fazia também e era na mão, tinha uma forma de pau que fazia a telha. A areia, o pai falava que puxava lá de baxo, longe e tudo as criançada de saquinho nas costa ia buscá pra rebocá a casa. Depois fizero o terrero de café, a túia (tulha). É, eu nasci na túia, o meu pai casô e no começo foi morá na túia. Tinha a casa do meu tio (José Santi Filho) e do meu avô que era casa de tijolo mais a do meu pai era na túia de tábua. Depois que fizero a casa lá no "Degredo". Tinha horta e muita frutera (...).*

[98] A expressão "Comum", ou "Comunzão", na linguagem do depoente significa que as pessoas foram tomando posse das terras e depois de um certo tempo requeriam o usucapião.

E uma nova tecnologia na moagem de grãos:

> *Tinha um muinho tocado a vento prá moê o milho (o primeiro no município) que era o Arthur Andretta que feiz, esse italiano que tava fazeno parte de madera da igreja Matriz de Angatuba. Ele inventô esse muinho feito tudo de madera, interinho de madera, ele mandô pra São Paulo tudo aquele material pra fazerem tudo de ferro e fizero, daí que ele levantô o muinho aí, as ingrenage tudo de madera pra faze muitas veiz maior que aquilo no ferro. E funcionô o muinho! Ele inventô esse muinho só pra qui pra ninguém mais.*
> *(...) E durô muito tempo (...) eu tinha uns quinze ano e o muinho inda tava de pé, hoje só tem as nó como lembrança.*



MALIT –87. Mós, Bairro Barreiro dos Italianos. 1999. Arquivo pessoal.

Uma forma de beneficiar o leite e as dificuldades nas lidas com o gado suíno:

> *(...) Tinha o gado, e o leite era só prô gasto, faziam muito queijo, o queijo fresco e o "cavalo". Prantaram muita roça pra criá porco. A safra maior era de cafê e porco (...). O porco era tocado tudo de a pé pra imbarcá lá na estação do Hermilo (Estação da Estrada de Ferro Sorocabana. Engenheiro Hermilo). As veiz era porco muito pesado, gordo, num güentava andá, num tinha condução, daí tinha aqueles carrinho que diziam "carrinho de bode" aqueles carrinho piquinininho e*

*colocava argum porco e treis, quatro, impurrava o carrinho prá levá lá no Hermilo. Tudo tocado, levava dois dia pra chegá; e hoje tudo tão perto, não? Até que im 1922, o tio José comprô caminhão, depois compraro um chevrolet em 1928.*

A família Santi deu continuidade à produção vinícola iniciada no município pelos imigrantes italianos João Tazioli e Francisco Turelli:

*(...) Na mesma terra roxa do café prantavam uns doze arquere de uva mais o meno, era uma uva preta, miudinha, de cacho grande. Tinha uva branca também, mais era poquinho os pé. Intão misturavam tudo (...). Na colheita era uma gentarada, o bairro intero vinha colhê, quem num era impregado, tudo mundo (...). Era pra pagá, mais ninguém queria recebê, porque comiam o dia intero. Punham nas cartola*[99] *de madera que o Arthur também fazia, depois de pronto vendiam as cartolinha.*

Buscou-se em Woortmann e Gaiger o significado de "ethos" do trabalho. Para Woortmann, quando se fala em "ethos", fala-se em representações inseridas, produzidas e emitidas sobre o vivido e a realidade social na qual o indivíduo está inserido, socializado e que também define o seu comportamento (1995, p. 18). Na visão de Gaiger, o "ethos" diz respeito a uma sabedoria implícita ao domínio das informações sociais e mentais que são operacionais e adquiridas ao longo da experiência da vida (1994, p. 178).

Destarte, o "ethos" do trabalho, o "lavoro" para os imigrantes italianos e seus descendentes, tanto da zona rural quanto da zona urbana, envolve a capacidade e a qualidade herdadas e inatas para o trabalho bem feito. Para os da zona rural, o "ethos" faz parte de uma identidade social, uma identidade camponesa a qual foi trazida da Itália pelos pais e avós e na medida em que vai se relacionando com os da terra, os costumes caipiras vão sendo moldados, permanecendo a identidade camponesa. E o "lavoro" era intenso, como afirma o depoente José Santi em seus relatos:

*(...) Mais trabalhavam que nem loco, na inxada de sór a sór a semana intera, até no domingo trabaiavam muitas veiz. No dia de Sant' Anna, a padroeira, daí num trabaiavam.*

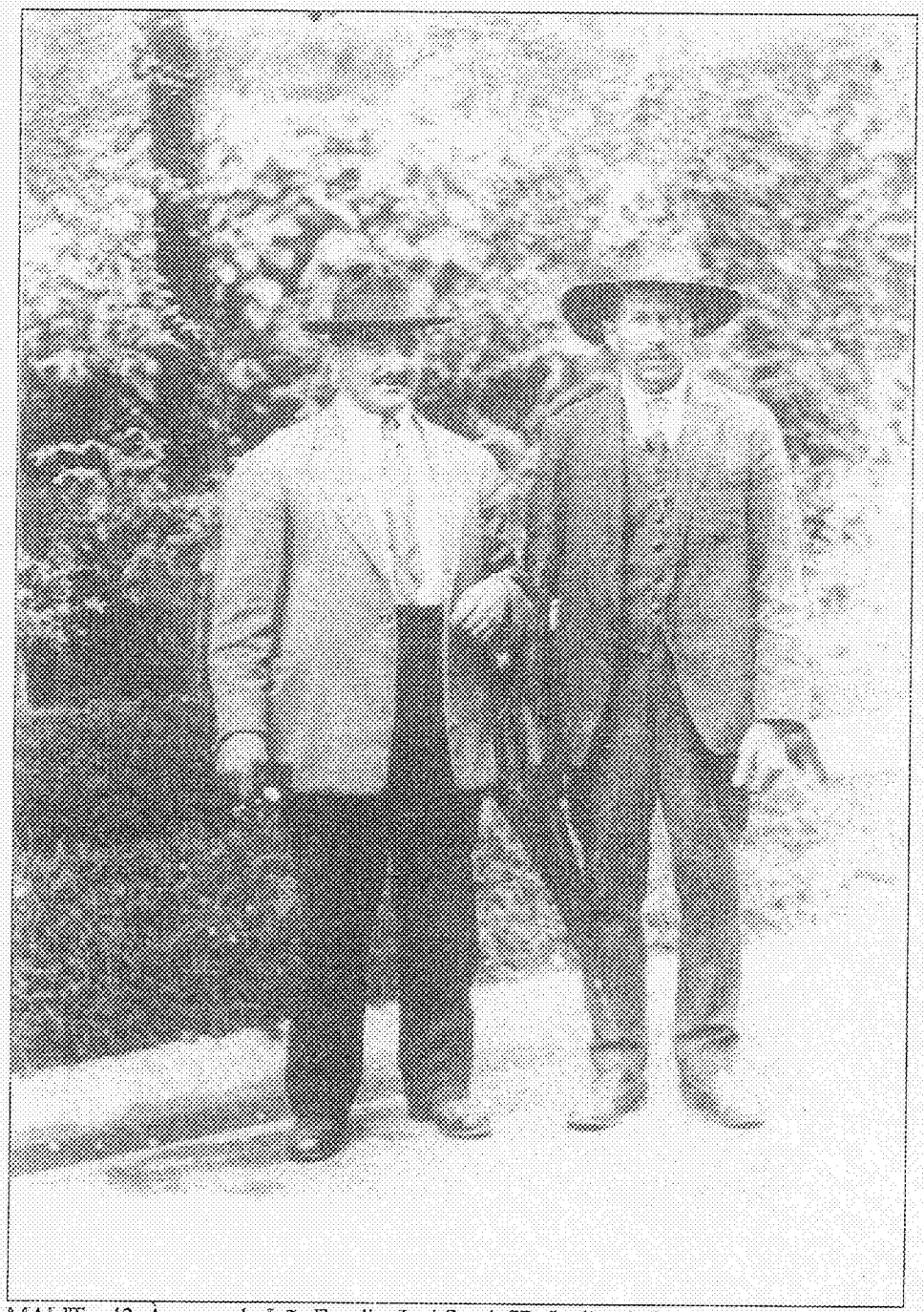
---

[99]Cartola ou "quinto" era um recipiente de madeira, arredondado, de aproximadamente 1m de altura por 60 cm de diâmetro. Havia um furo na parte superior onde, através de um funil, despejava o vinho. Na base da cartola, fechavam o buraco superior com um tampão de madeira [Depoente Fortunato Favali, Itapetininga, 1999, p.5].

*(...) Óie, eu sô filho de italiano, de pai e mãe, e trabalhamo. Meu pai num perdia uma hora de serviço, trabalhava que nem loco. Até que falava: - serviço num mata ninguém, senão eu tinha morrido há muito tempo! E tudo, as mulher, os home, tudo ia pro trabalho e até as criança quando saiam da escola ia prô trabalho (...). Interesse de trabalhar de fazê arguma coisa, pra num farta nada, né? No começo pensaro im vortá prá Itália e aí, nunca mais vortaro, nunca falaro mais! Ah! num deu certo de vortá mais. E dexaro parente lá, depois de muito tempo veio um primo nosso, o Hugo Picchetti, pra cá.*

*Os irmão (Angelo e José Santi) eram sócio, tudo eles, a irmandade co' a família trabalhavam tudo junto, nada separado, nada, nada! Até quando eu casei, era tudo junto. Meu tio José (José Santi Filho) morava lá im cima (próximo à estrada da Campina do Monte Alegre) e os meus pais morava aqui im baxo, no Degredo. (...) minha mãe dizia (Philomena Basile) porque era um lugar ermo, mais pra baxo.*

*(...) Era o meu tio José que tomava conta de tudo, ele que fazia os negócio da família, porque ele era o mais velho, comprá, negociá, ele que ia fazê, mais cumbinava tudo eles, se concordavam ou não. Ele ia comprá mais em São Paulo, ele ia de trem da Sorocabana. Ele ia comprá farinha de trigo, açúcar, sal e querosene que ele comprava de bastante: deiz saco de açúcar, de farinha durava quatro, cinco meis mais o meno, daí ele precisava vortá lá. Só tecido e butina que não, tinha a loja dos Perera im Angatuba e do Armando Favali e na Casa Celeste, do Paulo Favali, era butina. Eles íam lá e comprava o que desejava comprá. O ano intero duas família grande, comprando tudo lá na loja, intão depois no fim do ano que iam acerta. Im São Paulo, o pagamento era à vista."*



MALIT – 42. À esquerda João Favali e José Santi. SP. Jardim da Luz, 1924. Arquivo pessoal.

Houve perseguição do governo brasileiro aos italianos durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

> *Quando abriu a Caixa Econômica, daí o meu pai co meu tio tinha vinte conto depositado, cada um. Depois teve a aquela guerra co' a Itália, daí por serem italiano, o Governo pego dois conto dos vinte conto de cada um. Depois de um tempo, minha mãe pegô um paper lá, num recebeu,*

*perdeu tudo. Tivero também o pobrema da iscritura da terra, quem era italiano num pudia iscriturá. Quem comprava terreno naquela época num pudia assiná, num pudia passá iscritura. Tanto é que eles comprava um pedaço de terra aí, meu pai nem pôde assiná, eu que assinei, eu tinha quinze ano mais o meno. Foi orde do governo, no cartório num passavam iscritura pra italiano. Agora, co pessoar daqui, num teve pobrema, porque já era tudo conhecido velho, só co governo que não (...).*

*(...) Depois co' a morte do tio José (...) ficô um angu, os filho, os genro, família grande do meu tio, ficamo naquele anguzão, tava tudo im comum, né? Uns herdero num concordava co' as iscritura, diziam que num tava certo e nenhum tomava conta das parte (...). O Aldo Pucci (também italiano e amigo dos Santi) midiu, midiu pra nóis, mesmo assim num cuncordaro.*

*Eram duas partes: uma nossa e otra do tio José (...). Até que midiu de novo e os do meu tio, daí vendero as parte deles (...). Daí fizemo iscritura da nossa parte que era do nosso pai (...). O Natalino, nosso irmão, vendeu a parte dele e eu co Mingo ficamo na nossa, oitenta arquere pra cada um (...)."*

A formação universitária da terceira geração guarda certa ligação com a terra, permitindo assim introduzir novas maneiras de explorá-la, mantendo a força da cultura camponesa.

*O Mingo pranta roça, milho, mais pra ração pra gado, o forte dele é gado leitero, tira até treis mir litro de leite por dia, tava tirano, é gado selecionado. O filho Roberto que é agrônomo trabalha cum lavora, tá na agricultura; o João Riziéri é veterinário e fica mais co' a parte da pecuária; a Lúcia é agrônoma e trabalha na Casa da Lavora; a Ana é psicóloga e a Márcia é nutricionista e trabalha na Prefeitura de Angatuba, num mexem co' a terra e o Renato tá fazendo Direito mais pranta lavora de feijão. Tudo istudo e lida co' a terra!*

*(...) Eu tinha casa na cidade só pra istudá, meus quatro filho home istudaro no Ginásio, só um que não, e a Lucrécia, minha filha é professora e mora im São Paulo, caso cum Manfredini (Luiz Geraldo Manfredini, neto de Luiz Manfredini, imigrante italiano) e istão sempre aqui. A rapaziada istudo tudo junto (...).*

*Aqui, os meu quatro filho, José Benedito, Antonio, Sérgio e Luiz Carlos, tudo nóis lidamo co' a terra, na lavora, prantamo feijão (...). Os subrinho que são os técnico. Os filho do Mingo trabalha tudo junto. (...) Meu subrinho Roberto e os meu filho compramo os impremento agrícola junto, meio a meio (...), im tudo que for relacionado co' a terra (...). Nóis aqui, fazemo nossa lavora e eles as dele, um precisa do impremento pega, otro precisa pega (...), se eu tô usano, na safra, na*

> *purverização, um acode otro, vamo ajuda, o manda impregado por exemplo na colheita, faze um silo, tudo isso entre nóis, a família. Prá gente de fora tamém, a gente troca serviço. Só quem num tem impremento, paga im dinhero ou paga cum serviço* [Depoente José Santi Sobrinho, Bairro Barreiro dos Italianos, Angatuba, 1998, pp. 5/7/8/12/33/47]

O depoente José Santi concordou com a entrevistadora, reafirmando ser uma felicidade as relações vividas pela família Santi, na terra dos seus ancestrais. E num outro encontro, o Sr. José foi enfático ao relatar as questões da terra. Lembrou o avô José Santi dizer que houve a "divisão judiciária" um tempo depois que a família Santi se fixou no Barreiro, que eles ajudaram a abrir picadas no mato para demarcar suas propriedades. Muita gente do bairro não gostou dessa atitude, imposta pelo governo republicano, derrubaram muitas árvores, amontoaram pedras nas "marcas", nesses limites das propriedades rurais do município de Angatuba. O caso foi parar na Justiça e os descontentes proprietários rurais locais, foram obrigados a desobstruírem tudo e também legalizar suas divisas. Confirmou o depoente a seriedade dos seus antepassados italianos em lidar com a "coisa pública".

Nem todos os filhos desses camponeses ficaram na zona rural, embora a maioria lá permaneceu numa intensa relação com a terra. Uma exceção é o Sr. Fortunato Favali que se tornou Coletor Federal, em Itaí, e se destacou como liderança, assumindo a Prefeitura local. Era irmão do político Natal Favali e neto de Angelo Santi, do Bairro Barreiro dos Italianos, e filho de Armando Favali, que se fixou na cidade de Angatuba.

Sua atuação política deu-se intensamente no município da região de Angatuba, onde adotou estratégias no campo político que lhe asseguraram bons relacionamentos no novo espaço social de Itaí (SP):

> *Na década de 1940, fui com minha família morar em Itaí, nessa mesma nossa região. Cirila, minha esposa, lecionava no Grupo Escolar e eu prestava serviços à Prefeitura local, exercendo as funções de Contador e de Secretário.*
> *Nossa família se ambientou muito bem na cidade, pois havia muitos angatubenses residindo lá. O Nédo (Prof. Affonso Basile) era o diretor do Grupo Escolar e sua esposa, Maria Mello, também lecionava lá. A jardineira era dirigida pelo João Orsi, o "Minhoca", que transportava*

*passageiros de Angatuba, Paranapanema e Itaí. Todos nós residíamos com as famílias em Itaí e todos os filhos de italianos.*
*Em 1950, prestei concurso para Exator (Escrivão da Coletoria Federal), aprovado, fui designado para trabalhar em Ariranha, na região de Catanduva, mas fui licenciado do cargo a fim de me candidatar a prefeito de Itaí. Minha família estabeleceu um vínculo muito grande com os itaienses. Era muito estimado, não só pelos serviços que prestei ao povo através da Prefeitura, como também eu era professor do SENAC local, daí também eu ser muito conhecido.*
*Minha candidatura como prefeito de Itaí foi lançada através de um manifesto popular impresso. Não houve outra alternativa em aceitar, apesar da muita relutância em não sair candidato: eu não era filho de Itaí, mas para o povo era como se o fosse.*
*Lancei-me candidato pela coligação PTB-PSD, cujos políticos históricos eram: Cunha Bueno, Pacheco Chaves e outros.*
*Meu adversário político era o Sr. Lauro Namur da Cunha, vulgo "Trabuco", apelido que herdou do pai, um político da região. Pertencia ao PSP, cujas políticos históricos eram: Adhemar de Barros, Romeu Brêtas, ex-prefeito de Avaré.*
*Venci as eleições de outubro de 1951 e terminei o mandato de prefeito em 1955. Na eleição seguinte fui eleito Vereador, me tornando presidente da Câmara. Depois dessa fase política, encerrei e reassumi meu cargo de Coletor na Coletoria Federal. Mas sempre que podia estava à testa dos clamores do povo de Itaí* [Depoente Fortunato Favali, Itapetininga, 1999, pp. 10/11].

Estes depoimentos aqui apresentados denotam que a terra como patrimônio essencial e a intensa relação econômica e cultural com ela determinam as demais construções sociais dessa população, até mesmo as escolhas profissionais dos descendentes que buscam uma escolarização completa e a atuação política de suas lideranças sociais e culturais.

O elemento terra (propriedade), o fator herança (patrimônio), o vínculo mercantil dos produtos, a formação profissional técnica, a participação associativa na produção e comercialização como estratégias de maximizar fatores econômicos e a valorização do bairro rural constituem a dinâmica sócio-cultural que interage com o trabalho produzido como ação humana, nos vínculos de convívio e de sociabilidade familiar e espacial.

# CAPÍTULO IV

## Traçando os limites de um tênue equilíbrio: a adoção da cultura brasileira e a manutenção da tradição italiana

### 4.1 - Os Imigrantes Italianos Setentrionais e sua descendência

A estreita ligação entre o capital cultural, político e econômico das famílias dos imigrantes italianos setentrionais João Tazioli, Francisco Turelli e Emílio Benedetti proporcionou um intenso envolvimento de seus descendentes no sistema da educação formal, precedido da interiorização de ampla gama de valores culturais, realizada de maneira informal no âmbito familiar.

Bela F. Bianco e Donna Huse demostraram claramente que:

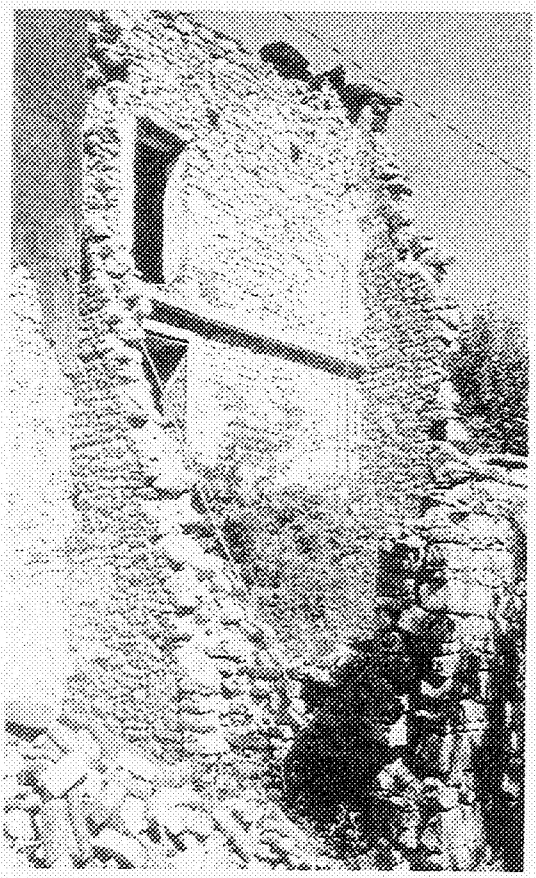
> *Aparentemente as representações simbólicas e práticas sociais associadas a Portugal, parecendo reproduzir fotografias de tempo e espaços já vividos, podem ser interpretados como mera nostalgia. Entretanto, essas múltiplas camadas de tempo e espaço, superpondo significados e valores culturais que estão muitas vezes em conflito, são representações dinâmicas da forma pela qual imigrantes percebem e confrontam mudanças nas suas condições de existência na intersecção de culturas (...), constituem reelaborações do passado no contexto de realidade do presente (...)* (BIANCO & HUSE, 1994, p. 26).

Acrescentando:"pressupomos que a identidade é algo que se reinventa e se reinterpreta em cada geração." (idem, 1994, p. 30). Também essas autoras afirmam que:"(...) o processo de reterritorialização permite a essas mulheres e homens imigrantes

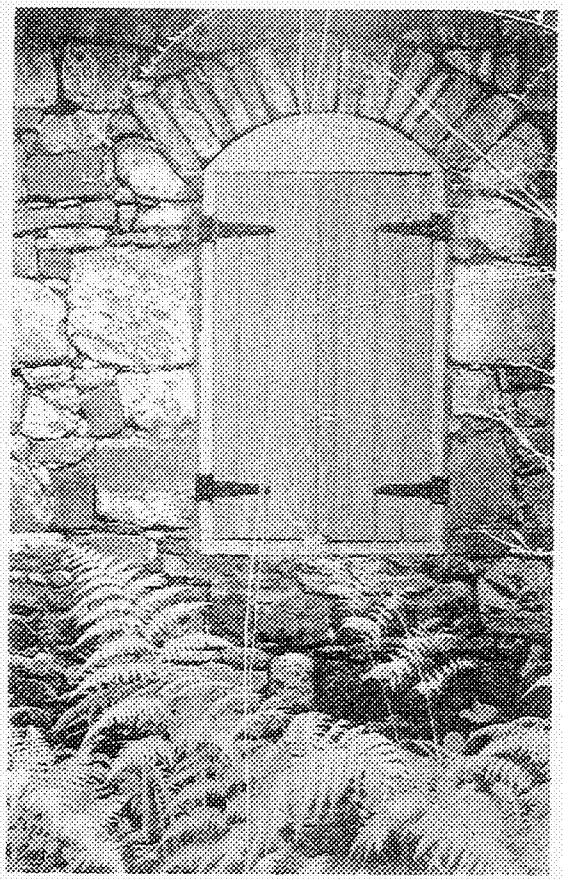
recriarem os modos de vida açoriano, e assim reelaborarem o eu fragmentado pela imigração (...) ". (ibidem, 1994, p. 48).

O passado cultural dessas famílias imigrantes italianas em Angatuba foi importante para redefinir os espaços, a autoestima, a reafirmação social e esse processo ficou claro nos relatos orais. Neles, os depoentes situam a "Villa São João", residência de João Tazioli e depois de Francisco Turelli, como o espaço relacional, histórico, identitário e capaz de reafirmar valores, integrações, levando a mudanças significativas no grupo familial e mesmo alterando o mundo da vida e a ordem dos valores numa situação de intersecção de culturas, vivida pelo imigrante na sociedade receptora.

A Villa São João, do meu avò João Tazioli, nas cercanias da cidade... os Turelli nasceram lá, os três mais velhos nasceram na Fazenda Correntes e os demais nasceram lá. (...) Na Serra da Figueira, meu pai tinha uma casa de pedra, uma verdadeira construção italiana... as paredes... uma construção italiana!



MALIT-109: Ruina da casa dos Santi, Sant'Anna Pélago, Itália, 1997. João Francisco de Moraes.



MALIT-22: Casa de pedra, Angatuba, SP., 1998. Arquivo pessoal.

*(...) Mas, na Villa São João tinha em frente um muro, não era muro alto e tinha nele um arremate de peroba, madeira peroba, como se fosse um telhado para impedir entrada de água nos tijolos. Era tudo bem rebocado. Na parte de dentro tinha os canteiros grandes, arredondados, delineados com tijolos igual aos ingleses, contendo muitas variedades de plantas ornamentais (...); o centro era plantado com roseiras, isso se estendia desde a extremidade da casa até depois da entrada da capela (...). A gente entrava na casa, do lado esquerdo era o armazém... tinha aquelas várias portas de armazém. Então tinha um corredor de entrada e, à direita, a sala de visitas, mais uma sala de jantar muito grande que dominava tudo; à esquerda, eram os dormitórios dos velhos e dos moços, que vinham para o lado da capela. Do armazém não tinha entrada para a casa, naturalmente, e do outro lado era dos homens, dos rapazes. Tinha também um dormitório no meio, onde nós mais novos dormíamos, e depois chegava-se à cozinha, que naturalmente era grande; do lado direito, em direção à capela, tinha o fogão à lenha, muito grande, e tinha uma porta que saía prá lá.*
*Curiosidade! Entre a capela e a casa havia uma construção, do lado direito era o poço bem arrematado com cimento, com sarilho, ali se entrava num compartimento talvez uns dois metros e meio por três ou quatro e tinha uma enorme banheira de cimento. Naquele tempo ainda não havia aqui azulejo nem esses banheiros de ferro, que vieram mais tarde. Muito bem! Quer dizer, deveriam ser absoluta novidade, não havia em Angatuba.*
*(...) Atrás do fogão, do lado da casa, era um depósito muito grande que não tinha entrada para casa, mas era bem grande como uma tulha, que ocupava toda extensão da casa. Pra lá começava o pomar e tinha tudo que era fruta (...). E nós gostávamos muito e hoje quando eu sinto o cheiro da flor que tem perfume forte, ainda me lembro justamente daquela série de ameixeiras que havia lá.*
*Da casa saía um pátio de talvez uns dez metros, era a continuação do pomar... as primeiras eram umas touceiras de cidras (...), porque se fazia muito doce de cidra ralada* [Depoente Dr. Hamilcar Turelli, São Paulo, 1999, pp. 13/14].

O jardim e a horta eram uma extensão do lar, funcionando como auxílio à cozinha; o parreiral próximo à casa; o pomar com grandes variedades de árvores frutíferas; a criação do gado caprino, suíno, a roça..., formavam o referencial geográfico-interacional das atividades domésticas cotidianas.

*(...) tinha plantação de arroz, me lembro que nos últimos anos, as colheitas davam para o ano inteiro para o consumo da família. O arroz era piloado, em vez de mandar para beneficiar (...). Um pouco adiante, atrás da cidreira, não erva cidreira, tinha o chiqueiro de porcos.*

*Naquele tempo era uma coisa fundamental, representava uma grande economia para a família, porque extraía a gordura e a carne, não só a gordura, o torresmo usava para fazer sabão, minha filha! Fazia a decoada, sabe o que é decoada? A água ia passando, saindo aquele "café" lá em baixo, que era a soda cáustica (...).*
*(...) Entre a casa e o poço um pouco adiante tinha um corredor, ali havia então uma parreira enorme, alta em forma de caramanchão. Claro, me lembro daqueles cachos enormes pendurados. O tio Adriano (Adriano Tazioli) tinha muitas parreiras na casa dele, eu me lembro a gente olhava, era aquele caramanchão sem fim, lá também tinha. Italiano sem uva não vive!*
*Cabras, sempre todos tiveram, porque também na Itália era muito comum, a cabra é fundamental (...) e o queijo de cabra era apreciadíssimo (...)* [Depoente Dr. Hamilcar Turelli, São Paulo, 1999. p. 15].

Tanto a alimentação quanto os hábitos correlatos continuam exercendo grande relevância na vida contemporânea dos descedentes de italianos em Angatuba. Em meio a outros costumes e tradições italianas, Julita Scarano especifica esse aspecto:

*A comida veio na bagagem dos imigrantes, não apenas no sentido figurativo mas também real (...). A "comida italiana" é geralmente preparada pela dona de casa, ou ao menos foi por ela ensinada. É o aprendizado da cultura, efetuado no seio da família, desde a primeira infância, conforme assinala Bourdieu (...). A elaboração dos pratos e seu consumo, se constituem em momentos de troca, de aprendizado cultural, horas nas quais as tradições se transmitem e se perpetuam, havendo concomitantemente um processo de autovalorização. É o tempo em que se conta o passado, fala-se das características da cultura herdada, dos tipos de comida e de outros assuntos de teor semelhante (...). Entretanto, o fator prazer, reminiscência da infância e auto-valorização, constituem fatores que colaboram na manutenção desses padrões (...)*". (SCARANO, 1987, pp. 393/396/398).

*A dispensa era grande e ficava no centro da casa, mas toda fechada. Tinha prateleiras onde se guardavam em jacás tudo aquilo que também vinha das fazendas, dos sítios. Jacás cheios de frutas, por exemplo, banana, vinha cachos e cachos que iam amadurecendo e iam comendo, também faziam doces. Vinham também pitanga, guabiroba, araçá. Ah! vinha da Itália também umas latas redondas, grandes, muito altas com alicci e o vinho também vinha de lá (...). Tinha um representante do importador aqui em São Paulo, não era o Matarazzo, não, não sei o nome, Andreoni? E vinha então em cartolas, barricas, digamos assim.*

*Na dispensa, havia prateleiras e tinha cavalete, as cartolas ficavam deitadas e tinham torneiras, tudo de madeira, como lá na Itália.*
*Então na hora da refeição a gente ia lá com uma jarra, enchia e levava lá e nós crianças também bebíamos um gole de vinho com uma bruta naturalidade, não era nada condenado, como na Itália também... não só na Itália, França, Portugal e Espanha (...).*
*Minha mãe fazia pizza, a verdadeira pizza original e se fazia pão. No dia em que se fazia pão, uma parte da massa era deixada de lado, tinha umas fôrmas redondas como hoje nas pizzarias e, então, punha-se ali a massa. Depois que ela crescia, então fazia assim com o dedo [o depoente reelabora os modos pelos quais a mamma Maria Teresa fazia tal iguaria] e nessa marca do dedo que ficava, punha um dente de alho, punha manjericão, porque orégano só veio mais tarde e depois o azeite. Essa pizza, que hoje é comida universal, aqui em São Paulo é superior, com muito mais capricho que na Itália.*
*Como tinha alicci italiano, tinha pizza de alicci. Mas, para nós era uma festa aquela pizza! O pão se fazia a cada segunda semana, não se comprava em padaria (...).*
*(...) Minha mãe era uma pessoa muito enérgica. Como minha irmã Angelina foi. Mandava em tudo, comandava. Mania de italiano mandar (...). Toda vida, ela fazia tudo bem feito, caprichava (...). Certamente minha avó ensinou a minha mãe, que ensinou para os filhos, todos faziam tudo e bem feito!* [Depoente Dr. Hamílcar Turelli, São Paulo, 1999, pp. 16/17].

No Bairro do Barreiro dos Italianos, o Sr. José Santi, relembrando a "cozinha" da mãe Philomena, herança da avó Lucrécia, relatou:

*Por ocasião do Natal, da Páscoa, fazia a "fritella" co' a mesma massa do pão. Esticava a massa e cortava im vários modelo, por exemplo: no formato de estrela, de triângulo, de meia lua, etc.. Essa massa era assada na fornaia de barro ou frita. Depois, ponhava im bastante carderão, regava cum mel e tapava. Pudia cume a vontade, puis era feito de bastante (...). Até o mel tinha bastante aqui, tio Zelindo tinha muito caxote no meio do cafezar e tirava muito mel (...). Sabe, nesses caxote que vinha cum querosene antigamente, ele passava folha de laranjera, esfolhava bem. Punha os caxote no cafezar sobre um estalero de madera e ficava na ispreita, isperando. Quando sobrevoava os inxame, tio Zelindo batia numa lata próxima do caxote e descia os inxame, se arranchava. Ele sabia que quando saísse o inxame devia colocar cada caxote bem perto pra que as abelha chegasse. Era abelha grande, era "as européia e mansa", num era iguar as de agora "as africana" e pirigosa!*
*Vó Lucrécia fazia conserva de sardinha. Tirava as ispinha da sardinha, punha numa barrica de madera e temperava cum azeite de oliva,*

*pimenta calabresa em pó, prantada na horta, que era secada, torrada e moída. Ela prensava co' a tampa de madera e ponhava im cima dela um peso. Dexava curti por uns tempo e depois servia como antepasto, cum pão italiano. Desse mesmo jeito fazia conserva co' a pimenta calabresa "in natura", punha im camada, sar e azeite (...).*

*[Ao relatar essas iguarias, Sr. José transportou-se à dispensa da avó Lucrécia, pois haviam mudado seu semblante, seus gestos, sua narrativa. Era o retorno à infância, e ele parecia estar degustando as iguarias de olhos bem abertos, como que observando esse "fazer", marca da identidade italiana, transmigrada para o Barreiro com os Santi]*

*E quando matava porco, intão... além do churiço, do pão de torresmo, faziam o "sangue doce". Misturava açúcar co sangue de porco, ponhava castanha, minduim e levava no fogo pra apura. Quando tivesse na consistência d' um creme, já tava bão. Pudia come as cuierada ou cum pão. Era famoso também o pão de erva-doce (...). Pra pizza, usavam a mesma massa do pão, bem grossa. Istendia a massa, ponhava conserva de sardinha por exemplo, tomate, pó de pimenta calabresa, quejo e cubria com otra massa. Levava pra assa na fornaia de barro... E fica macia, macia (...). O quejo era feito aqui mesmo, mais tinha os da fazenda do Paschoal Barutti (imigrante italiano) que o Miguel Mádero (imigrante italiano, calabrês) que era o quejero e muito bom!*



MALIT-103: Família Rizieri Santi. A esquerda Maria Aparecida Bocuto, Filomena Santi e sogra de Aparecida Bocuto. No "Degredo". Bairro Barreiro dos Italianos, ca. 1950. Arquivo pessoal.

*A mãe Philomena continuô fazendo tudo isso, também muito doce im compota das fruta que meu pai Rizziéri inxertava... e ela trabaiava só cantando*! [Depoente José Santi Sobrinho, Bairro Barreiro dos Italianos, Angatuba, 1999, pp. 47/48].

O depoente Dr. Hamílcar Turelli rememorou os espaços da "Villa São João" em profunda relação com a cultura e os hábitos familiares, uma lógica de vida cotidiana baseada em critérios e representações sociais, recriados pelo avô João Tazioli e reelaborados pelo pai Francisco Turelli.

*Era uma beleza, sabe. Eu era menininho quando eu comecei a ter noção da vida, meu avô João Tazioli já havia morrido. Na casa do meu pai, ele continuou tudo, juntava gente lá, passavam o dia inteiro, um almoção, bebendo vinho, cantando à moda italiana em voz alta e dando gargalhadas... essa é a lembrança que eu tinha, o relacionamento de italiano com italiano era muito cordial e freqüente.*
*Meu pai tinha na fazenda, no sítio do Coelho, terra muito boa, de primeiríssima qualidade. Lá quem tomava conta eram duas famílias de imigrantes espanhóis, os Cisterna. Eles chegavam lá e traziam as coisas da fazenda e depois, é claro, à moda italiana, almoçavam e não eram tratados como empregados. Talvez porque eram europeus, quer dizer uma proximidade cultural. Isso me lembro, eles cantavam, abriam-se as cartolas e todo mundo bebia vinho e comiam, era uma alegria incrível, muita comunicação. Para os brasileiros serviam cachaça e bebiam aos golinhos, como é ainda hoje para esquentar a garganta (...).*
*E geralmente participavam os padres... os padres sempre estavam presentes e assim sempre foi. O padre Amadeu*[100]*, por exemplo, era um padre sério, um homem direito, mas alegre, também gostava de estar lá junto e conversava* [Depoente Dr. Hamílcar Turelli, São Paulo, 1999, p. 18].

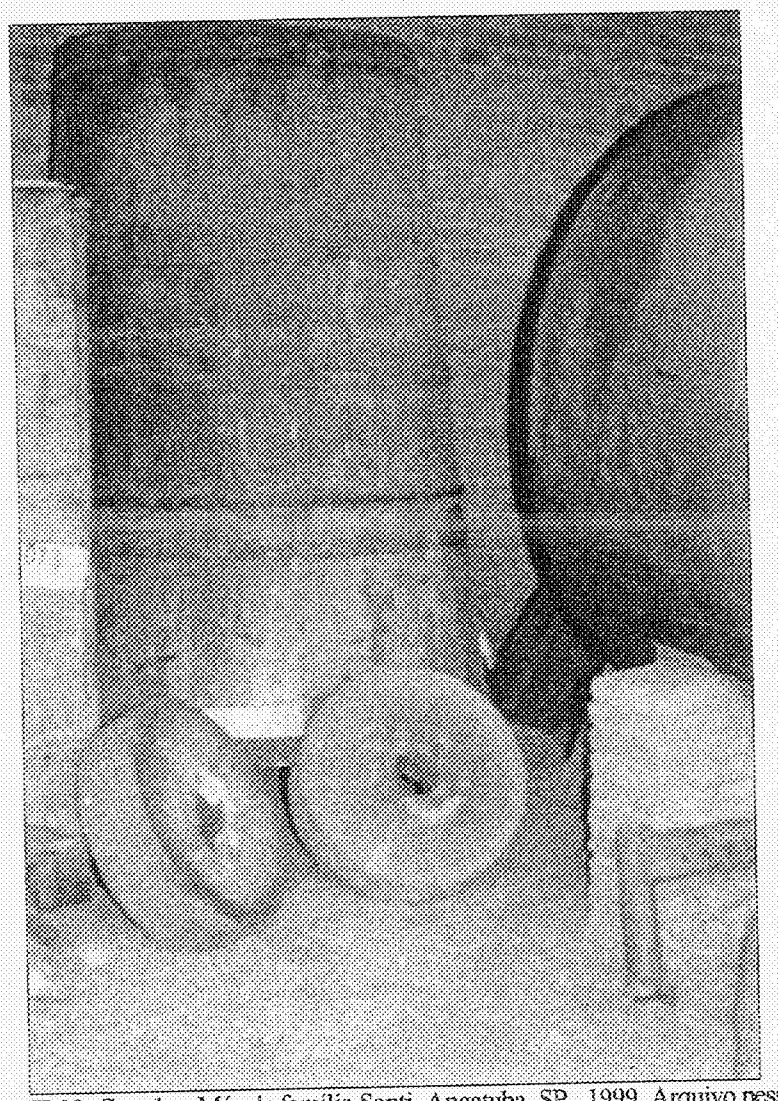
Foram os imigrantes italianos setentrionais que trouxeram as primeiras cepas de uva e desenvolveram no município o cultivo dos vinhedos, tanto nos subúrbios da cidade quanto no Bairro do Bom Bom e no Bairro do Barreiro dos Italianos.

[100] O imigrante português, Padre Amadeu Mendes Pinto do amaral, foi pároco em Angatuba, de 13 de março de 1913 a 7 de janeiro de 1943, quando ocorreu seu falecimento em São Paulo. Era uma pessoa inteligente, erudita e doutor em Direito Canônico. Foi o responsável pela construção da nova Igreja Matriz de Angatuba.

Nos relatos orais, os depoentes procuraram reconstruir, pela memória, desde o processo do cultivo da uva até a colheita, a fabricação e o consumo do vinho, este, um hábito bastante enraizado entre os descendentes desses imigrantes italianos.

O depoente Fortunato Favali, embora residisse na cidade, nas suas lembranças destacou a produção do vinho e as relações sociais dela resultantes no Bairro do Barreiro dos Italianos.

> *Lá no Barreiro, o Nonno Angelo (Angelo Santi) tinha um cilindro dentado, totalmente de madeira, construído pelo Sr. Ricardo Milani, também imigrante italiano e nosso vizinho na cidade. Era um recipiente de madeira afunilado tendo no fundo o cilindro com uma espécie de manivela que girava, auxiliada pelas pessoas. Os cachos de uvas colocados nesse cilndro eram esmagados, caindo numa vasilha tanto o bago, quanto o suco da uva. Tudo isso era levado até um tonel de madeira (construído de madeira de lei especial para armazenar todo esse líquido) de aproximadamente quatro metros de altura.*
> *Não enchia de todo o tonel. A fermentação durava de 7 a 10 dias aproximadamente. Ainda me lembro do barulho que isso causava a nós crianças, pois gostávamos de chegar os ouvidos no tonel para ouvir o ruído, o borbulhar causado pela fermentação.*
> *Atingindo o tempo certo colocavam o vinho em várias "cartolas" ou "quinto", um instrumento de madeira, arredondando, de aproximadamente um metro de altura por 60 cm de diâmetro.*



MALIT-88: Cartola e Mós de família Santi, Angatuba, SP., 1999. Arquivo pessoal.

*Havia um furo na parte superior onde, através de um funil despejava o vinho. Na base da "cartola" havia uma saída do vinho. Depois de cheia cada cartola, fechavam o buraco superior com um tampão de madeira. Dez "cartolas" aproximadamente eram utilizadas para o vinho ser consumido até a próxima vinetina.*

*Colhiam a uva no mês de fevereiro.*

*Além do consumo familiar, muitos negociantes da cidade compravam o vinho. Após ter esvaziado o tonel, ficava armazenado no fundo, uma "borra", espécie de bagaceira, sobre a qual despejavam uns 20 litros de água pura. Essa mistura formava a "vinela", uma bebida arroxeada, muito forte, comparada ao rum.*

*Nas reuniões no Barreiro, na casa do Nonno Angelo, se reuniam italianos da cidade: os Basile (João, Giuseppe, Nicodemo e Caetano), Francisco Palopoli (este era fogueteiro), Luigi Iapicchini, Francisco Manenti, Francisco Pistilli (este possuía umas mãos tão grandes), Luigi*

*Germiniasi (ele que construiu o sobrado de papai e também o Grupo Escolar). Muitos outros, era tanta gente que ia pra lá degustar o vinho do Nonno.*
*(...) Bebendo vinho, comendo queijo (parmesão) os italianos reunidos gritavam, cantavam, comiam e jogavam "móra", o "triséti" e aprenderam com os brasileiros a jogar "truco".*
*(...) A "móra", por exemplo duas pessoas jogam e um jogador fala o número 1,2,3,4,5 etc.. e cada participante tem que abrir os dedos. A soma dos dois têm que dar o número cantado (...). É bem assim: uma espécie de jogo de palitinhos, disputado com as mãos - ou par ou impar que não se limita a dois dedos. Valem todos. As apostas e a batida ocorrem em um ritmo alucinante e sempre com muita algazarra.*



A força de uma cultura. Revista Época, LULUDI (fotos), ano II, nº 64, 9 de agosto de 1999, p.60

A móra era um dos jogos mais comuns, jogado pelos italianos em Angatuba. (...) [Depoente Fortunato Favali, Itapetininga, 1999, pp. 5/15]

As mulheres, como regra geral, afirma Scarano, irão concentrar em suas mãos a tarefa de transmitir aos descendentes os costumes alimentares (1987, p. 396). E esse aprendizado foi rememorado nos relatos do Sr. Fortunato Favali:

*Mamma Clínia fazia a "espoglia", que era uma massa de farinha de trigo, ovos, sal e água e tinha a textura certa. Abria a "espoglia" na mesa, enrolando, jogando farinha de trigo para não grudar. Abria com uma garrafa até tornar 15 a 25 cm, depois alargava mais, abrindo com um pau de vassoura, usado só para esse fim. Era grande no comprimento. Ela cortava a massa à maneira que fosse utilizada, por*

*exemplo, para a "pastasciuta" (macarrão seco, escorrido), um pouco mais larga. Para "talharim", mais estreita. Fazia um molho de tomate, às vezes com carne, às vezes sem. Era indispensável o "formagio", queijo parmesão. Esse queijo vinha da fábrica situada na estação ferroviária de Angatuba*[101] *(...). Orlando Tazioli era o queijeiro. Ali fabricavam queijo parmesão, ricota, Minas, mussarela e manteiga (...). A "pastasciuta" era servida aos domingos e feriados (...). Tanto nós os filhos quanto as meninas ajudavam na cozinha e também na horta onde havia: repolho, chicória, brócolis, etc. Tudo isso era aferventado e preparado no alho e óleo (...). Não faltava o vinho produzido pelo Nonno Angelo e pelo meu pai (...)* [Depoente Fortunato Favali, Itapetininga, 1999, p. 4].

Nas recordações, a depoente Ercília Favali lembrou as transformações da alimentação italiana, a transmissão do fazer a comida e associou os encontros dos imigrantes italianos à degustação do vinho, à comida e, sobretudo, às cançonetas.

*(...) Para acompanhar o café da manhã, minha mãe Clínia, fritava polenta em fatias e a gente comia, acompanhada de café com leite (...). Fazia "gratini", era a mesma massa do macarrão que era ralada, deixava secar e depois fazia sopa com caldo de feijão ou caldo de carne com ossos. Muita comida italiana! Pão, então, em abundância (...). Tanto nós meninas, quanto os meninos, aprendemos a fazer comida italiana, estávamos sempre por perto, junto da nossa mãe (...). Muitos italianos vinham nos visitar e a gente também visitava; comiam macarronada, jogavam móra, bebiam vinho do Nonno Angelo, do Barreiro, acompanhado de queijo e de um antepasto: num pires punham azeite, era o Bertholi, pimenta do reino, sal, no "finocchio" era com erva-doce ou salsão (talos grossos), pegavam o pão italiano que nós fazíamos, embebiam nessa mistura. Mamãe plantava muita erva-doce e salsão para isso. Cantavam e como cantavam!*

[101] O queijo parmesão foi fabricado primeiramente na sede da fazenda de Juviniano Pereira de Moraes, próxima à estação da estrada de ferro Sorocabana de Angatuba. Depois, a fábrica foi arrendada para uma firma de São Paulo, a SILA (Sociedade Industrial de Laticínios Angatuba). Comercializava os laticínios em Angatuba e região, São Paulo e Paraná. O proprietário era Olímpio Fasanaro, imigrante italiano fixado em São Paulo e Fortunato Favali era o contador dessa fábrica de queijos. A SILA foi adquirida em 1948 pela Indústria de Laticínios Polenghi.

Dentre as cançonetes entoadas nesses encontros pelos italianos, Dª. Hercília cantou:

**"La violeta**

La violeta, la vá, la vá, lí vá,
La vá in sul campi,
Chi si sinhava,
I ciéra il suo Gigin,
Che lá rimirava.

Cosa rimira Gigin d'amor
Gigin d'amor,
Io ti rimiro perche tu siei bella,
Bella si voi venir,
Comme alla guerra.

Nó, nó la guerra,
Non vol venir, non vol venir,
Non vol venir com te alla guerra,
Perche si mangia male,
E si dorme per terra.

Nó, nó per terra, non dormirai, non dormirai,
Tu dormirai sei di fiori,
Com quattro berçatieri,
Chi ti console."

**"Passando per Trieste**

Passando per Trieste,
Io visto um bel giardino,
E scera Teresina,
Che fasceva um massolin.

Teresa, Teresina chi fai chil massolin,
Per soldati italiani,
Per dá lá Franceschin,
Per dá lá Franceschin.

Vorai bacciar Ninetta,

E hei me disse nó,
Perche sono piccoleta
Bacciar-se non si può
Bacciar-se non si può".

[Depoente Ercília Favali Libâneo, Itapetininga, 1999, p. 25/26]

O depoente Fernando Baptista Nanini, em seus relatos, reconstituiu o processo de plantio da uva e a produção e consumo do vinho, no Bairro do Bom Bom:

*(...) Óie dona, vô dize uma coisa pra senhora, quem é criado na Itália num usa quase fejão, usa poco fejão, mais é macarrão, pão, carne e vinho, muito vinho. (...) O vinho produzido aqui na Serra do Bom Bom num era muito bom por causa da terra, o crima daqui num era bão, o melhor era lá do Barrero (Bairro Barreiro dos Italianos). A nossa terra era mais arenosa a do Barrero é roxa, barrenta e isso dava uma uva!*
*Nóis prantava a uva preta (...) pra nóis fazê o vinho. Até o fabricante do vinho era eu e tinha meu irmão José que me ajudava. Era poco arquere de terra. Porque nóis lidava muito cum derrubada de mata pro café, intão nóis num tinha tempo pra cuidá cum tudo. Mais do meu pai as parrera dava de sobra, puis ele vendia quando dava bem. Dava pra vendê as cartola de vinho. As muda era criola aqui do falecido Geremia Bertholai que ele feiz a poda e foi tirada das dele.*
*(...) Tem ano qu'elas dá melhor (...). Chuva demais, não. Ela gosta de formá c'o tempo fresco e bastante sór no amadurece e ai dá uma uva doce, porque muita chuva lava (...).*
*Tudo ano era podada, era im julho, agosto mais o meno, o tempo qu'ela tá im movimento. Antes dela fazê movimento, dela brotá. Porque se ela brota e você mexe c'os gaio, quebra os broto, intão precisa podá antes, pelo menos trinta dia antes dela começa brota, puxa o cipó co gaio e amarra.*
*(...) Nóis usava nosso sistema, dona. Quando ela tava madura, tá no ponto. A gente tem que sonda. Porque a uva, ela dá duas colheita e as veiz fica só argum restinho, já dá poca coisa. Nóis fazia vinagre desse resto, porque daí essa erva num era muito boa pro vinho. Intão preparava os barris, se é cartola, se a safra for grande intão tem que prepara vasilha grande, se for menos é menor.*
*(...) Era tudo de madera boa, nóis comprava do falecido João Favali, da cidade, e era fabricada na Europa, depois os italiano fabricaro as cartola aqui n'Angatuba.*
*(...) Quando dava uva boa, nóis caprichava, apanhava a uva pra faze o vinho puro (...). Se a senhora tomá um copo de vinho como eu tomei na Itália, a senhora não esquece mais, como eu nunca esqueci (...)*
[Depoente Fernando Baptista Nanini, Angatuba, 1990, pp. 8/9/10].

Todo processo usado na fabricação do vinho tanto o da família Santi quanto o da família Nanini era o mesmo. Mas a produção do Bairro do Bom Bom era menor, o que ocasionava um vinho mais artesanal e os vinhateiros Fernando e José Nanini se esmeravam na sua fabricação. O depoente Fernando Baptista Nanini rememorou nos seus relatos esses préstimos:

> *(...) Aqui no Brasil nóis nunca conseguimo fazê o vinho iguar da Itália (...). Intão lá a senhora molhava o dedo assim, depois grudava, ele tinha tinta, o vinho era especial. Intão a gente quase fazia iguar.*
> *(...) Mói a uva, vai despejando na cartola e põe uma quantia de açúcar, nóis punha açúcar mascavo que nóis mesmo fazia (...). Intão nas cartola o vinho ferve, ele suspende aquele bagaço, os cacho vem subindo. A senhora não vê o carderão de fejão quando ferve, ele parece que vai boiando, cumprende? Intão a uva como é bastante, vem subindo aquela cacharada, aquelas casca, daí a senhora iscuta, tá fervendo, ferve 5, 6 dia e a gente não descuida. Quando começa a disgruda im vorta dos barris, tira porque o bagaço que fico lá vai afundá, aí vai istragar o vinho. Intão antes daquele bagaço desce, tem que tira o vinho da pratelera debaxo, tira e passa pra uma vasilha já preparada. Num otro barris (...) daí 15 dia tira um poco pra isprimenta como tá.*
> *Se vê que tá turvo, se tá bem limpo, porque de repente acumula um poco de glicose im baxo, intão abre a tornera tira um poco, isprimenta e vê. Se ele tá turvo tem que prepara outra vasilha e troca os barris (...), aí ele fica limpo que a senhora inxerga.*
> *Mais tudo isso depende do capricho. Naquele tempo eu co José meu irmão, nóis era vinhatero (...) é uma arte! Precisa também ter arte, como não! E entender. De forma que tira depois de 15, 20 dia, e está bem limpo, pode usá o vinho.*
> *Nóis trabaiava na roça, nóis num vinha armoça sem tá o vinho im cima da mesa e nunca fartava vinho no armoço, na janta, quando quisesse, a hora que quisesse. Im veiz de toma café, pudia toma vinho. (...) e quando dava bastante meu pai até vendia.*
> *(...) E o vinagre intão, depois daquele resto o que fico da cartola (...) dispeja dois barde d'água bem limpa e dexa amanhace, daí tira o vinagre. Ele azeda, por causa daquele bagaço que tem resto de vinho, tira, filtra tudo, tem que troca de vasilha e depois ingarrafa. Era assim que nóis fazia vinagre!* [Depoente Fernando Baptista Nanini, Bairro do Bom Bom, Angatuba, 1990, pp. 5/6/9/10/11]

Ainda no Bairro do Bom Bom, como parte da dinâmica cultural, o ítalo-basileiro Fernando Batista Nanini aprendeu as propriedades terapêuticas dos vegetais da farmacopéia luso-brasileira e lembrou nos seus relatos:

*(...) Onte de noite mesmo fiz um chá aí. Tinha dor nos rim e carqueja é uma coisa formidável (...). Intão a gente toma chá. O pobre hoje se vê obrigado até mexê cum chá mesmo, porque tudo quanto é remédio é feito de vegetar do mato, do ramo. Intão a gente que conhece o ramo e sente quarque coisa, parece que dá certo cunforme é a receita, a explicação do livro (...). Tem aquele casco de vaca também muito indicado pros rim.*

*(...) Hortelã, puejo, arruda, marcelinha galega, esta é pro istômago, coisa formidável (...) sentindo mal do istômago a marcelinha é formidável! Camomila (...) muito bom pro intestino, pro fígado... coisa boa é remédio vegetar! Eu acredito que tudo remédio de farmácia é fabricado disso. Intão, tem argum ramo, aquele o bársamo, a quina branca, a vermelha...*

*Antigamente, eu me lembro deu a gripe que diziam: - Gripe Espanhola. mato muita gente, viu. No Bairro do Bom Bom mesmo morreu muita gente. (...) Intão ela vem cum infruenze, uma gripe, tosse, dá febre, horrível, viu. Intão eu me lembro que deu na minha família lá e fico só meu pai im pé. Meu pai era muito cuidadoso, intão o qu'ele feiz: tinha um curandêro lá que curava, naquele tempo usava muita homeopatia im grobo*[102]*, mais num fazia nada, nada e nóis tava passando mar, ê uma febre, uma tosse... Intão indicaro o curandêro que fazia remédio de quina, raiz da quina e limãozinho. Veja bem, remédio de sítio! A quina vermelha raspada, a casca de quina, a raizinha da puaia. Bem lavadinha, depois bota numa vasilha, num canecão bem limpo, faiz ela fervê e junta cum limãozinho pra toma (...). Vô fala a verdade, dentro de vinte e quatro hora, nóis sentimo o resurtado lôco, tomando esse remédio. Tomava uma xícra cedo, uma xícra meio dia, uma xícra de noite. Quando feiz vinte e quatro hora do uso desse remédio tudo já tava melhor, corto a febre, mioro. (...).*

*Isso é remédio dos antigo, dos meus pais, porque meu pai de geração italiana, tinha prática co' esses remédio. Mais o próprio vizinho, os curandero que curava cum cozimento de raizama do mato. E até agora existe. É um remédio que pode usa sem medo, só que precisa conhecê o ramo, precisa sabê do sintoma da doença pra usa o remédio de acordo* [Depoente Fernando Batista Nanini, Bairro do Bom Bom, Angatuba, 1985, pp. 18/19]

Entre os imigrantes italianos setentrionais e seus descendentes que se fixaram na zona rural, também foram relevantes as manifestações religiosas típicas do catolicismo rústico luso-brasileiro. Roger Bastide afirma que:

[102] Globo, globinho. Uma das formas do remédio homeopático.

> *(...) O catolicismo rural permaneceu próximo ao velho catolicismo colonial ou imperial, não somente pelo fato de que os grupos rurais são essencialmente mais tradicionais, mas porque a falta de padres impediu uma educação mais profunda na fé. É mais familiar e mais social e também mais maculado com superstições. (...) mas este catolicismo, utilitarista como é, é sincero. É como uma parte integrante da personalidade. (...) o catolicismo rural brasileiro é voltado mais para o culto dos santos e da Virgem do que de Deus, e estes santos variam de acordo com as regiões, tanto quanto de acordo com as famílias (...)* (BASTIDE, s/d p. 12).

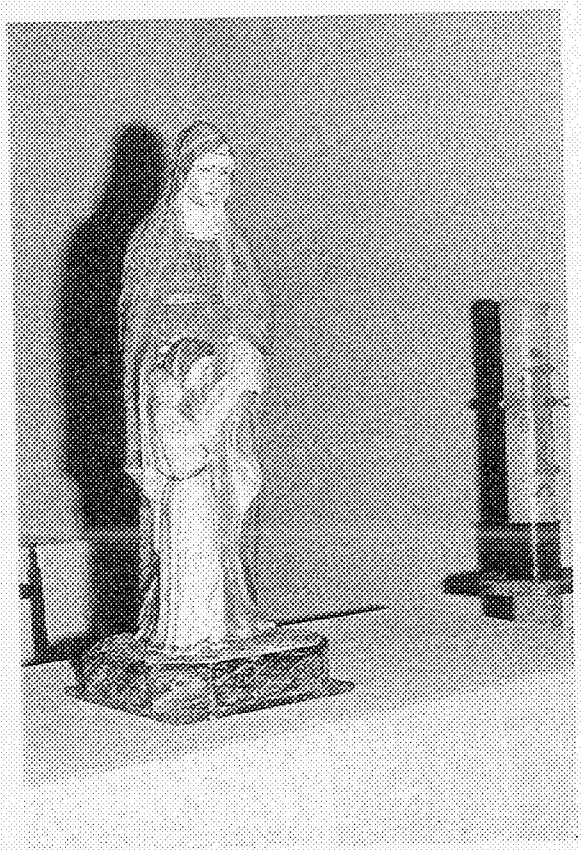
Segundo Julita Scarano:

> *A religiosidade das famílias italianas foi bem aceita pela população brasileira e as devoções de uns e outros se tornaram quase patrimônio comum (...) não encontramos um chamado catolicismo "italiano" e outro "brasileiro". A formação ou a existência de um conjunto homogêneo de práticas e de crenças religiosas facilitou a integração (...). E, a religião católica teve função primordial em relação a uma melhor integração e congraçamento. O catolicismo, tal como era praticado na Itália, na época áurea da emigração transoceânica, não difere daquele praticado pela população brasileira. As crenças e o culto festivo e cheio de pompa e aparência, eram similares. Portanto, houve uma identidade religiosa entre o italianos e a população local que os tornava bem aceitos e permitia que eles vissem com bons olhos as crenças que aqui encontraram (...)* (SCARANO, 1987, p. 383).

José Santi Sobrinho, do Bairro do Barreiro dos Italianos, relatou práticas que constituíam a devoção a Nossa Sra. Sant' Ana: Meu avô, toda família Santi, já era devoto lá na Itália (Sant' Anna Pélago) de N. Sra. Sant' Anna, que é a nossa padroeira daqui do bairro.



MALIT-108: Altar mór da igreja Nossa Senhora de Sant'Anna, Sant'Anna Pélago, Itália, 1997. João Francisco de Moraes.



MALIT-86: Estatueta de Sant'Anna, Capela de Sant'Anna, do Barreiro dos Italianos, Angatuba, SP. 1999. Arquivo pessoal.

*No meis de julho, dia 26. no dia da semana que cai, nóis comemoramo a semana intera e finaliza no domingo. Antigamente, na casa do tio Angelo Santi é que a família reunia prá fazê a novena e rezá o terço, era tudo im italiano. Daí foi indo, foi indo, reunia muita gente do bairro e meu pai (Riziére Santi) doô um pedaço de terra do seu sítio pra construí a capela pra Santa. Daí, a partir de 1.940, tudo era feito na Capela, a novena co' a família e tudo povo do bairro.*
*No sábado de noite, depois da novena, tinha leilão de frente da capela, tinha fandango, música de viola e, no domingo, o padre vinha celebra a missa e depois seguia co' leilão a festa (...).*
*Na capela também tinha o domingo de meis. (...) Durante muitos ano minha mãe Philomena bordava as toalha do altar da capela e tem uma bem antiga aqui (...). Ela também enfeitava o andor da Sant' Ana pras procissão n' Angatuba (...)* [Depoente José Santi Sobrinho, Bairro do Barreiro dos Italianos, Angatuba, 1999, pp. 22/23].

O depoente Fortunato Favali, embora fixado na zona urbana, complementou nos seus relatos a descrição dessa manifestação cultural da sua família no Barreiro dos Italianos:

> *Ah! O Natal! Lembro-me do Natal! Era comemorado com o Nonno Angelo no Barreiro. Havia a novena em louvor do Deus Menino, com a participação dos familiares, todos os Santi e também dos agregados. O Nonno era o Capelão, ele puxava os terços, as ladainhas, as rezas, os cantos... tudo em italiano.*
> *Certamente que outros não italianos entendiam tudo aquilo, cada qual à sua moda.*
> *Os comes e bebes era no dia 25, dia do Natal, no encerramento da novena. Tudo regado a vinho "marca registrada" da família Santi do Barreiro dos Italianos* [Depoente Fortunato Favali, Itapetininga, 1999, pp.6/7].

O catolicismo popular da família de Geremias Bertholai, por outro lado, perpetua a devoção a Nossa Sra. de Montenero, no Bairro do Bom Bom. O quadro da Virgem Santíssima acompanhou a família na viagem para o Brasil. Está de posse hoje o Sr. Alcides Bertholai, que afirmou que para ele e a família é um quadro sagrado, uma verdadeira relíquia! A pedido, o depoente veio à casa da autora deste estudo, trazendo consigo o quadro para ser fotografado, muito bem embrulhado. Ele pedia muito carinho e cuidado porque havia herdado a tarefa que é a de arrebanhar todos os Bertholai no dia oito de setembro para louvarem a Virgem de Montenero em sua casa, no Bairro do Bom Bom. Rezam o Rosário e pedem que a devoção seja perpetuada por toda família, através das gerações. Disse que há uma réplica da Virgem no jazigo da família Bertholai, no cemitério local.

O depoente Alcides Bertholai reconstruiu a devoção à Virgem de Montenero, lembrando que:

> *A Madrinha Rosa (Rosa Piacenza Bertholai) contava que tinha na aldeia, lá na Itália (Sant'Anna Pélago), um homem manco de uma perna que tava pastoreando ovelha. Chegô uma mulher com uma criança, pedindo pra que ele levasse ela até lá em cima, lá no arto. Ele dizia que não, que num pudia, era muito dificil atendê o pedido da mulher, por causa da perna. E ela insistia cada vez mais, que ele fizesse uma forcinha. O pastor cedeu e caminharam até lá no arto. Quando ele*

*vorto, chegô curado. Uma graça recebida de Nossa Senhora de Montenero.*

A madrinha Rosa que contava sempre essa história.



MALIT-06: Família Geremi Bertholai – sentada: Rosa Piacenza; em pé: Hermenegilda Santalla, Angatuba, SP. 1998. Arquivo pessoal.

*E uma veiz pegô fogo na túia de café, num se sabe como. Madrinha Rosa feiz uma promessa pro fogo acaba. Foi Nossa Senhora de Montenero que ajudo e o fogo logo se apago.*
*Na época do prantio, meis de agosto, setembro, havia muita seca, pegavam o quadro de Nossa Senhora de Montenero e visitava casa por casa durante nove dia.*

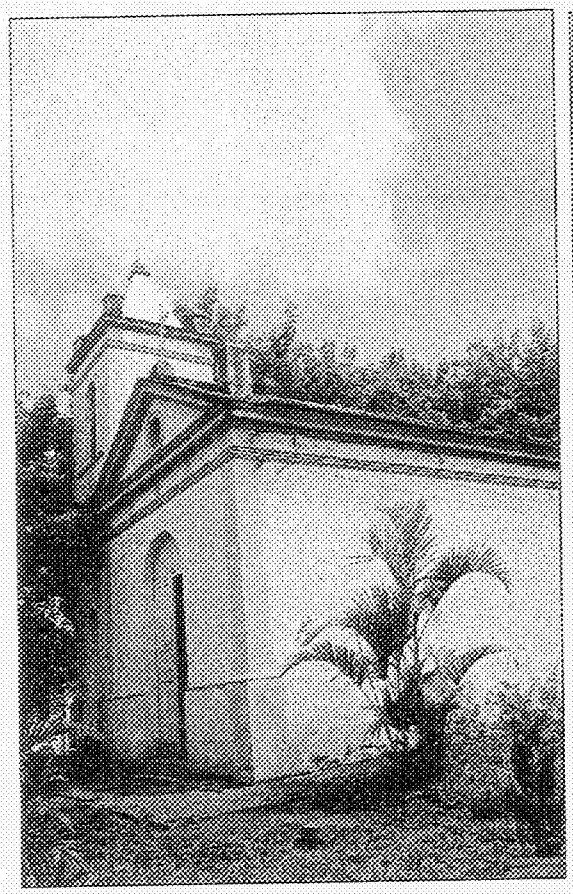
*Muita reza, bastante reza, sabe num precisava termina a novena, chovia. Até os parente da Batalhera (Bairro da Batalheira) e Bom Retiro vinha busca o quadro da Virge pra reza* [Depoente Alcides Bertholai, Bairro do Bom Bom, Angatuba, 1999, p.16]



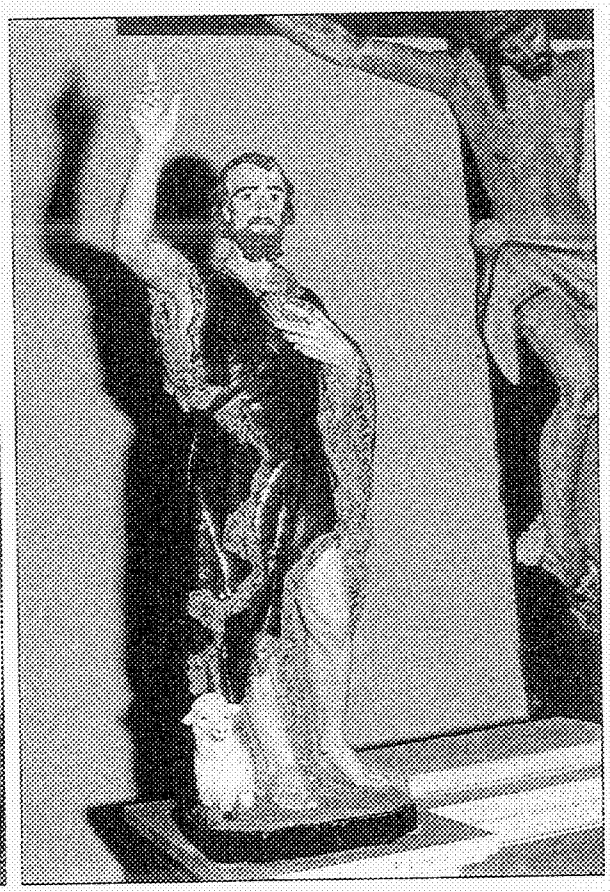
MALIT-55: Quadro de Nossa Senhora de Montenero, Angatuba, SP., 1999. Arquivo pessoal.

Havia grande entrosamento social dos imigrantes italianos setentrionais com os padres, também italianos ou não, mas isso não significava que eles abandonassem suas posições anticlericais. A manutenção da devoção a São João, o padroeiro da família de João Tazioli, reforçada com a construção da Capela no espaço doméstico, representou o (re)inventar, o (re)interpretar, o (re) construir o seu São João da Itália.

*(...) O jardim se estendia desde a extremidade da casa até depois da entrada da Capela. A Capela ficava lá, ainda hoje está no mesmo lugar (...). As rosas eram apanhadas, uma parte ficava na sala de entrada que tinha uma mesa, outra ia para o altar da Capela de São João Batista, cuja imagem meu avô mandou vir da Itália. No dia do seu padroeiro (24 de junho) realizavam festas como mandava a tradição. E eram belíssimas (...).*



MALIT-71: Capéla São João, Angatuba, SP. 1999. Arquivo pessoal.



MALIT-75: Estatueta de São João, Angatuba, SP. 1999. Arquivo pessoal.

*(...) Mas eram católicos, era a religião, independente do clero!*
*O padre Amadeu, como outros padres, freqüentavam a casa desde o tempo do meu avô. Do padre Amadeu tenho lembrança assim quando criança. Eles caçoavam os dois juntos, um conversava com o outro, meu pai e ele, alegres que você não faz idéia. Eu tenho a impressão de que o padre Amadeu ia lá de propósito. Tinham fé, mas não queriam saber de padre. Apesar do padre Amadeu ser o melhor amigo da família, não só da nossa, mas principalmente da italianada. (...) Ele era compadre do meu pai, batizou Ulisses, meu irmão.*

*(...) Apesar do padre Amadeu estar sempre junto, eram anticlericais. É uma tradição italiana quando a própria unificação da Itália se tornou possível, quando eles abafaram o domínio da Igreja, de modo que não esqueça... os anarquistas! O anarquismo era próprio do italiano. Por causa disso, nas províncias que eles dominavam... hoje em dia na história do mundo se sabe, o maior libertador de todos os tempos foi Martinho Lutero, que nós católicos aprendemos a desprezar, como que combatê-lo. Antes de Lutero, a Igreja dominava, era a estupidificação, daí com Lutero é que de repente tudo...*

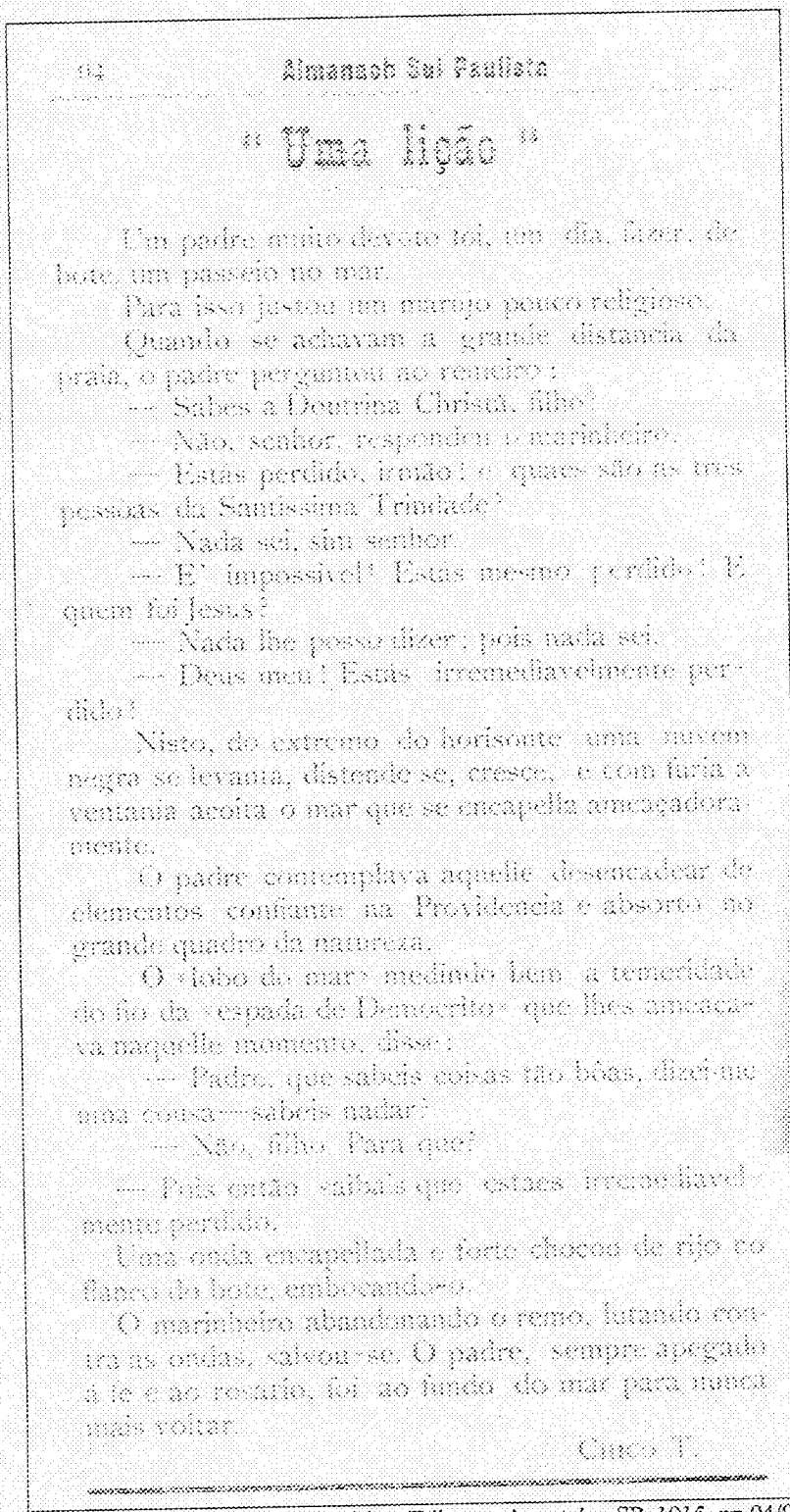
*(...) Então o anarquismo era um estado de espírito, autoafirmação dos italianos para se libertarem do domínio da Igreja, do Catolicismo. E o anarquismo nunca foi forte lá no Norte da Europa, por exemplo, porque lá eles se evangelizaram, eram evangélicos, ao passo que a Itália continuou, o Papa ali do lado e aquele domínio. Então, "sem Deus nem Senhor", o princípio do anarquismo.*

*O meu pai não deu nome de santo pra nenhum dos seus filhos, você viu? (os filhos de Francisco Turelli têm nomes gregos).*

*É uma prova, não? Mas eu não sei qual era a atitude dos outros italianos (...). Mas todo italiano semi-intelectualizado era "anarquista por natureza", vamos dizer assim... por autoafirmação.*

*(...) Mas era a religião, independente do clero!* [Depoente Dr. Hamílcar Turelli, São Paulo, 1999, pp. 22/23/34].

Uma prova contundente reafirmando o anticlericalismo de Francisco Turelli encontramos num pequeno conto publicado no Almanaque Sul Paulista, onde o autor utiliza o pseudônimo "Chico T.".



94 Almanach Sul Paulista

# " Uma lição "

Um padre muito devoto foi, um dia, fazer, de bote, um passeio no mar.

Para isso jantou um marujo pouco religioso.

Quando se achavam a grande distancia da praia, o padre perguntou ao remeiro:

— Sabes a Doutrina Christã, filho?

— Não, senhor, respondeu o marinheiro.

— Estás perdido, irmão! e quaes são as tres pessoas da Santissima Trindade?

— Nada sei, sim senhor.

— E' impossivel! Estás mesmo perdido! E quem foi Jesus?

— Nada lhe posso dizer; pois nada sei.

— Deus meu! Estás irremediavelmente perdido!

Nisto, do extremo do horisonte uma nuvem negra se levanta, distende-se, cresce, e com furia a ventania acoita o mar que se encapella ameaçadoramente.

O padre contemplava aquelle desencadear de elementos confiante na Providencia e absorto no grande quadro da natureza.

O «lobo do mar» medindo bem a temeridade do fio da «espada de Democrito» que lhes ameaçava naquelle momento, disse:

— Padre, que sabeis coisas tão bôas, dizei-me uma cousa—sabeis nadar?

— Não, filho. Para que?

— Pois então sabeis que estaes irremediavelmente perdido.

Uma onda encapellada e forte chocou de rijo no flanco do bote, emborcando-o.

O marinheiro abandonando o remo, lutando contra as ondas, salvou-se. O padre, sempre apegado á fé e ao rosario, foi ao fundo do mar para nunca mais voltar.

Chico T.

Almach Sul Paulista, Mello & Lisboa Editores, Angatuba, SP. 1915, pp.94/95

O capital cultural da família dos imigrantes italianos João Tazioli, Francisco Turelli e Emílio Benedetti, contribuiu para o desenvolvimento da educação formal de seus descendentes. O domínio do português e do italiano incorporaram-se ao capital cultural da primeira geração de ítalo-brasileiros, permitindo-lhes uma fluência e erudição que encaminhou os jovens para a carreira no âmbito do magistério e da especialização em língua clássica.

Maria Helena Trigo afirma que agentes de um mesmo segmento social, vivendo as mesmas condições de vida tendem a incorporar as mesmas disposições que, ao se interiorizarem, se-transformam em verdadeiros traços de personalidade. em outras palavras, em uma segunda natureza, profunda e durável. É exatamente esse conjunto de disposições, ou seja, o habitus, que sistematiza todas as formas de agir, pensar e perceber dos agentes (TRIGO, 1989, p.10).

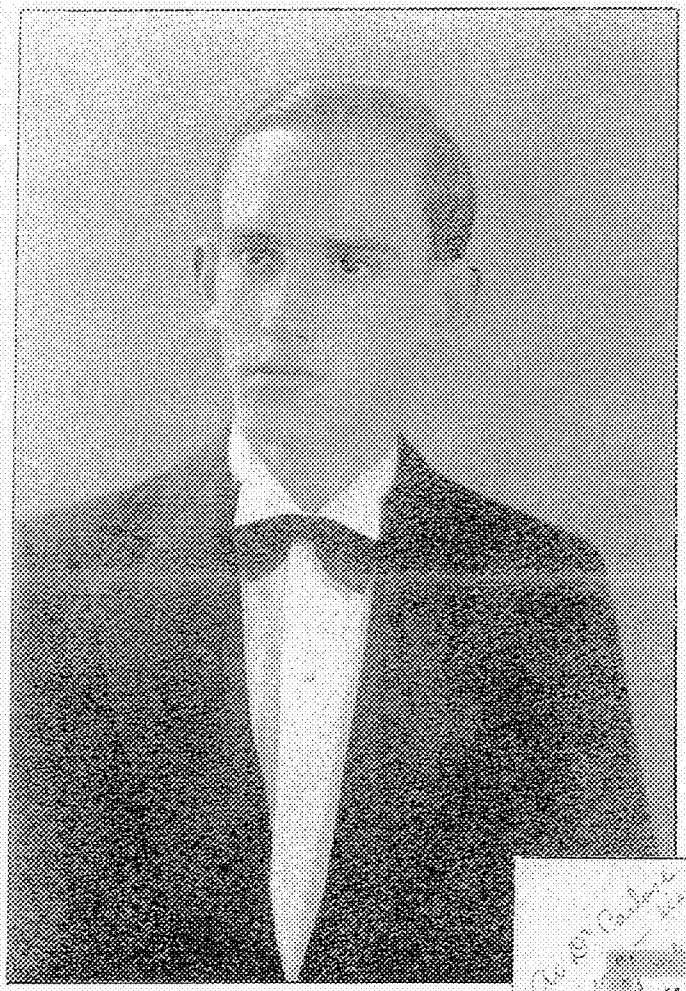
A reconstrução do capital cultural, do capital escolar, dos bens culturais próprios da família desses imigrantes italianos setentrionais, é trazida pela lembrança do depoente Dr. Hamílcar Turelli, em seus relatos:

> *(...) João Tazioli, Turelli também reverenciavam Garibaldi como Cavour, que fizeram a unificação da Itália (1870). Antes de chegar à sala de visita, em cima da porta tinha os retratos deles. (...) Falavam de Garibaldi e assim por diante...*
> *Meu pai, Francisco Turelli, no dia 1º de Maio, nas festas do "Dia do Trabalho", discorria sobre a data em praça pública e os discursos eram extraídos da História, de César Cantú.*
> *(...) O interessante é que na família de Francisco Turelli houve um impulso para a intelectualização da geração seguinte, tendo um destaque social da Angelina (primogênita) que casou com o Toniquinho (Cel. Antônio Vieira Sobrinho). E os casamentos da Philomena, que casou com dois médicos, um de São Paulo, outro lá do Maranhão (...). A Philomena fez Escola Normal; a Myrthes e a Semyramis estudaram na Escola "Peixoto Gomide"de Itapetininga, uma das mais antigas do Estado e das melhores do ensino do Magistério (...).*



MALIT-21: Filhas de Francisco Turelli: da esquerda para a direita, em pé: Syrthes Turelli, Semiramis Turelli, Philomena Turelli e Myrtes Turelli; sentadas: Angelina Turelli e Dirce Turelli. São Paulo. SP., 1924. Foto de Menezes.

> *Então foram puxando pelo lado intelectual, como eu e o Ulisses que viemos para Escola Alemã, que era a escola mais cara daqui (...), um ambiente absolutamente europeu (Schülerheim). (...) Fiz o Curso de Advocacia na Faculdade de Direito de São Paulo (...), trabalhei no "Colégio Visconde do Porto Seguro", por quarenta e três anos e o Ulisses fez Agronomia na Escola Superior de Agronomia "Luiz de Queiroz", em Piracicaba* [Depoente Dr. Hamilcar Turelli, São Paulo, 1999, pp. 3/39/41]



MALIT-119: Hamilcar Turelli, São Paulo, ca. 1940. Arquivo pessoal.



MALIT-120: Ulisses Turelli, Piracicaba, SP., ca. 1945. Arquivo pessoal.

Os Livros de Termos de Exames da E.E.P.G. "Dr. Fortunato de Camargo"[103], de Angatuba, comprovam a qualidade do capital escolar que esses ítalo-brasileiros obtiveram já a partir da mãe Maria Teresa Giustina Tazioli.

| | |
|---|---|
| 1885 | - 18 alunas – Maria Thereza Tazioli – aprovada plenamente |
| 1888 | - 22 alunas - Maria Thereza Tazioli – aprovada plenamente por unanimiade de votos. |
| 1903 | - 22 alunas – Angelina Turelli – aprovada plenamente por unanimidade de votos. |
| 1912 | - 16 alunas – 3° ano – Philomena Turelli – maior nota da classe = 4,9 - 16 alunas – 2° ano C – Acchiles Turelli – nota 3,8 (a maior da classe = 3,9) |
| 1913 | - 20 alunas – 1° ano B – Dyrce Turelli – nota 5,8 - 6 alunas – 4° ano – Semyramis Turelli – nota 4,4 (a maior da classe = 4,7) - 17 alunos – 3° ano – Acchiles Turelli – maior nota da classe 3,5 |
| 1914 | - 37 alunas – 1° ano A - Syrthes Turelli – nota 3,1 (a maior da classe = 4,2) - 23 alunas – 2° ano – Dyrce Turelli – nota 3,5 (a maior da classe = 4,3) - 9 alunos – 4° ano – Acchiles Turelli –a maior nota da classe = 3,9 |
| 1915 | - 23 alunas – 2° ano – Syrthes Turelli – nota 3,0 (a maior da classe = 4,0) - 14 alunas – 3° ano – Dyrce Turelli – nota 3,0 (a maior da classe = 3,2) |
| 1916 | - 17 alunas – 3° ano – Syrthes Turelli – nota 2,5 (a maior da classe = 3,6) - 15 alunas – 4° ano – Dyrce Turelli – consta das alunas apenas o número de ordem e desta como n° 5. |
| 1917[104]- | 15 alunas – 3° ano – Syrthes Turelli – nota 2,3 (a maior da classe = 3,4) - 8 alunas – 4° ano – Dyrce Turelli – nota 3,5 (a maior da classe= 3,6) |
| 1918 | - 15 alunas – 3° ano – Syrthes Turelli – nota 1,8 (a maior da classe = 3,3) - 7 alunas – 4° ano – Dyrce Turelli – nota 2,8 (a maior da classe = 4,5) - 34 alunos –1° ano A – Geo Turelli – a maior nota da classe = 2,7 - 1° ano A – Cetézio Turelli – nota 2,0 |
| 1919 | - 16 alunas – 3° ano – Syrthes Turelli – nota 3,1 (a maior da |

[103]Livro de Termos de Exames n° 1, 1883, pp. 5/14/18/20. Livro de Termos de Exames n° 1, 1903. Livro e Registro das Médias dos Exames - meses de abril, junho, setembro e dezembro, Diretoria do Grupo Escolar de Angatuba, 9 de abril de 1912. Livro de Registro de Médias de Exames para o Grupo Escolar de Angatuba, 15 de janeiro de 1920. Arquivo da E.E.P.G. "Dr. Fortunato de Camargo".

[104]O caso da aluna Syrthes Turelli que permaneceu no 1° ano em 1918 e 1919; sua irmã Dyrce, respectivamente no 4° ano. O documento confirma também caso idêntico com outros estudantes ítalos-brasileiros. A depoente Sra. Hercília Favali Libâneo sobre essa situação relatou: " (...) Na Escola então, a partir do 2° ano, meu pai (Armando Favali) fazia a gente repetir de ano, mesmo com média pra passar na outra série, só pra não ficar na rua e ter outra ocupação. E tanto fazia, era assim com os filhos e com as filhas. Foi assim que na Escola aprimorei mais os bordados e o crochê." [Depoente Hercília Favali Libâneo, Itapetininga, 1999, p. 2].

classe = 3,7) - 9 alunas – 4° ano – Dyrce Turelli – consta o nome sob o nº 1 - 39 alunas – 1° ano B – Myrthes Turelli – consta o nome sob o nº 33 - 54 alunos – 1° ano A – Cetézio Turelli – nota 3,0 (a maior da classe = 4,0) - 29 alunos – 2° ano – Geo Turelli – nota 2,1 (a maior da classe = 3,9)

1920 - 35 alunas – 1° ano B – Myrthes Turelli – consta sob o nº de ordem 18 - 7 alunas – 4° ano – Syrthes Turelli – nota 4,2 (a maior da classe= 8,5) - 42 alunos – 2° ano – Geo Turelli – nota 6,0 (a maior da classe= 10,0)

O mesmo depoente rememorou os dotes intelectuais da irmã Philomena Turelli nos relatos:

> *(...) Philomena aprendeu a língua italiana, era a mais intelectual... e ela guardou tudo muito das coisas dos nossos antepassados. Meu pai via que tinha interesse, ensinava, ela aprendia. Philomena falava italiano, muito bem, como já disse e sabia de cor muitas poesias, cantos inteiros de Torquato Tasso: - "Orlando furioso", famoso poema italiano (...). Meu pai decorava com ela, recitava com ela cantos inteiros de Ariosto, Torquato Tasso e depois ela ficou grande latinista e helenista também.*
> *(...) Philomena se casou com o médico Licínio Balmaceda Cardoso que teve um irmão Plínio Balmaceda Cardoso, era um grande advogado e escritor aqui. Viúva, se casou em segundas núpcias com Carlos Alberto da Costa Nunes, também médico.*



MALIT-230: Família Costa Nunes. à esquerda Dr. Carlos Alberto da Costa Nunes, Sra. Philomena Turelli, menino Ulisses Turelli, Sra. Maria do Belém da Costa Nunes, Sr. Benedito José da Costa Nunes e no meio Sra. "Tia Tita", São Paulo, 1928. Arquivo pessoal.

*Ele teve uma vida literária magnifica, era membro da Academia Paulista de Letras, ela traduziu Ilíada e Odisséia, de Homero (...). Pegaram a mim e a Ulisses como filhos e como Dr. Carlos era um grande admirador da filosofia alemã, Ulisses e eu estudamos na Schüerheim, um ambiente absolutamente europeu (...).*
*(...) Um sobrinho do Dr. Carlos, o Prof. Benedito Nunes, Professor Emérito da Universidade Federal de Belém do Pará, ainda há pouco tempo ganhou um prêmio, ele já está aposentado, é considerado um dos maiores filósofos do Brasil. E, outro sobrinho, de Sorocaba, o Prof. Dr. Rui Nunes, foi professor de Filosofia da Universidade de São Paulo.*
*(...) Vivi em contato com Philomena e Dr.Carlos que eram muito cultos, e, então, eles foram puxando pelo lado intelectual a mim e Ulisses (...)*
[Depoente Dr. Hamilcar Turelli, São Paulo, 1999, pp.3/6/39].

O missivista, Francisco Roldão de Moraes Turelli, salientou os pendores intelectuais de Philomena Turelli:

*(...) Tanto Philomena, quanto o Dr. Carlos, eram muito instruídos, principalmente no conhecimento do idioma português, grego e latim (...). O Dr. Carlos foi grande admirador das obras do escritor grego Sócrates, e traduziu a Ilíada e Odisséia, escreveu também "Os Brasileidas" (1941-1943), onde em forma poética narra a epopéia do povo brasileiro. Traduziu as obras de Platão (14 volumes, publicados pela Ed. Universidade do Pará). Sua enorme bibliografia passa por Goethe, Sócrates, Platão e Virgílio.*
*(...) Philomena estudou na Escola Normal de Itapetininga e depois na Universidade de São Paulo. Ela se formou com a primeira turma dessa Faculdade, em Letras Clássicas. Foi colega de Soares Amora, entre outros. O ambiente em seu apartamento era intelectual, uma grande estante de madeira na sala, sob ela uma radio-vitrola e sobreposta uma linda estátua negra em bronze, de Sócrates. Ainda na sala havia o piano e um relógio de pêndulo. Na estante ficavam os livros em sua maioria no idioma inglês referindo-se ao helenismo, livros em latim, grego e alemão. Lembro-me entre tantos, da coleção completa das pregações do padre Vieira.*
*Durante sua carreira de trabalho, Philomena lecionou no Grupo Escolar Dr. Fortunato de Camargo, na cidade de Angatuba; no Colégio "Caetano de Campos", em São Paulo; no Colégio "Oswaldo Cruz" e como Inspetora Federal de Ensino.*
*Infelizmente o casal nunca teve filhos, pois ela adorava crianças!*
*Tia Philomena era de uma grande cultura e, já com idade avançada, repetia sempre para mim uma frase do poeta alemão Goethe: "Eco me nel punto dove il sole tramonta la montana" (Eis-me no ponto onde o sol transpõe a montanha), referindo-se à sua velhice. Quando eu lhe perguntava o significado de alguma palavra exótica no idioma*

> *português, ela encontrava sua origem no latim, para dar-me sua convincente explicação.*
> *(...) A sua imensa biblioteca está numa sala da Academia Paulista de Letras, onde o esposo conseguiu que fosse intitulada como: "Homeriana Philomena Turelli da Costa Nunes", uma gratidão dele à sua companheira, sua professora de grego e latim (...). Também a pedido do marido foi colocado no seu túmulo, no Cemitério de Angatuba, uma mensagem em latim:*
> *UIXERUNT QUE MIRA*
> *CONCORDIA PER MUTUAM*
> *CARITATEM ET IN UICEM*
> *SE ANTEPONENDO"*[105] [São Paulo, 2 de agosto de 2000]

O universo cultural dos imigrantes italianos setentrionais proporcionou à ítalo-basileira Philomena Turelli a construção da sua trajetória de intelectual. Da mesma forma outras ítalo-brasileiras como Henedina Lisboa - "Dina" -, e Itália Julieta Basile, construíram trajetórias culturais e ocuparam espaços sociais e culturais pouco comuns a membros do sexo feminino em Angatuba e São Paulo.

Como afirma Maria Christina de Souza Campos, comentando a contribuição de Bourdieu para a análise dos campos sociais e das relações familiares constituídas nesse campo dinâmico: "(...) as disputas internas pela apropriação do capital hegemônico trazem alterações na estrutura do próprio campo. Na visão de Bourdieu, há classes de idade, classes sexuais, classes sociais. Assim dentro de uma família, forma-se uma hierarquia onde seus membros se situam a partir da luta pelo monopólio da representação do mundo social" (Souza Campos, 1997, p. 16).

O depoente Dr. Hamílcar Turelli rememorou o capital cultural da atriz "Dina" Lisboa:

> *Dina perdeu a mãe muito cedo, nossa prima "Marica" (Maria Domênica Benedetti). Então Dina foi educada pela Angelina (Angelina Turelli), sua madrinha, e em colégios de freiras. Dina sempre tinha "elan" intelectual. (...) Eu a considerava muito e ela também. Foram muitos os cursos que ela fez, para se manter no nível que ela tinha... era muito inteligente. Ela não tinha o acanhamento que quase todos nós tínhamos ... ela era atriz!* [Depoente Dr. Hamílcar Turelli, São Paulo, 1999, p. 40].

[105] E viveram milagres por sua concórdia, através de caridade recíproca e tomando a frente revesadamente.

Como "agente" desse mesmo segmento social, Dina recriou formas de agir, pensar e as incorporou no campo das artes. Na década de 30 do século passado, como mulher e interiorana, desenvolveu estratégias que lhe permitiram um ajustamento às circunstâncias do mundo social, como revela em sua autobiografia, que é parte de uma entrevista concedida ao Jornal "Folha de Angatuba"[106] :

> *Nasci em Angatuba (SP), no dia 12 de setembro de 1912. Meu pai, Antonio Lisboa, era funcionário público municipal, professor de música e grande maestro; e, minha mãe, Maria Domênica Benedetti, muito inteligente, também como boa italiana, era cozinheira de "mão cheia" diziam. Perdi minha mãe ainda criança, mas minha carreira artística deve ter começado no ventre dela, pois desde menina já atuava nos espetáculos levados em Angatuba. Fiz meus estudos primários no Grupo Escolar "Dr. Fortunato de Camargo" de Angatuba e terminei o primeiro grau no Colégio Imaculada Conceição, das Irmãs Beneditinas, de Itapetininga. Entrei para a Escola Normal "Peixoto Gomide" dessa cidade, onde estudei por três anos, completando o curso na Escola Normal de Botucatu para onde me transferi permanecendo no Colégio "Dos Anjos" das Irmãs Marcelinas, isso em 1930.*
> *(...) Angatuba tinha uma elite social, dois clubes recreativos, dois cinemas, festas, recepções e espetáculos praticamente mensais, com duas partes: uma de drama ou comédia, outra de ato variado, o show de hoje. Minha participação era obrigatória. Cantava, dançava, recitava.*
> *Eu não gostava muito de teatro, achava meio chato. Como boa Lisboa, eu gostava mesmo da música, do canto, da dança, da declamação e como boa Benedetti, também gostava de estudos, de literatura, das línguas neo latinas e da filosofia. Reforçou o canto também por esse lado italiano, enfim as Artes.*

[106] Jornal "Folha de Angatuba". Angatuba, 17 de janeiro de 1981, nº 17. Diretor responsável: Jairtson Tadeu Carriel, ano VI, 3ª fase, p. 1.



MALIT-28: Antonio Lisboa e seus filhos músicos. Sala do "Hotel Lisboa". à esquerda Dina Lisboa, Levy Lisboa, sentado; Antonio Lisboa, Edil Lisboa e João Herondines Lisboa, Angatuba, SP., 1939. Fotógrafo Alexandre Milani.

*Em 1935, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em seu segundo ano de existência, deu bolsa de estudos aos professores das diversas Delegacias Regionais de Ensino de Itapetininga. Tive a honra de ser a contemplada. Nesse meio termo saíra minha nomeação como professora para a Capital e eu precisei optar pelo Magistério.*

*Mudei-me para São Paulo e a primeira coisa que fiz foi matricular-me no Conservatório Dramático e Musical do Estado, para estudar piano e canto. Mais tarde, aperfeiçoei o canto com Vera Janacópolus, a dança com Chinita Ullmann e a declamação com Helena de Magalhães Castro e Margarida Lopes de Almeida.*

*Como professora, colaborei com vários artigos sobre a "Escola Ativa", na sessão "Educação e Ensino" do Diário de São Paulo, dirigida pelo Prof. Damasceno Pena. Entrosei-me no movimento Escolanovista, aprofundei minhas leituras em Montessori, Decroly, Cousinet, Ferrière e outros. As obras eram em espanhol e francês, como dominava bem essas línguas fiz várias traduções e interpretações e enviava muitas delas a alguns colegas de Angatuba e região, a fim de que despertassem para essas modernas pedagogias.*

*Em 1939, deixei o Magistério para ingressar no funcionalismo público, tendo sido nomeada Secretária da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito da USP. Como funcionária fiz estágio na secção de Filosofia da USP.*
*Tudo corria bem, a intelectualidade me fascinava, a música e a dança também. Eu nascera mesmo para a coisa, mas de repente eu me perguntava: - pra quê aquilo tudo? Foi quando, declamando para a poetisa chilena Gabriela Mistral, ela demonstrou tanto interesse, me convidando até para acompanhá-la em suas viagens pelas Américas, que eu comecei a me despertar para uma coisa que ainda não sabia bem o que era. Assistia a todas as conferências literárias e artísticas...*
*Um dia, li no "Estadão" que a Escola de Arte Dramática de São Paulo – EAD, estava promovendo testes para novos alunos. Prometia, entre outras vantagens, uma bolsa de estudos na Europa ao aluno que mais se distinguisse no curso. Não tive dúvida, inscrevi-me, fiz os testes, passei lindamente, fiz um curso brilhante, com prêmios e tudo, durante quatro anos puxados. Daí ao profissionalismo não foi fácil, mas cheguei lá.*
*Estudei de 1949 a 1951, na EAD, e recebi os prêmios: "História do Teatro"; "Carolina Mota e Silva"; "Franco Zampari" e "Chinita Ullmann" sendo este pela distinção obtida no final do curso, pelo seu exame de Comédia com a peça de Martins Pena: "O Inglês Maquinista". Fui aluna de mímica de Marcel Marceau. Em 1959, fui à Europa em viagem de estudos.*
*(...) Se não tiver tendência artística, jamais fará o curso na EAD, que é muito sério, realmente puxado e todo de dedicação e sacrifício. Em geral, 40 alunos que entram, só 4 ou 5, às vezes, um chega ao final. A EAD não faz atores. Este, nasce feito. A Escola o prepara, o aperfeiçoa. Mas a EAD não é só para atores, há cursos de Direção, Dramaturgia, Cenografia, Crítica e outros. E se o aluno não der prá nada disso, será, pelo menos, um bom espectador, o que também é muito importante para o teatro.*

Sobre a carreira teatral, Dina escreveu (...) A primeira peça que fiz como profissional foi na Companhia da própria Escola – "À Margem da vida", de Tennessee Williams, no Teatro Municipal de Campinas, em 1952.



MALIT-231: À margem da vida. Teatro Municipal de Campinas, Campinas, SP. 1952. Arquivo Pessoal.



MALIT-112: Dina Lisboa e Gleyde Yaconis, TBC, "Yerma". São Paulo, SP. 1962. Arquivo pessoal.

*Atuei mais ou menos em quarenta peças. Todas foram divinas, mas a que me deu mais oportunidade como atriz foi "Os Fuzis da Senhora Carrar", de Brecht, embora eu tenha recebido em 1957 troféus pelo desempenho em "A rainha e os rebeldes", de Ugo Betti, os prêmios "Governador do Estado" e "Saci". Em "Yerma", de Garcia Lorca, também fui agraciada com o prêmio "Governador do Estado", em 1962. Esse mesmo ano fui membro da Comissão Estadual de Teatro e estruturamos o "Plano de Desenvolvimento do Teatro Infantil", promovemos o seu primeiro festival.*



MALIT-25: Dina Lisboa e o troféu "Saci", Angatuba, SP., 1981. Arquivo pessoal.

*(...) Tive a felicidade e a sorte de ser dirigida pelos melhores diretores da época: Alfredo Mesquita; Ruggero Jacobbi; Adolfo Celi; Ziembinsky; Alberto D' Aversa; Maurice Vanneau; Antunes Filho; Haydée Bittencourt; José Renato; Flávio Rangel; Abujamra; Egídio Eccio e Geraldo Vietri. Com Ruggero D' Aversa a afinidade era maior.*
*O saudoso TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) foi a minha casa. Antes dele atuei em quase todas as companhias existentes na época, fazendo uma ou duas peças em cada uma. Entre outras companhias, havia a "Cia Nídia Lícia-Sérgio Cardoso", Teatro de Arena, Teatro Ruth Escobar, Teatro Maria Della Costa, para citar os mais conhecidos.*
*(...) Exatamente os clássicos que conheci e estudei na EAD, representei peças de: Pirandello, Brecht, Arthur Muller, Jeon Anuihl, Audiberti, Cammus, Agatha Christie, Dougall, Jorge Andrade e muitos outros. Tinha muita afinidade com Jorge Andrade. Seus textos, apesar de tratarem de temas brasileiros, têm dimensão universal. Sua linguagem teatral tem a força trágica dos clássicos, e embora localizem acontecimentos do passado, são atuais.*

Dina Lisboa foi rememorada como mestra, atriz e mulher nos relatos da depoente Ilídia Floriza Maciel Manfredini, conhecida como Dª. Floriza ou Fiora:

> *Dª. Dina era cinco, seis anos mais velha do que eu. Quando a conheci foi no Grupo Escolar, dando aulas pra mim, substituindo Dª. Júlia Leite (...). Era 1927 e eu tinha dez anos (...). Era uma pessoa muito inteligente e muito exigente.*
> *(...) Quando eu fui aluna dela eu era meninota ainda e depois fizemos uma grande amizade. Tem uma passagem muito interessante, quando ela entrou pra dar aula na minha classe, já avisaram ela que eu era do "chifre furado", "levada da breca". Então avisaram ela que era pra "abrir o olho" comigo, "pra não ter dor de cabeça" comigo.*
> *Então ela chegou, fez a chamada e cada aluna que ela chamava ficava em pé, aí ela chamou Floriza Maciel, porque o meu nome é Ilídia, mas eu só fiquei sabendo quando eu tinha dezoito anos, quando eu fui fazer o requerimento do título de eleitor, daí que eu fiquei sabendo que o meu nome era Ilídia. Cheguei em casa chorando, fiquei "louca da vida" do meu nome ser Ilídia, achei feio, então lá no Grupo Escolar era Floriza só.*
> *Daí levantou de uma em uma as alunas e ela ficou conhecendo mais ou menos todos. E ela foi tão inteligente, tão esperta... ela disse: - Olhe, Floriza, quando eu sair daqui da classe, quando eu for fazer qualquer coisa fora... você fica aqui no meu lugar, você é a chefe da classe, você fica tomando conta. E eu fiquei tão orgulhosa com aquilo, achei tão importante precisava de ver. E ela foi então na Diretoria conversar com o Sr. Portela, que era o Diretor do Grupo Escolar, naquela época. Então eu fui e sentei na cadeira onde ela sentava, depois eu fiquei em pé perto da mesa, era na primeira classe, naquela que vem do banheiro. Fiquei em pé e comecei a declamar... ela ensinava a declamar e eu comecei a imitá-la. Ela mandou fazer não sei se era uma descrição, ou uma composição do Hino Nacional e nós todos fizemos. (...) A classe era feminina e muito lotada. Ela começou a declamar o Hino Nacional inteirinho. Eu sei que ela saiu da classe e eu fiquei lá em pé no lugar que ela ficava e comecei... "Ouviram do Ipiranga às margens plácidas. De um povo heróico o brado retumbante...".*
> *Pronunciando muito bem as palavras... quando eu estava declamando, ela abriu a porta e ficou olhando eu declamar... [a depoente simula espanto] saí correndo dali e fui sentar no meu lugar e me encolhi lá. E ela disse: - Continue, Floriza, continue, está muito bonito, continue me imitando. E eu fiquei tão envergonhada! Tão desapontada! A gente achava muito bonito, lindo, ela falar corretamente, pronunciar muito bem as palavras. Era ela que organizava tudo, as músicas, o jornal (...)* [Depoente Ilídia Floriza Maciel Manfredini, Angatuba, 1999, pp. 2/6].

As propostas da Escola Ativa já estavam sendo aplicadas por Dina e a depoente Dª. Floriza lembrou:

> *(...) No Grupo Escolar ela formou um jornal com o nome: "O quarto ano" e eu era a diretora do jornal e a Annunciata Favali era a redatora chefe. Esse jornal saía a cada quinze dias e todo mundo lia (...), mas era muito bonito e interessante nosso primeiro jornal, tinha poesias, redação, tudo sobre a vida escolar, essas coisas... Até então ninguém havia organizado jornal na Escola.*
> *Nas festas ela ensinava poesias, músicas, tudo era representado (...). Ela melhorou bastante o estudo do nosso Grupo Escolar, ela foi muito importante, tinha idéias diferentes. E ela era sozinha, fazia tudo sozinha. Havia muita inveja dela viu, porque ela era nova, arrojada, tudo que ela pegava pra fazer, ela dava conta.*
> *(...) Ela ficou só três anos no Grupo Escolar, depois ela escolheu Itaberá (SP), aí depois ela foi estudar teatro em São Paulo.*
> *(...) Só sei que eu, bagunceira do jeito que eu era... pois ela me endireitou* [Angatuba, 1999, p. 7].

A ítalo-brasileira Dina Lisboa representava, na década de 40 do século passado, uma mulher com perspectiva profissional, dona de si, de sua vida, de sua sexualidade. Como atriz, mais exposta à modernização e sujeita à pressões, enfrentou críticas e incompreensões. É o que rememorou a mesma depoente:

> *(...) Ela vinha aqui pra Angatuba e eu e minha irmã Emília (Emília Maciel Branco) íamos a São Paulo. Conheci toda aquela grande turma de artista. Ela nos levava, toda noite, ao Teatro Municipal e até nos apresentou à grande pianista Guiomar Novaes, o grande violonista Leônidas Autuori. Fomos durante doze noites, estava reservado pra nós lugar na "frisa", junto com o Maestro Hernani Braga.*
> *Em São Paulo só os "grandões", os atores, as atrizes. E eu fiquei conhecendo uma porção, até trouxe autógrafos de todos eles. Ela me apresentava pra aquele pessoal lá e dizia que eu era irmã dela, porque éramos muito amigas.*
> *(...) Ela era muito inteligente, culta e glamourosa. Tinha muita amizade com o poeta Cassiano Ricardo, que foi a grande paixão dela. Guilherme de Almeida também gostava dela (...). Quando ela vinha de férias pra Angatuba era um "chamarisco", os rapazes ficavam "babando" por causa dela, até os rapazes de fora e sabe, também os de São Paulo, às vezes, vinham aqui por causa dela. Eu acredito que era também a inteligência, cantava músicas lindas, tocava violão muito bem mas era uma grande mulher! E como se vestia bem, ela era tão chique!*



MALIT-128: Sentada Dina Lisboa e Maria Della Costa, Angatuba, SP., s/d. Arquivo pessoal

*(...) Pra época ela era uma mulher diferente, diferente das moças, das colegas que ficaram aqui em Angatuba, ela sobressaía. E todas morriam de inveja dela. Tinham inveja por ser uma mulher inteligente, dela ser uma pessoa famosa, certo? Era assim um ciúme louco que tinham (...).*

*Havia muito comentário por ela ir a São Paulo, ser atriz. Tinham certeza que ela "pintava e bordava", falavam sim e muito, sabe, cidade pequena...*

*Mas ela era uma mulher que nunca... toda vida andou de cabeça erguida, levantada... nunca deu confiança pros comentários (...). Agora, em São Paulo, no teatro, o meio dela, as amizades que ela tinha, só com gente importantissima! (...).*

*E como ela cantava bem e encantava também! Bom, uma coisa ela teve, os namoros fora de série, pra época, bastante avançado, ela despertou muitas paixões.*

*(...) Sabe de uma coisa, ela foi uma pessoa completamente diferente de todo mundo. Foi uma mulher espetacular, uma mulher formosissima, por isso era muito invejada.*

*Eu me lembro, lembro bem mesmo, olhe que eu... bem dizer, morava aqui na casa dela, eu nunca vi uma discussão com o Sr. Antonio (o pai*

*Antonio Lisboa), com os irmãos, eles aceitavam a maneira dela, tinham orgulho dela ser atriz!*
*(...) E ela tinha uma paixão incomum pelo teatro! (...) Não era com todo mundo que ela tinha amizade, mas as pessoas que eram amigas dela, consideravam ela muito culta, muito importante aqui em Angatuba. Ela foi muito importante pra Angatuba!* [Angatuba, 1999, pp. 4/5/13].

Uma outra mulher, a ítalo-brasileira Profª. Itália Julieta Basile, a Dª. Julieta, promoveu transformações culturais na cidade através de suas práticas pedagógicas e na organização dos festivais escolares e na produção musical, como organista do Coral "Santa Cecília" da Igreja Matriz de Angatuba. Tanto no espaço social do Grupo Escolar "Dr. Fortunato de Camargo", quanto no universo religioso, construiu relações sociais bastante significativas que possibilitavam aos agentes infanto-juvenis conviverem no meio familial de "Dª. Julieta".

Buscou-se, entretanto, através de relatos orais, reelaborar sua trajetória e a produção sócio-cultural por ela realizada na comunidade angatubense. "(...) O meu pai Giuseppe Basile, conhecido "Mestre Pepino", porque era construtor, era um italiano calabrês, de Ciró, e minha mãe, Mariucchia Biagioni, natural de Castelnuovo Garfagnana, era toscana (...).



MALIT-03: Bodas de Ouro de Giuseppe Basile e Mariucchia Biagioni. Angatuba, SP., 1953. Arquivo pessoal.

*Eu nasci aqui em Angatuba, em 8 de fevereiro de 1911 (...). Cresci num ambiente muito austero, o papai quando ficava alterado, por causa dos repentes, falava alto e mamãe dizia: - Tu sei calabrês, io sono toscana [risos]. Tu sei calabrês e parla piano. Porque quem passa na rua pensa que tamo brigando. Mas não era, a italianada perto, parecia que estava brigando. Mas o papai, coitado, era muito bom, mas severo, era o "seu jeito calabrês".*

*(...) Me sinto também italiana pelo nome não vê... Itália Julieta Basile! É Itália!*

*(...) A preocupação dos meus pais era em estudar os filhos: os meninos, por exemplo, terminaram o 4º ano do Grupo: o Nê tinha loja e não continuou os estudos, se manteve no comércio; o Luiz também não, ele trabalhava no Cartório... Não, é na Coletoria. Mas nós meninas, a Carmelinha (Maria Carmela Assumpta Basile) e eu fomos estudar em Itapetininga... há também o Carmino. E tinha que morar na casa de italiano. Não deixava sair de jeito nenhum! A ordem do papai era para não sair de casa.*

*Eu fiquei na casa do Sr. Maurício Tambelli, que eram italianos, comerciantes em Itapetininga. Por sinal que ele tinha uma filha, a Iolanda, mas prá mim ela era o que tinha mais de boazinha, era a minha companheira.*

*(...) A Carmelinha foi primeiro, porque ela era sete anos mais velha que eu (...). Nós éramos muito crianças, nove, dez anos e chorava, não queríamos ir a Itapetininga. Mas como ele era enérgico, tínhamos que ir. Mas eu louvo a Deus e o abençôo, porque afinal o que a gente é deve a ele. Minha mãe, ela torcia por nós, ela ficava brava com ele, mas queria que todos estudassem* [Depoente Profª. Itália Julieta Basile, Angatuba, 1999, pp. 9/16].

A entrevistadora revelou à depoente que pesquisa realizada no Livro de Atas dos Exames do Grupo Escolar "Dr. Fortunato de Camargo", demonstrou seu bom rendimento escolar, que crescia ano a ano, chegando ela a obter a maior nota da classe no 4º ano primário.

E continuou o relato oral:

*(...) Naquele tempo era Escola Complementar. Depois o Normal... quatro anos. É, quatro anos de Complementar e três de Normal... sete anos e concluí em 7 de dezembro de 1929. Me formei professora no Instituto "Peixoto Gomide", com 18 anos. Todo esse tempo que permaneci em Itapetininga, estudei piano no "Colégio Imaculada Conceição", das Irmãs Beneditinas.*

*(...) Em Angatuba, lecionei no Bairro dos Teodoros, minha primeira Escola; depois no Bairro dos Vicente; na Serra da Boa Vista; no*

*Barreiro dos Italianos e no Matão (...). Em 1941, vim para o Grupo Escolar e me aposentei em 1957. Permutei com a Nadege (Profª. Nadege Pedroso Lisboa), fui para o Bairro do Matão e ela veio do Grupo Escolar (...). Sempre dei aulas para as primeiras séries, uma vez a terceira, duas vezes a quinta série. Só primeiro ano, eu adorava os pequeninos.*
*Eu me lembro uma coisa engraçada que aconteceu com meu aluno João Machado dos Santos. E ele é tão da Igreja! (...).*
*Eu só sei que fui fazer ele escrever no caderno e disse: - João, por que você está escrevendo aí? Escreva na primeira folha. E ele respondeu: - Aqui não é pra fazer não, dona, eu gosto do chão limpo! Como a gente não esquece... "de chão limpo!" Ele não queria escrever no caderno, para não sujar [risos]* [Depoente Profª. Itália Julieta Basile, Angatuba, 1999, pp. 16/19/20].

A depoente rememorou, nos relatos, os festivais de final de ano letivo que ela organizava:

*(...) O Júlio (Júlio Simões de Almeida, seu esposo) não fazia conta da grande movimentação da criançada aqui em casa. (...). Era o meu maior gosto, minha Nossa Senhora! Quando o Nédo (Prof. Affonso Basile, diretor do Grupo Escolar "Dr. Fortunato de Camargo") quase chegando no final do ano dizia: - Julieta, vamos fazer festival? Eu respondia: - Mas nem vamos! Ficava desesperada, já começava os ensaios. Eu tinha piano, ensaiava em casa após as aulas, domingo...*
*(...) Tinha muita variedade: canto, poesias, peças de teatro, danças. Ah! Mas o bailado era o que eu mais gostava. Eu levei aquele, não me lembro se é minueto, não sei... Trajavam as meninas de homem. Então esqueceram de colocar a meia comprida até o joelho assim, na malinha da Terezinha (Tereza Simões de Almeida Moraes). Ai que apuro meu Deus do céu! Daí, alguém lá que me ajudava, rasgou um pano e enrolou na perna dela [risos].*
*(...) Tive uma outra artistinha que estava deitada no berço, e foi tão engraçado... ela dormiu no berço e não havia meios de acordar, na cena.*
*(...). Apresentavam os festivais lá no Cine São João e uma vez parece que o assoalho do palco não estava muito bom, alguém caiu no porão, o artista caiu no porão... Ai, teve cada passagem!*
*O Neno (José Raimundo Cafundó), a Antonieta (Antonieta Correa Lopes), a Orandi (Orandi Monteiro) eram formidáveis! Tive tantos alunos, ex-alunos formidáveis nos festivais (...). Você também participou, não Maria?*
*[a depoente refere-se à entrevistadora que também participou dos festivais]*

*Que saudade! Era lindo, não! É, cada uma com seus trajes típicos, dançava e cantava.*
*(...) Foram anos e muitos anos de festivais*! [Depoente Profª. Itália Julieta Basile, Angatuba, 1999, pp. 24/25/26]

Como organista do Coral Santa Cecília, a depoente rememorou:

*(...) Quando fui estudar em Itapetininga como eu disse, depois da aula eu ia até o Colégio Imaculada Conceição aprender piano com a Madre Columba. Fazia um sacrifício tremendo, depois de quatro horas na escola... mas eu tinha loucura, queria aprender piano... aprendi pouco, mas enfim, deu prá se virar, deu para tocar na Igreja e quantos anos, meu Deus!*
*(...) uns trinta anos como organista do Coral Santa Cecília, da nossa Igreja Matriz.*
*(...) Não perdia o mês de maio, eu ia tocar o mês inteirinho.*
*(...) Eu sofria durante esse tempo, pois, às vezes, os cantores demoravam pra vir, eu ficava debruçada no balcão do coro, olhando pra baxo, para ver se vinham. Ai, meu Deus, como eu passava mal nesses encontros.*
*(...) Tudo era cantado em latim, antigamente. A Antonieta (Antonieta Correia Lopes) repetia e a gente morria de rir, porque, às vezes, não sabiam pronunciar as palavras certas em latim, então tinha que ensinar.*
*Eu me lembro da "Missa de São Joaquim" inteirinha cantada em latim, era uma maravilha e o coral cantava muito bem (...). Eu ensaiava e o coral cantava muito bem (...). Eu ensaiava lá em casa e na igreja.*
*(...) Em todas as datas do calendário litúrgico, o Coral se apresentava, mas o auge, os cantos mais bonitos eram por ocasião da Festa do Divino, nosso padroeiro e no Natal (...).*
*(...) Nossa! Acompanhei o fim do latim, das músicas sacras, e depois a introdução das músicas modernas em português (...). Desde o tempo do Monsenhor Ribeiro, do Padre Riccio, do Padre Valêncio, dos padres Ernane e Adhemar... todos gostavam do coral... Nossa! Eles se hospedavam praticamente aqui em casa (...). Nossas idas a Piraju (SP)... que beleza, as igrejas lotavam, nas ordenações dos padres... nas outras cidades... [Dª. Julieta está muito emocionada e entra na sala seu marido]*
*(...) Júlio, é tão gostoso tudo isso!* [Angatuba, 1999, pp. 28/29/37]

As depoentes Antonieta e Orandi rememoraram nos relatos orais a produção cultural da Profª. Itália Julieta Basile:

***Antonieta:*** *(...) Dª. Julieta para mim foi a pessoa mais importante da minha vida. Porque eu era menina, eu tinha muito problema na minha casa. Meu pai era separado da minha mãe, tinha muita tristeza. Mas era uma vida de fartura, porque eu morava co'a Ana Leite, Marciliano Leite e a Maricota. Eu tinha muita tristeza por causa de outras coisas... Quando ela me chamou pra ir à Igreja... tinha a "Liga do Menino Jesus".*

*(...) Eu estava no Grupo Escolar e fui ser aluna da Dª. Julieta. Ela achava que a gente era atarentada, muito assim... ativa. Então ela nos convidou, eu e minha comadre, pra participar do festival. O primeiro que nós participamos era sobre o Pinóquio, eu e a comadre Orandi, a Iolanda Medeiros, a gente ensaiava bastante. Ela tinha aquela paciência, aquela coisa mais linda! E não é só isso, era ela que ensaiava o nosso coral, era diretora do nosso coral.*

*Tinha aquela missa de São Joaquim que ela também ensaiava, tudo em latim, era coisa mais linda!*

*(...) Não teve filhos e os seus filhos eram os seus alunos. Igual a ela acho que não existe, porque a paciência que ela tinha...*

***Orandi:*** *E nas missas... eu gostava de levantar bem cedinho pra ficar perto dela na Igreja, a hora que as outras meninas chegavam eu já estava lá... Tichuleta... Tichuleta.*

*[Orandi e Antonieta pronunciavam o nome de Dª. Julieta como ela era chamada pelas crianças]*

*(...) Todos os anos, eu e a comadre Antonieta, participava dos festivais. Ah! Sempre juntas. Os festivais eram no cinema ali em frente onde hoje é o Bradesco. O "Cine São João" era ali, (...). Eram sempre nos finais de ano...*

***Antonieta****: Antes do Natal. Ensaiava uns três meses e meio... num era já ensaiar e apresentar, não.*

***Orandi:*** *Vendia os ingressos em benefício da Caixa Escolar (...). A organização dos festivais era só com ela.*

***Antonieta:*** *Outra pessoa que também ensinava era o Élcio Lisboa, ele ia tocar violão. Ele tocava um violão! Era uma coisa maravilhosa, como ninguém tocava.*

***Orandi:*** *Sr. Janguinho (João Monteiro) também ensaiava algumas vezes, a Dª. Inocência Amaral... Eu me lembro uma vez, num festival o número que a gente representava. Nossa roupa era toda de papel crepon. E eu era muito viva, esperta e o zíper do meu vestido abriu e eu estava bem atrás e as outras meninas viravam, dançavam e eu fiquei ali estaqueada... Então depois perguntaram: - Orandi, por que todas dançaram e você... Eu respondi: - o meu papel é ficar ali parada... Como toda vida fui gordinha abriu o zíper, estragou o papel... E dizia: as outras sim, mas eu não. E Dª. Julieta achou aquilo formidável!*

***Antonieta****: A "Feira das Nações" foi um dos festivais mais bonitos que teve, era o nome do festival, números variados, eu me lembro. A gente participava de tudo.*

***Orandi:*** *(...) Fomos cantar até no circo de verdade. Porque isso também motivara a gente fazer cirquinho lá em casa (...). Até o César do Dr. Renato fez um circo com arquibancada e tudo. E uma vez fez lá em casa a arquibancada veio prá baixo. E aquela bancada tudo no chão... Tinha auto-falante igual circo (...).*
***Antonieta:*** *Outra coisa, eu era a Verônica, representava a personagem bíblica Verônica durante a procissão do Senhor Morto, na sexta-feira Santa, cantava e era Dª. Julieta que ensaiava. Ela exigia que eu deixasse o cabelo crescer para cantar como Verônica. De primeiro era assim na sexta-feira maior. Então eu subi na cadeira e era o Carlinhos do Sr. Raul (Carlos Climeni) que punha a cadeira pra mim subir nela, em cada esquina. Na Igreja eu subi na cadeira e esqueci da música... deu um branco na minha cabeça. De repente aquela vozinha murmurando, ela notou que eu demorei, mostrei o Cristo, o sudário sem cantar. Daí eu escutei a vozinha dela e comecei a cantar, veio na minha memória. Prá você ver o quanto ela seguia a gente, ela foi uma mãe pra nós, não comadre?*
*(...) E a gente ficava na casa dela e não queria ir embora (...). Até no carnaval uma vez ela fez retiro pras criançada na casa dela (...).*
*(...) E ela era que nem o Cristo co'as ovelhinhas... não desgrudava da gente. Então ela queria que a gente crescesse. E o festival... tudo, tantas coisas!* [Depoentes Antonieta Correia Lopes e Orandi Ramos Monteiro, Angatuba, 1999, pp. 2/4/15/16/18/19/20].

A depoente Profª. Thereza Simões de Almeida Moraes, com sua maestria vocal, desde tenra idade acompanhou Dª. Julieta e se tornou regente do Coral Santa Cecília. Nos seus relatos lembrou das apresentações nos Festivais Escolares e se orgulhou de ser a intérprete da cultura italiana nos palcos.

*(...) Desde criança, gostava de cantar, declamar poesias e o Sr. Armando Favali, que era nosso vizinho e muito amigo de nossa família, pacientemente me ensinava coisas italianas, a língua, as canções... O Festival da Dª. Julieta já estava marcado e eu teria que representar entre tantas outras coisas... cantar a "Santa Luccia".*
*Me lembro, lá no Cinema Velho (Cine São João) cantando "Santa Luccia"... fui aplaudida em pé. Toda família do Sr. Armando Favali estava ali presente,... e chorando quando eu terminei de cantar:*

Su mare, Luccica
Lastro d'argento
Plati de londa
Prosperi vento
Venite a lagrile

Barqueta mia
Santa Luccia, Santa Luccia.

Ó dolce Napoli
Ó sole beato
Ove sorridere
Vole il creato
Tu sei l'impelo
Santa Luccia, Santa Luccia.

Com questo zéforo
Cosi suave
Ó como é bello
Estar su la nave
Venite ablágile, barquita mia
Santa Luccia, Santa Lucia.

Tu fra le tende
Bandir la cena
Tu uma cera
Cosi serena
Chi non domanda
Chi non decia
Santa Luccia, Santa Luccia.

> *(...) Dª. Julieta, carinhosamente nossa "tia Julieta", foi a grande "mestra" de todos nós. Pense bem, conduzir tantas crianças e jovens como ela conduziu às Artes Cênicas, à dança, à música sacra e popular... foi uma heroína! Uma mulher de muita garra. Tem a fibra dos italianos... do pai, o "Mestre Pepino" ela herdou a seriedade no trabalho; da mãe, Dona Mariucchia, a singeleza, o altruísmo, a abnegação no modo como serviu às gerações angatubenses (...)* [Depoente Profª. Thereza Simões de Almeida Moraes, Angatuba, 1999, pp.3/6]

Um outro aspecto da cultura popular reelaborado pelos imigrantes italianos setentrionais e seus descendentes tanto da zona rural quanto da zona urbana diz respeito à literatura oral: o caso popularmente conhecido por causo. Uma manifestação cultural de fundo literário, em prosa, transmitida oralmente e que conservam a tradição. José Santi Sobrinho relatou-nos vários, entre os quais:

**O empréstimo que não aconteceu.**

*Na região de Buri, havia um fazendeiro muito abastado, mas muito sovina, que dificilmente emprestava dinheiro.*
*Certo dia, bateu à sua porta um velho conhecido que estava precisando de um dinheiro emprestado. Este senhor iria pernoitar na casa do fazendeiro para tentar o empréstimo.*
*Após o jantar, os dois sentaram próximos da taipa do fogão de lenha para fumarem cigarro de palha. O fazendeiro a todo instante acendia seu cigarro com o tição de lenha que estava ali às mãos e tão econômico. E, pensar que o visitante gastou mais de uma caixa de fósforos para poder "pitar" seu cigarro.*
*Lá pelas tantas foram dormir. De manhãzinha, o visitante, preocupado com a resposta que o fazendeiro lhe daria, foi logo perguntando: - E aí, dá pro senhor m' impresta o dinhero? O fazendeiro respondeu: - Se pra acende seu cigarro voismecê gastô mais de uma caxa de fósforo e co' fogo ali pertinho... deu pra vê que voismecê num é econômico, é muito isbanjado. Desse jeito num dá pra impresta o dinhero. Sinto muito!* [Depoente José Santi Sobrinho, Bairro Barreiro dos Italianos, Angatuba, 1999, p. 50]

Também Fortunato Favali, primo de José Santi, lembrou vários "causos", dentre os quais:

*O italiano Sr. Giuseppe Basile, construtor de obras, era conhecido por Mestre Pepino. Estava trabalhando no novo cemitério de Angatuba, construindo uma capela no jazigo da Família Basile e um dos irmãos do Mestre Pepino estava enterrado ali.*
*Diariamente ele cumprimentava o irmão falecido, dizendo: - Bom Giorno! Come si vá?*
*O ajudante de pedreiro "Chico Martelo", já estava implicado com as saudações diárias de Mestre Pepino ao irmão falecido.*
*Muito curioso, foi se informar com outros italianos da cidade, qual seria a resposta que o morto daria a esse cumprimento.*
*E lhe ensinaram que seria: - Bene! E te?*
*Satisfeito por ter aprendido a expressão italiana, outro dia, logo cedo, "Chico Martelo" ficou atrás do jazigo, bem escondido, esperando o Mestre pepino, que logo chegou e cumprimentou o irmão: - Bom giorno! Come si vá?*
*"Chico Martelo", com uma voz bastante grave, respondeu em italiano: - Bene! E te?*
*Mestre Pepino, ouvindo isso, ficou tão assustado e correu em direção ao portão do cemitério, não voltando mais. Demorou saber que fora Chico*

*Martelo que lhe pregou essa peça* [Depoente Fortunato Favali, Itapetininga, 1999, p. 13].

## 4. 2 – Os Imigrantes Italianos Meridionais e sua descendência

Dentre as famílias dos imigrantes italianos meridionais, a família de João Mariosi foi a que mais se destacou pelas construções significativas nas manifestações de cultura popular e cultura caipira.

Os relatos orais dos depoentes reforçam também o trabalho e a família como valores supremos e a importância da mulher na manutenção da ordem familiar.

Miriam Lifchitz Moreira Leite diz que: "as mulheres eram avaliadas como boas e más donas de casa. A dona de casa era o baluarte da família, responsável pela empresa doméstica e sua prosperidade. Não apenas era responsável pela sobrevivência, educação e saúde dos membros da família, como pela transmissão das tradições nacionais ou religiosas e da celebração adequada dos rituais familiares e comunitários. Uma de suas mais sérias atribuições e que era vista até como uma virtude era a de casar as filhas, sobrinhas e até vizinhas desvalidas (...)" (1993, p. 26).

A depoente Sra. Gentil Pedroni de Matos rememorou os papéis tanto da avó Angelina Pignatari, quanto da mãe Clementina Mariosi na transmissão dos costumes italianos e na aprendizagem dos costumes nacionais.

> *Co'a morte do meu avô João Mariosi, minha vó Angelina tava de dieta do tio Joãozinho (João Mariosi Filho, 11° filho do casal)... ela preciso trabalha muito pra sustenta a criançada.*
> *(...) O Matarazzo ajudô um poco ela porque falavam que eram parente lá na Itália, num sei se é do meu avô ou da minha avó, só sei que eles era do mesmo lugar. Intão o Matarazzo veio e deu um poco de trigo, forneceu mercadoria pra ela í trabalhando, daí ela começo a faze pão e vende... trocava por ovo, coisa de alimento pra ela cria os filho. E a minha mãe Clementina (6ª filha do casal) ia junto com ela. A mãe chorava as veiz, a mãe contava que ela chorava, cansava de tanto anda, é numa casa, notra, sítio longe um do outro.*

*Intão elas trazia frango, frutas que trocava co'pão pra sobrevivê. A minha vó negociava, vendia pão na cidade e nos sítio.*
*(...) Intão minha vó pois minha mãe na casa da Dona Adelina Prestes de Albuquerque, família rica de Angatuba, pra ela aprendê a custura e cozinha (...). Minha mãe contava que Dona Adelina quando recebeu o Júlio Prestes n'Angatuba foi minha mãe que feiz o banquete (...). Minha vó, daí depois duns quatro ano que minha mãe já tava bem esperta, arrumô casamento pra ela. Meu pai era italiano que morava na Fazenda São José, e era muito trabalhador, daí minha mãe casô e foi morá uns tempo lá na fazenda.*
*(...) Clementina foi excelente mãe, vô dize pra você... por demais de religiosa, limpa, assiada, esposa muito leal. Na casa, tomava conta dos onze filho. Teve onze filho e ainda criô quatro dos outro, deu educação pra tudo e feiz casá tudo. Deu educação prá tudo assim! Se chegava uma visita num pudia í ali conversa, nem chama ela. Saía o almoço, punha lá na mesa e a visita comia, depois ela chamava: - Venha tirá a mesa, fulano. Intão nóis ia lá, pedia licença, tirava a mesa, levava lá na cozinha, daí que nóis ia comê. Que junto co'a visita nóis num sentava, não (...), ela deu muito boa educação pra nóis. Ela cuidava de nóis (...). Tomava café ao redor da mesona e ali num pudia falá... tinha que agradece a Deus e fica quietinho. Depois que tomava café, tornava agradece a Deus e daí pedia licença pra saí da mesa, que senão ela num dexava (...). Nóis conhecia ela pelo olhar, é, a italiana era brava! Ah, se era brava! Mais tinha coração de oro e quando ela falava: - Mamma mia! Tudo mundo se virava (...). Todos nóis tinha cada quar suas obrigação, nóis menina trabalhava nas casa e os home ia prô lenhero co'o meu pai (...)* [Depoente Sra. Gentil Pedroni de Matos, Sorocaba, 2000, pp. 9/14/15]

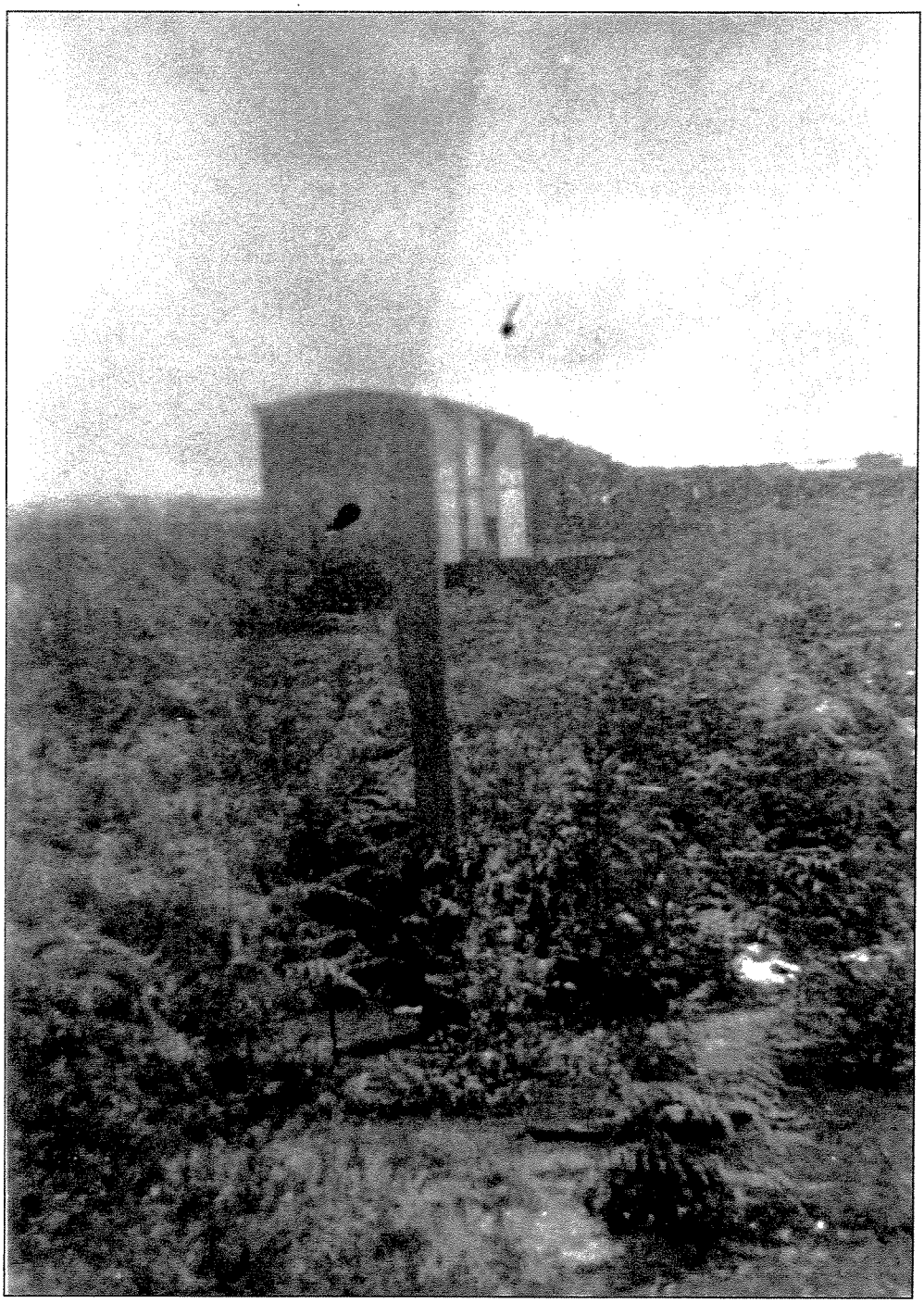
Uma grande parte dos descendentes do italiano João Mariosi se fixou em Angatuba e nos municípios cortados pelo Ramal de Itararé da antiga Estrada de Ferro Sorocabana.

Os ramais da Estrada de Ferro Sorocabana, entre eles o de Buri e do Aterradinho, Ligiana e Engenheiro Hermilo, estes situados no Município de Angatuba, estimularam a atividade da coleta de madeira, pela necessidade de lenha para movimentar as máquinas a vapor, antes da eletrificação, e de madeira para toras e dormentes. Essa atividade incentivou grande fluxo de migrantes da zona urbana para o lenheiro, entre eles, muitos italianos.

As lembranças povoam a saga da família do imigrante italiano João Mariosi e a Sra. Gentil mostra, nos seus relatos, essa íntima relação das pequenas estações, distantes dos centros urbanos, que tinham como objetivo não só atender às fazendas da região, como

o Ramal de Itararé, através dos "lenheiros", como eram conhecidos esses espaços de relações econômicas, sociais, políticas e culturais:

> *(...) A minha mãe Clementina que era Mariosi, ela era filha de João Mariosi e Angelina Pignatari. Ela caso co'meu pai Baptista Pedroni, e o meu avô, Ângelo Pedroni, também era italiano. Eles era colono lá na Fazenda do Nhô Sinhô Soares (Fazenda São José, propriedade do Cap. José Soares Hungria), que depois passo pros Turco (Fazenda Paraíso, dos libaneses João Pedro e Abílio Jorge Abdelnur). Eles só mexiam com café.*
> *Minha mãe, desde 1915 morava lá. Depois que nóis fomo pros lenhero. Meu pai foi procura otro rumo pra ele, porque nessa fazenda ele lidava só cum café. Daí, ele foi procura imprego lá na Ligiana (Ramal da Ligiana), e o Toniquinho Perera (Cel. Antônio Vieira Sobrinho) disse pra ele: - Onde vai núvem? que num pára em lugar nenhum? Daí, meu pai disse: - Tô procurando patrão! E ainda o Toniquinho disse: Por quê num vem trabalhá comigo? E, cum isso, ele foi dezoito ano patrão do meu pai. Foi onde o meu pai começo nesse lenhero. Tinha bastante gente que ele administrava o serviço, e meus irmão acumpanhava ele no lenhêro.*
> *Daí, nóis fomo pro Aterradinho (Fazenda do Aterradinho), no lenhero que meu pai tava tirando lenha pra Sorocabana, porque ele era machadero. Nóis morava no Tijuco Preto, na Fazenda Aterradinho. Tiramo lenha lá, acho que um ano mais ou meno, até 1938, quando eu e minha irmã Geni dai casamo. Daí, nóis fomo pra Buri.*
> *(...) Meu tio Vitor Mariosi era funcionário da Sorocabana.*
> *Depois, nóis fomo pra Capão Bonito, no otro lenhero, até 1950, mais ou meno.*
> *O lenhero era madera comum. Num existia eucalipto. Era nativo, era uma mata, entende? Intão, o Toniquinho Perera comprava aquela mata e meu pai impreitava prá cortá, e punha impregado. Meu pai era impreitero, e o responsável pra Sorocabana era o Toniquinho.*
> *Meu pai num sabia lê, mais ele apricava as quatro conta, ele sabia tudo. Ele cubicava água. Quem cubica água? Você vê que inteligência! Foi uma judiação ele num aprendê, num foi?*
> *Meu pai, intão, cortava a lenha, punha na linha, e o "laço" vinha. "Laço" é um trem que carregava só lenha. Isso aí ia até onde meu pai tava cortando a lenha. Daí, eles carregavam as gôndola e vinha pra Sorocabana, na Estação de Angatuba.*



MALIT-231: Lenheiro no Aterradinho, Angatuba, SP., 1939. Arquivo pessoal.

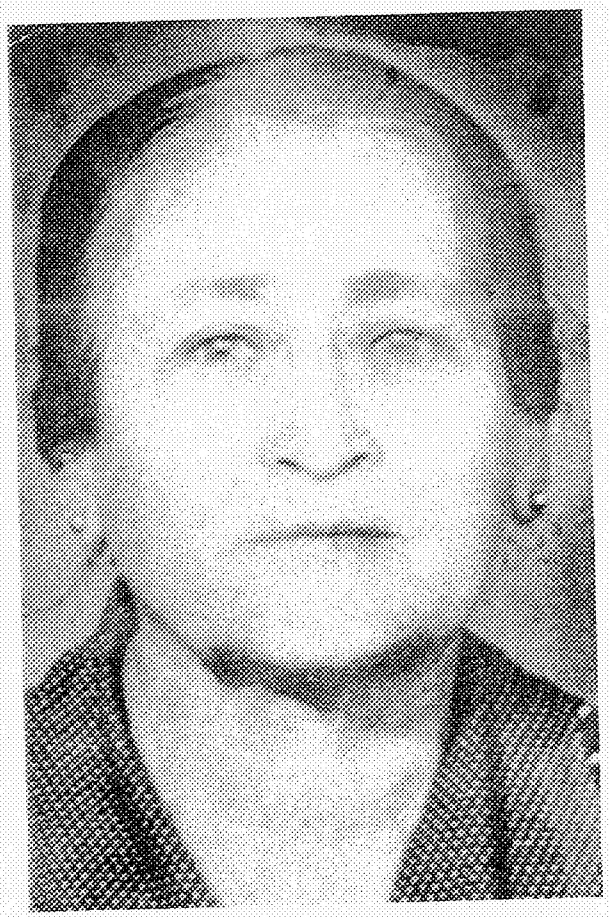
*A Sorocabana, naquele tempo, num era de eletricidade, era cum lenha. Tinha que pôr bastante lenha no negócio lá, pra pode dirigi o trem, senão ele num saía. E, foi derrubada muita mata, i... como! Meu pai, fico bem uns trinta ano derrubando mata. Acabava um lenhero aqui, tinha otro lá...*

*Em 1932, nóis tava no lenhero quando deu aquela Revolução (...) (Essa região serviu de trincheira aos paulistas, durante a Revolução de 32).*
*Intão, nóis morava na boca da estrada, sabe? Tinha aquela soldadesca que passava, e tinha o caminhão da bóia que passava. Eu tinha deiz ano naquele tempo. Intão, a soldadesca dava as coisa pra nóis. Meu pai tava tirando lenha e eles diziam que ia queima a lenha do meu pai. Daí nóis ia lá e falava: - Num queima porque é só isso que nóis temo pra vive!*
[Depoente Sra. Gentil Pedroni de Matos, Sorocaba, 2000, pp.10/15]

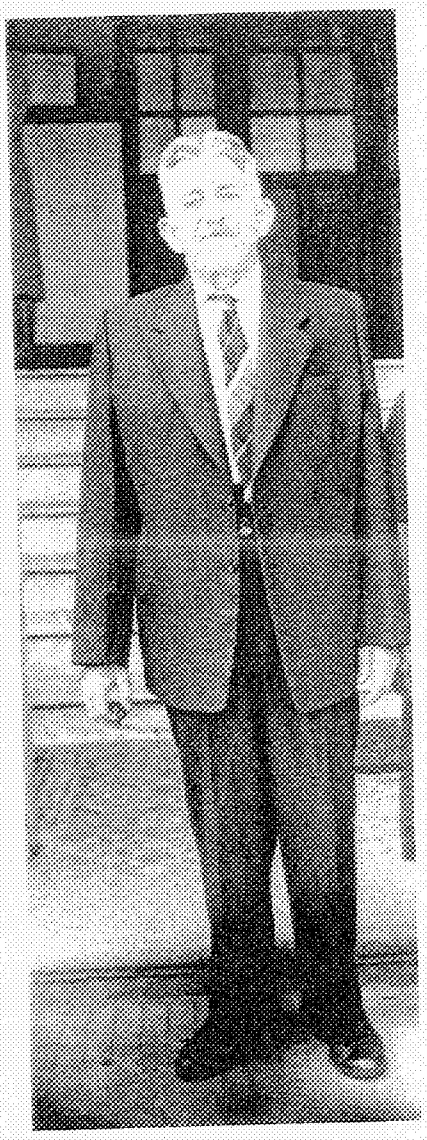
*Minha mãe num perdia nada. Inda digo pra você que a minha mãe fazia sabão. Punha prá fervê o sebo do boi, derretia tudo. Num é que derretia, ela punha água cum breu e soda, ia fervendo, derretendo o sebo. Daí ia fervendo aquilo e nóis que mexia. Ela mandava mexê. Sabe, im casa num tinha isso de mimá filho, não! Tinha que cada um faze a sua parte.*
*Claro que nóis tinha que fazê, porque era bastante filho, onze e como é que ela ia faze. Um ia lavá ropa, otro ia limpá casa, otro ia atende criança, otro ia fazê comida, depená frango, fazia tudo (...). Soca café, soca arroiz no monjolo (...).*
*Eu vô fala pra você, nóis tinha muita fartura. Era coisa mais linda do mundo: quatro hora da manhã nóis levantava, ia tirá leite da vaca, cabra de leite, que dava dois litro de leite (...). Tinha que tirá o apojo. Você sabe o que é apojo? Tira o primeiro leite da vaca, apoia o bezerro pra descê o segundo, daí que tirava e levava pra minha mãe, pra ela tomá (...). Era assim fia, foi muito bonita a minha infância!*
*Na fornalha de barro que meu pai mando faze, assava pão, assava bolacha, broa, bolo de fubá. (...).*
*(...) O café era socado num monjolo de pé. Você sabe o que é monjolo de pé? (...) Intão a gente pega... tem um monjolo que é um pau, você pega uma espécie de escora assim, que é a mão-de-pilão. Aí tem o pilão imbaxo, você pega e sobe, aqui tem dois pau, um dum lado, otro do otro, tem uma trava pra gente pega. Intão você pega na trava e põe um pé vosso e eu ponho o meu ali. Intão aperta assim o pegão sobe, desce, sobe, desce... É pilão de pé que nóis socava e moía. Ali nóis socava pra faze farinha, socava café, limpava o café im grão, depois torrava e depois ia soca no pilão. Socava os farelo de milho seco pra faze o fubá, faze canjica.*
*Ah! Minha mãe fazia desse fubá uma polenta tão gostosa, que eu vô falá! Ali ia dois frango co' aquele molho mais delicioso do mundo, que hoje num tem mais gostoso, viu...*
*A polenta da minha mãe era água e sal. Uma pitadinha de sal, um poquinho de gordura. Era banha de porco, num tinha óleo, não, era banha de porco que nóis criava os porco. Intão fazia aquela polenta cozinha uma hora numa panelona que só vendo! Intão quando você mexia que abria a polenta, que você via o fundo da panela, que tava aquele cascão, daí tava boa. Daí despejava num pano com uma pá, cobria cum otro pano e deixava ali esfria, daí ia faze o molho de frango.*

*Fritava bem frito o frango, daí iscorria aquela gordura, punha tudo que era chero, punha tomate, cenora, nabo, batatinha, rabanete, fazia aquele cozimento, sabe...*
*Era um cozido cum frango. Daí tirava uma fatia de polenta, corta cum linha, num era cum faca, não... punha no nosso prato, pegava duas concha daquele cozido e um pedaço de frango. Você comia... e como!*
*(...) Num era todo dia polenta, tinha cardápio. Um dia a gente comia frango com polenta, otro dia macarronada com quejo parmezone. Essa macarronada da minha mãe tinha sempre carne, num ficava sem carne... geralmente era frango. Intão fazia aquele molho mais gostoso do mundo, que ela fazia, aquele molho co' s tempero dela. E daí ela fazia o macarrão, ela não comprava macarrão. Como boa italiana que ela era, ela fazia um macarrão! Isticava naquela mesa a massa, deixava seca, depois vinha cortando as fatia. Chacoalhava bem, inquanto isso a água tava fervendo e daí ela jogava aquele macarrão lá... daí cinco minuto tava cozido. Aí iscorria e punha naquele molho mais delicioso. Tinha um prato de quejo ralado im cima da mesa... o quejo parmezone nunca fartô im casa e nem vinho... Meu pai comprava esse vinho n' Angatuba, comprava as cartola, lá dos Santi do Barrero (...). O quejo parmezone, o pão casero, a macarronada, a polenta e o vinho num fartava im casa de jeito nenhum!*
*(...) Sabe, fia, nóis tinha uma horta que era uma beleza. Nóis num perdia nem a folha de nada. Do nabo a gente tirava aquela folha, lavava bem lavadinha e daí picava bem fininho, refogava cum alho e azeite e comia co' a polenta. Nóis num perdia nada... Minha mãe num disperdiçava nada!* [Depoente Sra. Gentil Pedroni de Matos, Sorocaba, 2000, pp. 17/19/21/22]

As mudanças transformaram sabores, proporcionaram diferentes maneiras de fazer determinadas comidas, como lembrou a Profª. Tereza Salco, neta de Catherina Mariosi (a primogênita dos Mariosi): (...) Vovó Catharina se casou também com italiano, João Bellinati, em Angatuba, mas foram morar em Avaí. Quiseram tentar a vida no noroeste do Estado de São Paulo, era uma parte nova do Estado que estava se formando.



MALIT-152: Catharina Mariosi, Lins, SP. ca. 1956. Arquivo pessoal.



MALIT-153: João Bellinati, Aparecida do Norte, SP. ca. 1954. Arquivo pessoal.

*(...) Ele dizia sempre que não era camponês, que era urbano. Gostavam da cidade e tinham intensa vida social (...). Eram muitos os convidados para os grandes almoços que ofereciam aos domingos em sua residência... e o meu avô cozinhando... as mulheres trocavam receitas (...). Vovó cozinhava bem, com isso Hermínia, minha mãe, foi uma grande culinarista. Até o arroz de mamãe era diferente, a gente podia comer puro, porque era muito gostoso.*

*(...) Os almoços ficaram famosos na cidade... aqueles molhos que faziam, molho pra peixe, molho vermelho de vários tipos... as massas, todas eram feitas por ela, à moda italiana. E ela só comprava produtos importados. O vinho dele vinha da Itália, ele engarrafava aqui, os melhores azeites que podia consumir, os queijos... Mamãe dizia que na*

*casa existia uma enorme dispensa, lotada de queijos pendurados, salames. E ele fazia um presunto muito especial, que era feito na Itália de uma maneira diferente... mas aqui nós não temos neve, então ele procurava adaptar do jeito brasileiro. Na Itália é curtido embaixo da neve, mas aqui como não tinha essa condição, ele temperava aquele pernil... Vovó e mamãe também aprenderam a fazer esse presunto chamado "Parma". De fato, não tem o mesmo gosto por não ser curtido na neve... E vovô temperava com vinho, vários tipos de ervas, que deixava esse presunto maravilhoso... E nesses almoços eram servido pastas de beringela, de pimentão (...).*
*(...) Vovó, como toda italiana cozinhava muito bem, fazia "pasticera di grano", espécie de uma torta, famosa na Itália (...) até a macarronada que ela fazia era diferente... uma delícia!* [Depoente Profª. Teresa Salco, São Paulo, 2000, pp. 33/34/36].

Outros saberes da cultura luso-brasileira foram reelaborados pelas mulheres da família Mariosi. A Sra. Gentil Pedroni de Matos rememorou nos seus relatos orais:

*A família muito grande e ainda sobrava tempo prá minha mãe bordá, ela bordava e fazia "marafunda"*[107]*. Essa parte você desfia, esta parte, deixa um quadrado de tecido assim. Começa amarrar o tecido assim, aqui, ali. Vai bordando nesses fios aqui e... viu, já está a "marafunda".*
*As toalha, tudo de saco de farinha, saco de açúcar, de arroiz, tudo branco. Intão ela disfiava e amarrava... tecia os fio, amarrava os fio e ficava... parecia renda, os amarrado... as toalha amarrada era coisa mais linda! Antigamente era tudo de saco, fia. As curtina da mãe, as capa das cadera, era tudo de saco, coisa mais linda. As capa da cadera, você tinha que vê, duía na vista de tão branca. Mais sabe por quê? Numa vasilha que a gente fervia a ropa, punha num paninho um pacotinho de cinza, amarrava bem amarradinho, cum pedacinho de sabão, punha dentro da lata de água fervendo e depois batia bem, esfregava bem, tirava bem aquele caldo sujo e daí repassava de sabão e punha lá pra ferve, sabe? (...)*
*Na bera do rio Paranapanema, nóis ia lá, lavava tuda ropa, batia, repassava e deixava serena (...). aí notro dia nóis ia lá, batia tudo de novo.*
*... Intão como serenava naquele tempo! (...) Mais eu vô dizê pra você a ropa era "um hospital de branco", viu!*
*"Ela também fazia bombacha, intão fazia aquelas casinha de abelha nas bombacha que era coisa mais linda. Ela insinô e nóis fazia aquelas casinha de abelha, pra por do lado nas bombachas (...).*

[107] A memória tátil é extremamente reelaborada pela depoente, nesse tipo de bordado feito pela mãe Clementina. Marafunda - espécie de um "crivo" muito bonito. Os amarrados das toalhas são os abrolhos, herança luso-brasileira.

*A mãe foi muito prestimosa, eu vô falá pra você, ela trabalhô demais, viu!*
*(...) Mais ela adorava cantar e dançar. Cantava em italiano: - Dio mio te digo addio pela guerra, Lá, dá, fá... (...)*
*Ah! Saía dançando pela casa intera e cantando.*
*(...) Ela era uma mulher... eu vô dizê pra você... Ela era o médico do pessoal do lenhero, fazia parto (...) curava cum homeopatia. Vô dizê pra você e sarava mesmo. (...) Ela tinha um livro que indicava tudo como que tava a doença, como era, como num era. Se tava cum febre era Belladona, Acônito*[108] *(...)* [Sorocaba, 2000, pp. 21/22/24/25].

Os descendentes do imigrante italiano meridional, João Mariosi, muitos dos seus filhos, netos e bisnetos se destacaram como carreiristas, toureiros, violeiros, cantores de música caipira e artistas de teatro popular. Incorporaram também, cotidianamente, aspectos da cultura caipira.

O depoente João Mariosi Neto relatou:

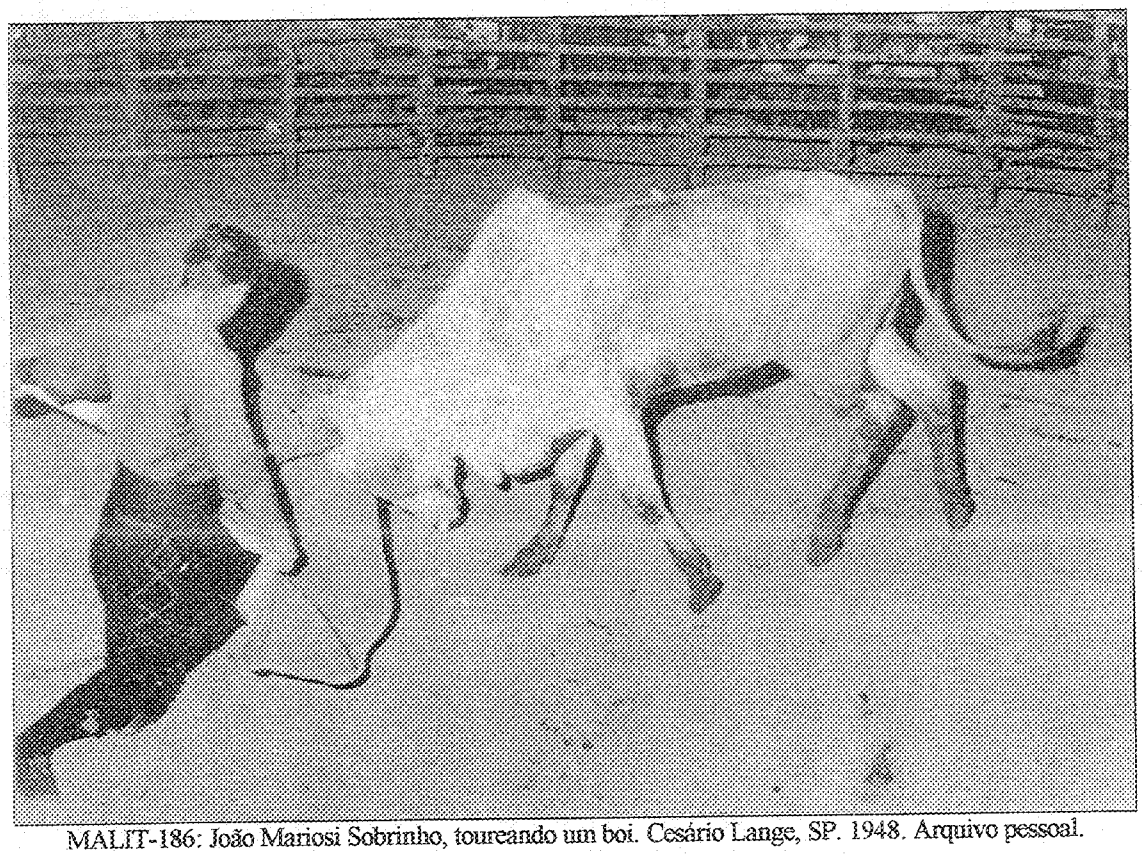
*Então o meu pai contava pra mim quando eu era garoto... uma ocasião (mais ou menos em 1925), ele foi chamado em Angatuba pra tocar uma carreira, num lugar chamado Fartura. Ele ia correr esse animal, uma égua muito ligeira, que tinha o fazendeiro lá. Então, tava treinando a égua normalmente, toda semana, e essa carreira tinha um contrato válido por três meses de prazo, e dali noventa dias deveria realizar a carreira. E aí uns dias antes da carreira, por infelicidade lá do animal, quebrou uma parte do casco, lascou uma parte do casco dessa égua, que era muito ligeira. O pai contava que a carreira estava ganha, porque já sabia até o tempo do cavalo adversário que ia correr co'a égua. Então tava seguro, mais quando aconteceu aquilo de lasca o casco dessa égua, eles ficaram preocupados. Tanto ele corredor, como o fazendeiro e o tratador de animal também.*
*Aí chegou o dia da carreira. Na noite da véspera da carreira começou a bate água, a caí água como Deus mandava, e chego no dia da carreira... os dois trilhos da raia estava que corria enxurrada de água que não parava mais, e aí então muita gente aguardando o início da carreira, tudo... família do fazendeiro que tinha vindo de São Paulo naquela ocasião.*
*Aí chega a hora da carreira, e foram pro início da saída, lá onde se chamava antigamente de "virador". Foram lá pro virador e a égua com o casco lascado... Na saída, quando o juiz ali gritou a partida, a égua escorregô e fucinhô no chão... quando fucinho ele diz que levantô a égua, e nessa altura o cavalo saiu, tinha dado o grito, o cavalo saiu, foi*

[108] Beladona, Acônito - são remédios homeopáticos.

*embora. Ele levanto a égua e saiu atrás e segurando a égua pra ela não fucinha mais no chão, e foi embora. E o corredor do cavalo quando viu que a égua tinha caído, pego e jogô o rebenque pra bate no cavalo e jogô, achou que já tinha ganho a corrida.*
*Meu pai contava que ele jogou o rebenque que queria acertá na cabeça dele. E aí nessa altura, o pai foi, levantô a égua, foi tocando, tocando, e o povo gritava, uns aplaudia...*
*E quando passô mais ou menos no meio da corrida, parece que quinhentos metros era a corrida naquela ocasião, diz que a família do fazendeiro gritô que era pra soltá a égua, o ladrão que tava segurando a égua, e daí foi embora. Quando chegô no fim do "laço", o pai que montava a égua ganhô de "meia paleta", que era "um pescoço e poquinho mais" do animal. Então a família do fazendero avisô o pai que ele tinha "vendido a carreira". Aí o pai contava que o fazendero foi encontrá ele de revólver na mão, e pergunto quem tinha ganho. Aí ele falô nessa hora: - Nóis ganhamo. [Sr. João chora de emoção ao relembrar essas passagens da vida de seu pai Nicolau Mariosi, carreirista]. Ele só num foi morto nesse dia, porque tinha ganho a carreira!* [Depoente João Mariosi Neto, Paranapanema, 1999, pp. 2/3].

Outra forma de entretenimento praticada pelos Mariosi foram as touradas. A depoente Sra. Gentil de Matos, neta de João Mariosi, assim relatou:

*O meu tio Joãozinho (João Mariosi Filho) era torero, vivia de cidade em cidade c'o circo dele, que até foi o Adhemar de Barros que deu o circo pra ele, sabe? Que o Adhemar de Barros era compadre dele (...). De Angatuba ele saiu c'o circo por este mundo de meu Deus. Ando pra Itararé... Foi por intermédio desse circo que o meu irmão Rivadávia tava c'o circo do Tio Joãozinho em Rio das Pedras, conheceu minha cunhada Cida, começaram a namorá e chegô o casamento (...). Meu irmão montava nos bois. Ele era torero também (...). O pai da moça falô: - Se for de circo não quero, eu não deixo casa (...). Daí, meu irmão abandonô o circo. Esse circo era uma companhia mesmo. Tinha o Surdo que pegava o boi à unha, era torêro do meu tio.*



MALIT-186: João Mariosi Sobrinho, toureando um boi. Cesário Lange, SP. 1948. Arquivo pessoal.

O tio Joãozinho era torero e alguma coisa, fia! [Depoente Sra. Gentil Pedroni de Matos, Sorocaba, 2000, p.28].

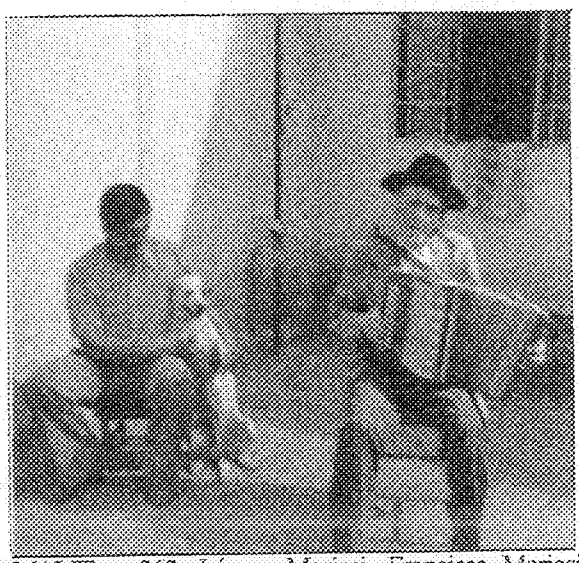
Dr. Diógenes Rolim de Albuquerque relembrou, por carta, esse folguedo bastante concorrido, por ocasião das Festas do Divino Espírito Santo e Santa Terezinha, os padroeiros de Angatuba, e a participação dos Mariosi nesses folguedos.

> *(...) A festança seguia noite a dentro. Havia muitos folguedos nesta festa tradicional. As "touradas" eram um espetáculo ímpar! As nossas primeiras touradas do princípio do século eram pagas, pessoas de posse faziam seus camarotes por conta própria, mas pagavam o ingresso para assistir ao espetáculo.*
> *Com o passar do tempo, a entrada para as touradas passou a ser gratuita (o espetáculo corria por conta da festa). O circo de touros se integrou de tal modo em nosso meio que se chegou a formar uma "tourada angatubense". Seus componentes eram: Custódio Balduíno; Domingos Romeu Larozi (filho do imigrante italiano Francesco Larozza, de Reggio Calábria); os Mariosi; o Sorocaba; Bizorro; Nicolau; Menelik (este toureiro preto muito hábil, cujo nome fora dado em homenagem ao Imperador da Etiópia). Este fazia proezas com vara de bambu que equilibrava no dorso do animal. Tivemos até uma*

*toureira, a mulher do toureiro Olívio, de Laranjal Paulista, ambos hábeis na sua profissão. Os bois mais bravios eram denominados Chapéu de Couro, Araçá, etc. (...).*
*Houve um fato interessante: os toureiros Mariosi e Bizorro ficaram muito famosos. Certo dia, o jornalista angatubense "Tico Tico" (José Carlos Vieira de Moraes) deu com cartazes afixados por toda São Paulo, onde se lia: "Grande espetáculo de Tourada – toureiros vindos diretamente da Espanha". O jornalista Tico Tico apressou-se a entrevistá-los, e qual não foi sua surpresa ao dar com os pretensos toureiros espanhóis, que outros não eram senão João Mariosi e Bizorro, seus velhos conhecidos de Angatuba. O encontro foi divertidíssimo!* [Missivista Dr. Diógenes Rolim de Albuquerque, São Paulo, 1985].

A barganha, costume secular da zona rural, incorporou-se na vida desses ítalo-brasileiros.

*Ah! O tio Chico (Francisco Mariosi, 1° filho de João Mariosi) era breganhista. Breganhava muito. Uma veiz sabe o que ele feiz? A minha mãe (Clementina Mariosi) contava que ele possuiu um cavalo. Era um cavalo velho que ele tomo nessa breganha, intão ele feiz o seguinte: ele pinto o cavalo [risos].*
*Pinto o cavalo de preto e breganhô o cavalo por um otro melhor. E quem levo o cavalo foi tão infeliz, pois deu uma chuva... [risos] saiu toda tinta do cavalo.*
*A minha mãe falava que era lá n'Angatuba, quando ele era mocinho. Ele era o mais velho dos irmãos. A mais velha de tudo era a tia Catherina. Intão o home veio e falo: - Vamo desbreganhá, porque o cavalo tá véio.*
*E o desfecho foi que ele num aceito, porque ele era valente. Ele falo: - Não, a breganha tá feita e o que eu faço num arrependo!*
*Claro que num arrependia, puis tava lucrando. E foi assim o desfecho* [Depoente Sra. Gentil Pedroni de Matos, Sorocaba, 2000, pp.29/30].



MALIT – 262. Lázaro Mariosi, Francisco Mariosi tocando sanfona. Itapeva, 1977. Arquivo pessoal.

A música sempre fez parte dessa família e eles sabiam cantar modas de viola, formar duplas de cantadores e tocar instrumento musicais como viola, violão e sanfona.

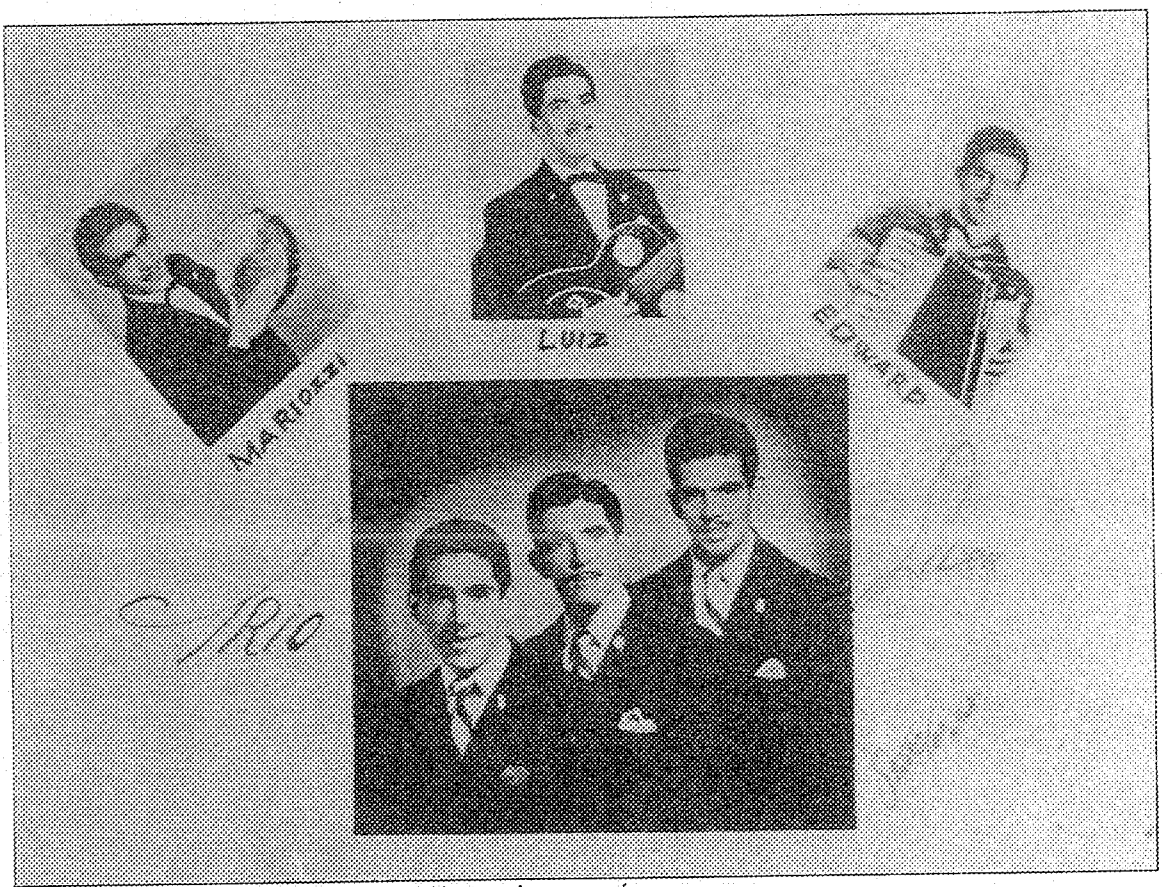
> *O meu tio Chico tinha uma sanfoninha, vô falá pra você. Ai quando ele pegava essa sanfona, Senhor do céu, ele dançava co'a sanfona, tocava até aquelas moda italiana que só vendo. Mais eu num lembro as música mais, fia.*
> *Então ele ia nos baile co'a sanfoninha e animava (...). Co'a sanfona de oito baxo, porque antigamente não tinha acordeon, só de oito baxo, ele tocava e cantava (...).*
> *Depois lá em Cianorte (PR) onde foi mora co'a família tinha os filho dele, o Pichico (Francisco Mariosi Filho) que tocava acordion, e o João Mariosi Sobrinho, tocava violão, eles formava uma dupla.* (Depoente Sra. Gentil Pedroni de Matos, Sorocaba, 2000, p. 30)



MALIT-187: Dupla irmãos Mariosi, Cianorte, PR., s/n. Arquivo pessoal.

Os Mariosi também se destacaram como músicos populares:

> *O Trio Líder era composto no início por Benedito, no pandeiro, Luiz, que tocava violão e Vitor, que tocava cavaquinho. Eram filhos da tia Luzia Mariosi. Pelo temperamento do Vitor houve separação do Trio, porque também Vitor estava às voltas com as touradas, o que apreciava muito e foi acompanha o tio Joãozinho (João Mariosi Filho) nas touradas. Em Avaré, além do Benedito, do Luiz, daí entrou o Eduardo, isso em 1948. Depois de Avaré, o Trio Líder foi para São Paulo, na Rádio Record. Tocavam e cantavam muito bem (...)* (Depoente João Mariosi Neto, Paranapanema, 2000, p. 4).




MALIT-157: Trio Lider, Avaré, SP., 1948. Arquivo pessoal.

Entre os descendentes do imigrante italiano meridional, João Mariosi, além das atuações nas carreiras de cavalo, nas touradas, na música popular, também no teatro popular, então chamado Teatro de Revista, ganhou grande projeção a atuação de sua bisneta Marly Marley (Marli de Souza).

Para entender esse gênero teatral, buscou-se em Neyde Veneziano e Roberto Ruiz sobretudo as origens e as características de uma criação da cultura popular brasileira.

O Teatro de Revista foi oriundo do teatro grego de Aristófanes, dos jograis e galiardos medievais e, sobretudo, da *Commédia dell'Arte*, que no século XVIII iniciou seus atores nas primeiras apresentações do gênero nas feiras de Paris, as quais eram essencialmente populares e identificadas com o público.

Considerado teatro ligeiro, próximo do povo, menos simpático às elites, ora uma arte menor dentro da dramaturgia teatral e adotou aqueles que o compreenderam em suas raízes populares. É um teatro leve, um autêntico teatro de costumes (...), considera-se, portanto, o Teatro de Revista como uma revisão de fatos e fantasias (...). É urgente, a

necessidade de enquadrá-lo como um gênero dentro da categoria de teatro popular (VENEZIANO, 1991, p. 12).

O Teatro de Revista chegou ao Brasil em 1859, revelando-se nos autos vicentinos e depois nos circos, nas primeiras décadas do século XX. Em termos de produção teatral foi o mais expressivo e fervilhante gênero. A partir de 1960, aproximadamente, vai se extinguindo lentamente não só pela censura impingida pelos governos militares, como pelas dificuldades econômicas para desenvolver a criatividade e as montagens.

Revelou-se como veículo para a divulgação de uma autêntica música popular brasileira e uma linguagem verdadeiramente nacional, num teatro que primava por falar rigorosamente nos moldes do colonizador. A revista fez sempre do universo verde-e-amarelo a sua fonte principal de motivos inspiradores, reconhecida na farta messe política, na variedade de costumes, paisagens, usos e ritmos e nos seus apelos folclóricos.

Ao Teatro de Revista não está reservado somente o mundo engraçado e colorido. Ele caracterizou uma época, um espírito, um povo que estava em formação (VENEZIANO, 1991, p. 15).

Roberto Ruiz afirma que o Teatro de Revista deve incidir sobre o que pensa naquele exato momento da história ou sobre como se pensa: "o Teatro de Revista é um teatro de cumplicidade perversa, de reflexão perversa acerca do mundo, pacto entre as partes para falar o que sabemos que está no limite da lei. A revista sequer manteve um tom único de representação, o que é resultado lógico de sua condição. Fala-se de nossos pequenos pecados cotidianos, nossos desejos confusos, boas razões para o riso humano, cumplicidade infantil. Risos liberatórios!" (RUIZ, 1998, pp. 9/10).

E nos idos de 1950, quando o Teatro de Revista ainda atuava em São Paulo, se iniciava, no palco de revista, a atriz Marly Marley como profissional de arte cênica.

Recorreu-se a uma entrevista por carta com a atriz que pela falta de tempo, como empresária do marido, Ari Toledo, não pôde se dispor aos relatos orais. Entretanto, sua irmã mais velha, a professora aposentada Sra. Teresa Salco, relatou não só as passagens da vida artística de Marly Marley, como também rememorou a história da família de sua avó, Catharina Mariosi, filha primogênita de João Mariosi.

> *Marly de Souza nasceu em Três Lagoas, no Mato Grosso, e foi sempre uma menina muito ativa. Havia uma diferença grande de idade entre eu e ela (...). Mas sempre se interessou pela vida artística. Lembro-me que uma vez nós estávamos... era domingo e havia Rádio local, nós estávamos ouvindo Rádio, então ouvimos dizer que iam apresentar uma menina, Marly.*
> *Comentei com minha irmã Edy: - Será que é a Marly? Eu não sei Tereza, respondeu. Aí esperamos... e era a Marly cantando.*
> *Mamãe (Herminia Bellinati) ficou brava, não queria. Quando chegou em casa mamãe ficou muito brava. Marly gostava dessa parte artística desde pequena (...). Ela sempre foi uma menina dinâmica, não era uma menina parada (...). Sempre com tendência para vender as coisas, pegava jornais vendia. Naquela época, usava-se vender vidros de farmácia.*
> *(...) Estudava no Colégio das Freiras e pediu pra mamãe que queria sair do Colégio porque achava que era muito rígido e foi estudar no Colégio Americano (...) mas mesmo aí ela faltava às aulas. Há pouco tempo encontrei uma moça que foi colega dela e me disse que sempre ela "matava a avó": - Minh avó morreu, por isso eu não vim à aula! [risos].*
> *Então Marly sempre foi diferente, dinâmica... eu acredito que seja o signo (...). Ela vai atrás das coisas, não espera acontecer* (Depoente Profª. Tereza Salco, São Paulo, 2000, p. 38).

É possível dizer que o Teatro de Revista foi também, a princípio, o herdeiro urbano do circo. Além do Rádio, foi também através dessa forma de manifestação da cultura popular que Marly Marley despertou para a vida artística.

A depoente, Profª. Tereza Salco, rememorou essa fase embrionária:

> *(...) Marly sempre fazia cirquinho em casa, cobrava entrada para as crianças assistirem, cantava, procurava fazer malabarismo, caía, quebrava o braço.*
> *Foi uma menina que sempre mostrou aptidão artística, gostava de ir aos circos... adorava aquela vida do circo, tanto que ela é citada no livro do dono do Circo Garcia, porque eles se encantavam com o jeito dela. (...). Porque numa cidade do interior (Lins, SP), onde todas as meninas só queriam saber de ir ao clube, ao cinema, passear na praça... não, a Marly queria ir ao circo (...).*
> *Uma vez estávamos sentados na varanda de casa e ouvimos passar um carro anunciando a estréia do circo e quem estava anunciando: a Marly.*



MALIT-224: Marly Marley fantasiada de bailarina, Lins, SP., 1949. Arquivio pessoal.

> *E nós tínhamos temperamento diferente, então, nós ficávamos assim: - Meu Deus, como Marly está fazendo uma coisa dessas!*
> *(...) E até hoje ela tem uma paixão por palhaços. Ela tem um quarto em casa cheio de palhaços (...). Eu acredito que isso vem da infância dela, do contato que ela tinha com o circo.*
> *(...) Eu gosto de pintar, gosto de uma série de coisas, mas Artes Cênicas... nunca. Mas Marly sempre gostou, eu disse pra você desde o início quando ela fazia cirquinho em casa, convidava os amigos, gostava de representar... eu acredito que começou aí* (Depoente Profª. Tereza Salco, São Paulo, 2000, p. 40).

A cidade de São Paulo já estava nos planos da atriz Marly Marley para desenvolver sua carreira artística, pois, na década de 1950, o Teatro de Revista gozava de muito prestígio, é o que relatou a depoente Profª. Tereza Salco:

> *Era muito apreciado esse gênero de teatro, o de Revista, e Marly se interessou, sem mamãe saber, ela procurou se entrosar nesse meio. Nós estávamos todos em Lins e ela tinha quinze anos, menina de tudo na época. Como eu disse, ela sempre foi arrojada. Aí ela se interessou, conversou com um empresário e ele viu que ela tinha chance pra vencer na vida artística. Embora ela fosse muito novinha, ainda não tivesse completado quinze anos, tinha um corpo muito bonito, cabelo lindo e pele... era uma pessoa que chamava muita atenção por onde passava. Então ele viu que ali tinha um potencial que poderia se tornar uma grande vedete. E ficou encorajando e ela ficou entusiasmada, uma menina com essa idade, ficou encorajada. Aí escreveu pra mamãe, a qual ficou apavorada.*
> *Nós morávamos numa casa muito grande e tinha umas moças professoras que moravam conosco, era como se fosse um pensionato de moças (...). Era mês de julho e mamãe vendeu tudo, fez mau negócio, perdeu, mas nunca se lamentou, fez isso com o maior amor prá ficar junto da filha. Uma mulher lá do interior, veio pra São Paulo, sozinha, alugou um apartamento e ficou morando com a filha. (...) Eu estava lecionando numa fazenda, então fiquei em casa de Aimée Café e Edy estava no último ano de Normal, ficou em casa de Dª. Jindóca Prado, que eram nossas amigas.*
> *Ficamos até dezembro, quando viemos para São Paulo, com mamãe e minha irmã.*
> *E Marly foi subindo, ela teve uma ascensão muito rápida. E devido ao corpo e à beleza, ela foi se sobressaindo dentre as outras e passou a ter destaque.*
> *Ela iniciou no "Teatro de Alumínio", no centro da cidade, acho que era na Praça da Bandeira. Depois ela fez teatro com José Vasconcelos, Walter Pinto... e fez muito sucesso. Marly foi considerada na época uma grande atração* [Depoente Profa. Tereza Salco, São Paulo, 2000, pp.42/45]



MARLY MARLEY

**" A MULHER FOI TIRADA DO HOMEM, NÃO DOS PÉS PARA SER POR ELE PISADA; MAS AO SEU LADO PARA SER IGUAL A ELE, DE SOB O SEU BRAÇO PARA SER PROTEGIDA POR ELE, E DE JUNTO DE SEU CORAÇÃO PARA SER AMADA. "**

A atriz Marly Marley rememorou, por carta, sua passagem pelo Teatro Alumínio e sua formação profissional.

> *Comecei em São Paulo no Teatro Alumínio de Revista, na companhia de Silva Filho, que era na época, o melhor comediante, em 1957.*

*Fiz todos os cursos referentes a teatro, impostação de voz, expressão corporal, balet, canto e cursei a Escola de Arte Dramática - EAD.*
*(...) A primeira peça que representei foi "De Vassoura e Chevrolet", em 1957, no Teatro Alumínio. Era uma peça de sátira política muito usada na época. É difícil lembrar de todas as peças que participei, mas sei que foi mais de cinquenta. E a que mais gostei foi quando fiz a opereta "Viúva Alegre", com Vicente Celestino* (São Paulo, outubro de 2000).

A depoente Profª. Tereza Salco lembrou que:

*(...) A peça "Miss Campeonato" foi a que mais me chamou atenção. Ela fez muito sucesso, na época, Marly foi convidada para ir ao Chile. Fez uma temporada lá, depois voltou e continuou.*
*Ela não abriu companhia porque, naquela época, eram os mesmos: Walter Pinto, José Vasconcelos, tinha também o Zeloni, e ela trabalhou com ele (...). Depois, futuramente, ela montou três peças: "Um estranho casal", em que produz e contracena; "As Bruxas", em que produz e contracena; "O Vison Voador", em que ela produz e contracena e que vai ser reprisada agora. Nesta segunda produção não vai contracenar, só produziu e lidou com todos os detalhes.*
*(...) O Teatro de Revista praticamente se acabou no Brasil, não existe mais. Então, ela partiu pra outras produções* (Depoente Profª. Tereza Salco. São Paulo, 2000, p. 42).

Sobre a vida artística, Marly Marley, descreveu:

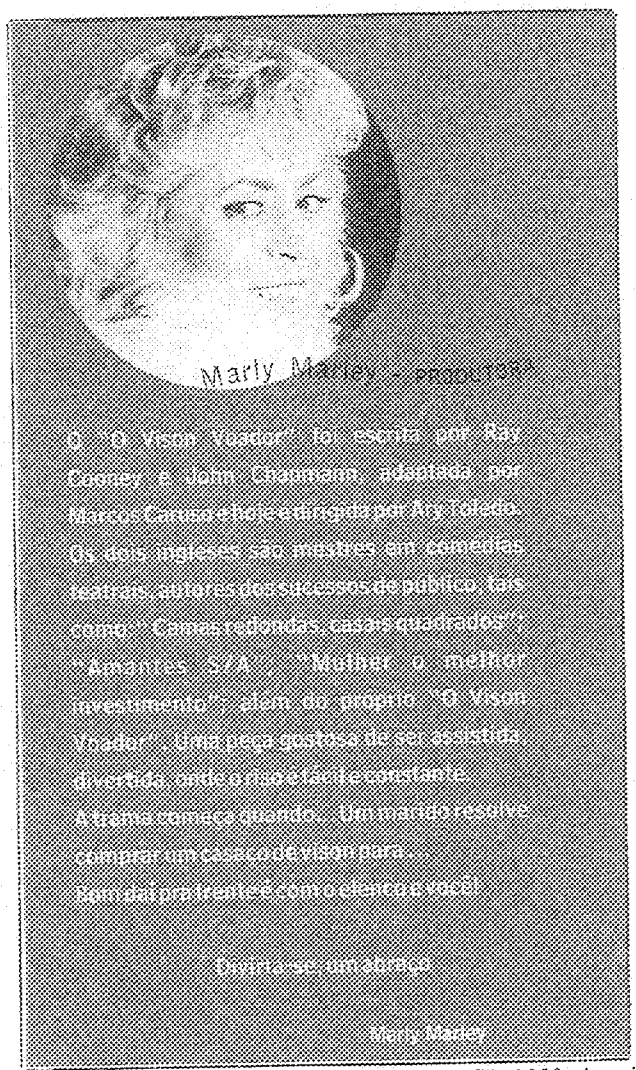
*Já trabalhei com mais de trinta diretores e aprendi um pouco com cada um deles, mas Gianni Rato me ensinou mais o lado dramático. É muito difícil viver só de teatro, pois vivemos num país onde a cultura não é prioridade.*
*A estréia é um "parto", parece sempre que é o primeiro filho. Cada artista tem uma reação na estréia, eu, particularmente, fico o dia todo sem falar com ninguém, extremamente nervosa, chego a ter dor de barriga.*
*É maravilhoso viver cada personagem, é uma vida que vivemos e que talvez gostaríamos que fosse realidade. O meu ator preferido é Neill Simon, porque ele retrata a verdade da vida, sempre através da comédia.*
*Já representei atores como: Neill Simon, Ray Conney, John Chapmam, Mocada, Zeloni, etc.*
*E o dia que eu disser que estou realizada, como atriz, será melhor morrer. Nunca um artista se sente realizado, queremos sempre mais representar. O que mais gosto de representar é opereta, porque temos a*

*oportunidade de mostrar tudo que a arte exige: cantar, dançar, representar.*
*(...) Também trabalhei na televisão com programas humorísticos, fiz novela na TV Tupi: "O amor tem cara de mulher"; no SBT: "Meus filhos, minha vida". Mas não gosto de fazer novela, não acho arte representar para câmera, prefiro o teatro que é a verdadeira arte. Não tem nada de cortar, gravando outra vez, no teatro errou, errou, não tem saída.*
*(...) No cinema fiz uma co-produção mexicana, co-produção alemã e com Mazzaropi fiz três filmes: "O vendedor de lingüiça", "Casinha Pequenina" e "O puritano da Rua Augusta* (São Paulo, outubro de 2000).

A Profª. Tereza Salco, rememorou, em seu depoimento, a atuação de Marly Marley, o seu sucesso e as implicações de ser atriz do Teatro de Revista:

*Marly casou-se com Ari Toledo em 1968 e eu acredito que foi de 1965 a 1968 o auge da carreira de Marly.*
*Ela obteve muitos troféus, também o Ari: "Prêmio Imprensa", "Roquete Pinto", vários diplomas, "melhor atriz" e tinha um colunista muito famoso chamava Stanislaw Ponte Preta, era o pseudônimo dele, que a considerou "uma das dez mais certinhas do Brasil". Inerente ao gênero dela: bonita, a beleza, o talento também, porque ela trabalhou também com Dercy Gonçalves (...), ela fez a filha de "D.Violante Miranda" nessa peça.*
*(...) A Marly, como foi sempre uma moça muito bonita, despertou muita inveja... foi muito invejada na época que fazia sucesso, mas ela sempre teve uma postura, não sei se devido à educação que mamãe deu, Marly sempre teve uma postura (...).*
*Mamãe no começo fez objeção ao envolvimento dela no Teatro de Revista. Não queria mesmo, mas depois aceitou. O juiz exigiu autorização da mãe pra ela trabalhar porque era menor. Então, ela gostava, estava no sangue dela, não queria outra profissão, gostava do teatro, gostava do público, de falar muito com ele (...).*
*Então mamãe achou que não adiantaria nada. Teria o apoio da família, estava conosco, mamãe fazia tudo por ela e nós também. Era muito importante mamãe tê-la ao lado (...).*
*Freqüentavam o Teatro de Revista os rapazinhos da sociedade que tinham muito dinheiro, os casais também. Eu acredito que não eram jovens intelectualizados como os de hoje que vão ao teatro para assistirem drama, não, eles iam pra ver as moças. Eram aquelas moças esolhidas a dedo, as moças mais bonitas é que se sobressaíam. Eu acredito que fosse um perfil assim... eram rapazes da sociedade, rapazes de dinheiro que iam para ver se conquistavam as moças. E Marly sempre fugiu desse tipo de assédio.*

*(...) o que hoje são as modelos, naquela época eram as vedetes do Teatro de Revista.*
*(...) Marly fez também programas na televisão com Silvio Santos, que, aliás, ele e eu somos padrinhos dela de casamento. Fez programa cômico no SBT, ela e a Célia Coutinho e foi jurada no programa de calouros do Raul Gil.*
*Certa vez eu perguntei a Marly, por curiosidade, por que ela não montava uma peça nos moldes do Teatro de Revista, aquelas grandes vedetes, com aquelas roupas fabulosas, aquelas peças (...). Ela disse que uma produção desse gênero hoje teria custo muito alto e que seria muito arriscado, não se sabe como o público iria reagir a esse tipo de teatro (...).*



MALIT-226: Peça teatral "Vison Voador". São Paulo, SP. 2000. Arquivo pessoal.

> *Esta peça, "Vison Voador", que ela é a produtora é uma comédia fina, comédia elegante, não tem palavrões e o público diverte-se bastante, dá boas gargalhadas. É uma peça muito boa, realmente!* (Depoente Profª. Tereza Salco, São Paulo, 2000, pp. 46/47)

Apesar das críticas preconceituosas que se dispuseram a menosprezar o elenco do Teatro de Revista, a atriz Marly Marley afirmou não se arrepender da carreira artística que abraçou: (...) É preciso amar muito a profissão, ser extremamente profissional, estudar muito e até abrir mão de sua vida particular (...). E a lição que tive é que valeu muito, faria tudo outra vez (...) pelo teatro, sempre teatro (...) o teatro é a única arte viva! (São Paulo, outubro de 2000).

Através dos textos analisados, pode-se concluir que os imigrantes italianos fixados em Angatuba orientaram-se para diferentes inserções, conforme sua região de procedência. Os setentrionais e seus descendentes, fixados na zona urbana, tenderam para uma inserção mais no âmbito da cultura erudita como indicam as trajetórias de Phillomena Turelli, Dina Lisboa e Itália Julieta Basile.

Quanto aos meridionais, sua inserção verificou-se no âmbito da cultura popular, conforme exemplificamos nos relatos acima transcritos.

Quanto ao grupo de imigrantes italianos estabelecidos na zona rural, a possibilidade de inserção se deu na cultura caipira e popular, não se verificando diferenças nessa opção marcadas por suas regiões de origem, quer fossem meridionais ou setentrionais, como demonstram os relatos de: Humberto Sardella, Fernando Batista Nanini, Alcides Bertholai, Gentil Pedroni de Matos, João Mariosi Neto e José Santi Sobrinho.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de uma reconstrução da trajetória histórico-social da região sudoeste do Estado de São Paulo foi o primeiro passo para que o objetivo deste estudo fosse definido e trabalhado. Procurou-se uma forma de repensar a região de Sorocaba, micro-região de Itapetininga, mostrando seu significado histórico, político e cultural no contexto estadual. Afunilando nosso olhar, realizamos um levantamento de informações sobre o município de Angatuba, buscando reconstruir, sócio-histórica e culturalmente, a trajetória do município, recuperando, salientando e explicando a contribuição do contingente imigrante de origem italiana no processo de sua formação.

Explicitou-se a dimensão dos elementos históricos, focalizando aspectos do tropeirismo, o qual incentivou o povoamento e a configuração da região. A perda das raízes culturais e pastoris luso-brasileiras começou a ser repensada na região e percebeu-se alguns aspectos envolvendo estratégias e racionalidades, no intuito de reelaborar as manifestações da cultura tropeirista.

Houve, porém, claros sinais de que a qualidade das terras da região e a grande disponibilidade destas a preços acessíveis, quando se implantava primeiramente a cultura do café, depois do algodão, foi o grande fator de atração de grupos de imigrantes italianos setentrionais (Toscana) e meridionais (Campania) para o município. Conseqüentemente ao expansionismo cafeeiro, houve a implantação da ferrovia com a Estrada de Ferro Sorocabana (1875), tendo surgido o ramal de Itararé (1905) que aproximou Angatuba da região e também da Capital.

Angatuba surgiu a partir de uma capela em 1862, estando o município assentado sobre o terreno de sesmarias, as quais, por sua vez, originaram as fazendas. A primeira ocupação deu-se por grandes proprietários de origem luso-brasileira, criadores de gado, plantadores de café, de algodão e formadores de bairros rurais. Essa classe constituiu a elite agrária e foi através de uma família cafelista, escravocrata, parte de uma descendência como mostra a genealogia, que ocorreram as relações matrimoniais com imigrantes italianos, objeto da pesquisa.

Entender o processo de chegada dos imigrantes é chave fundamental para se entender a sua integração na estrutura econômica, política e social local que se transforma com sua inclusão, bem como a criação por parte dessa população imigrante, de novos valores e aspirações ou respostas à sociedade receptora.

Ao analisar as razões que levaram tanto os imigrantes italianos setentrionais, quanto os meridionais a decidir abandonar a terra natal e construir uma nova vida, podemos contribuir para a discussão de processos semelhantes ou divergentes em outras regiões brasileiras.

Os imigrantes italianos setentrionais já mantinham relações grupais na Toscana e o fator de atração foram as informações sobre terras disponíveis e baratas a eles transmitidas por toscanos fixados no Núcleo Colonial da Glória, em São Paulo. Verificou-se um período de apenas três meses, entre a saída da Itália e o estabelecimento na Vila do Espírito Santo da Boa Vista, o que comprova a eficiência da rede de relações estabelecida entre esses grupos de italianos.

A pesquisa mostrou que os fatores de atração para os imigrantes italianos meridionais se deveram à influência dos padres italianos da Diocese de Salerno que se estabeleceram na região de Sorocaba. Os quatro primeiros padres que vieram para Angatuba eram ligados à Romanização; com exceção do segundo sacerdote a vir para Angatuba, Padre João Paschoal, que era filho de artesão, os outros, foram oriundos de famílias camponesas, o que ilustra a estratégia dessas famílias, cuja saída para a situação de miserabilidade era enviar seus filhos para estudar no seminário e seguir a carreira eclesiástica. Foi também com o segundo sacerdote que imigraram seus parentes, verificando-se uma típica emigração em cadeia.

Através dos dados acima resumidos verificou-se que o impulso de fuga de uma proletarização iminente se constituiu numa via de explicação muito esclarecedora para a compreensão do fenômeno da Grande Migração no século XIX, para esses italianos de Angatuba.

Este estudo permitiu traçar a formação de redes de informações, mesmo no século XIX, tanto no norte como no sul da Itália, permitindo a vinda de famílias imigrantes para a região de Angatuba, como também explicitou as interrelações que se estabeleceram

entre os imigrantes setentrionais e meridionais, na fase de instalação e integração à nova realidade, constituindo fator de sucesso econômico e social de muitos deles.

Não se constataram diferenças marcantes entre as trajetórias dos imigrantes setentrionais e meridionais que se fixaram em Angatuba. O aspecto de maior relevância era a sua capacidade empreendedora, pois associavam à atividade agrícola a exploração de estabelecimentos comerciais (armazéns), oficinas artesanais (ferraria e tenda de folheiro) e manufaturas (olarias) no processo de obtenção do progresso econômico para o grupo familiar.

Essa atitude frente à diversidade de atividades econômicas era tomada tanto por setentrionais como por meridionais, não se observando a diferença geográfica apontada por certos autores: na determinação do exercício de atividades agrícolas para os setentrionais e comerciais e urbanas para os meridionais. Suas origens regionais e as diferenças de classes sociais não os impediu de se unirem em sociedades empresariais, visando aquisição de estabelecimentos comerciais de início pequenos, mas que foram se expandindo com o crescimento da cidade.

Nesse momento, já se observava a formação de uma pequena classe média por agentes provindos desse grupo imigrante, que enfrentavam o trabalho sempre com muita disposição, reafirmando o valor do "trabalhoe poupança" como fontes de ascenção social.

Construíram uma rede de relações pessoais e de amizade, registradas através de suas atuações como testemunhas de casamento, nas procurações, no compadrio, nas sociedades, nos negócios e outras relações sociais que promoveram a ampliação de suas próprias possibilidades de fixação e progresso econômico e social. Todas essas ações evidenciaram a busca e a ampliação de seu capital social, político e econômico na terra de adoção.

O estudo da genealogia permitiu definir o eixo social e político que percorreu todo o trabalho. Mostrou que o ato de emigrar não foi impeditivo para a manutenção de um padrão de vida comunitária e para o funcionamento da família como mediadora das relações entre o indivíduo e o meio social. Pela análise das trajetórias familiares, pode-se acompanhar as relações matrimoniais desses imigrantes, notadamente no que diz respeito ao papel estratégico que elas puderam desempenhar na busca de ascensão social e prestígio político.

Do exame da documentação, das fontes imagéticas e dos depoimentos arrolados, concluiu-se, que através de um jogo de forças, de poder e de dominação, o campo político aparece como elemento muito importante, pois nele atuaram os imigrantes italianos setentrionais. A posse de capitais econômicos, políticos e culturais foi fundamental como fio condutor dos embates no campo político. Isso os diferenciava da grande massa de imigrantes que adentraram o Brasil, no final do século XIX, e os credenciaram a alavancar empreendimentos em uma incipiente povoação cafeeira, assumindo lideranças no próprio grupo de imigrantes setentrionais como produto das redes de relações de uma imigração em cadeia, também entre os meridionais, e buscando participação política junto à elite agrária local.

Além das relações econômicas e políticas e das redes de amizade que construíram nessa prática social, constituíram também com a elite agrária ligações familiares, que pelo estudo da genealogia pôde ser percebido, indicando o grau de integração que envolveu, crescentemente, as várias gerações.

O capital cultural e econômico de alguns imigrantes permitiu-lhes superar sua condição e construir laços de aliança política com a elite luso-brasileira local. Neste caso específico, assinala-se a eleição de um imigrante italiano ao cargo de prefeito, na segunda metade do século XX. Apoiado em sua experiência prévia nos movimentos de unificação italiana e no sucesso econômico obtido na região de destino, esse imigrante granjeou o apoio da elite dirigente local, afiançara carreira política. O destaque a esse fato constituiu uma contribuição pontual do presente estudo aos aspectos de participação política de imigrantes, fornecendo subsídios ao aprofundamento da questão, tendo-se em vista a amplitude do processo imigratório que caracterizou o Estado de São Paulo no período.

Dois grupos familiares de origem social e tradição comuns, os ítalo-brasileiros e os brasileiros de ascendência italiana, com as respectivas parentelas, se apoderaram dessa herança política, pela disputa do poder em Angatuba, na década de 40 do século XX. Esse jogo tornou-se objeto de reflexão deste estudo, expressou as relações político-sociais no espaço local e sua evolução até a constituição dos dois grupos políticos, que fomentaram desavenças, perseguições e alianças pertinentes ao campo partidário e eleitoral.

Demonstrou-se, ao longo do trabalho, que a integração à sociedade receptora dos dois contingentes italianos se deu respeitando o pluralismo cultural de ambas as

nacionalidades, o que possibilitou inserções diversas, conforme trajetórias familiares. Observou-se uma tendência entre os de origem setentrional fixados em zona urbana, de buscarem uma inserção mais erudita, enquanto entre os meridionais, independente de sua fixação urbana ou rural, constatou-se a busca de integração à cultura caipira ou popular, sendo a inserção popular claramente majoritária.

Quanto ao grupo de imigrantes italianos estabelecidos na zona rural, as preferências foram de inserção na cultura caipira e popular, não se verificando diferenças nessa opção marcada por suas regiões de origem, quer fossem setentrionais ou meridionais. No consumo cultural e na formação educacional, correspondendo ao capital cultural que trouxeram do país de origem, destacaram-se os setentrionais.

Percebeu-se também que a escola como instituição fundamental de socialização do indivíduo, desenvolveu nos ítalo-brasileiros, que contavam com um capital cultural significativo, os elementos necessários à sua integração mais ampla na sociedade angatubense.

Os imigrantes italianos que se fixaram no meio rural tiveram a unidade familiar como unidade de produção doméstica e a constituíram para sua descendência como um centro aglutinador de sua organização de vida. A solidez do grupo familiar, a organização religiosa comunitária, a necessidade ética do trabalho, a sociabilidade e a partilha são os elementos que se complementaram na constituição do vivido do imigrante camponês. Há uma centralidade da família e uma integração ao trabalho ligado à terra.

Pela análise dos dados apresentados concluiu-se também que a integração do imigrante italiano na estrutura econômica e social em rápida transformação foi relativamente precoce, não ocorrendo fenômenos de segregação social ou de comportamento aberrante de maior significado na sociedade local.

O estudo "Viver na intersecção de culturas: trajetórias de famílias imigrantes italianas em Angatuba (1881-1982)", legou-nos a possibilidade de realizar um trabalho a partir de encadeamentos múltiplos entre memória e História, tal como é citado por Maria Inês Rauter Mancuso quando diz que:

> *(...) Pela memória, se reconstrói o passado, a história vivida da qual se sente saudade. O passado reconstruído no presente é um conjunto de representações e, desta forma, é reconstrução, não reprodução.*

> *Afirmar que memória é reconstrução é afirmar que há uma perspectiva e um ponto de partida, a partir das quais a reconstrução é feita. As perspectivas podem ser os lugares e as pessoas (...). O ponto de partida é o presente, diz Halbwachs (...). A fala dos velhos... ao falar sobre o passado, fala-se sobre o presente (...). Mesmo assim, a tristeza está no presente, no passado, essas pessoas povoaram a vida e a cidade* (MANCUSO, 1998, p. 235).

Von Simson e Giglio, também reafirmando as possibilidades do trabalho com a memória, enfatizam:

> *Assim, podemos perceber que o trabalho com a memória – no qual os velhoe têm papel fundamental – não nos aprisiona no passado, mas nos conduz com muito mais segurança para o enfrentamento dos problemas atuais. Ao permitir a reconstrução de aspectos do passado recente, o trabalho com a memória também possibilita uma transformação da consciência das pessoas nele envolvidas direta ou indiretamente no que concerne à própria documentação histórica (ampliando essa noção que abarca, agora, os mais diversos suportes: texto, objetos, imagens fotográficas, lugares, sabores, cheiros), compreendendo seu valor na vida local, pensando maneiras de recuperá-la e conservá-la. Esse mergulho conjunto e compartilhado no passado nos fez emergir mais conscientes dos problemas contemporâneos da vida dfa comunidade estudada e, em geral, conduz naturalmente a ações conjuntas e politicamente conscientes, que visam a sua superação* (2001, p. 160).

E baseado na reflexão de Abdelmalek Sayad pudemos entender as trajetórias dos imigrantes italianos nessa intersecção de culturas elucidando aspectos de suas vivências, das mudanças que imprimiram à região de destino e as próprias transformações por eles sofridas.

> *(...) A imigração não ocorre sem deixar marcas freqüentemente de maneira indelével, mesmo sem reconhecê-lo, seja por nos atermos à ilusão da integridade formal e da fidelidade a si, seja por não sermos nem mesmo conscientes disto. E, sem dúvida, o fato de não perceber que houve mudança no contato com os outros, dentre os quais nos encontramos e no meio dos quais vivemos, seria antes o sinal e a garantia da eficácia, da solidez e da perpetuação das mudanças sociais e culturais entrevindas desta maneira, e testemunharia a sua irrevogável apropriação daquilo que interiorizamos profundamente e incorporamos totalmente no sentido literal da palavra ("eles se corporificaram").*
>
> *Da mesma forma que não há presença em um lugar que não se pague com uma ausência em outro lugar; não há inserção ou integração neste*

*lugar de presença que não se pague com uma des-inserção ou des-integração em relação a este outro lugar, que não é senão o lugar da ausência e da referência para o ausente* (SAYAD, 1995, pp. 14/15).

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Livros


ALMEIDA, Aluísio. ***Vida e morte do tropeiro***. São Paulo. Martins Pontes, 1971.

ALVIM, M. F. Zuleika. ***Brava gente: Os italianos em São Paulo (1870-1920)***. São Paulo. Editora Brasiliense, 1986.

BAPTISTA FILHO, Olavo. ***A fazenda de café em São Paulo***. Rio de Janeiro. 1952.

BOSI, Ecléa. ***Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.*** 2ª ed., São Paulo. T. A. Queiroz, EDUSP, 1987.

CANABRAVA, Alice Pifer. ***O desenvolvimento da cultura do algodão na província de São Paulo, 1861-1875***. São Paulo. Indústria Gráfica Siqueira, 1951.

CÂNDIDO, Antonio. ***Parceiros do Rio Bonito***. São Paulo. Duas Cidades, 1982.

DAVATZ, T. ***Memória de um colono no Brasil (1850).*** São Paulo. Editora da USP, 1972.

DE BONI, Luiz Alberto. ***presença italiana no Brasil.*** Porto Alegre. Escola Superior de Teologia, 1987.

DIEGUES JR., Manuel. ***Imigração, urbanização e Industrialização.*** Rio de Janeiro. INEP, 1964.

EGAS, Eugênio. ***Os municípios paulistas***. São Paulo. Secção de Obras do Estado de São Paulo, VII, 1925.

ENCICLOPÉDIA ***Mirador internacional***. São Paulo. Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda, vol. 12, 1987.

ENCICLOPÉDIA ***Pela imagem***. Porto, Portugal. Livraria Chardron, Lello & Irmão Ltda Editores, vol. A Itália, 1958.

FAUSTO, Boris. ***Um balanço da historiografia da imigração para o estado de São Paulo***. São Paulo. USP/IDESP, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. ***Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa***. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1975.

GRANDE ENCICLOPÉDIA ***La Rousse cultural***. São Paulo. Nova Cultural Ltda, vols. 5/21, 1998.

HALBWACHS, Maurice. ***A memória coletiva.*** São Paulo. Vértice/Editora dos Tribunais, 1990.

HOBSBAWN, Eric J. ***A era do capital: 1818-1978.*** São Paulo. Editora Paz e Terra, 1988.

HOLLOWAY, Thomaz H. ***Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo (1886-1934)***. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1984.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. ***Adolpho Gordo, senador da primeira república: representação e sociedade***. Brasília/DF. Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

LAPA, José Roberto do Amaral. ***A economia cafeeira***. São Paulo. Editora Brasiliense, Coleção: Tudo é História, 72, 1983.

LEVA, José Ulisses. ***Clero secular italiano em São Paulo (1873-1894): do anonimato ao reconhecimento.*** São Paulo. Edições Loyola, 1996.

MATOS, Odilon Nogueira de. ***Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira***. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1974.

MARTINS, José de Souza. ***Conde Matarazzo - o empresário e a empresa: Estudo sociológico do desenvolvimento***. São Paulo. Editora HUCITEC, 1976.

MARX, Murilo. ***A cidade no Brasil, terra de quem?*** São Paulo. Nobel/EDUSP, 1991.

MONBEIG, Pierre. ***Pioneiros e fazendeiros de São Paulo***. São Paulo. Editora HUCITEC/Polis, 1984.

NOGUEIRA, Oracy. ***Família e comunidade (um estudo sociológico de Itapetininga)***. Rio de Janeiro. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Ministério da Educação e Cultura, 1962.

PRESTES, Lucinda Ferreira. ***A Vila Tropeira de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba: aspectos sócio-econômicos e arquitetura das classes dominantes (1750-1888).*** São Paulo. Pró-Editores Associados, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. ***O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios.*** São Paulo. Editora Alfa-Ômega, 1976.

RUIZ, Roberto. ***O teatro de revista no Brasil: do início à primeira guerra mundial.*** Rio de Janeiro. INACEN, 1988.

SAES, Flávio Azevedo Marques. ***As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo.*** São Paulo. Editora HUCITEC/INL, 1981.

SAIA, Luís. ***Morada paulista***. São Paulo. Editora Perspectiva, 1995.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. ***Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, província cisplatina e missões do Paraguai.*** São Paulo: Livraria Martins, 1940.

SENTO-SÉ, João Trajano. ***Brisolismo, estetização da política e carisma.*** Rio de Janeiro: Espaço e Tempo e FGV, 1999.

THOMPSON, Paul. ***A voz do passado: história oral.*** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VENEZIANO, Neyde. ***O teatro de revista no Brasil: dramarturgia e convenções.*** Campinas/SP. Editora da Universidade de Campinas & Pontes Editores, 1991.

WERNET, Augustin. ***A igreja paulista no século XIX***. São Paulo. Ática, 1987.

_____, Augustin. ***O período regencial: 1831-1840.*** 2ª ed. São Paulo. Global, Coleção História Popular, Brasil 7, 1984.

WOORTMANN, E. ***Herdeiros, parentes e compadres***. São Paulo. Editora Hucitec, 1995

**Artigos**

ALMEIDA, Aluísio. ***Os caminhos do sul e a feira de Sorocaba***. In: Revista do instituto histórico e geográfico brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, jan-mar/1945, vol. 186, pp. 96-173.

BARRETO, Luiz Pereira. ***A colonização***. Revista agrícola de São Paulo, julho/1901, pp. 263-271.

BASTIDE, Roger. ***Religião e igreja no Brasil***. In: Brasil, portrait of half a continent. T. Lynn Smith e A. Marchant. s/d. pp. 1-19.

BENJAMIN, Walter. ***O narrador: observação acerca da obra de Nicolau Lescov***. São Paulo: Abril, Coleção Os Pensadores, vol. XLVIII, 1980, pp. 57-74.

BIANCO, Bela Feldman & HUSE, Donna. ***Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetórias de vida e (re)construções da identidade feminina na intersecção de culturas***. In: Coleção Seminários. Campinas/SP. Centro de Memória-Unicamp, nº 2, 1994, pp. 25-60.

BONADIO, Geraldo. ***Cultura erudita e cultura popular: a contribuição do tropeirismo***. In: Tropeirismo e identidade cultural da região de Sorocaba. Sorocaba/SP. Cadernos da Academia Sorocabana de Letras, 1983, pp. 31-35.

BORELLI, Andréa. ***Os italianos no mundo informal (1890-1930).*** In: DO Leitura, 13 (147), agosto/1994, pp.3/4

BOURDIEU, Pierre. ***Espíritos de estado: Gênese e estrutura do campo burocrático***. Transcrição de uma Conferência proferida em Amsterdã, em junho de 1991, pp. 91-135.

BRIOSCHI, Lucila & TRIGO, Maria Helena B. ***Família, representação e cotidiano: reflexões sobre um trabalho de campo***. São Paulo. CERU/CODAP/USP, Coleção Textos, Série 2, nº 1, 1989, pp.25-32

BRUIT, Héctor. Região, ***Estado e capitalismo***. In: História Regional: uma discussão. Série Seminários, Campinas/SP. Editora da UNICAMP, 1987, pp. 57-67.

CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. ***A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar***. In: Reflexões sobre a pesquisa sociológica. Alice Beatriz da S. G. Lang (org.). São Paulo. CERU, Coleção Textos, Série 2, (3), 1992, pp. 97-116.

_____. Mulheres alçando vôo: ***Família e mercado de trabalho (1900-1950).*** In: Famílias em São Paulo: Vivências na diferença. São Paulo. NAP-CERU, Série 2, nº 7, Humanitas Publicações, 1997, pp. 15-35.

CANÊDO, Letícia Bicalho. ***Ritos, símbolos e alegorias no exercício profissional da política***. S/d, pp. 1-20.

FAUSTO, Boris. ***Os mortos de Chicago pedem a palavra***. In: Folhetim. Suplemento da Folha de são Paulo, nº 481, 27 de abril de 1986, pp. 4/5.

FEJTO, François & FAUSTO, Boris. ***O primeiro de maio faz cem anos***. In: Folhetim. Suplemento da Folha de São Paulo, São Paulo, nº 481, 27 de abril de 1986, pp. 2/3.

FERREIRA, Jerusa Pires. ***Cultura é Memória***. In: Revista da USP, nº 24, dez-jan-fev/1994-1995, pp. 116-117.

GAGLIARDI JR., José. ***O ciclo do tropeirismo na história de Sorocaba***. In: Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba. Sorocaba/SP. Cadernos da Academia Sorocabana de Letras, 1983, pp. 3-12.

GAIGER, L. I. ***A práxis coletiva dos sem terra: rumo à unidade ou à heterogeneidade cultural ?*** In: Cadernos de Sociologia, nº 6, Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 1994, pp. 177-203.

JOB, Vera Ravagnani. ***Origens e importância do ciclo do tropeirismo***. In: Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba. Sorocaba/SP: Cadernos da Academia Sorocabana de Letras, 1983, pp. 5-10.

JOUTARD, Phillipadre. ***Iconographie et tradicions orales***. Paris. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1979.

LEVA, José Ulisses. ***Pastas de padres estrangeiros do arquivo "Dom José Duarte": Padres Italianos em São Paulo***. In: Revista de Cultura Teológica, ano I, nº 5, out-dez/1993, pp.112-118

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. ***O imaginário em terra conquistada***. São Paulo. CERU, Coleção Textos, Série 2, nº 4, 1993, pp.22-35.

REFLEXÕES. São Paulo. Cadernos CERU, Coleção Textos, Série 2, nº 7, 1997, pp. 108-136.

SAMPAIO, Theodoro. ***Condições geográficas e econômicas sobre o Vale do Paranapanema***. In: Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 1960, pp. 101-131.

SCARANO, Julita. ***A família e a mulher na imigração italiana em São Paulo***. Emigrazione Europee e Popolo Brasiliano. Roma: Centro Studi Emigrazione, 1987, pp.377-402

TEDESCO, João Carlos. ***O princípio mediador das práticas: esboço da questão do habitus e do campo em Bourdieu***, 1998, pp. 1-21.

VIEIRA, Rogich. ***O papel do tropeiro na integração cltural do Brasil***. In: Tropeirismo e identidade cultural da região de Sorocaba. Sorocaba, SP. Cadernos da Acadêmia Sorocabana de Letras, 1983. pp. 19-25

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. ***Folguedos carnavalescos, memória e identidade sócio-cultural***. In: Resgate, Revista de Cultura. Campinas/SP. Papirus, nº 3, 1991, pp. 53-60.

_____. ***Imagem e memória: Reflexões sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais como suportes empíricos da pesquisa histórico-sociológica***. In: XIX Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu/MG, 17 a 21 de outubro de 1995, pp. 1-11.

_____. ***Memória e identidade sócio-cultural.*** In: Oral History: Challenges for the 21st. Century. X International Oral History Conference, Rio de Janeiro, Brazil, 14-18 june/1998, vol. 3, pp. 1303-1314.

_____. & GIGLIO, Zula Garcia. ***A arte de recriar o passado: história oral e velhice bem sucedida.*** In: NERI, Anita L. (org). Desenvolvimento e envelhecimento. Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, Papirus, 2001, pp 152-168.

**Teses**

GABRIEL, Maria Cristina Chiaradia. ***Além das fronteiras do colonato (O ajustamento da coletividade italiana à sociedade local campineira durante a grande imigração: 1886-1920)***. Dissertação de Mestrado. Campinas/SP. IFCH/UNICAMP, 1995.

MANCUSO, Maria Inês Rauter. ***A cidade na memória de seus velhos. Esteudo sobre São Carlos, Itirapina e arredores***. Tese de Doutorado. São Paulo. FFLCH/USP, 1998.

MERTZIG, Lia Romano Leite. ***As dificuldades de adaptação do imigrante no estado de São Paulo. Repatriação e reemigração 1889-1920***. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1977.

SANTOS, Rosely T. ***A terra prometida: tese e antítese***. Os jornais do Norte da Itália e a emigração para o Brasil 1875-1899. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

SILVA, Marilda Rosa Galvão Checcucci Gonçalves da. ***A devoção religiosa como estratégia familiar de reprodução da vida camponesa entre italianos do Vale do Itajaí/SC.*** Tese de Doutorado. Campinas/SP. FE/UNICAMP, 1998.

TRIGO, Maria Helena Bueno. ***Ser e parecer: estudo da reprodução no grupo cafeicultor paulista.*** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1989.

**Documentos**

ALMANACH do Estado de São Paulo para 1890. Villa do Espírito Santo da Boa Vista. São Paulo: Editores Proprietários Jorge Seckler & Comp., Septimo Anno, 1890.

ALMANACH Sul Paulista. Angatuba: Mello & Lisboa Editores, ano 11, 1915.

ANNUARIO STATISTICO della emigrazione italiana dal 1876 al 1926. Roma: Commissariato Generale Dell' Emigrazione, ano V, 1926.

ESCRITURA de compra e venda. Livro 3/K, fls. 151, registro nº 8, 203, 26 de julho de 1940. Registro de Imóveis e Anexos "Samuel de Mello Almada Jr.", Itapetininga/SP.

LIVRO DE ATAS da Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887.

LIVRO DAS ATAS das Assembléias dos Eleitores. Comissão Distrital do Espírito Santo da Boa Vista, 1890.

LIVRO DAS ATAS das Eleições. Espírito Santo da Boa Vista, 1892.

LIVRO DE ASSENTAMENTOS DE CASAMENTOS, nº 35, Certidão nº 17.418, estante 3, prateleira 01. Arquivo da Cúria Metropolitana "Dom Duarte Leopoldo e Silva", Arquidiocese de São Paulo,São Paulo (Capital).

LIVRO DE ÓBITOS nº 1. Cartório do Registro Civil de Angatuba 1883-1912.

LIVRO DE TERMOS DE EXAMES nº 1, Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1883.

LIVRO DE TERMOS DE EXAMES, Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1903.

LIVRO DO REGISTRO DAS MÉDIAS DOS EXAMES. Diretoria do Grupo Escolar de Angatuba, 1912.

LIVRO DO REGISTRO DAS MÉDIAS DOS EXAMES para o Grupo Escolar de Angatuba, 1920.

LIVRO DO TOMBO da Diocese de Sorocaba e Registro de Provisões da Diocese de São Paulo 1867-1970, ACMSP 01-02-36. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

LIVRO DOS ALISTAMENTOS ELEITORAIS do Distrito Eleitoral de Angatuba, 1910.

LIVRO N °1 - Paróquias 1880-1905. Arquivo da Cúria Metropolitana "Dom Duarte Leopoldo e Silva", Arquidiocese de São Paulo.

LIVRO PARA ASSINATURA DOS ELEITORES. Espírito Santo da Boa Vista, 1890.

LIVRO PARA OS TERMOS DE JURAMENTO. Câmara Municipal da Freguesia do Espírito Santo da Boa Vista, 1887.

LIVRO PARA QUALIFICAÇÃO DOS ELEITORES. Comissão Distrital do Espírito Santo da Boa Vista, 1890.

PESANI, Salvador. ***Lo Stato di San Paolo nel cinquantanario dell' Immigrazione***. San Paolo, 1997.

REGISTRO DE NASCIMENTO, CASAMENTO E ÓBITOS. Centro Internazionale Cultura Spititualità Fra Benedetto, Sillico (Lucca), Italy.

REGISTRO DE NASCIMENTO. Curia Arcivescovile de Lucca, Italy.

RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo, pela Comissão Geral de Estatística, São Paulo, Leroy King Bookwalte, Lypographia Ling, 1888.

**Jornais**

"A Cidade de Angatuba", 7 de julho de 1912.

"A Cidade de Angatuba", nº 92, 25 de agosto de 1912.

"A Cidade de Angatuba", nº 98, 6 de outubro de 1912.

"Folha de Angatuba", nº 17, ano VI, 3ª fase, 17 de janeiro de 1981.

# ANEXOS

# ROTEIRO PARA CADERNO DE CAMPO

PROJETO:

QUANTIDADE DE FITAS:

COLEÇÃO:

NOTAÇÃO:

TIPO DE ENTREVISTA:

( ) história de vida
( ) depoimento individual
( ) depoimento coletivo

NOME(S) DO(S) ENTREVISTADO(S)

NOME(S) DO(S) ENTREVISTADORES

LOCAL DA ENTREVISTA

DATA DA ENTREVISTA DURAÇÃO

ROTEIRO

Motivos para escolha do(s) entrevistado(s)
Canais de mediação com ele(s)
Forma como se estabeleceu o contato e evolução da relação
Descrição do local das entrevistas e anotação das pessoas presentes
Reações do entrevistado em determinadas questões
Interrupções (expor as razões e assinalar o trecho em que ocorreu)
Anotações de palavras difíceis ou pouco claras acompanhadas de trechos das frases onde aparecem
Descrição de como ocorreu a entrevista
Impressões sobre a narrativa
Impressões sobre a memória do(s) entrevistado(s)
Impressões obtidas com o gravador desligado
Quando e como foi encerrada a entrevista
Contatos posteriores
Mudanças de uma entrevista para a outra
Existência ou não de outros registros (fotografias, cartas, objetos,etc.)
Algumas anotações podem ser feitas durante a entrevista e outras devem ser feitas logo após o encerramento
As anotações sobre cada entrevista de um mesmo entrevistado devem ser feitas no mesmo caderno de campo, onde deve ser assinalado o seu número (1ª, 2ª, 3ª, etc.).

Modelo CEDIC PUC/SP – Central de Documentação e Informação Científica. Programa de Documentação Oral.

## PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL
## FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA

PROJETO:

FITA(S) Nº:

TIPO DE ENTREVISTA

NOME(S) DO(S) ENTREVISTADO(S)

NOME(S) DO(S) ENTREVISTADORES

1

2

LOCAL DA ENTREVISTA:

DATA DA ENTREVISTA:_____/_____/_____ DURAÇÃO:

| FITA Nº | | TIPO E DURAÇÃO DA FITA | |
|---|---|---|---|
| LADO | DURAÇÃO | VELOCIDADE | VOLUME |
| LADO | DURAÇÃO | VELOCIDADE | VOLUME |

| FITA Nº | | TIPO E DURAÇÃO DA FITA | |
|---|---|---|---|
| LADO | DURAÇÃO | VELOCIDADE | VOLUME |
| LADO | DURAÇÃO | VELOCIDADE | VOLUME |

| FITA Nº | | TIPO E DURAÇÃO DA FITA | |
|---|---|---|---|
| LADO | DURAÇÃO | VELOCIDADE | VOLUME |
| LADO | DURAÇÃO | VELOCIDADE | VOLUME |

PESQUISA E ROTEIRO

CONTROLE DA QUALIDADE DA GRAVAÇÃO DATA: ____/___/____
DUPLICAÇÃO DATA: ____/___/____
TRANSCRIÇÃO DATA: ____/___/____
EDIÇÃO DATA: ____/___/____
REVISÃO DE TEXTO DATA: ____/___/____
ORGANIZAÇÃO DATA: ____/___/____
CATALOGAÇÃO DATA: ____/___/____
CARTA DE CESSÃO DATA: ____/___/____

RESTRIÇÕES À CONSULTA

CONSERVAÇÃO PERIÓDICA

| | | |
|---|---|---|
| DATA ____/____/____ | DATA ____/____/____ | DATA ____/____/____ |
| DATA ____/____/____ | DATA ____/____/____ | DATA ____/____/____ |
| DATA ____/____/____ | DATA ____/____/____ | DATA ____/____/____ |

OBSERVAÇÕES:

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

| **PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL**<br>**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO** | |
|---|---|
| PROJETO: | FITA(S) Nº: |
| COLEÇÃO: | NOTAÇÃO: |
| NOME: | |
| NACIONALIDADE:<br><br>LOCAL E DATA DE NASCIMENTO: | |
| ENDEREÇO RESIDENCIAL (rua, nº, bairro, cep, cidade, estado, país).<br><br>TELEFONE: DDI ( ) DDD ( ) | |
| PROFISSÃO: | |
| ENDEREÇO PROFISSIONAL (rua, nº, complemento, bairro, cep, cidade, estado, país).<br><br>TELEFONE: DDI ( ) DDD ( ) | |
| DADOS BIBLIOGRÁFICOS RELEVANTES PARA O PROJETO: | |
| PREENCHIDA POR: | DATA: ____/____/____ |

Modelo CEDIC – PUC/SP – Central de Documentação e Informação Científica "Prof. Casemiro dos Reis Filho".

# CARTA DE CESSÃO

Por meio do presente acordo cedo à _____ (nome da Instituição de Pesquisa) todos os direitos de uso do conteúdo das entrevistas, por mim concedidas e gravadas em fita magnética, como parte do Projeto: "_____"- para integrar o acervo do Arquivo de História Oral, com a finalidade de atender à pesquisa histórica.

Autorizo, ainda, a referida Instituição permitir a consulta, a reprodução e a publicação destas informações.

Manifesto expressamente que o conteúdo das gravações poderá ser consultado por pessoas devidamente credenciadas a partir de _____.

LOCAL/DATA: _____

CEDENTE (nome): _____

_____
assinatura

CESSIONÁRIO (nome) _____

_____
Assinatura

Modelo – LAHO – CMU/Unicamp.

| PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO ORAL<br>CATÁLAGO DAS COLEÇÕES |
|---|
| COLEÇÃO |
| IDENTIFICAÇÃO DO EVENTO (nome do evento, promotor e datas-limite). |
| TEMA DA PALESTRA (conferência, comunicação coordenada, comunicação livre, seminário, etc.). |
| NOME DOPALESTRANTE: |
| DADOSBIOGRÁFICOS: |
| NOME DO APRESENTADOR, COORDENADOR E TRADUTOR: |
| LOCAL DO EVENTO (universidade, local de convenções, cidade, etc.). |
| DATA DA PALESTRA (conferência, comunicação coordenada, comunicação livre, seminário, etc.). |
| DURAÇÃO: |
| CONDIÇÕES DA GRAVAÇÃO: |
| TRANSCRIÇÃO ( ) sim ( ) não ( ) manuscrita ( ) impressa ( ) em disquete |
| NOTAÇÃO: |
| SUMÁRIO: |
| REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES<br>Projeto:<br>Relatório(s):<br>Tese ou dissertação:<br>Publicação(ões): |
| PALAVRAS-CHAVE: |
| OBSERVAÇÃO: |
| PREENCHIDA POR DATA: _____/_____/_____ |

Modelo CEDIC – PUC/SP – Central de Documentação e Informação Científica "Prof. Casemiro dos Reis Filho".

# DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Código: MALIT
Nº _____

CAPÍTULO:

DATA: LOCAL:

OUTRAS INFORMAÇÕES SOBRE OTÍTULO:

AUTOR:

RESPONSÁVEL POR CÓPIA/REPRODUÇÃO:

QUANTIDADE: DESIGNAÇÃO GENÉRICA:

SUPORTE: CROMIA:

DIMENSÃO:

ANOTAÇÕES NO VERSO DA FOTO:

RESUMO:

OBSERVAÇÕES:

## INFORMAÇÕES COLETADAS DE FONTES DOCUMETAIS

NÚMERODO DOCUMENTO:

TIPO DOCUMENTAL: ESCRITURA DE PERMUTA:

FAMÍLIA:

LOCAL/DATA DO DOCUMENTO:

2º OUTORGANTE/PROFISSÃO:

1º OUTORGANTE/PROFISSÃO:

NATUREZA DA PERMUTA:

OBJETO (descrição dos bens permutados):

VALOR DO OBJETO:

TESTEMUNHAS/PROFISSÃO:

LOCAL DA PESQUISA:

REFERÊNCIA DOCUMENTAL:

OBSERVAÇÕES DO PESQUISADOR:

MALIT. DOC.

# INFORMAÇÕES COLETADAS DE FONTES DOCUMETAIS

NÚMERODO DOCUMENTO:

TIPO DOCUMENTAL: ESCRITURA DE OBRIGAÇÃO COM HIPOTECA:

FAMÍLIA:

LOCAL/DATA DO DOCUMENTO:

CREDOR/PROFISSÃO:

DEVEDOR/PROFISSÃO:

NATUREZA DA HIPOTECA:

OBJETO (descrição dos bens hipotecados):

VALOR DO OBJETO:

TESTEMUNHAS/PROFISSÃO:

REFERÊNCIA DOCUMENTAL:

OBSERVAÇÕES DO DOCUMENTO:

MALIT. DOC.

## INFORMAÇÕES COLETADAS DE FONTES DOCUMETAIS

NÚMERO DO DOCUMENTO:

TIPO DOCUMENTAL: ESCRITURA DE DÍVIDA COM HIPOTECA:

FAMÍLIA:

LOCAL/DATA DO DOCUMENTO:

OUTORGADO/PROFISSÃO:

OUTORGANTE/PROFISSÃO:

VALOR DO EMPRÉSTIMO:

OBJETO (descrição dos bens hipotecados):

LOCALIZAÇÃO DO OBJETO:

VALOR DO OBJETO:

TESTEMUNHAS/PROFISSÃO:

LOCAL DA PESQUISA:

REFERÊNCIA DOCUMENTAL:

OBSERVAÇÕES DO DOCUMENTO:

OBSERVAÇÕES DO PESQUISADOR:

MALIT. DOC.

# INFORMAÇOES COLETADAS DE FONTES DOCUMENTAIS

| | |
|---|---|
| **NUMERO DO DOCUMENTO:** | 1 |
| **TIPO DOCUMENTAL** | **ESCRITURA DE CONTRATO DE ALUGUEL** |
| **FAMÍLIA:** | **EMILIO BENEDETTI** |
| **LOCAL/DATA DO DOCUMENTO** | Cartório do registro Civil da Vila do Espirito Santo da Boa Vista<br>1° de maio de 1905 |
| **ARRENDADOR/PROFISSÃO:** | EMILIO BENEDETTI e sua mulher PALMYRA MARIA BENEDETTI<br>Negociante. |
| **ARRENDATÁRIO/PROFISSÃO:** | Affonso Sammarco - italiano – negociante |
| **OBJETO (DESCRIÇÃO):** | EMILIO BENEDETTI e PALMYRA MARIA são senhores e proprietários de uma casa nesta vila, dão esta casa de arrendamento ao arrendatário Affonso Sammarco, pelo tempo de dois anos consecutivos que hão de começar no dia primeiro de janeiro do corrente ano a terminar no dia trinta e um de dezembro do ano de mil novecentos e seis, cujo arrendamento pagará o arrendatário aos arrendadores neste ato em moeda corrente, os consertos que forem necessários fará o mesmo arrendador. |
| **LOCALIZAÇÃO DO OBJETO:** | Uma casa nesta Vila situada a Rua José Bonifácio esquina a Rua General Osório número nove. |
| **VALOR DO OBJETO:** | Um conto e duzentos mil réis. |
| **TESTEMUNHA/PROFISSÃO:** | Antônio Pinto de Mello, Benedito de Moura. |
| **LOCAL DE PESQUISA:** | Cartório.de Registro Civil da Comarca de Angatuba. |
| **REFERENCIA DOCUMENTAL:** | Livro n°24. p-2 |
| **OBS. DO DOCUMENTO:** | O italiano Affonso Sammarco, natural da Província de Salemo nesta primeira década fundou o 1° cinema na Vila, o Cine Pathé e a primeira telefonia. |

# INFORMAÇÕES COLETADAS DE FONTES DOCUMENTAIS

| | |
|---|---|
| **NUMERO DO DOCUMENTO:** | 2 |
| **TIPO DOCUMENTAL:** | **PROCURAÇÃO** |
| **FAMÍLIA:** | **JOÃO TAZZIOLI** |
| **LOCAL/DATA DO DOCUMENTO:** | Cartório do Registro Civil da Vila do Espírito Santo da Boa Vista. - 08 de janeiro 1890 |
| **PROCURAÇÃO/PROF/ORIGEM:** | Ocidadão Arthur Biaggioni, italiano, natural de Castel Nuovo de Garfagnana. |
| **OUTORGANTE/PROF/ORIGEM:** | JOÃO TAZZIOLI, comerciante, italiano, natural de Sillico, Provincia de Massacarrara |
| **FINALIDADE DA PROCURAÇÃO:** | O Sr. JOÃO TAZZIOLI sendo nomeado subdelegado de Polícia desta Vila, segundo suplente pela portaria de trinta e um de Dezembro próximo passado, nomeia e constitui seu procurador na cidade de Itapetininga o cidadão Arthur Biaggioni com poderes para prestar juramento e assiná-lo perante o juízo Municipal do Termo e praticar os mais actos necessários. |
| **TESTEMUNHAS/PROF/ORIGEM:** | Sr. Domiciano Vieira de Maia - comerciante. Sr. Francisco Joaquim Fernandes Ruivo, agente do correio, Maestro da Banda de Música e Professor. |
| **LOCAL DA PESQUISA:** | Cartório do Registro Civil da Comarca de Angatuba. |
| **REFERÊNCIA DOCUMENTAL:** | Livro nº 5 p. 44. |